

Patrícia Miguel Hilário de Mendonça

Contributo para o conhecimento e valorização do património florístico da Quinta Villar d'Allen

Tese de Mestrado em Biodiversidade e Biotecnologia Vegetal

Janeiro de 2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AGRADECIMENTOS

À minha família, o porto seguro, pelo apoio e resiliência.

Aos meus orientadores, Prof. Doutor António Xavier Pereira Coutinho e Doutor Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça, pela paciência, transmissão de conhecimentos e todo o apoio à realização desta tese.

À D. Isaura Santos Gouveia Allen e ao Sr. José Alberto Manoel Gouveia Allen, proprietários da Quinta de Villar d' Allen, por toda a simpatia e carinho com me receberam, pela inesgotável diligência e apoio que sempre demonstraram e por todo o conhecimento transmitido.

A todos os amigos e amigas de Coimbra e de Faro, pela amizade e incentivo constante.

Ao GEFAC, a família de Coimbra, pelo carinho e apoio incondicional, por todos os momentos de aprendizagem e de convivência, os melhores.

Por último, mas não por menor importância, à Ângela Gomes, ao João Madeira, ao Mário André Carvalhal, ao Nuno Miguel Neves, ao Ricardo Rodrigues, ao Sérgio Timóteo e à Real República do Bota-Abaixo, sem os quais não teria sido possível chegar ao final desta viagem.

Um sincero agradecimento!

RESUMO

O século XIX foi um período importante da história do Porto: as invasões francesas, a revolução de 1820, o cerco do Porto e o difícil processo de instauração do Liberalismo que levou o país a uma guerra civil de quase duas décadas. O Porto, em franco crescimento desde o século XVIII, envolveu-se activamente em todos estes acontecimentos que contribuíram para moldar o seu carácter. A vitória da causa liberal proporcionou a afirmação da burguesia capitalista que foi responsável pelo grande desenvolvimento urbanístico e económico que ocorreu na cidade na segunda metade do século XIX; a cidade aburguesou-se também nos gostos e modos de ser.

Este período coincidiu igualmente com a difusão dos ideais românticos entre a burguesia e a aristocracia, que entre inúmeras expressões, se manifestou num gosto pelo conhecimento e cultivo de plantas. Este gosto reflectiu-se, entre outras coisas, na proliferação de quintas de recreio e jardins, privados e públicos. Estes últimos surgindo com uma dupla função: a de gosto estrangeirado pelo passeio público e a de mitigação dos problemas sanitários causados pela industrialização e aumento populacional.

A Quinta Villar d' Allen, uma das quintas de recreio sobreviventes, foi fundada em 1839 por João Allen, ampliada e completada por Alfredo Allen. O primeiro foi um comerciante de longo curso, associado principalmente ao negócio de vinhos do Porto; tinha origem inglesa e era membro da prestigiada e influente comunidade inglesa; participou na organização das instituições de cariz económico-financeiro que promoveram o desenvolvimento do Porto no pós-guerra; amante da arte e da cultura foi coleccionador e fundador do primeiro museu privado em Portugal. Apreciador da natureza construiu na quinta jardins inspirados nos modelos paisagísticos ingleses, inovadores no norte de Portugal, nos quais cultivou inúmeras espécies botânicas, autóctones e exóticas; deu início à colecção de camélias que hoje constitui o ex-libris da quinta, enriquecida mais tarde pelo filho, Alfredo Allen.

Este trabalho pretendeu contribuir para o conhecimento do património florístico de Villar d' Allen contextualizando a origem da quinta no período oitocentista da história do Porto. Foram identificados 219 *taxa* de plantas vasculares, distribuídos por 87 famílias e 167 géneros. Para além do inegável valor histórico e cultural, Villar d' Allen, um espaço de “resistência” e um fiel depositário da memória e identidade da

cidade do Porto e de sua gente, possui um imenso património natural merecedor de estudos mais aprofundados.

Palavras-chave: Porto; Século XIX; Quintas de recreio; Villar d' Allen; Biodiversidade

ABSTRACT

The 19th century was a very important period in Oporto's history: the French invasions, the 1820 revolution, the siege of the city and the difficult process of the Liberalism setting which drove the country on an almost two decade long civil war. Oporto, rapidly developing since the 18th century, was an active participant in all of these events that help shape its character. The victory of the liberal cause helped the affirmation of the capitalist bourgeoisie who was responsible for the big urbanistic and economic development of the second half of the 19th century, the city also gentrified itself in its ways and flavors.

This period coincided with the spread of the romantic ideals amongst the bourgeoisie and aristocracy, which manifested itself, among many other things, by the taste for botanic knowledge and plant cultivation, and the growing number of recreational estates and gardens, both private and public, being that the latter also served the foreign habits of public promenade and the mitigation of public health problems caused by the industrialization of the city and population growth.

Quinta Villar d'Allen, one of the surviving recreational estates, was founded by João Allen, enlarged and completed by Alfredo Allen. João Allen was a trader, mainly connected with the Port wine business; of British origin, he was a member of the prestigious and very influential British community; helped to create several economic-financial institutions, which were essential for the development of a post war Oporto; a lover of the arts and culture, he was a collector and founded the first private museum in Portugal. Also a nature appreciator, he built in Villar d'Allen the gardens inspired by the English gardens of the 18th century, a very innovative model in the north of Portugal, where he grew diverse species of plants; he started a camellia collection, later enriched by Alfredo Allen, which is now the estate's *ex-libris*.

The main purpose of this study was to give knowledge of the floristic heritage of Villar d'Allen, putted in context with its origin in a 19th century Oporto. There were 219 vascular plants specimens identified, spread along 87 families and 167 genus. Providing that more to undeniable historic and cultural value, Villar d'Allen can be seen as a place of resistance, a faithful keeper of the memory and the identity of Oporto city and its people, also possessing a vast natural patrimony, that deserves more and deeper studies.

Keywords: Oporto; 19th century; Recreational Estates; Villar d'Allen; Biodiversity

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. O JARDIM: ARTE PAISAGISTA NA EUROPA E O INTERESSE PELO MUNDO BOTÂNICO NO SÉCULO XVIII E XIX.....	2
1.1 A arte paisagista na Europa no século XVI a XIX	2
1.2 O interesse pelo mundo botânico no século XVIII e XIX.....	4
2. O PORTO OITOCENTISTA.....	7
2.1 As transformações urbanísticas dos séculos XVIII e XIX	7
2.2 A sociedade burguesa do Porto oitocentista.....	17
2.3 A natureza e o gosto pela jardinagem no Porto de Oitocentos.....	19
2.4 As quintas de recreio no aro do Porto.....	23
3. A QUINTA VILLAR D' ALLEN.....	27
3.1 A Família Allen.....	27
3.2 João Allen, um homem da sua época.....	28
3.3 Alfredo Allen, 1º Visconde de Villar d' Allen.....	35
3.4 A Quinta Villar D' Allen.....	36
OBJECTIVOS.....	41
METODOLOGIA.....	43
1.1 Local de estudo.....	44
1.2 Procedimentos.....	44
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	50
1.1 Espécies com estatuto de protecção.....	53
1.2 Espécies invasoras.....	54
1.3 Plantas com uso medicinal.....	55
1.4 As plantas em manifestações artísticas.....	57
CONCLUSÃO.....	60
BIBLIOGRAFIA.....	63

INTRODUÇÃO

1. O Jardim: Arte paisagista na Europa e o interesse pelo mundo botânico no século XVIII e XIX.

“O jardim é uma das primeiras expressões do homem na sua relação com a natureza”

Robert Burle Marx (1935)

De forma semelhante a qualquer outra obra de arte o jardim é um espaço criado pelo Homem e para o Homem, com o objectivo primário de lhe proporcionar prazer estético. Ao atingir as emoções e a própria existência humana, a ideia de jardim ultrapassa aquilo que nele possa existir de material, podendo falar-se de um *genius loci*, ou um espírito do lugar. Torna-se assim um local privilegiado para reflexão, onde o homem se confronta consigo próprio, com as suas inquietações, dúvidas e com a realidade que o rodeia (Antunes,1996).

Numa dinâmica que remonta às primeiras tomadas de posse territoriais do homem caçador-recolector do Paleolítico, o jardim representa também a tentativa do Homem dominar a Natureza ou de a aperfeiçoar. Ao longo da história dos jardins prevalecerá a ideia de que o jardim é um espaço criado tendo em conta as necessidades e a vontade humanas.

1.1 A arte paisagista na Europa no século XVI a XIX

O movimento cultural do Renascimento é um marco essencial na história de arte dos jardins, uma vez que é o período que marca o início da jardinagem e paisagismo modernos. O mundo natural é redescoberto pelo movimento literário humanista que retoma a paisagem ideal da literatura clássica, exalta a espiritualidade, a beleza, a tranquilidade e a liberdade da vida campestre, em oposição ao frenesim, às ambições, à intriga, ao comércio, ao espírito mercantil intrínsecos à vida na urbe. O Homem renascentista procura na paisagem “domesticada” e transfigurada pela acção humana um local para se entregar à reflexão e à criação artística (Carapinha, 1995; Andresen & Portela, 2001).

Inspirados pela Grécia e Roma antigas, os jardins renascentistas recorrem a conceitos de proporção e simetria como método de organização espacial. Interiormente, criam formas simples e geométricas na procura da ordem, tranquilidade e estímulo enquanto, simultaneamente, se abrem para a paisagem, possibilitando a apreciação do mundo exterior (Andresen & Portela, 2001). Recuperam-se os elementos decorativos da antiga Roma, explorando o seu carácter geométrico, o traçado linear, usam-se em profusão as estátuas e as fontes (Rosa, 2013). O gosto pelo jardim italiano como ficaram conhecidos, apesar de também se encontrarem exemplos em França, nomeadamente, os do Castelo de Chambord e do Castelo de Amboise, disseminou-se pela Europa. Mais tarde, no século XVII, foi sobretudo em França que surge uma nova concepção de jardim marcado pela monumentalidade e grandiosidade de escala. No jardim francês do século XVII, os edifícios são parte integrante de uma composição vasta, marcada por eixos de grandes dimensões, de escala grandiosa (Andresen & Portela, 2001). A mentalidade artística e política do Barroco conduziu à exuberância dos jardins, num sinal de poder e absolutismo. Esta época é caracterizada pela ideia implícita do domínio do Homem sobre a Natureza (Rosa, 2013). Destacou-se André Le Nôtre, filho do jardineiro principal dos jardins das Tulherias com quem aprendeu a arte dos jardins, que projectou os célebres jardins dos Palácios de Vaux-le-Vicomte e Versalhes. Em Portugal, os jardins inspirados nos jardins formais franceses nunca atingiram a grandiosidade dos modelos em que se basearam (Araújo, 1979).

Enquanto na Europa em geral perdurava o gosto pelo jardim formal difundido a partir de Itália e França, surgiu na Inglaterra no princípio do século XVIII, uma nova concepção na arte de construir jardins. Esse novo paradigma da arte paisagista surgiu no enquadramento de um movimento filosófico e literário que despontou na Inglaterra no início do século e era caracterizado pelas preocupações e as reflexões relativas à Paisagem e à Natureza e pela exaltação de uma natureza aparentemente não domesticada pelo homem, o regresso a um estado selvagem, como simbologia das ideias liberais que começavam a eclodir na Grã-Bretanha; opondo-se ao artificialismo do espaço, ao rigor geométrico, aos excessos de linha recta e de topiária da escola francesa do jardim formal então em voga por toda a Europa, símbolo dos sistemas barrocos (Antunes, 1996; Andresen & Portela, 2001). A escola inglesa do jardim paisagista, como assim se viria a designar, propunha uma reaproximação às formas orgânicas e naturais, através de paisagens pitorescas que propunham uma continuidade com os sistemas existentes. Numa posição mais extremista, ia contra a ideia de qualquer

tipo de colecionismo de variedades de plantas, tão apreciado na época, sendo o seu objectivo principal não cultivar espécies raras mas sim criar efeitos com as plantas (Rosa, 2013).

É novamente em Inglaterra que surge já no final do século XVIII uma nova corrente de reacção contra o jardim paisagista, o *picturesque* (pinturesco ou pitoresco), coincidente com a chegada à Europa de plantas exóticas trazidas da Ásia, de África e das Américas e um crescente interesse pela história natural (Andresen & Portela, 2001). O *picturesque* não nasceu como um movimento ligado à jardinagem, mas antes como uma escola de pintura. Os seguidores do *picturesque* tentavam recriar nos seus desenhos paisagísticos aspectos que merecessem ser representados numa pintura, ou transpor para o espaço de um jardim o sublime, sentimento experimentado perante a visão de uma paisagem bela e primitiva (Antunes, 1996). Trata-se de um movimento precursor do culto romântico da natureza que se desenvolve simultaneamente ao início da era industrial. A atitude romântica de rejeição às formas clássicas e racionais, de apelo aos sentidos, ao sonho, aos devaneios da alma, ao individualismo, ao desejo de retorno ao passado, a um paraíso perdido, irá revelar-se expressivamente nos jardins de Oitocentos (Antunes, 1996).

Novo conceito surge no início do século XIX, o do jardim *gardenesque*, um termo introduzido por J. C. Loudon em 1832, defendendo que nos jardins deveria existir um certo nível de domesticação ou aperfeiçoamento. Por evolução do termo, passou a significar um estilo de plantação baseado na individualização de árvores e flores permitindo que cada espécime atingisse a perfeição (Andresen & Portela, 2001). O estilo *gardenesque* advogou a ideia de plantação de indivíduos em grupo de acordo com princípios estéticos e não de forma aleatória. Ajustados a um novo estilo de vida de carácter industrial e urbano, os jardins deixariam de ser vistos apenas como objectos de arte, mas antes como espaços funcionais, de exposição e colecção de material vegetal (Andresen & Portela, 2001). Ao contrário do conceito do jardim naturalista, o conceito paisagista *gardenesque* favorece a abordagem do coleccionador, distinguindo-se pela variedade e exotismo da vegetação arbórea e arbustiva.

1.2 O interesse pelo mundo botânico no século XVIII e XIX

Foi com os Descobrimentos e as viagens ultramarinas que, a partir do século XVI, começam a chegar à Europa um grande número de espécies botânicas exóticas, o

que impulsionou o colecionismo, fomentou o aparecimento de jardins botânicos e o gosto pela horticultura e jardinagem. As novas espécies, surpreendentes pela novidade, variedade e atractivo, chamaram a atenção dos europeus e foram acolhidas, em primeiro lugar, nas cercas e nos claustros dos mosteiros e conventos, nas quintas de recreio reais e eclesiásticas, que passam também a ser alvo de maior tratamento a nível decorativo (Antunes, 1996).

Depois da época dos Descobrimentos, o interesse pela Botânica recebe um novo ímpeto a partir do século XVIII. Esta foi uma época de grandes transformações de pensamento, de avanço científico e tecnológico, a par de uma grande curiosidade científica pelo mundo natural, na esteira do pensamento Iluminista.

O mundo nunca fora tão vasto e os locais então desvendados eram surpreendentes repositórios de produtos naturais. Um grande número de cientistas entregou-se, entusiasticamente, à tarefa de recolher, observar, descrever e catalogar tudo quanto a Natureza lhes proporcionava. Em Portugal foi o tempo das *Viagens Filosóficas*, que decorreram a partir da década de 80. Estas expedições científicas aos territórios ultramarinos foram financiadas pela Coroa Portuguesa com o propósito de se realizar um estudo organizado e sistemático da flora ultramarina (não exclusivamente flora), não só pelo interesse científico que isso representava, mas também para sondar novas espécies com potencial económico (Rosa, 2013).

A partir de finais do século XVIII e inícios do século XIX, a Europa está em transformação face a factores políticos, económicos e culturais; a paisagem urbana dos principais centros europeus começa a sentir os primeiros efeitos da industrialização. Os parques e jardins públicos começam a ser incorporados nas grandes intervenções urbanísticas; cumprem além da função de lazer e de convívio social, uma função higiénica e de mitigação dos problemas de insalubridade causados pela crescente poluição industrial e aumento populacional nos centros urbanos; por outro lado, aumentam também o número de jardins privados (Antunes, 1996; Madureira & Pimenta, 2012). O desenvolvimento dos transportes mecanizados favorece o desenvolvimento de extensas áreas residenciais suburbanas, longe do bulício citadino, onde é prestigiante habitar e que está reservado aos grupos economicamente favorecidos; aumentam as casas individuais onde há espaço para a construção de um jardim, pronto para ser ocupado por uma grande variedade espécies botânicas. Regista-se assim, em meados do século XIX, na média e alta burguesia, um enorme interesse

por plantas, nomeadamente por novas plantas, material vegetal exótico trazido de lugares longínquos ou por novidades hortícolas criadas pela mão dos viveiristas.

2. O PORTO OITOCENTISTA

A cidade do Porto de Oitocentos é um espaço de industrialização crescente, modernização, crescimento populacional e urbano e, conseqüentemente, um espaço de assimetrias económicas e sociais (Silva, 2012). A cidade reflecte o espírito do século XIX, uma época rica em acontecimentos sociais, económicos e políticos que condicionaram o ritmo de crescimento urbano e deixaram marcas indeléveis. O Porto, devido à sua matriz económica e social, consolida-se ao longo do século como um espaço definitivamente burguês, imprimindo-lhe a dinâmica e o carácter que lhe são tão próprios ainda nos dias de hoje.

2.1 As transformações urbanísticas dos séculos XVIII e XIX

Até meados do século XVIII praticamente toda a vida urbana estava confinada aos limites da muralha gótica, dita fernandina, estendia-se ainda de forma tentacular ao longo das vias de ligação aos pequenos núcleos das paróquias rurais e centros piscatórios na margem do Douro. Na segunda metade do século XVIII, vários factores conduziram uma fase de desenvolvimento urbanístico acelerado que alterou profundamente o aspecto da cidade. Vivia-se então um período de prosperidade económica devido sobretudo à crescente importância da comercialização do Vinho do Porto, que desencadeou um enorme aumento da população e a sobreocupação do espaço intramuros. Socialmente, em paralelo com a crise da nobreza secular, a burguesia portuense enriquecida pelo comércio de grosso tracto, já num processo de transformação socioeconómica, procura aderir aos novos ideais europeus, para o que muito contribuiu a influência da comunidade britânica instalada na cidade. Por outro lado, este momento de dinamismo da cidade coincide com o terramoto de Lisboa de 1755, o que terá influência nos princípios e mecanismos que nortearam o planeamento urbano do Porto (Madureira, 2002).

Num contexto de despotismo iluminado, marcado por um poder absolutista e por um gosto estético associado à ordem, clareza e rigor, a necessidade de concentrar todos

os recursos na reconstrução da capital do reino provocou grandes reformas económicas, das quais se destaca a criação de companhias comerciais de tipo monopolista. Assim, surge em 1757 a Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro, que para além do objectivo comercial, visava a modernização da área onde se implantava, nomeadamente o Porto que era o entreposto comercial principal. Neste contexto foi criada em 1763, sob a égide do Marquês de Pombal e com o apoio financeiro da Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro, a Junta de Obras Públicas do Porto, à qual se deve a reorganização e o alargamento da cidade entre 1763 e 1833 (Ferreira & Rocha, 2013). Desde a sua fundação e até 1804 estiveram à frente da Junta, João de Almada e Melo e seu filho Francisco de Almada e Mendonça, que ficaram conhecidos por Almadadas. Cumprindo as orientações do poder central e seguindo o exemplo da reconstrução de Lisboa, o plano almadino estabeleceu três objectivos principais: a definição de novas linhas de expansão da cidade, ordenando o crescimento para fora da muralha fernandina, que se estava a realizar de uma forma improvisada e caótica; a construção de novas áreas residenciais para a burguesia mais abastada no exterior do núcleo medieval, sobrepovoado e degradado; e melhoria das vias de acesso, quer as que ligavam o antigo centro da cidade aos novos bairros, quer as que uniam o Porto aos aglomerados urbanos mais próximos.

Com foco na modernização da cidade e na melhoria das condições de habitabilidade, as acções urbanas da Junta pautaram-se pela criação de condições urbanísticas potencializadoras de um desenvolvimento futuro, conciliando as perspectivas iluministas e racionalistas, em que a luz, a abertura de espaço, a higiene e a racionalização do espaço físico e social da cidade, são os novos conceitos urbanísticos reguladores das acções futuras. Tomaram-se as primeiras medidas relacionadas com o abastecimento de água; construíram-se novas praças, dentro e fora das muralhas, outras foram renovadas, como a Praça da Ribeira; regularizaram-se os arruamentos existentes e criaram-se outros novos que foram executados seguindo um plano prévio que teve em conta a expansão futura da cidade; criaram-se normas relativas à construção de edifícios, estabelecendo princípios gerais quanto à composição das fachadas e definindo um padrão de loteamento regular, com base num lote de 5,5 metros de largura e 100 metros de profundidade. A Junta de Obras Públicas contribuiu também para o melhoramento dos espaços ajardinados públicos da cidade, destacando-se a construção das Alamedas com vista para o Douro, a das Virtudes, das Fontainhas e, mais tarde, de Massarelos. É por esta altura que se introduz ao nível da arquitectura o estilo

Neopalladiano, por influência da comunidade inglesa instalada no Porto, observado nos grandes edifícios civis públicos construídos em finais do século XVIII, como o Edifício da Cadeia, o Tribunal da Relação e o Hospital de Santo António, abandonando-se definitivamente o estilo barroco, demasiado associado à predominância e influência da Igreja. Influência esta que se prolonga até quase finais do século XIX, quando a partir da década de 1870, concretamente da construção da Casa de São Lázaro, o gosto pelo neopalladiano foi pouco a pouco sendo substituído por uma inspiração no estilo *beaux-arts* (Graça, 2004).

Em 1789 iniciou-se a demolição de troços selectivos da muralha fernandina, nomeadamente em zonas onde confrontava com terreiros e rossios, como a Praça da Liberdade, a Praça da Ribeira e o Campo da Cordoaria; locais onde era urgente fazer grandes remodelações urbanísticas, como a Rua dos Clérigos, as Portas do Sol e a zona da Casa Pia. Outros troços só seriam demolidos no século XX, como a zona do antigo Mosteiro de São Bento de Avé Maria, com a construção da Estação de São Bento. A cidade rompe assim o seu perímetro medieval e avança para norte e para nascente através de quatro grandes eixos que irradiavam do centro em direcção aos principais aglomerados vizinhos. São estes que durante quase um século sustentarão o futuro crescimento urbano: a Rua do Almada (1762-64), a Rua de Santa Catarina (1774), a Rua Direita de Santo Ildefonso (1778) e a Rua de Cedofeita (1782). Estes quatro eixos, a Rua dos Clérigos (1792) e a Rua de Santo António (1795), construídas ao longo da antiga muralha da cidade, servindo de vias de contacto entre a cidade setecentista planeada e o núcleo medieval, juntamente com uma série de transversais que as interligavam, constituíram a estrutura da nova expansão urbana (Mota, 2010).

No início do século XIX, apesar de reflectir importantes transformações urbanísticas, o Porto conservou o aspecto e a estrutura de uma cidade medieval. A população concentrava-se na zona intra-muros, ribeirinha; o rio desempenhava ainda uma função essencial para a economia da cidade, com a Praça da Ribeira como ponto nevrálgico; mantém-se a organização dos ofícios por ruas; a unidade de produção mantinha-se incorporada na unidade residencial, numa sobreposição entre os espaços público e doméstico; a segregação social fazia-se fundamentalmente em altura. Fora das muralhas, embora os principais eixos abertos pelos Almadás estivessem já razoavelmente ocupados por construções, na malha urbana definida por essas vias e pelas ruas secundárias, encontravam-se ainda grandes extensões de terreno por construir

e urbanizar, permanecendo com uma forte presença rural junto à muralha (Madureira, 2002).

Dos audaciosos projectos elaborados pelos Almadas muitos nunca foram concluídos, apenas retomados pontualmente, mas contribuíram definitivamente para resgatar o Porto à sua medievalidade ao longo do século XIX.

A primeira metade do século XIX ficou marcada, a nível nacional, por acontecimentos históricos que conduziram a uma retracção do crescimento económico e do conseqüente desenvolvimento urbanístico que se vinha a verificar desde meados do século XVII, mas que foram imprescindíveis na passagem definitiva do antigo regime para a modernidade.

Portugal não ficou indiferente às transformações políticas, sociais e culturais que estavam a ocorrer na Europa por volta do final do século XVIII. Em permanente contacto com o exterior, através das comunidades inglesa e francesa aqui residentes, pela permanência no estrangeiro dos comerciantes lusos, ou pelos filhos de Portugal que viviam ou estudavam no exterior, tomou conhecimento e seguiu de perto o que acontecia na Europa em mutação. As ideias liberais importadas da Revolução Francesa engrossaram fileiras, através dos soldados franceses durante as invasões napoleónicas (1807-1814) e da chegada ao País de um significativo conjunto de estrangeiros e exilados políticos, que trouxeram ideias, valores e programas. Este “contágio” culminou em vários momentos de levantamento: o levantamento do Porto, em 1820 que resultou na Constituição de 1822; o Cerco do Porto, em 1832-1834 e, finalmente com a Guerra Civil (ou Guerras Liberais), travada entre absolutistas e liberais. O Porto envolveu-se activamente em todos estes acontecimentos com repercussões sérias, transversais a vários níveis e não apenas no âmbito político, entre estes a transformação física da cidade (Mota, 2010).

A cidade do Porto continuou a expandir-se ao longo do século, a diferentes ritmos, conquistando terreno aos baldios e a propriedades rurais periféricas, seguindo as directrizes do plano almadino, apesar de nem sempre com a qualidade e o rigor que os Almadas almejavam (Ferreira & Rocha, 2013).

A Revolução Liberal (1820), tendo como sequência a instauração de uma Monarquia Constitucional, desencadeou uma guerra civil entre absolutistas e liberais. Foi um período de grande turbulência social, que se agravou com o Cerco do Porto. Este foi um momento importante no reordenamento espacial e social da cidade, marcando o

início de uma tendência que se acentuará ao longo do século. A população mais abastada começou a abandonar o burgo e a ocupar as novas áreas residenciais setecentistas ainda pouco urbanizadas, mais agradáveis e com melhores condições de habitação, nas freguesias de cota mais alta como Massarelos, Cedofeita, Santo Ildefonso e Bonfim (Ferreira & Rocha, 2013; Graça, 2004). Por sua vez, na zona ribeirinha e mais antiga mantém-se a população que sem grandes recursos financeiros não tem condições para a abandonar. Seriadamente danificada após o Cerco, com pouco espaço interior por onde crescer e densamente povoada, as condições de salubridade rapidamente se deterioraram e esta zona da cidade tornou-se um foco de epidemias, sobretudo a partir da década de 30 (Ferreira & Rocha, 2013). Embora o centro económico continue circunscrito junto ao rio, nas proximidades da velha Alfândega, freguesia de Miragaia, nas ruas Nova dos Ingleses, de São João, das Flores e no Largo de S. Domingos, o centro político e cívico foi-se transferindo gradualmente para a Praça Nova e arredores, reforçado pela presença da Câmara Municipal a partir de 1819. Esta zona veio gradualmente a transformar-se num pólo da vida social, local de encontro de negociantes, intelectuais e figuras políticas. Na segunda metade do século, situavam-se em seu redor importantes artérias de forte actividade comercial, como as ruas de Santo António, dos Clérigos e do Almada (Ferreira & Rocha, 2013).

Com o triunfo do Liberalismo em 1834, o regime de propriedade sofreu alterações profundas que continuaram o processo de transformação da cidade, com vastas extensões de terra, quer rurais quer urbanas, pertencentes a diversas ordens religiosas, a passarem para as mãos da burguesia através de processos de expropriação e venda em hasta pública (Mota, 2010). As ordens religiosas foram expropriadas e extintas em 1834. As ordens masculinas foram imediatamente expulsas de território português e os seus bens integrados nos bens do estado, arrolados e gradualmente vendidos em hasta pública, num processo que durou décadas (ainda continuava em 1870). Já às ordens femininas foi permitido que continuassem a viver nos seus respectivos conventos até à morte da última freira; proibiu-se o ingresso de novas freiras; reorganizaram-se algumas casas, extinguindo umas e condensando as freiras noutras. Os seus bens foram logo expropriados, arrolados e colocados em hasta pública, também com o mesmo sucesso do processo das ordens masculinas. O resultado patrimonial foi desastroso: os conventos masculinos ficaram ao abandono e sujeitos a todo o tipo de vandalismo; os conventos femininos continuaram habitados, mas sem capitais para a sua manutenção diária, não só ficaram sem os bens que os sustentavam,

como também perderam as importantes dotações de novos ingressos. Algumas estruturas conventuais são convertidas em novas instituições de carácter civil, reapropriando-se as antigas cercas dos conventos para outros fins e perdendo-se uma extensa área de verde no centro da cidade. As cercas dos antigos Conventos de S. Francisco e S. Domingos viriam posteriormente a ser transformadas em espaço público, nomeadamente, na Praça do Infante e na Rua Ferreira Borges; o antigo Convento de Santo António em Biblioteca Municipal; os jardins da residência estival dos Bispos no cemitério do Prado do Repouso; o antigo Recolhimento dos Anjos seria transformado no primeiro mercado municipal (Madureira, 2002).

O Liberalismo, que extinguiu as ordens religiosas e retirou privilégios à nobreza, proporcionou a afirmação da burguesia mercantil portuense e o Porto define-se definitivamente como um espaço burguês, social e culturalmente. Estão criadas as condições para a difusão dos ideais românticos. Ao longo do século, a burguesia capitalista será fortalecida e soma ao poder económico poder político, tornando-se a principal promotora de várias iniciativas urbanas, responsáveis pelo desenvolvimento económico e urbanístico.

Por diversos factores, mas principalmente devido à conjuntura política, a ocupação da malha urbana de origem setecentista é lentamente consolidada nos princípios do século XIX, comprometendo os objectivos da Junta, que vê os seus planos de criação de uma nova cidade, moderna e com a desejada regularidade arquitectónica, fracassados e substituídos por projectos alternativos, muitos de iniciativa privada (Mota, 2010). As intervenções mais importantes que ocorreram foram principalmente promovidas pela iniciativa de privados que cederam as suas propriedades de família para a abertura de ruas que viriam mais tarde a lotear (Mota, 2010). A abertura de várias ruas reforçaram a malha e contribuíram para melhorar as ligações nascente-poente. Construíram-se algumas artérias importantes, como a Rua Barros de Lima (primeiro designada de Rua do Bom Retiro), a Rua do Príncipe e a Rua dos Bragas. A primeira metade do século XIX é fundamentalmente um período de consolidação e adensamento da malha urbana pré-existente ao mesmo tempo que se verifica uma aposta na expansão da cidade para poente, através do prolongamento da Avenida da Boavista (Ferreira & Rocha, 2013).

Alcançado um período de estabilidade política, em meados do século, com o término da guerra civil e reforçada a vitória liberal, o País pôde finalmente aplicar medidas concretas de desenvolvimento. Construíram-se novas infra-estruturas básicas,

principalmente de comunicação terrestre e marítima; criaram-se condições para uma melhor aplicação e gestão de capitais e ainda, foram adoptadas uma série de reformas essenciais para a administração política e judicial (Graça, 2004).

A partir do terceiro quartel do século, favorecido pelo clima de estabilidade e inovação da Regeneração (1851), o Porto impôs-se no panorama nacional. A cidade que sempre se caracterizou por uma profunda ligação à actividade mercantilista assistiu, progressivamente, à sedimentação da indústria na sua base produtiva a partir do primeiro quartel do século, com o aparecimento de unidades fabris de maior ou menor dimensão dispersas pela cidade (Silva, 2012). Data de 1835 o uso da primeira máquina a vapor ao serviço da indústria, no entanto, só a partir da década de 1860, o Porto assume uma feição marcadamente industrial (Mota, 2010). O desenvolvimento industrial, dos transportes, a construção de pontes sobre o Douro e de outros equipamentos desencadearam uma nova transformação urbanística.

Com o desenvolvimento da indústria, novas populações chegaram à cidade. Indivíduos provenientes das zonas rurais circunvizinhas e de toda a região norte partiram para o Porto em busca de melhores condições de vida. No entanto, este nem sempre era o destino final de quem procurava novas oportunidades. Para alguns seria apenas uma plataforma de espera para outra viagem mais longa, principalmente, rumo ao Brasil.

A estagnação demográfica causada pela instabilidade que marcou o início do século XIX deu lugar a um acentuado crescimento demográfico na segunda metade do século. Em 1864 o Porto possuía 86.761 habitantes e em 1890 este valor ascendeu para os 138.860 habitantes (Mota, 2010). Esse pronunciado crescimento populacional alterou a secular distribuição espacial da população na cidade. Em 1864 o núcleo central, composto pelas freguesias históricas da Sé, São Nicolau, Vitória e Miragaia, concentrava ainda 36% do total da população do concelho e apenas 16% residiam nas freguesias periféricas, de Massarelos, de Cedofeita, de Santo Ildefonso e do Bonfim; em 1900 a população do núcleo central reduz-se para 22% do total da cidade e foi ultrapassada pelos 29% que residem nas freguesias periféricas. O anel periférico exterior que inclui as freguesias da Foz do Douro, Nevogilde, Aldoar, Campanhã, Lordelo do Ouro e Paranhos, é o menos afectado pela pressão demográfica dessa época, mantendo uma população bastante dispersa. Esta área permanece com fortes traços de ruralidade, estando pontuada por quintas, algumas de origem medieval (Quintas da

Bonjónia, da Queimada e de Vila Meã), outras mais recentes (Quintas da Prelada, da Revolta, do Freixo e de Villar d' Allen) (Graça, 2004).

É sobretudo a partir de 1860 que a fisionomia urbana do Porto se altera. Progressivamente, a cidade à cota baixa perde significância a favor da cidade à cota mais alta; o desenvolvimento industrial e dos transportes fomentaram o crescimento da cidade para lá do núcleo central; o rio já não é o motor principal da economia, mas a construção do Palácio da Bolsa (1840) e da Alfândega Nova (1859) mantiveram a zona ribeirinha como centro do comércio de grosso tracto; paralelamente, a construção da ponte dupla D. Luís I (1886) e a instalação da estação de S. Bento (1896), fortaleceram a Praça Nova como novo pólo da vida social, cívica e do comércio a retalho (Mota, 2010; Ferreira & Rocha, 2013; Madureira, 2002). Na zona oriental, essencialmente nas freguesias do Bonfim e da Campanhã, apareceram as grandes unidades fabris. A partir de 1875, a instalação da estação ferroviária da Campanhã reforçou definitivamente o carácter industrial do sector oriental e impulsionou a urbanização pela construção de habitação maioritariamente operária e muitas vezes em forma de *ilha*. Por sua vez, no sector ocidental, as transformações urbanísticas são muito intensas, nomeadamente na área da Boavista, na qual se começou a delinear um centro residencial de prestígio; em 1868 foi construída a Praça da Boavista, de onde irradiavam novas artérias em várias direcções, com destaque para a extensa Avenida da Boavista. A Foz conheceu também na segunda metade do século um intenso desenvolvimento, passando de simples aglomerado piscatório para zona privilegiada da cidade, como nos mostra a construção do Passeio Alegre. Tal transformação deve-se em grande parte à vulgarização do lazer e à moda dos banhos de mar herdada da comunidade britânica e, principalmente, ao desenvolvimento do transporte urbano, com a implementação da rede de transportes públicos de carro sobre carris, o *Americano*, em 1872, permitindo que um número cada vez maior de portuenses frequentassem a Foz e, os que tinham rendimentos para isso, aí fixassem as suas segundas residências (Ferreira & Rocha, 2013; Madureira, 2002). Outras renovações urbanísticas resultantes de medidas que procuravam resolver questões relacionadas com a higiene e salubridade públicas, contribuindo ainda para a reorganização de determinadas zonas, foram os mercados e os cemitérios. Criados com o objectivo de agrupar as feiras que decorriam então espalhadas pela cidade os mercados, do Bolhão (1837), do Anjo (1839) e Ferreira Borges (1888), eram espaços organizados que ofereciam melhores condições de higiene e de funcionamento, gradualmente a venda ambulante entrou em declínio e as feiras, quando não

desapareciam por completo, migravam para a periferia (Ferreira & Rocha, 2013). Os primeiros cemitérios de carácter público, construídos seguindo as novas regras de higiene pública e em zonas estratégicas da urbe, surgiram na decorrência do aumento do número de óbitos registados, causados pelas circunstâncias políticas, sociais e económicas e sucessivas epidemias que afectaram a cidade oitocentista. O primeiro grande cemitério público foi o da Venerável Irmandade da Nossa Senhora da Lapa de 1833, construído em resposta à epidemia de cólera que vitimou muitos portuenses, ao qual se seguiu o do Prado do Repouso em 1838 e o de Agramonte em 1855 (Ferreira & Rocha, 2013).

Também em relação ao tipo de habitação a paisagem urbana do Porto foi-se modificando ao longo do século XIX. Ao ritmo vertical das casas altas e estreitas, de origem medieval, popular e burguesa, de habitação unifamiliar e carácter híbrido, ou seja, simultaneamente local de residência e de trabalho, produto da necessidade de aproveitar ao máximo o espaço disponível e de concentrar numa área relativamente limitada, padrões, assalariados, lojas e oficinas, que caracteriza o centro histórico e o primeiro anel da expansão almadina, contrapõe-se a horizontalidade das casas baixas e largas e dos palacetes com amplos jardins, habitação de aristocratas e dos sectores mais elevados da burguesia. Juntaram-se ainda os bairros operários e as “ilhas” dispersos pelo Bonfim, Campanhã e Cedofeita. Estes bairros serão alvo de um processo de decadência física e social na segunda metade do século XIX, a que muito se atribui a proximidade a indústrias e a bairros operários e, ao desenvolvimento de novas áreas residenciais com padrões de qualidade e estatuto social mais elevados (Graça, 2004; Mota, 2010).

Ao longo do século XIX, reproduziu-se na maior parte das novas áreas residenciais o modelo definido pelos Almadãs, que aplicou o parcelamento regular do solo em lotes estreitos e profundos, à semelhança dos lotes na zona medieval. No entanto, a topografia dos terrenos onde se processa a expansão da cidade é menos acidentada do que a do núcleo central e a área disponível também é maior, o que permite criar quarteirões de maiores dimensões do que os medievais, dando origem a lotes onde a construção não ocupa a totalidade do terreno. A adopção deste padrão, respondendo a requisitos técnicos e económicos, rompeu com a densidade de ocupação que se verificava no núcleo intramuros e estabeleceu uma morfologia urbana que conta com um amplo espaço livre propícia a albergar pequenos jardins e hortas (Madureira, 2002). Contudo, durante a segunda metade do século XIX, muitos destes interiores de

quarteirão serão alvo de processos especulativos. Como foi dito anteriormente, as casas ocupadas pela classe média alta nas primeiras décadas do século, aquando o primeiro “êxodo” para a periferia, foram progressivamente abandonadas e os bairros tomados pela classe média baixa, que se alojou nas antigas casas da burguesia na parte fronteira dos lotes e construiu habitação para a classe trabalhadora nos próprios quintais traseiros. Esta espécie de bairro operário ficou conhecido por «ilhas», longas filas de casas estreitas de um só andar que se abrem apenas para corredores laterais de acesso construídos ao longo do logradouro, autênticas “cidades invisíveis” tão típicas das cidades industrializadas de meados do século XIX e em particular, do Porto, onde a classe popular arrastava uma vida de miséria (Silva, 2012; Mota, 2010).

Como reflexo de uma nova realidade sócio-económica, intensificou-se a opção da alta burguesia pela construção de grandes casarões de dois andares, raramente três, e de sumptuosos palacetes à semelhança dos palácios e das habitações barrocas ou neoclássicas que a aristocracia portuense construiu nos séculos XVII e XVIII. Estes edifícios não se adequavam ao padrão de loteamento regular promovido pela expansão almadina. Uma das alternativas consistiu em adquirir terrenos de maiores dimensões em áreas periféricas ainda não consolidadas, como os subúrbios a nascente e a poente do núcleo consolidado. A outra solução, quando se pretendia continuar a habitar o centro da cidade, consistiu na agregação de lotes, possibilitando a construção de uma habitação de amplas fachadas em linhas horizontais que não se limitava a duas frentes e permitia a libertação de três ou quatro frentes e ainda beneficiar da inclusão de um jardim envolvendo a casa (Mota, 2010).

Ao contrário da uniformidade que acompanhou a evolução da casa alta e estreita, os casarões e palacetes da alta burguesia portuense são objecto de uma atenção particular que invariavelmente pretende criar diferenças em relação às restantes habitações que compõem o tecido urbano, desde a forma como estão inseridos na estrutura urbana, participando na frente de rua ou implantados no interior do lote, até ao tipo de linguagem arquitectónica, reflexo da base cultural dos seus proprietários. Tal como no século XVIII as habitações aristocráticas pretendiam evidenciar erudição, a alta burguesia procura através da sua casa evidenciar um estatuto que se adeque à sua progressiva ascensão na sociedade oitocentista (Mota, 2010). As opções arquitectónicas, em termos de linguagem artística, revelam um gosto eclético que busca várias referências: neoclássico, neomanuelino, barroco, arte nova, colonial, etc. São fruto do

elevado nível de contaminação cultural das comunidades estrangeiras, principalmente, inglesa e brasileira, mas também de uma necessidade em exibir o seu cosmopolitismo.

2.2 A sociedade burguesa do Porto Oitocentista

Como já referido atrás, ao longo do século o Porto assume definitivamente um carácter burguês, social e culturalmente. A revolução liberal extinguiu ordens religiosas e retirou privilégios à nobreza, favorecendo a alta burguesia que ao poder económico soma poder político. Com um crescente controlo na gestão municipal e como principal promotora do desenvolvimento comercial e industrial, a burguesia portuense enquadrava-se numa paisagem que resulta em grande parte da sua acção, dos seus valores e de um crescente sentido de classe (Mota, 2010).

A antiga aristocracia histórica não se extinguiu simplesmente, antes sofreu alterações profundas, estabelecendo muitas vezes alianças com a alta burguesia sustentada pelo comércio de longo curso. Se por um lado, interessava à aristocracia de privilégios perdidos obter formas de sustentar as suas casas, por outro, interessava à burguesia os pergaminhos fidalgos, como estratégia para ascender na escala social, «a nobreza acabou aburguesando-se, enquanto a burguesia se nobilitava», o que foi conseguido também quando, ao longo do século XIX, parte desta burguesia seria agraciada com títulos nobiliárquicos e de comendas que lhe valeram os percursos políticos e militares durante as Guerras Peninsular e Liberal (Graça, 2004).

Integrada na classe burguesa e considerada uma das mais selectas da sociedade portuense oitocentista é a comunidade inglesa que fixou residência na cidade desde o século XVII. Era especialmente vocacionada para o comércio de vinhos do Norte de Portugal, principalmente Vinho do Porto, de que foram os maiores impulsionadores. Formavam uma comunidade isolada pela língua e pela religião, sendo que a maioria professava a religião protestante; viviam geralmente em quintas arrendadas nas zonas limítrofes de Massarelos, Vilar e Entre-Quintas, prestavam culto na Capela de Saint James, tinham os seus clubes desportivos, a sua própria casa da Feitoria, hospital, cemitério e até uma praia na Foz, a chamada Praia dos Ingleses (Santos, 2005). A British Association, o título oficial da Feitoria inglesa, localizava-se desde 1790 na Rua Nova dos Ingleses, na zona da Alfândega velha, era também um ponto congregador do convívio social entre as várias comunidades estrangeiras.

Segue-se uma passagem um pouco irônica de Ramalho Ortigão em *O Porto em 1850*, sobre a exuberância dos membros da Feitoria Inglesa em contraste com a ortodoxia e o monocromatismo da população em geral, citado por Santos, (2005):

“ Em toda a classe comercial não havia um só bigode, e nenhum negociante digno d’ este nome se vestia senão de preto, collete de cetim, e longa sobrecasaca, sendo o capote bandado de veludo obrigatório para vêr a Deus. Os Ingleses, commerciantes de vinho, que appareciam na praça de chapéu branco e calças de xadrez, como o Forrester, o Miller, o Smith, o Steur, o Allen, constituíam salpicos assarapantados, de uma garridisse exótica e heretica, sobre a grande massa orthodoxa e sombria da população grave”.

A partir de meados do século, outra figura surge na panorâmica social: o *brasileiro de torna-viagem*. Eram emigrantes de origem popular enriquecidos no Brasil, que voltavam para investir as suas fortunas nas terras de origem. Pertencentes à burguesia profissional, eram acusados pela alta burguesia já instalada e pela nobreza tradicional, de falta de cultura e de bom gosto e pela necessidade de ostentar as fortunas recentemente adquiridas. Habitavam geralmente nos bairros da zona oriental, nas zonas com maior índole industrial, em casas exuberantes e com alguma excentricidade (Graça, 2004).

Com as novas profissões liberais, ocupando cargos em serviços públicos e privados ou engradecendo e especializando a sua actividade comercial e industrial, a burguesia ganha um novo estatuto, reflectindo-se em transformações no seu modo de viver. Em busca de uma identidade como classe social começou por imitar os rituais aristocráticos de socialização, como a vilegiatura, o passeio público, os bailes e ópera, mas foi ganhando ao longo do século, uma consciência de classe que se revelou numa crescente privatização do espaço doméstico (Mota, 2010). A casa passou a ser monofuncional, ou seja, unicamente residencial; a família apareceu como base de referência moral; a educação e boas maneiras desempenham um papel importante; a valorização do ócio e do lazer (Mota, 2010). Não prescindiu, no entanto, de formas mais mundanas de integração e vários foram os domínios em que encontrou suporte para a satisfação do seu desejo de socializar: organizou soirées, vulgarizou o acesso às estâncias balneares, criou e frequentou associações e clubes recreativos, desenvolveu o gosto pela música e pela dança, pelo teatro, pelo circo e pelas touradas; nas cidades,

procuram-se os passeios públicos para os desfiles dominicais e os jardins impuseram-se como locais privilegiados de deambulação, como se falará adiante. As sociedades recreativas assumiram-se como os espaços de encontro da burguesia urbana, onde se realizavam bailes, forjavam alianças e cumplicidades nas salas de conversação, educavam-se os membros na aprendizagem de diversas artes e na leitura. Nestas sociedades democratizavam-se os antigos bailes aristocráticos que antes animavam os palácios com centenas de convidados selecionados na elite da nobreza de sangue e da alta burguesia (Mota, 2010).

2.3 A natureza e o gosto pela jardinagem no Porto de Oitocentos

A natureza sempre fez parte da vida urbana do Porto, transformando-se tanto no uso como na forma com a evolução da cidade e em virtude das necessidades ou dos ideais que marcaram os tempos.

No Porto medieval, quando basicamente toda a vida urbana estava limitada à cidade intra-muros, a população vivia quotidianamente em contacto com uma envolvente rural abundante em hortos, cortinhas, almuinhas e quintas que asseguravam o abastecimento diário de produtos frescos à cidade. Dentro de muros na cidade de construção orgânica, acrescentada improvisadamente de acordo com as necessidades, assemelhando-se a um labirinto caótico e insalubre, as raras zonas verdes limitavam-se a pequenos hortos nas traseiras dos edifícios que serviam de último recurso da população que vivia no limiar de subsistência e às cercas dos conventos e respectivos claustros. Nas cercas dos conventos da cidade, S. Francisco, Sta. Clara e S. Bento da Ave Maria, que eram os espaços mais amplos, pode-se considerar a existência dos primeiros jardins-hortos do Porto, onde se verifica algum cuidado no tratamento do espaço e na escolha das espécies. Existiam zonas diferenciadas em pomar, horta e talvez um pequeno jardim no claustro, predominavam as espécies características da cultura mediterrânica e árabe, como laranjeiras e limoeiros, várias plantas hortícolas, essenciais para a subsistência da comunidade e ainda plantas aromáticas e medicinais. Nos claustros, um espaço dedicado à deambulação e à meditação, a presença de elementos naturais como a água, presente na fonte ou no chafariz localizado no centro, e a vegetação que preenche a restante área do recinto remetem para um arranjo simbólico que procura reproduzir uma pequena amostra do Paraíso (Antunes, 1996).

Envolta num ambiente circundante rural, que perdurará por vários séculos, a cidade não necessita de criar novos espaços verdes. São desta altura os campos, rossios ou terreiros, espaços amplos e livres geralmente contíguos ao perímetro muralhado, junto das principais portas da cidade; conjugavam várias funções, as de local de comércio, de abastecimento diário da cidade, de negócio e de ponto de encontro; eram locais desenvolvidos muito em torno de uma determinada actividade, como por exemplo, o Campo do Olival, que ficou conhecido por Cordoaria por lá se concentrarem muitos cordoeiros (Andresen & Portela, 2001). Estes não eram considerados, no entanto, espaços exclusivamente direccionados para a prática do lazer. No século XVII, em pleno período filipino, assiste-se a uma série de intervenções de valorização e reorganização de espaços públicos, com a plantação geométrica de árvores, a instalação de bancos de repouso e a introdução da fonte, elemento formal e centralizador, para o abastecimento de água às áreas circundantes (Madureira, 2002). Surgiram neste ímpeto as primeiras Alamedas, espaços estrategicamente posicionados sob o ponto de vista cénico, com alinhamentos de árvores, equipados com bancos, geralmente vedados por muros e gradeamentos e vocacionados para o passeio chique (Madureira, 2002; Andresen & Portela, 2001). À medida que a muralha perde o seu valor defensivo, estes espaços vão-se tornando progressivamente, no processo da evolução urbanística, elementos âncora na formação de novas centralidades (Madureira, 2002). O sucesso destas Alamedas junto da população mais favorecida impulsionou a implementação de novas Alamedas, no século XVIII, aquando das profundas alterações urbanísticas protagonizadas pelos Almadas.

Apesar da construção, nos séculos XVII e XVIII, de várias Alamedas, nomeadamente, a do Olival, Lapa, Aguardente, Bonfim, Prado do Repouso e, as “varandas sobre o Porto”, Massarelos, Fontaínhas e Virtudes, a cidade chegou ao século XIX sem nenhum jardim público enquanto espaço arquitectónico com identidade e desenho bem definido, apto para a prática generalizada de actividades de lazer (Madureira, 2002).

É durante o Cerco da cidade, que a Câmara decide construir o primeiro jardim público. O espaço escolhido foi o Campo de S. Lázaro, então um campo arborizado desde 1757, numa iniciativa de valorização das várias feiras que aí decorriam (Madureira, 2002). O Jardim de S. Lázaro só ficou totalmente concluído em 1841, embora o jardim fosse inaugurado em 1834.

Apesar da demora dos portuenses em aderir ao novo jardim público, este tornou-se o local favorito para a prática do passeio público. Assinalou o aparecimento de uma cultura burguesa, associada à moda do passeio público, da exibição pública, do ócio, formas de estar e de ser, importadas da cultura francesa e inglesa e que muito marcou a sociedade portuense a partir da década de 30 (Antunes, 1996). Novos jardins públicos emergiram noutras partes da cidade catalisados pela intensa dinâmica que marcou o Porto durante a segunda metade do século XIX e a crescente adesão dos portuenses ao passeio público. É de frisar, todavia, o carácter algo efémero destes espaços, de “moda” passageira, notório quando se verifica que S. Lázaro enquanto espaço de sociabilidade não sobrevive à abertura do Palácio de Cristal, que por sua vez, entra num processo de abandono e degradação com a abertura do Palácio de Cristal (Antunes, 1996).

Os jardins públicos surgiram com uma dupla faceta, um gosto estrangeirado pelo passeio social e pela exibição pública e como solução para as questões relacionadas com o controlo sanitário e social do crescimento urbano, a partir da década de 30 e 40 (Antunes, 1996). Por um lado, o intenso desenvolvimento urbanístico, a crescente industrialização e, conseqüentemente, o agravamento das condições de insalubridade; por outro, coincide com a difusão dos ideais românticos entre a burguesia e a aristocracia, que se manifesta numa atitude de apreciação e contemplação da paisagem, de aproximação à natureza, através da jardinagem e da horticultura, contribuindo para o interesse em criar mais jardins públicos. É a partir desta altura que o poder local consciente das vantagens estéticas e lúdicas que o elemento vegetal proporcionava aos espaços urbanos, recorre à arte da jardinagem e floricultura; aparecem as primeiras medidas de protecção dos espaços verdes e arvoredo; surge o cargo de jardineiro municipal; a construção de jardins públicos passa a ser dirigida por jardineiros paisagistas portugueses, como as quatro gerações da família Gomes e Jerónimo Monteiro da Costa, e estrangeiros como Emílio David e Florent Claes (Andresen & Portela, 2001; Antunes, 1996). A partir da década de 50 é criada uma repartição camarária dirigida a este sector, surge então a figura do vereador que lida com as questões relacionadas com os jardins e arborização da cidade. Alguns destes vereadores são figuras ligadas à jardinagem e à horticultura, clientes habituais das casas hortícolas da cidade, proprietários de jardins e colecionadores. É o caso de Alfredo Allen e Cristiano Vanzeller (Antunes, 1996).

Também há uma grande proliferação dos jardins privados, associados à habitação, que se desenvolvem no espaço de logradouro criado pelo modelo de lote

definido pelos Almadas. Estes jardins constituem espaços íntimos, onde a família se reúne e recebe visitas, onde abundam as árvores raras, ornamentais e de fruto, caramanchões, tanques, estufas e gaiolas de animais (Andresen & Portela, 2001; Antunes, 1996).

O gosto pelos jardins está longe de se esgotar na profusão de espaços públicos e privados construídos. Diz Ilídio Araújo em *Jardins e quinta de recreio no aro do Porto*” (Araújo, 1979):

“Para a plantação dos bosques ou arboretos com que se identificava a maior parte dos jardins e parques então delineados, os seus projectistas recorreram largamente ao uso de espécies arbóreas e arbustivas exóticas, o que veio a animar significativamente a indústria dos viveiros”.

Verificou-se um grande desenvolvimento de casas comerciais ligadas à horticultura e à jardinagem, acompanhando a procura cada vez maior de artigos e produtos ligados a esta actividade. Os hortos transformam-se em espaços de frequência obrigatória para todos os entusiastas e apreciadores da jardinagem e da horticultura. Vários hortos emergiram em vários pontos da cidade, mas o Horto das Virtudes tornou-se o mais famoso sob a direcção de José Marques Loureiro. Com estufas aquecidas e frias procedia à aclimação das espécies exóticas que pela primeira vez apareciam em Portugal (Andresen & Portela, 2001). Numerosas publicações periódicas subordinadas ao tema da jardinagem e da horticultura surgiram nesta época: o “Jardim Portuense” publicado entre 1843 e 1844, divulga elementos de decoração de jardins, mobiliário urbano, espécies botânicas desconhecidas ou recentemente introduzidas no país; o “Jornal de Horticultura Prática”, fundado por José Marques Loureiro, foi publicado mensalmente entre os anos de 1870 e 1892. O Jornal de Horticultura Prática é substituído em 1893 pelo Jornal Horticolo-Agrícola, propriedade da Real Companhia Horticolo-Agrícola Portuense (Antunes, 1996). Estes periódicos foram importantes instrumentos difusores das novas ideias sobre os jardins, novidades florísticas e cuidados inerentes, instrumentos de jardinagem, mobiliário, silvicultura, botânica, doenças, opinião crítica sobre a arte dos jardins e o seu estado de conservação, etc. (Andresen & Portela, 2001).

Outro aspecto importante que contribuiu para a divulgação desta actividade foram as exposições agrícolas. A Sociedade Agrícola do Porto, criada em 1854, promoveu várias exposições agrícolas, nomeadamente em 1857 e 1859, as quais tiveram

bastante sucesso. Perante tal sucesso, constituiu-se a Sociedade do Palácio de Cristal, que teve como principais objectivos a construção de um palácio de cristal capaz de albergar futuras exposições e respectivo ajardinamento da área envolvente. O Palácio de Cristal e jardins ficariam concluídos em 1865, sendo inaugurados com a Exposição Internacional Portuguesa.

A intensa proliferação de jardins privados e públicos e a enorme importância que a horticultura atingiu chega-nos quer através da manutenção de alguns destes espaços na actualidade, quer das descrições pitorescas de autores como Júlio Dinis, Ramalho Ortigão, Almeida Garrett, entre outros; e, da Carta Topográfica de Teles Ferreira de 1892, que constituiu a primeira planta rigorosa a abranger a totalidade do concelho. Pelo rigor do levantamento, feito à escala 1:500, está bem ilustrada a estrutura urbana do Porto nos finais do século XIX, onde se evidencia uma forte presença de cobertura vegetal (Madureira & Pimenta, 2012). Mesmo que reflectindo os desenvolvimentos urbanos inerentes à industrialização, é ainda no seu todo uma cidade profundamente "verde", com uma conspícua mancha de verde no interior dos quarteirões das novas áreas de expansão, nos jardins públicos que servem a população e na enorme cintura rural que rodeia a mancha urbanizada, pontuada por inúmeras quintas, muitas concebidas para a prática da vilegiatura.

2.4 As quintas de recreio no aro do Porto

As quintas de recreio são propriedades rústicas, com casa-nobre, onde a tradicional função económica de produção agrícola se conjuga com a função de lazer e recreio:

“A quinta de recreio surge-nos como um todo organizado: mata, edifícios, horto de recreio, pomar/horta. É um lugar versátil, onde recreio e produção compartilham o mesmo espaço, invadindo-se mutuamente, estabelecendo relações formais e funcionais. São espaços bucólicos, onde, em áreas confinadas à produção, pontuam elementos arquitectónicos, escultóricos que definem agradáveis locais de estadia, em que sombra, luz, água, aromas e sons se conjugam para criar uma ambiência peculiar” (Carapinha, 1995, pp. 20-21).

Na sua origem as quintas são um espaço exclusivamente de produção, mas uma complexa conjuntura económica, social e cultural desencadeou um processo de mutação de um espaço tipicamente de produção em espaço de recreio e lazer.

A partir dos finais do século XV, com o apogeu nos finais da centúria de Seiscentos, ocorre a transformação da quinta, unidade agrícola de produção de hortícolas, frutícolas e vinha, em espaço de recreio. Isto ocorre de Sul para Norte do país, tendência que se inverte a partir do século XVIII (Carapinha, 1995)

Esta transformação poderá estar associada a uma renovação cultural gerada pelo movimento intelectual do Humanismo, que revisitando os autores e as obras clássicas, retoma temas como a paisagem ideal e o elogio da vida campestre e redescobre o mundo rural para lá das muralhas medievais. Outras razões, e que não devem ser consideradas de inferior importância, operaram simultaneamente com a renovação cultural: o ambiente económico e social, de riqueza efémera, gerado pelo movimento das descobertas, que proporcionou uma onda de construção de casas de campo a partir dos meados de quinhentos. As quintas de recreio tornam-se, durante o século XVII, um sinal de ostentação. Todavia, é preciso notar que esta mudança não é somente fruto das transformações que ocorrem na era de quinhentos, mas também a evolução de uma realidade, que encontra raízes nas hortas, hortos, pomares, vergéis, cortinhas e almuinhas que datam de períodos anteriores, e que na cultura ibérica nunca deixaram de se construir como espaços de fruição da Natureza.

A quinta de recreio surge assim indissociável da cidade, é ideológica, social e economicamente um símbolo de urbanidade. Conceptualmente, não existe por si só, mas em contraponto à vida citadina. Surge pelos excedentes financeiros que o comércio e/ou a indústria, inerentes ao mundo urbano, proporcionam e é mantida, na maioria das vezes, pela comercialização dos seus produtos agrícolas (Carapinha, 1995).

A sua localização ocorre normalmente nos arrabaldes das urbes, onde predomina uma riqueza e diversidade paisagística, às quais se aliam condições climáticas favoráveis, disponibilidade de água, bons solos e vistas panorâmicas (Carapinha, 1995)

Até finais do século XIX, o Porto, ainda que reflectindo o desenvolvimento urbano proporcionado pela industrialização, convivia com uma periferia profundamente rural na qual as quintas tinham uma expressão significativa. Algumas destas quintas, mantendo um forte carácter agrícola, foram transformadas em quintas de recreio, adquirindo novas linguagens arquitectónicas e decorativas consonantes com os diferentes momentos culturais. Pertenciam de uma forma geral aos grupos com maior poder económico: o alto-clero secular, ligado à Sé e ao Cabido, à nobreza local saída da classe ancestral de cidadãos portuenses nobilitados e, mais tarde, também à burguesia enriquecida pelo comércio e pela indústria. Apesar de muito intervenientes na vida da

cidade, é nas quintas de recreio que estas elites passam grandes temporadas, normalmente na época de Verão até às colheitas, ou se refugiam em períodos de epidemias e conflito na cidade (Antunes, 1996).

É possível distinguir duas tipologias de quintas de recreio portuenses. A primeira, normalmente anteriores aos séculos XVII e XVIII, composta por edifícios de raiz vernacular, apresenta uma implantação orgânica; a pedra-de-armas, capela e alguns outros elementos em cantaria lavrada são o maior sinal de nobreza. São exemplos desta tipologia as Quintas da Revolta, de Lamas, do Rio e a da China. A segunda, de arquitectura mais erudita, de grande valor cenográfico; conjuga elementos do barroco italiano de interpretação nacional, com formulários mais tradicionais, ainda que também reinterpretados, como seja a torre. Desta tipologia destacam-se as Quintas da Bonjóia, da Prelada, de Ramalde e de São Gens (Graça, 2004)

Em Portugal a fama dos jardins de influência renascentista chega a partir da primeira metade do século XVI. Surgem as primeiras quintas concebidas como espaços de fruição, onde os elementos arquitectónicos e decorativos jogam com os elementos naturais e a vegetação é composta por muitas espécies com função meramente ornamental, muitas delas exóticas trazidas das viagens marítimas, tudo para a recreação e deleite dos sentidos das famílias nobres e dos senhores eclesiásticos.

No norte de Portugal ao contrário do que acontece no sul, são poucas as alterações. Os únicos espaços surgidos nesta altura que representam as tendências da época foram a quinta de Santa Cruz do Bispo em Matosinhos, a quinta episcopal transformada em quinta de recreio por D. Rodrigo Pinheiro entre 1552 e 1557, e a quinta do Prado que o bispo D. Fr. Marcos de Lisboa mandou ordenar e embelezar, entre 1582 e 1591, cujas obras não chegaram a ser concluídas e onde no século XIX se viria a implantar um cemitério da cidade.

No Porto é sobretudo a partir do século XVIII que se verifica um aumento significativo na construção de quintas de recreio, num tardio assumir de valores renascentistas e barrocos (Graça, 2004).

“ (...) em todas estas quintas a influência do renascimento italiano se traduziu quase exclusivamente pelo emprego dos seus típicos elementos decorativos (arquitectónicos e escultóricos, ou até vegetais -bordaduras e sebes de buxo), e no quase generalizado recurso a uma plataforma ou terraço ajardinado, de forma quadrada ou rectangular, sistematicamente colocado à frente de uma das fachadas da casa” (Araújo, 1979, p. 379)

Os conceitos então em voga na Europa, principalmente em França, aos quais se haviam subordinado as grandes criações paisagísticas europeias durante os dois últimos séculos, só ganharam expressão no norte de Portugal com a vinda de Nicolau Nasoni (1691-1773), artista e arquitecto italiano, para o Porto em 1725. As quintas setecentistas portuenses projectadas por Nasoni introduziram uma vertente original do barroco italiano em termos arquitectónicos, conjugando-o com elementos de inspiração nacional. Nasoni tira grande partido do trabalho de granito, material que vai utilizar para inúmeras criações escultóricas.

“As obras planeadas por Nasoni para as quintas do Freixo, de Bonjóia, da Prelada, de Ramalde e do Chantre, (e também a quinta de S. Ovídio), obedecem de facto a essa preocupação de subordinar a composição da quinta, ou parte dela, a um eixo de simetria que, passando pelo centro da casa, se dirige, na medida do possível, para o rumo que lhe oferece a abertura a um mais profundo panorama, através de uma sucessão de terraços ligados por escadas (se o terreno é declivoso), ou marcado por uma alameda (se o terreno é plano).” (Araújo, 1979, p. 379).

Por várias razões, Nasoni e outros paisagistas nunca conseguiram elevar as suas criações ao nível das grandes composições paisagísticas formais, como as que surgiram em Itália, no século XVI, e em França, no século XVII. A irregularidade do terreno, as pequenas dimensões das propriedades e, apesar de tudo, os insuficientes recursos dos proprietários impuseram aos artistas um grande número de limitações (Araújo, 1979). Em Portugal são já dos meados do século XIX as primeiras criações inspiradas no modelo paisagista inglês, de feição naturalista. A numerosa colónia inglesa do Porto e a sua situação social privilegiada colocou o Porto em boas condições para acolher a lição dos paisagistas ingleses. Neste aspecto, Villar d’ Allen tornou-se um marco histórico no norte do país, sendo pioneira desse novo modelo da arte dos jardins do século XIX.

3. A QUINTA VILLAR D' ALLEN

Seguindo o hábito corrente da burguesia profissional portuense, que passava o seu tempo de férias em quintas nos arrabaldes do Porto, João Allen iniciou em 1839 a aquisição de propriedades nas freguesias de Campanhã e de Valbom (esta última no concelho de Gondomar) para a construção da residência familiar de campo. A Quinta Villar d'Allen como foi denominada, é Imóvel de Interesse Público desde 2010 e uma sobrevivente das numerosas quintas de recreio que no século XVIII e XIX rodeavam a cidade do Porto. Inclui a casa de habitação de arquitectura ecléctica e a propriedade que a rodeia onde os primeiros proprietários ergueram jardins, com mata e área produtiva, ao gosto romântico da época, que albergam uma grande variedade de espécies exóticas raras em Portugal na altura e até hoje em dia. Aquilo que actualmente se pode observar numa visita a este espaço deve-se sobretudo à obra realizada por João e Alfredo Allen, respectivamente, primeiro e segundo proprietários.

3.1 A Família Allen

O nome da família Allen, aparece associado ao negócio do vinho do Porto desde o início do século XVIII, quando Thomas Allen casado com Elizabeth Stevenson se associou, em 1701, ao seu cunhado John Stevenson, comerciante no Porto pelo menos desde 1682 e juntos dedicaram-se à exportação do vinho do Porto. O Vinho do Porto, nome que denominou, desde 1675, o vinho fortificado produzido no Alto Douro, tornou-se um importante produto vinícola, em grande parte devido ao esforço dos ingleses residentes no norte de Portugal desde os finais do século XVII com o intuito de o colocar no mercado inglês. Outro sector vinícola nortenho de grande reputação no mercado Britânico foi o do vinho tinto, cujo consumo entrou em voga em Inglaterra a partir do Tratado de Methuen. Este foi assinado em 1703 com a Inglaterra, garantia o abaixamento de taxas dos vinhos nacionais em relação aos franceses, o que muito contribuiu para o incremento das exportações do sector vinícola no norte do país.

O primeiro membro da família a fixar residência em Portugal foi George Allen, filho de Thomas Allen, nascido em Londres em 1698. Desconhece-se o ano em que veio

para Portugal, mas Alfredo Ayres de Gouvêa Allen em *Apontamentos sobre a família de João Allen* diz que emigrou por motivos religiosos e políticos, pois era partidário dos Stuarts, defensores do catolicismo em Inglaterra. No entanto, o Sr. José Alberto Allen, descendente de George Allen e actual proprietário de Villar d' Allen, realizou um estudo, ainda por publicar, no qual contradiz este facto, afirmando que George Allen era na realidade protestante, tendo vindo para Portugal unicamente por razões de negócio, onde acabou por fazer um casamento católico, talvez porque em Portugal, nessa altura, não era bem vista outra religião que não a católica, com a neta de um inglês estabelecido em Portugal, esse sim emigrado por razões religiosas; daí em diante, esse ramo da família terá seguido a religião católica. Fixou residência na Quinta do Fojo em Vila Nova de Gaia, pertencente à família da sua mulher, Josepha Nevill, e dedicou-se também à exportação de Vinho do Porto.

Edward William Allen, também conhecido por Duarte Guilherme, um dos doze filhos de George Allen, que tal como os antecessores enveredou pelo negócio de comércio de longo curso, gozando a sua firma “de ilimitada confiança nas principais praças de Inglaterra, América e Portugal” (Santos, 2005); distinguiu-se como Cônsul de Inglaterra em Viana do Minho. Desde o século XVII que a Grã-Bretanha fazia representar os seus interesses económicos na região minhota pela permanência de um cônsul; Viana do Minho foi elevada a cidade apenas em 1848, passando então a chamar-se Viana do Castelo.

Casou-se com a italiana Joana Mazza em 1767 e desse casamento resultaram doze filhos. Desta numerosa prole sobressaem Bárbara Inocência, casada com José Ferreira Pinto Basto, fundador da Fábrica da Vista Alegre e Maria Ermelinda Allen Monteiro, casada com o abastado negociante José Monteiro de Almeida, foi agraciada, anos mais tarde, com o título de Baronesa da Regaleira, como recompensa pelos serviços prestados em França aos emigrados liberais, durante o breve reinado de D. Miguel); adquiriu em 1840 a Quinta da Regaleira. E, João Allen, o principal referenciado neste trabalho.

3.2 João Allen, um homem da sua época

João Allen (Figura 1), também conhecido por John Francis Allen, nasceu em Viana do Minho em 1781, ficando órfão de mãe aos dois anos de idade a sua educação

foi confiada a um tio e padrinho; partiu aos doze anos para estudar nos Estados Unidos, no colégio militar de Georgetown, de onde regressou passados nove anos com uma sólida e requintada educação, para além da formação militar. Saiu de lá com a patente de oficial, aprendeu esgrima, desenho, dança e música. Existe em Villar d'Allen um álbum com vários desenhos seus (Figura 2).



Figura 1 – Retrato de João Allen

Tal como o seu bisavô, avô e pai, João Allen dedicou-se ao comércio em larga escala. Em 1805, formou com a irmã Francisca, viúva de Joaquim Ferreira Sampaio, um negociante portuense, a firma “Viúva Sampaio, Allen e C^a” que se dedicou essencialmente à exportação de vinhos, mas também em menor escala à comercialização de outros produtos.

Durante a primeira invasão francesa, em 1807, alistou-se como voluntário do exército anglo-luso no combate às tropas lideradas por Junot, ao contrário de muitos outros comerciantes britânicos que abandonaram o Porto nessa altura perante a iminência da invasão. Destacou-se em algumas acções e chegou a ser nomeado para comandante do Real Corpo de Voluntários de Mar e Terra da Cidade do Porto. Os serviços prestados à pátria na primeira invasão da Guerra Peninsular (1807-14) valeram-lhe o grau de Cavaleiro da Ordem da Torre e Espada concebida por D. João VI, em 1825.



Figura 2 – Desenho a lápis por João Allen

Desmobilizado depois de libertada a capital em 1808, não existem indícios de ter participado no combate às forças de Soult, aquando da segunda invasão francesa em 1809, nem às de Massena, que invadiu em finais de 1810. Partiu para Inglaterra em 1810, estabelecendo-se em Londres e onde prosseguiu com a actividade de transporte de mercadorias por via marítima, não obstante as dificuldades impostas pela guerra. As invasões francesas marcaram um período de grande estagnação económica nacional e de diminuição abrupta do número de exportações para Inglaterra e restantes países europeus, originada pela grande instabilidade político-militar; a abertura dos portos brasileiros à Inglaterra em 1808; o tratado de comércio luso-britânico de 1810; e, no sector vinícola, a concorrência no mercado britânico dos vinhos espanhóis e franceses, mais leves e baratos, e a queda da produção na região duriense.

Finda a ameaça napoleónica, a alta burguesia portuense, ligada às manufacturas e ao comércio realizado à escala internacional não mediu esforços para recuperar a prosperidade perdida nos tempos de guerra. Foi em 1814, num contexto de momentânea recuperação económica decorrente da paz política, que João Allen regressou ao Porto, reatando a sua ligação com antigos sócios na comercialização de vinhos e outros artigos e participando como sócio em novas firmas, nomeadamente as firmas “Dixon, Allen & Co.” e “Allen, Figueiredo & Co.”.

O arranque económico foi no entanto apenas parcial, devido à instabilidade política causada pela independência do Brasil e a difícil instauração do regime liberal. Não obstante a sua tendência política liberal, João Allen não se envolveu activamente no movimento revolucionário de 1820 e permaneceu ausente da discórdia política que opôs liberais e absolutistas em 1822 e que se prolongou numa guerra civil por mais de duas décadas, ao contrário da maioria dos ingleses no Porto. Os súbditos britânicos em

Portugal eram fervorosos adeptos de D. Pedro, tendo inclusivamente havido participação de soldados ingleses no exército libertador dos Açores. As décadas de 20 e 30, apesar de uma conjugação política nacional instável, revelaram-se para João Allen um período de grande prosperidade e estabilidade profissional como comerciante de longa distância. Em 1822 tornou-se um dos sócios-fundadores da «Sociedade Promotora da Indústria Nacional» vocacionada para a promoção das actividades agrícola, comercial e artística, com sede em Lisboa (Santos, 2005).

Alfredo Ayres de Gouvêa Allen descreveu assim o bisavô nos anos 20 de Oitocentos em *Apontamentos sobre a família Allen* (Allen, 1959):

“ (...) com 39 anos de idade, possuidor duma vasta e variada cultura, interessavam-no diversos ramos do comércio e da indústria, mas dedicava-se, muito especialmente, ao negócio de vinhos, dentro da sua nova organização comercial, que, em pouco tempo, graças à sua competência e energia, atingia grande desenvolvimento e expansão. Assim consegue firmar, cada vez mais, a sua proeminente posição no meio comercial e na sociedade, aumentando consideravelmente a sua fortuna e sendo por todos respeitado e estimado. Muito elegante e de fino trato, irradiava simpatia e conquistava amizades, tanto entre ingleses como entre portugueses, apreciando todos o seu bom gosto e a sua jovialidade.”

Em 1823, já com a idade de quarenta e dois anos, casa com D. Leonor Carolina Amsinck (1803-1877), filha do diplomata Rodolfo Amsinck, então cônsul da Suécia no Porto. O enlace seguiu o padrão tradicional da burguesia do Porto oitocentista, o de casamento tardio em que as partes são de nacionalidades diferentes, enquadrado numa táctica familiar de aliança entre membros de uma mesma classe social. Fixou residência na Rua dos Carrancas na esquina com a Rua da Restauração, na época uma das novas zonas residenciais em construção fora da cinta muralhada, arejada e com vista panorâmica sobre o Douro e Gaia, inserida no núcleo comercial do Porto, ainda dentro dos limites de Miragaia. Da união resultaram quatro filhos, dos quais se destaca Alfredo Allen de quem se falará com maior detalhe, pois veio a ser 1º Visconde de Villar d'Allen e um dos seus co-fundadores.

Terminado o Cerco do Porto e vencida a causa liberal, a partir de 1834 participou no estabelecimento de diversas instituições de cariz económico-financeiro. Apostando no

arranque económico no pós-guerra, a elite mercantil e financeira da cidade do Porto organizados na Associação Comercial do Porto, respondendo a um impulso dinamizador e autónomo criou o Banco Comercial do Porto, promoveu a construção do Palácio da Bolsa e da Alfândega Nova. Em 1835, foi eleito membro da Feitoria Inglesa, consequência da importância que João Allen atingiu como negociante e banqueiro. Por volta de 1836 fundou ainda a Companhia Portuense de Mineração sob o patrocínio da Associação Comercial do Porto.

Entre os anos 1836-40, a família Allen gozava de um substancial conforto financeiro, o que lhes permitiu um enriquecimento do património artístico e de bens de raiz: casas e quintas. Dominava praticamente toda a Rua dos Carrancas, ocupando vários armazéns e escritórios, o que demonstra o crescimento da firma. É nessa fase de prosperidade, que em 1839, João Allen adquiriu a primeira parcela de terreno onde fundou a Quinta Villar d' Allen, como se verá adiante.

Em 1839 o seu empenho a favor da cultura, quer como protector do património artístico quer como mecenas, valeu-lhe o reconhecimento público. Foi eleito pelos artistas portugueses como Académico Honorário da Academia de Belas-Artes de Lisboa (Santos, 2005).

Contra todas as expectativas, apesar da conjuntura desfavorável desencadeada no sector vitivinícola em 1842, a sociedade “Allen, Morgan & Co.” entrou em falência em 1846, por suposta deslealdade de um dos sócios, acontecimento que marcou o início do declínio financeiro da família.

A extinção da firma foi um duro golpe na vida de João Allen. Consumida quase a totalidade da fortuna, viu a declinar rapidamente a saúde. Faleceu em Maio de 1848, aos 67 anos de idade.

A inserção na comunidade inglesa do Porto

Descendentes de ingleses negociadores de vinhos do norte de Portugal, a família Allen estaria naturalmente inserida na selecta comunidade inglesa portuense. João Allen apresentava, contudo, algumas diferenças evidentes que se prendem com o facto de apesar da origem inglesa, ter nascido em Portugal, não professava a religião protestante ao contrário da minoria inglesa e falava e escrevia perfeitamente o português. Outro aspecto que o distinguiu desta comunidade foi a opção em viver no centro da cidade, numa zona populosa próxima da área marcadamente comercial, ao invés de habitar nas aprazíveis zonas limítrofes ocidentais, tipicamente categorizadas como bairros ingleses.

Obviamente, muitos aspectos aproximavam João Allen do comportamento social dos ingleses: a prática do colecionismo, a integração na Feitoria Inglesa e a participação no convívio social com a comunidade, em jantares, bailes e recepções, que se desenrolavam em casa ou centrado, externamente, na Feitoria.



Figura 3 – João Allen na última fase da sua vida

O “hobby” de coleccionar e o Museu Allen

Influenciado pela cultura inglesa, que atribuiu ao colecionismo de objectos variados uma prática muito apreciada nos fins do século XVIII e começos do XIX, João Allen manifestou desde muito jovem o gosto de coleccionar. Foi durante a década de 20 que começou a levar mais a sério este hábito de coligir objectos e que alimentou com viagens de estudo e de recreio que realizou aos principais países da Europa. A primeira foi realizada entre Setembro de 1826 e Maio de 1827, acompanhado pela mulher, D. Leonor Amsinck e pela irmã D. Ermelinda Monteiro, futura Baronesa da Regaleira. Foi durante esta longa viagem que adquiriu um grande número de obras de arte para a sua colecção particular, com a ajuda do pintor Domingos Sequeira.

O biógrafo Vasco Valente em *João Allen. Soldado, Negociante, Artista* escreve a este propósito, citado por Santos (2005):

“Dotado de um requintado gosto e de grande intuição artística, João Allen começou desde muito novo a coleccionar medalhas, armas e curiosidades e, nas suas repetidas viagens a Inglaterra e outras, demoradas, no Continente, sobretudo em Espanha, França, Suíça e

Itália, foi adquirindo a maioria dos quadros, preciosidades e bugigangas com que fundou o Museu”

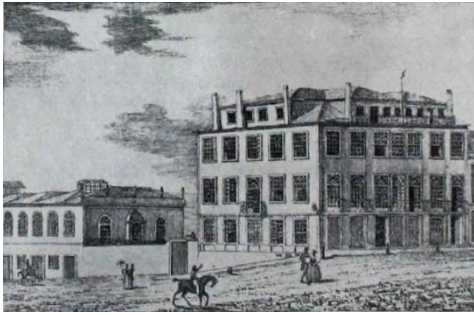


Figura 4 – Museu Allen na Casa da Rua da Restauração



Figura 5 – Aspecto de uma das salas do Museu Allen

A sua colecção reunia um aglomerado de conchas, minerais, moedas, armaria antiga e moderna, uma vasta livraria, obras de arte seleccionadas e curiosidades naturais variadas, como, por exemplo, lava petrificada do Vesúvio. Concluído o Cerco do Porto, João Allen decidiu-se a construir um museu, disponibilizando ao público as suas colecções. A abertura do Museu Allen, instalado no fundo do jardim da sua casa na Rua da Restauração, ocorreu em 1836 (Figura 4 e 5). Após a morte de João Allen em 1848, a família foi obrigada a vender em sucessivos leilões alguns prédios e objectos de valor, entre os quais alguns exemplares pertencentes ao Museu. Salvaram-se outros bens, entre eles a Quinta de Villar d’ Allen. Objectos de interesse biográfico: papéis antigos, correspondência, documentos, retratos de família, peças de uso pessoal, uma colecção de leques, diversos objectos curiosos e outros valores de vária ordem integram hoje a Colecção dos Herdeiros de Alfredo Ayres de Gouveia Allen e encontram-se na casa de Villar d’ Allen desde 1906 (Figura 6). As colecções mais valiosas que constituíram o acervo do Museu Allen transitaram para a administração camarária em 1850, passando a formar o núcleo do Museu Municipal do Porto, actualmente integrado no Museu Nacional de Soares dos Reis.

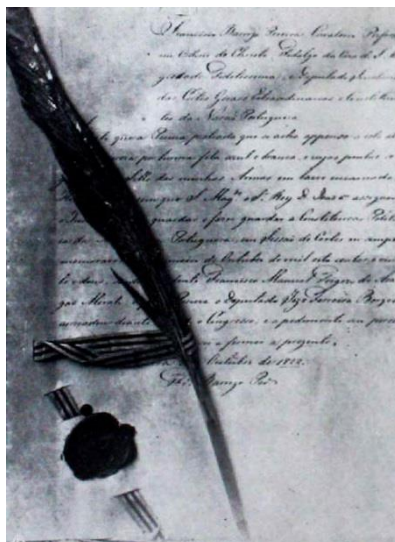


Figura 6 – Pena com que D. João VI assinou a Constituição de 1822.
Espólio do Museu Allen.

3.3 Alfredo Allen, 1º Visconde de Villar d’ Allen

Alfredo Allen (1828-1907) (Figura 7) foi tal como o pai uma figura notável na cidade do Porto. Estudou música, tendo sido um prodigioso violoncelista-amador. Em França e Inglaterra especializou-se em Comércio e Agricultura, particularmente no ramo vitivinícola. Foi Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, Oficial da Legião de Honra, Oficial do Mérito Agrícola e da Instrução Pública de França e Oficial da Ordem de Leopoldo da Bélgica. Obteve o título de Visconde de Villar d’ Allen em 1866 (Allen, 1959). Entusiasta da arte de jardinagem e horticultura foi fundador de vários jornais e organizações agrícolas; membro da Sociedade do Palácio de Cristal; um dos organizadores das Exposições Agrícolas nos anos 50 e da grande Exposição Internacional de 1865. Entre 1866 e 1869 foi vereador da Câmara Municipal do Porto, tendo a seu cargo a direcção dos jardins, numa época em que muitos dos projectos foram assinados por Emílio David (Allen, 1959; Andresen & Portela, 2001). Em 1866, propôs a construção do Jardim da Cordoaria, partindo da transformação do antigo Campo do Olival, então conhecido por Cordoaria e onde tinha nascido a primeira Alameda da cidade, em passeio público (Antunes, 1996).



Figura 7 – Alfredo Allen

Alfredo Allen dedicava-se também ao coleccionismo botânico e prática hortícola. A sua colecção de camélias, da qual faziam parte variedades por si obtidas através de cruzamentos e sementeiras, foi muito aclamada. Doou uma colecção de diferentes cultivares de camélia à mata do Buçaco e ao Bom Jesus do Monte, em Braga (Andresen & Portela, 2001). Como senhor da propriedade Villar d' Allen foi lá que aplicou muito do seu saber e onde fez a aclimação de várias espécies novas em Portugal.

Casou com Maria Rebelo Valente, filha de um negociante de vinhos do Porto.

3.4 A Quinta Villar d' Allen

A quinta constituiu o seu núcleo principal em 1839 quando João Allen comprou a Quinta da Arcaria e as terras contíguas que faziam parte do Monte d'Além e de Fonte Pedrinha. Foi sendo sucessivamente ampliada através da aquisição de novas propriedades por Alfredo Allen, seu filho, 1º Visconde de Villar d'Allen.



Figura 8 – Fachada sul

Assim, em Maio de 1839, João Allen comprou à Santa Casa da Misericórdia a Quinta da Arcaria, situada na freguesia de Campanhã. Esta fora legada em testamento àquela instituição por D. Engrácia Roberto Simões que a herdou de seu pai, Manuel Simões, juntamente com a fábrica de curtumes por ele fundada em 1785. A Quinta da Arcaria, também conhecida por Quinta da Fábrica Nova, correspondia a uma parcela desmembrada do antigo Casal da Campanhã, composta por “terra lavradia e matto, com todas as suas árvores de vinho, castanheiros e de outras diversas qualidades”, que fora até 1680 propriedade do Cabido da Santa Sé do Porto, depois emprazada à família Ferreira Nobre e por esta vendida em 1785 a Manuel Simões, que nela ergueu as primeiras construções: uma fábrica de curtumes e uma casa de veraneio (Allen, 1959).

Ainda em Maio de 1839, João Allen adquiriu de D. Eugénia Maria de Lima, viúva de Rodrigo Freire de Andrade Pinto de Souza, as terras que faziam parte do Monte de Fonte Pedrinha e de Além, “terras de mato, pinheiros e outra parte cultivada”, situadas nos limites das freguesias de Campanhã e de Valbom, sobre um e outro lado dos limites do Porto e de Gondomar. Estas terras estavam separadas da Quinta da Arcaria por um caminho estreito e acidentado, conhecido por “Caminho dos Ladrões”.

Anos mais tarde, em Março de 1869, já sob posse de Alfredo Allen, foi feito mais um acréscimo à propriedade, quando este adquiriu em hasta pública a Quinta de Vila Verde, terras do antigo Casal de Vila Verde, na freguesia de Valbom. De acordo com o registo de propriedade, esta compunha-se de “casas nobres para habitação, casas para lavoura, cortes de gado, terras de mato, castanheiros, pinheiros, etc”.

Uma nova ampliação da Quinta ocorreu a Julho de 1872 com a compra da Quinta da Vessada, situada na freguesia de Campanhã, a António Peixoto Geraldês e a sua mulher, D. Rita Roberta Freire de Andrade. A propriedade, composta por “casa sobradada e terras, cozinha, aidos, capela, eira, hortas, terras lavradias, terras de mato e pinhal; água de bica, tanque e outras mais águas que lhe pertencem”, encontrava-se por altura da sua compra em avançado estado de ruína, originado pela falta de meios financeiros da família Freire de Andrade.

Villar d’Allen foi concebido como espaço de refúgio e lazer, palco de acontecimentos sociais onde se reunia a elite portuense, mantendo no entanto uma grande área de produção agrícola, característica das quintas de recreio. A casa, exemplo de arquitectura romântica de carácter revivalista, evoca uma estética medieval com os dois torreões, merlões e seteiras, assemelhando-se a um “manor” inglês. Resultou da

remodelação da antiga casa da Quinta da Arcaria, à qual foram acrescentados dois corpos a norte e a sul.

Inspirado nos princípios do paisagismo naturalista de influência inglesa, João Allen planeou e executou os jardins onde pôs em prática o modelo vanguardista do jardim *gardenesque*. Villar d' Allen foi o primeiro espaço no Porto a introduzir este ideal na construção de jardins, que depois proliferou pela cidade ao nível dos espaços naturais, públicos e privados. João Allen envolveu-se pessoalmente no ajardinamento original da quinta, ao contrário da ideia mais generalizada de que o ajardinamento de Villar d' Allen teria sido feito sobretudo por Alfredo Allen, com uma possível intervenção do paisagista Emílio David, segundo Teresa Andresen. Porém este facto carece de suporte documental (Santos, 2005).

O seu carácter de coleccionador manteve-se na escolha das espécies que utilizou, com uma ampla representação da flora local e exótica; o viveiro envidraçado anexo à casa, do tempo da construção da casa, demonstra que já no tempo de João Allen se realizava ali a aclimação de plantas exóticas. Era um ávido consumidor das novidades botânicas vendidas nos viveiros que iam surgindo pela cidade nessa altura. Convém lembrar que era a década de 40 e o gosto pelas plantas e artes de jardinagem estava em expansão. A notável colecção de camélias de Villar d' Allen terá começado nesta altura, a partir de exemplares, alguns raros, já existentes na quinta.

No lado poente, conservou-se da quinta anterior o jardim de formas geométricas, ao gosto clássico, com canteiros limitados por buxo talhado, alegretes em pedra e, ao centro, um lago redondo com repuxo (Figura 8). Este jardim ainda hoje se mantém, com as camélias e algumas roseiras do jardim original. No lado nascente, na fachada norte da casa, sobre a fábrica de curtumes demolida e soterrada, surgiu um jardim ao estilo *gardenesque* onde a preferência por espécies exóticas poderá ser reconhecida, em sentido restrito, como uma colecção de história natural.

Alfredo Allen tomou posse da quinta por volta de 1848, após a morte de João Allen. Continuou o trabalho iniciado por seu pai, desenvolvendo nos jardins de Villar d'Allen um forte carácter romântico. Enriqueceu-os com detalhes, tal como um lago e regato de formas naturalizadas, diversas cascatas e pequenas edificações para recreio (Allen, 1959); remodelou o jardim lateral, que escolheu para albergar a colecção de palmeiras; ficou conhecido pelo Jardim do Cisne, devido ao busto de um cisne na casa de fresco também construída nessa altura (Figura 14). A partir de 1872, após a compra da Quinta da Vessada e de Vila Verde começou a cultivar uma zona de mata, a partir de

um antigo carvalhal ali existente, onde é possível observar as falsas ruínas (Figura 15), o que lhe acentuou o pendor romântico. A quinta recebeu diversos trabalhos decorativos em pedra da autoria de Nicolau Nasoni, chafarizes e outras peças de arte adquiridas aquando da demolição parcial do jardim do Palácio do Freixo e de velhos conventos (talvez período pós 1834, com a extinção das ordens religiosas). Alfredo Allen introduziu inúmeras espécies no jardim, algumas das quais terá sido o primeiro exemplar em Portugal. É o caso do exemplar de *Ensete ventricosum* (Welw.) Cheesman, entretanto já desaparecida (Andresen & Portela, 2001), e da colecção de palmeiras, que chegou a contar com 13 variedades diferentes.

A quinta está estruturada em terraços sucessivos. O acesso à casa faz-se por um caminho ladeado por camélias que remata num portão ornado com os dois cestos de frutas provenientes da Quinta do Freixo, da autoria de Nicolau Nasoni (Figura 12). O caminho conduz ao jardim fronteiro à casa, desenhado ao estilo *gardenesque*, onde existe um lago naturalizado que alimenta um pequeno ribeiro, com a sua ponte rústica, que cai depois em cascata sobre a mata. Em frente à casa, um tanque em meia-lua rodeado de relva e canteiros com rosas e flores de estação (Andresen & Portela, 2001). Na fachada sul da casa mantém-se a estufa envidraçada e no jardim envolvente sobressaem as *Jubaeas chilensis* (Molina) Baill., a fonte proveniente do Convento de Monchique (Figura 11) e ainda a cascata dos embrechados, revestida de conchas (Figura 9). Por cima, o patamar-miradouro da Fonte de São João (Figura 10), adornado pelos fogaréus de granito, também provenientes do Palácio do Freixo (Figura 13), daqui pode chegar-se à zona produtiva e à Casa de Ferramenta, com a bonita janela de gelosia (Figura 16).



Figura 9 – Vestígios da cascata de embrechados

Figura 10 – Fonte de S. João



Figura 11 – Fonte do Convento de Monchique



Figura 12 – Cestos de Nasoni



Figura 13 - Fogaréu



Figura 14 – Casa do Cisne



Figura 15 – Ruínas falsas



Figura 16 – Casa de Ferramenta – casa de apoio

OBJECTIVOS

Este trabalho pretende contribuir para o reconhecimento do elevado valor artístico, histórico e natural da Quinta Villar d' Allen, afirmando a sua importância como espaço de memória e de identidade da cidade do Porto e de sua gente. Assim sendo, os objectivos deste trabalho passam em primeiro lugar pelo enquadramento histórico, sócio-económico e cultural da quinta no Porto oitocentista e pelo conhecimento da história da família Allen, em particular de João e Alfredo Allen, realçando a sua importância para a cidade do Porto. Por último, pretende-se contribuir para o conhecimento do seu património florístico, através da identificação e caracterização das espécies da flora vascular actualmente presentes na quinta.

METODOLOGIA

1.1 Local de estudo

O presente trabalho foi realizado na Quinta Villar d'Allen, uma propriedade privada situada na Rua do Freixo, freguesia da Campanhã, no concelho do Porto. Com uma área actual de aproximadamente 4,5 ha, a quinta é delimitada a nordeste pela Estrada Nacional 209 e a sudeste pela Rua Dom António Ferreira Gomes. Está integrada na área metropolitana do Porto cujo clima é influenciado pela proximidade do Atlântico e pela cadeia montanhosa no seu limite oriental. A influência atlântica é evidente nas temperaturas amenas, na existência de uma humidade relativa elevada e nas chuvas abundantes durante o Inverno; sofre ainda uma influência mediterrânica que se manifesta numa diminuição acentuada ou mesmo na interrupção, em alguns anos, das precipitações nos meses de Verão. As precipitações médias anuais variam entre os 1000 e os 1200 mm e a temperatura média anual varia entre 9,5°C e os 20,8°C, segundo o IPMA.

1.2 Procedimentos

O inventário florístico, concretizado entre Novembro de 2015 e Novembro de 2016, cingiu-se à área formal de jardim, aos caminhos de acesso ao edifício principal, área produtiva e ao longo de vários caminhos que percorrem a Mata.

Os exemplares foram registados fotograficamente para posteriormente proceder à sua identificação. As imagens foram capturadas por uma máquina fotográfica *Sony 200a*, em formato de ficheiro JPEG.

A identificação e caracterização dos *taxa* foi realizada recorrendo à consulta de diversas fontes bibliográficas: *Nova flora de Portugal* (Vols. I e II) (Franco, 1971, 1984); *Nova flora de Portugal* (Vol. III, Fasc. I, II e III) (Franco & Afonso, 1994, 1998, 2003); *Flora Ibérica: plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares*. (Vols. I-XX); *Flora Europaea* (Vols. 1-5); *Manual of cultivated plants* (Bailey, 1958); *The European garden flora* (Vols I-III) (Walters, et al., 1986); *The New Royal Horticultural Society: dictionary of gardening* (Vols 1-4) (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999); *Manual of cultivated conifers* (Krüssmann, 1995); *Conifers of the world: the complete reference* (Eckenwalder, 2009) *Guia prático para a identificação de plantas invasoras em Portugal* (Marchante et al., 2014) *Guía de helechos de la Península*

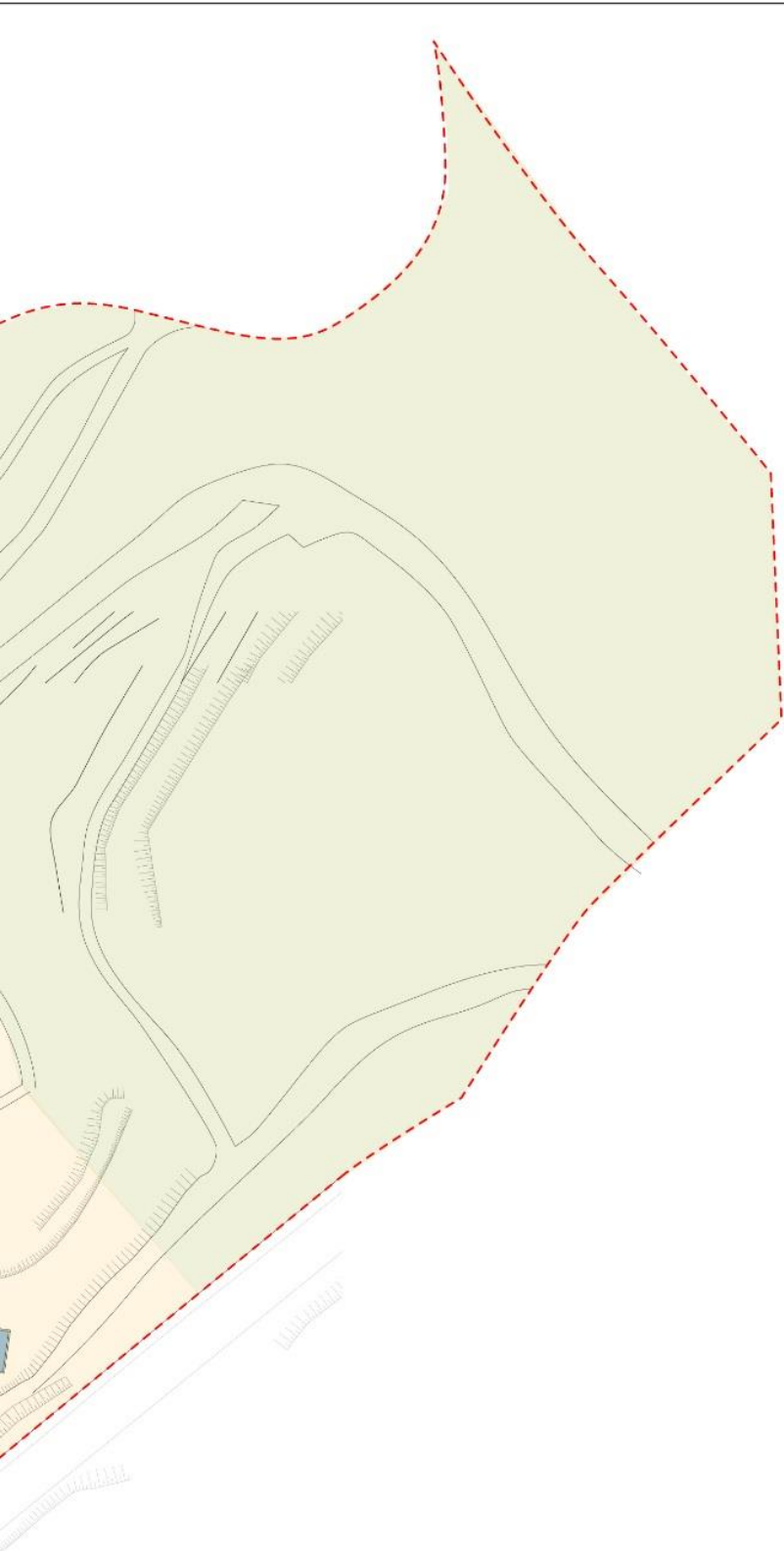
Ibérica y Baleares (Tierra, 1990); *Enciclopedia argentina de agricultura y jardineria, Vols. I e II* (Parodi, 1959); *Manual of cultivated trees and shrubs- hardy in North America* (Rehder, 1956) e *Flora da Estufa Fria de Lisboa* (Caixinhas, 1994).

Por fim, para cada *taxon* identificado foi elaborada uma ficha descritiva, na qual constam os seguintes campos informativos:

- 1- Nome científico aceite de acordo com o *The Plant List*;
- 2- Família taxonómica, segundo o *The Plant List*;
- 3- Nomes vernaculares. Seleccionaram-se os mais comuns e os mais curiosos; quando inexistentes adoptou-se o nome genérico. Para atribuição dos nomes vernaculares consultaram-se as seguintes obras: *Portugal botânico de A a Z: plantas portuguesas e exóticas* (Fernandes & Carvalho, 2003), *Nomes vulgares de plantas existentes em Portugal* (Rocha, 1996) e, complementarmente, a Flora Digital de Portugal da UTAD (<http://jb.utad.pt/flora>);
- 4- Características gerais de reconhecimento do género, espécie ou variedade hortícola. Pretendeu-se dar uma informação geral sobre o porte, as folhas, as flores, as inflorescências e os frutos (aparecem sob o termo morfológico). As descrições botânicas baseiam-se nas obras acima referidas e na observação dos exemplares;
- 5- Área de distribuição nativa, ou seja, a região do Mundo de onde os *taxa* são originários, o que por vezes não é consensual. No caso das variedades hortícolas, é atribuída uma origem hortícola e, quando conhecida, é dada a informação acerca da área de distribuição nativa das espécies-tipo ou progenitoras. Quando uma espécie se encontra naturalizada ou é autóctone em Portugal continental surge também a informação sobre o habitat no qual podemos encontrá-la espontaneamente, sempre que possível;
- 6- Usos e observações, que incluem, sempre que possível, informações sobre a origem do nome científico, principalmente do género; sobre o significado na “linguagem das flores”; e ainda, curiosidades variadas, como mitos e superstições associadas. Refere as principais utilizações e, no caso das plantas naturalizadas, o motivo da sua introdução em Portugal continental. Informa sobre a existência de propriedades tóxicas ou terapêuticas, os principais compostos activos, as partes da planta onde estão localizados e principais efeitos.

As fichas contêm também fotografias dos exemplares e o mapa representativo da área actual da quinta, no qual estará assinalada a zona onde se poderá encontrar o respectivo exemplar. Alguns *taxa*, principalmente espontâneos ou subespontâneos que apresentam uma distribuição mais ampla, poderão ocorrer também noutras zonas, não estando essa localização indicada no mapa.





QUINTA DE VILAR D'ALLEN | MAPA

LEGENDA:

- 1 - Entrada na Quinta
- 2 - Edifício Principal
- 3 - Viveiro
- 4 - Jardim das Palmeiras
- 5 - Casa do Cisne (casa de fresco)
- 6 - Fonte do Convento de Mochique
- 7 - Torreão
- 8 - Estufa
- 9 - Casa de ferramenta
- 10 - Fonte de S. João
- 11 - Cascata das Conchas
- 12 - Tanque
- 13 - Lago e regato

-  - Limites actuais da Quinta
-  - Edifícios - Habitação
-  - Edifícios - Apoio ao Recreio
-  - Edifícios - Apoio à produção
-  - Canteiros
-  - Muros de pedra
-  - Água
-  - Mata
-  - Área de Produção
-  - Jardim "Gardenesque"
-  - Jardim Clássico

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com este trabalho verifica-se que a Quinta Villar d' Allen possui uma assinalável diversidade de plantas vasculares. Foram identificados 219 *taxa* de plantas vasculares, distribuídos por 87 famílias e 167 géneros. Dos 219 *taxa* identificados, 6 são Pteridófitas, pertencentes a 6 famílias e a 6 géneros diferentes; 13 são Gimnospérmicas, pertencentes a 6 famílias e a 12 géneros diferentes; 200 são Angiospérmicas, distribuídos por 75 famílias e 149 géneros diferentes. Como seria de esperar, as Angiospérmicas são o grupo com maior diversidade florística. Segundo os dados apresentados no site *The Plant List*, as espécies pertencentes ao grupo superior das Pteridófitas estão distribuídas por 50 famílias e 587 géneros; as Gimnospérmicas por 12 famílias e 88 géneros; as Angiospérmicas por 416 famílias (APG IV, 2016) e 14559 géneros.

Alguns exemplares foram identificados até ao género, outros até à espécie, noutros, ainda, foi possível identificar a variedade hortícola.

A família taxonómica mais representada são as Rosaceae, das Angiospérmicas (Gráfico 1). Relativamente às regiões geográficas de origem dos exemplares verifica-se que predominam os provenientes da Ásia e os de origem hortícola, com 47 e 44 exemplares identificados, respectivamente (Gráfico 2).

Os *taxa* identificados foram caracterizados também quanto ao porte, verificando-se que 49 têm porte arbóreo, 75 arbustivo, 71 herbáceo e 24 porte trepador (Gráfico 3).

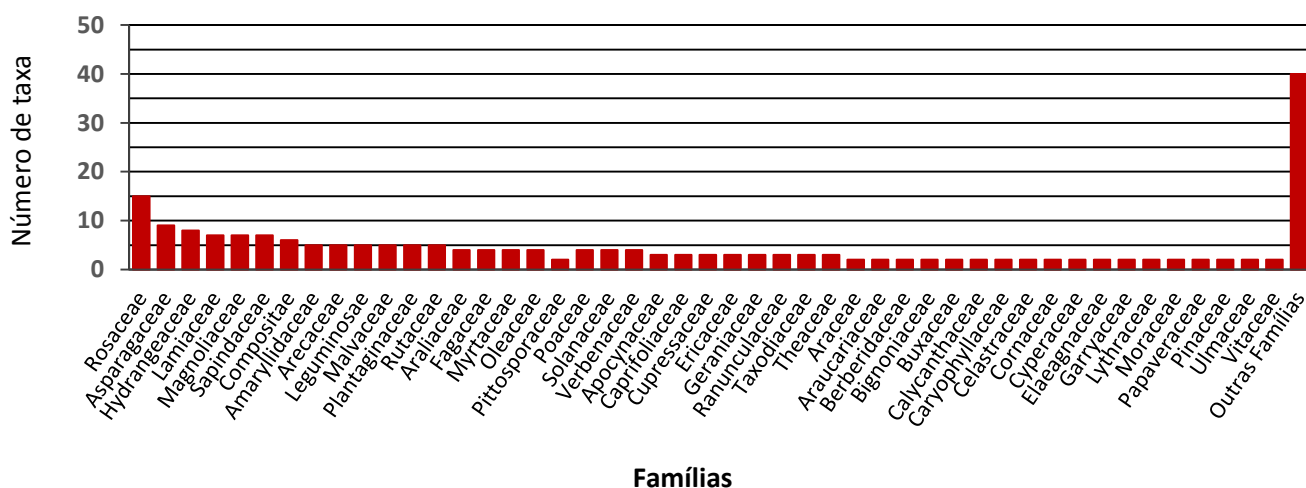


Gráfico 1 – Distribuição dos *taxa* pelas famílias. A barra final representa a soma de todas as famílias com um exemplar apenas

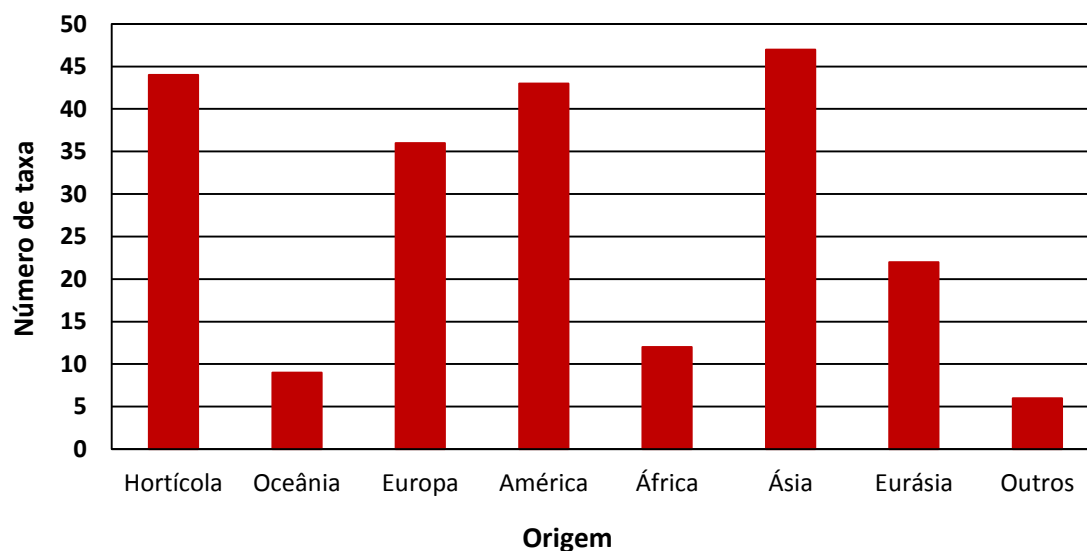


Gráfico 2 – Representação da distribuição dos *taxa* por área de distribuição nativa

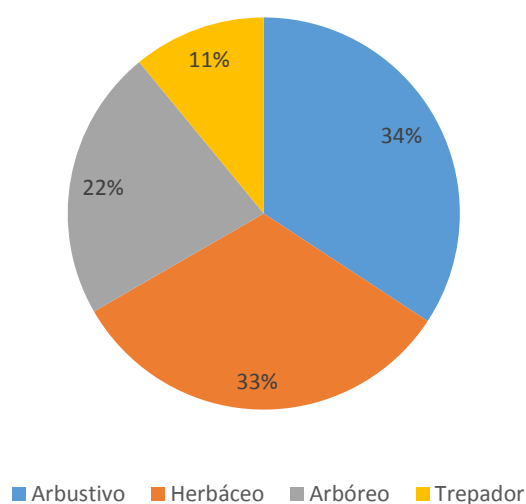


Gráfico 3 – Representação da distribuição dos *taxa* por porte

Villar d’ Allen surgiu como quinta de recreio numa época em que predominava o gosto pelas colecções e curiosidades botânicas, gosto este que se mantém nos dias de hoje, inscrito naquilo que os actuais proprietários orgulhosamente definem como o “espírito” de Villar d’ Allen e que se revela na enorme variedade de espécies ornamentais exóticas e de variedades hortícolas, reforçado pelo facto de a quinta funcionar, actualmente, como centro de venda de espécies ornamentais.

Toda a área correspondente à quinta foi enormemente alterada pelo Homem, não obstante nas áreas limítrofes da quinta, particularmente na zona da mata, essa intervenção ser um pouco menos evidente e predominarem as espécies espontâneas e subespontâneas.

Segundo fontes bibliográficas existia naquele espaço um antigo carvalhal:

“*Em 1839 João Allen iniciou as obras de beneficiação na Quinta da Arcaria em Campanhã (onde havia um frondoso bosque de carvalhos) e aí construiu uma mansão à imitação do solar dos seus antepassados no Reino Unido, rodeando-o de quintais e jardins, mais notáveis no entanto pelas graças da natureza envolvente.*” (Araújo, 1979)

Hoje podemos encontrar dispersas na mata e ao longo da extremidade sudeste da quinta, espécies que poderão ser reminiscências vestigiais das comunidades vegetais naturais em tempos aí existentes: *Acer pseudoplatanus* L., *Castanea sativa* Mill., *Corylus avellana* L., *Digitalis purpurea* L. subsp. *purpurea*, *Dioscorea communis* (L.) Caddick & Wilkin, *Ficaria verna* Huds., *Fraxinus* spp., *Lamium maculatum* L., *Laurus nobilis* L., *Linaria triornithophora* (L.) Cav., *Lonicera periclymenum* L., *Quercus robur* L., *Quercus suber* L., *Sambucus nigra* L., *Silene latifolia* Poir., *Ulmus minor* Mill. e *Ruscus aculeatus* L.. Estas são espécies que surgem associadas ao ecossistema do carvalhal ou à *Fagosilva*, uma comunidade vegetal primitiva.

Antes das grandes modificações climáticas do Pleistocénico, com vários ciclos glacial/interglacial, o território da Península Ibérica, com um clima subtropical e húmido, estava coberto por uma floresta de lenhosas perenifólias, que ficou conhecida por floresta *Laurisilva*, assim chamada por predominarem as espécies da família Lauraceae e da qual hoje ainda existem na nossa flora algumas relíquias, como o loureiro (*Laurus nobilis* L.), a adelfeira [*Rhododendron ponticum* L. subsp. *baeticum* (Boiss. & Reut.) Hand.-Mazz.] e *Woodwardia radicans* (L.) Sm. Com as glaciações desapareceu esta floresta, que foi, naturalmente, substituída por espécies mais adaptadas a climas temperados, dando origem à *Fagosilva*, floresta mista formada por espécies perenifólias (reliquias da *Laurisilva*) e caducifólias, onde dominam as espécies da família Fagaceae, como os carvalhos e os sobreiros (*Quercus* spp.), os castanheiros (*Castanea sativa* Mill.) e a faia (*Fagus sylvatica* L.). Outras espécies de lenhosas de folha caduca durante a estação fria são características da *Fagosilva*, como os bordos (*Acer* spp.), os amieiros (*Alnus* spp.), os vidoeiros (ou bidoeiros) (*Betula* spp.), os

choupos (*Populus* spp.), os salgueiros (*Salix* spp.), a aveleira (*Corylus avellana* L.), os freixos (*Fraxinus* spp.) e os ulmeiros (*Ulmus* spp.) (Aguiar & Pinto, 2007; Paiva, 2001).

1.1 Espécies com estatuto de protecção

Actualmente, cerca de 20% das espécies da flora mundial encontram-se vulneráveis ou criticamente ameaçadas, de acordo com os dados da IUCN (International Union for Conservation Nature). Vários factores em conjunto contribuem para esta realidade: destruição de habitats causada pelo desenvolvimento humano, poluição, espécies invasoras, eventos geológicos e mudança climática. Perante cenário tão desanimador é vital invocar e consciencializar para o papel que todos os jardins, inclusive os mais pequenos, têm na preservação do património natural.

Neste contexto, podem ser encontrados em Villar d' Allen alguns exemplares merecedores de atenção pois pertencem a espécies cujas populações naturais se encontram em decréscimo e que por isso constituem a categoria *Quase Ameaçados* segundo a *IUCN Red List*, categoria a que pertencem os taxa aos quais, apesar de não estarem em perigo actualmente, é provável que lhes venha a ser atribuída uma categoria de ameaça num futuro próximo. É o caso de *Aesculus hippocastanum* L., *Cryptomeria japonica* (Thunb. ex L.f.) D. Don, *Liriodendron chinense* (Hemsl.) Sarg., *Podocarpus* sp., *Sciadopitys verticillata* Siebold & Zucc.

Também se podem encontrar espécies da nossa flora autóctone que gozam de estatuto de protecção legal. É o caso de *Quercus suber* L. declarado *Espécie Protegida* no Decreto-lei nº 169/2001. No âmbito da Rede Natura 2000 encontramos *Ruscus aculeatus* L. legalmente protegido pela Directiva Habitats da EU (Directiva nº 92/43/CEE), pois encontra-se na categoria de “Espécies animais ou vegetais de interesse comunitário cuja captura ou colheita na natureza e exploração podem ser objecto de medidas de gestão” (Anexo V); e *Woodwardia radicans* (L.) Sm., uma relíquia da floresta *Laurisilva*, que está classificada como *Espécie Ameaçada* (ICNF, 2017), encontrando-se legalmente protegida na categoria de “Espécies animais e vegetais de interesse comunitário cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação”, presente no Anexo II da Directiva Habitats da UE (Directiva nº 92/43/CEE).

1.2 Espécies invasoras

Como em cima foi referido, a invasão dos habitats por espécies exóticas é um dos grandes problemas ecológicos do nosso tempo. É considerada uma das principais causas de perda de biodiversidade, comportando prejuízos económicos superiores a 12 mil milhões de euros por ano, com riscos para a saúde pública, infraestruturas e culturas agrícolas (Marchante et al., 2014).

A introdução de espécies vegetais exóticas numa região nem sempre acarreta consequências nefastas para a flora local, pois muitas destas espécies mantêm-se apenas nos locais onde foram cultivadas ou coexistem de forma equilibrada com as espécies nativas. A gravidade surge quando estas espécies introduzidas, de rápido crescimento, altamente competitivas e sem inimigos naturais, têm a capacidade de aumentar as suas populações sem a intervenção do Homem, usando os recursos necessários à sobrevivência da flora nativa, conduzindo assim à extinção das espécies vegetais e também, conseqüentemente, das espécies animais que delas dependem, directa ou indirectamente, ameaçando, desta forma, os ecossistemas nativos.

A presença de plantas exóticas em Portugal tem vindo a aumentar nos últimos séculos, principalmente a partir do século XVI com as viagens intercontinentais. Espécies exóticas foram introduzidas pelo seu valor económico, ornamental, ou procuradas para desempenhar funções concretas como a fixação de areias dunares, controlo de erosão, estabilização de áreas pantanosas. Muitas foram introduzidas de forma accidental (por exemplo, em sacos de sementes de espécies alimentares).

Um estudo de Almeida e Freitas (2000) admitia a existência de 500 taxa de plantas vasculares exóticas (incluindo espécies, subespécies e alguns híbridos), invasoras ou mais ou menos naturalizadas, que representavam cerca de 15% da flora total de Portugal continental. Em 2006 esse número chegou aos 564 taxa, o que corresponde a cerca de 17% da flora total (Almeida & Freitas, 2006). Em 2012 é estimado o número total de 667 taxa de vasculares exóticas mais ou menos naturalizadas, ou precisamente 17,9% da flora total (Almeida & Freitas, 2012).

No caso particular de jardins e parques, por natureza espaços desenhados com uma enorme diversidade de espécies de uso ornamental, em grande maioria exóticas, o risco de introdução de espécies com potencial invasor é maior. A presença de espécies invasoras nestes espaços pode comprometer as características estéticas idealizadas e exigir recursos acrescidos para manter estas espécies em níveis controlados.

Cerca de 62% dos *taxa* identificados em Villar d' Allen têm origem exótica; desse total 3,17% (7 no total de *taxa* identificados) são espécies consideradas invasoras em Portugal continental de acordo com o *Guia Prático para a identificação de Plantas Invasoras em Portugal* (Marchante et al., 2014): *Acacia dealbata* Link., *Acacia melanoxylon* R. Br., *Agave americana* L., *Erigeron karvinskianus* DC., *Eucalyptus globulus* Labill., *Phytolacca americana* L., *Tradescantia fluminensis* Vell. Refira-se também a presença de espécies que, sendo casuais ou naturalizadas, revelam algum potencial invasor, pois, ou são espécies invasoras noutras locais ou apresentam comportamento invasor pontual em Portugal, apesar de terem uma distribuição muito limitada: *Acanthus mollis* L., *Acer negundo* L., *Allium triquetrum* L., *Amaryllis belladonna* L., *Cercis siliquastrum* L., *Delairea odorata* Lem., *Gunnera tinctoria* (Molina) Mirb., *Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser., *Lantana camara* L., *Oxalis purpurea* L., *Persicaria capitata* (Buch. Ham. ex D. Don) H. Gross., *Pittosporum tobira* W.T. Aiton, *Selaginella kraussiana* (Kunze) A. Braun (Almeida J. D., 2002). Em Villar d' Allen verifica-se que o pior caso de invasão é causado por *Tradescantia fluminensis* Vell, que reveste praticamente todo o solo da mata; a quantidade de *Acacia dealbata* Link., *Acacia melanoxylon* R. Br., *Eucalyptus globulus* Labill. e *Phytolacca americana* L. tem aumentado descontroladamente, sobretudo no limite oriental da mata onde, há uns anos atrás, decorreu um incêndio.

1.3 Plantas com uso medicinal

É do conhecimento geral que as plantas são um recurso valioso para o Homem. Elas não só têm um valor intrínseco, que se prende com as funções básicas de sobrevivência dos ecossistemas, com funções culturais e até psicológicas; como têm um valor económico e utilitário associado pois fornecem-nos alimentos, medicamentos, abrigo e matérias-primas várias como madeira, fibras, óleos, resinas, etc.

Considera-se planta medicinal aquela que é constituída por um ou vários princípios activos resultantes do metabolismo secundário da planta, presentes em complexos biológicos activos juntamente com outras substâncias com as quais estabelecem acções sinérgicas, que lhe conferem propriedades terapêuticas. Muitos desses compostos podem provocar no organismo vivo diversas reacções, dependendo da

concentração dos vários compostos presentes e das doses administradas, a acção farmacológica pode ser benéfica ou prejudicial (Borges, 2007).

As plantas medicinais são um importante recurso terapêutico desde tempos pré-históricos até aos dias de hoje. Segundo dados da OMS, cerca de 80% da população mundial ainda depende da medicina tradicional para atender às necessidades primárias de saúde, a qual envolve o uso de plantas medicinais, dos seus extratos ou princípios activos (IUCN, 1993).

Quando se fala em conservação e uso sustentável das plantas medicinais é importante não esquecer, a par da questão da fitodiversidade, a diversidade cultural a elas associadas e que tem um papel fundamental, pois é do uso tradicional das plantas medicinais por diversas populações oriundas de todo o mundo, uma prática ancestral fundamentada num conhecimento empírico adquirido e transmitido oralmente ao longo do tempo, que resultam hoje inúmeros medicamentos utilizados na medicina ocidental.

No jardim de Villar d' Allen encontrou-se 49 taxa de plantas com propriedades medicinais: *Acacia dealbata* Link., *Acacia melanoxylon* R. Br., *Acer pseudoplatanus* L., *Achillea millefolium* L. 'Cerise Queen', *Adiantum capillus-veneris* L., *Aesculus hippocastanum* L., *Ajuga reptans* L. 'Atropurpurea', *Bellis perennis* L., *Berberis aquifolium* Pursh, *Brunfelsia pauciflora* (Cham. & Schltld.) Benth., *Buxus sempervirens* L., *Camellia japonica* L., *Camellia sinensis* (L.) Kuntze, *Cercis siliquastrum* L., *Chamaerops humilis* L., *Chelidonium majus* L., *Citrus limon* (L.) Burm. f., *Clivia miniata* (Lindl.) Bosse, *Convallaria majalis* L., *Corylus avellana* L., *Crataegus monogyna* Jacq., *Cymbalaria muralis* G. Gaertn., B. Mey. & Scherb., *Digitalis purpurea* L. subsp. *purpurea*, *Dioscorea communis* (L.) Caddick & Wilkin, *Eucalyptus globulus* Labill., *Ficaria verna* Huds., *Ficus carica* L., *Fragaria vesca* L., *Fuchsia magellanica* Lam., *Geranium robertianum* L., *Ginkgo biloba* L., *Hedera* sp., *Houttuynia cordata* Thunb., *Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser., *Laurus nobilis* L., *Lonicera periclymenum* L., *Melaleuca armillaris* (Sol. ex Gaertn.) Sm., *Melia azedarach* L., *Parietaria judaica* L., *Phytolacca americana* L., *Plantago lanceolata* L., *Rubus idaeus* L., *Rubus ulmifolius* Schott, *Ruscus aculeatus* L., *Sambucus nigra* L., *Solanum americanum* Mill., *Ulmus minor* Mill., *Umbilicus rupestris* (Salisb.) Dandy, *Vinca major* L.. Destas 49 espécies identificadas com propriedades terapêuticas 16 apresentam propriedades adstringentes, têm efeito cicatrizante e antisséptico; 13 possuem propriedades anti-inflamatórias; 9 são anti-microbianas; 11 têm efeitos diuréticos; 8 são

benéficas para sistema respiratório; 15 são benéficas para o sistema circulatório; 7 apresentam algum tipo de benefício para o sistema digestivo; 2 são estimulantes do sistema nervoso central; 4 têm efeitos psicotrópicos; 1 é utilizada no tratamento da psoríase; 1 tem efeito abortivo; 1 é antiescorbútica; 1 é usada no tratamento sífilis; 1 é benéfica para o sistema urinário; 7 são utilizadas em tratamentos capilares e 3 têm efeitos neuroprotectores.

1.4 As plantas em manifestações artísticas

As plantas são desde há muito tempo importantes motores de criação, inspirando as mais variadas manifestações artísticas, mas só depois que o Homem começou a praticar a agricultura, deixando de ser exclusivamente caçador, recolector e pastor. A pouca importância que os homens do Paleolítico deram às plantas é evidente, perante a ausência quase total de representações de matéria vegetal nas numerosas pinturas rupestres que deixaram. É em épocas posteriores, com o advento da agricultura, que se estabelece uma relação mais directa e muito importante com as plantas, surgindo representações mais frequentes de vegetais, sob a forma de gravuras murais, esculturas, etc., contudo, as representações são pouco rigorosas e as plantas são pouco reconhecíveis. Ao início apenas surgiam como acessórios de figuração de pessoas e das suas actividades ou, apenas partes da planta eram utilizadas como motivos decorativos. Foi a necessidade de identificar as plantas usadas pelas suas propriedades medicinais, no primeiro século da era cristã, que levou a uma representação mais cuidada das espécies, com um nível de rigor científico e artístico sem precedentes (Fernandes, 1987).

É muito mais tarde, a partir do século XIV, que ocorre com o Renascimento uma reaproximação ao mundo natural e as referências botânicas passam a ser profusamente utilizadas; aparecem agora em quadros e tapeçarias, por vezes ainda pouco reconhecíveis; ou nas cercaduras de páginas de livros, em miniatura, cuidadosamente desenhadas e coloridas. A partir do século XVI, com a descoberta de novas regiões, são introduzidas na Europa inúmeras espécies exóticas, ornamentais e utilitárias, conseqüentemente aumenta o gosto e o interesse pela Botânica e o número de obras sobre plantas com elevado nível artístico (Fernandes, 1987).

As plantas ou pelo menos algumas das suas partes têm sido utilizadas como tema principal, ou mais ou menos secundário, na ilustração, na pintura, na escultura, em arquitectura, como elemento decorativo em moedas, selos, têxteis, tapeçarias, rendas, bordados, marcenaria, cerâmica, vidraria, ourivesaria, heráldica, etc. As plantas são referidas também na literatura, prosa e poesia, desde tempos muito atrás. A Bíblia (Antigo e Novo Testamento), por exemplo, é rica na menção de plantas, por vezes, com inúmeros anacronismos botânicos. Também a poesia popular portuguesa, isto é, aquela que emana do povo espontaneamente, na forma de quadras populares, que passando de boca em boca permanecem através de gerações, é também rica em referências botânicas (Fernandes, 1987).

Em Villar d' Allen encontram-se várias espécies que ao longo dos tempos serviram de motivo ornamental, tema ou inspiração a várias manifestações artísticas. Tal é o caso do acanto (*Acanthus mollis* L.) e da palmeira (provavelmente *Chamaerops humilis* L.) cujas folhas estilizadas foram utilizadas como motivos ornamentais, respectivamente, dos capitéis coríntios gregos e romanos e, nas palmetas na Grécia, perdurando até aos nossos dias, em arquitectura, mobiliário, ourivesaria, etc.; ou da figueira (*Ficus carica* L.), da hera (*Hedera spp.*) e dos carvalhos (*Quercus spp.*) que figuram em moedas muito antigas, originárias da Grécia, Itália e da Ásia Menor.

Encontram-se também espécies que são utilizadas como símbolos na heráldica de famílias portuguesas, segundo Rosette Batarda Fernandes em *A Botânica na heráldica de famílias portuguesas* (Fernandes, 1991): o sobreiro (*Quercus suber* L.) presente no escudo do apelido Carvoeiro; o carvalho-roble (*Quercus robur* L.), referente aos apelidos Carvalhal, Carvalho, Reboledo, Reboredo, Robles; o cipreste (*Cupressus sempervirens* L.), representado no apelido Caldas; o espinheiro (*Crataegus spp.*), referentes aos apelidos Espínola e Espinhosa; a figueira (*Ficus carica* L.), referente aos apelidos Figueira, Figueiredo, Figueiroa e, surpreendentemente, Lourea e Loureiro; o limoeiro (*Citrus limon* (L.) Osbeck) representado no escudo do apelido Delgado; o loureiro (*Laurus nobilis* L.) que representa os apelidos Guterres e Landerset; e as silvas (*Rubus spp.*) presentes nos escudos dos apelidos Alvarães, Silva e Silveira.

Existem também algumas espécies frequentemente referidas nas quadras de poesia popular portuguesa, segundo Rosette Batarda Fernandes em *A Botânica na popular portuguesa* (Fernandes, 1987) como é o caso: da aveleira (*Corylus avellana* L.), da baganha (*Dioscorea communis* (L.) Caddick & Wilkin); da beladona-bastarda (*Amoryllis belladonna* L.); da cameleira (*Camellia japonica* L.), geralmente designada na

poesia popular como flor-do-Japão; da cana-da-índia (*Canna indica* L.); do cipreste (*Cupressus sempervirens* L.); do eucalipto (*Eucalyptus globulus* Labill.); da figueira (*Ficus carica* L.); das silvas (*Rubus* spp.); das violetas (*Viola* spp.) e dos carvalhos (*Quercus* spp.).

CONCLUSÃO

Com este estudo é possível concluir que a Quinta Villar d' Allen é um espaço com uma elevada riqueza florística, não só pela diversidade taxonómica, mas também relativamente à origem geográfica e nas múltiplas aplicações. No conjunto dos *taxa* identificados listaram-se alguns que normalmente surgem associados à nossa floresta nativa, o carvalhal; outros são exóticos, alguns com comportamento invasor. São maioritariamente *taxa* cultivados pelo seu carácter ornamental, mas que noutros contextos, servem o Homem em diversas utilizações: alimentar, madeira, matérias-primas variadas e medicinal; outros serviram ao longo dos tempos de inspiração a diversas manifestações artísticas, nomeadamente, literatura, arquitectura, pintura, heráldica, etc. Entre os *taxa* identificados encontram-se também os que usufruem de estatuto de protecção, quer porque as suas populações naturais se encontram em decréscimo, quer por estarem associadas a comunidades vegetais em extinção ou sujeitas a medidas de gestão.

Pela sua história, características paisagísticas, património artístico e natural, Villar d' Allen constitui-se como um documento cultural e histórico fundamental na preservação da memória cultural e da identidade colectiva da cidade do Porto.

O levantamento florístico realizado não está fechado, tendo ficado muitas espécies ainda por identificar. Para além disso, a quinta é um espaço dinâmico, no qual novas espécies e variedades são frequentemente cultivadas enquanto outras desaparecem.

Sendo a vontade demonstrada pelos proprietários abrir a quinta a um público mais abrangente, a diversidade florística existente é uma mais-valia e seria interessante a criação de percursos temáticos subordinados à Conservação e Biodiversidade, promovendo assim a fitodiversidade em contexto urbano. Nesse âmbito, as fichas descritivas constituem um material de divulgação que poderá ser útil nessa promoção.

Relativamente às fichas descritivas, estas podem ser melhoradas. Pode ser acrescentada informação sobre o exemplar propriamente dito, como por exemplo, data de cultivo, altura e diâmetro do tronco, onde foi adquirido ou por quem foi oferecido (poderá ter interesse nos exemplares mais antigos e tendo em conta o carácter de colecção do acervo florístico). O registo fotográfico também merece ser melhorado.

Actualmente está em curso a reflorestação da mata com espécies de árvores e arbustos autóctones e o extermínio de espécies invasoras pelo “FUTURO- Projecto das 100.000 árvores na Área Metropolitana do Porto”. Paralelamente, a ideia dos proprietários da quinta é investir na requalificação da mata, redefinição dos arruamentos

e plantação de mais espécies exóticas e de camélias, mantendo assim o espírito coleccionador dos antepassados.

Por último, seria interessante que Villar d' Allen continuasse a ser objecto de outros estudos. Nomeadamente, a extensa colecção das camélias e as espécies cultivadas pelos primeiros proprietários seriam temas de elevada pertinência histórica e científica.

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, C., & Pinto, B. (2007). Paleo-história e história antiga das florestas de Portugal continental- até à Idade Média. Em J. S. Silva, *Árvores e florestas de Portugal: Floresta e Sociedade, uma história em comum, Vol. 7* (pp. 15-49). Lisboa: Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- Allen, A. A. (1959). *Apontamentos sobre a família de João Allen (incluindo correspondência e algumas notas sobre a Guerra Peninsular)*. Porto: Separata do "Boletim Cultural" da Câmara Municipal do Porto.
- Almeida, J. D. (2002). *Flora exótica subespontânea de Portugal continental (Plantas vasculares)*. (3ª Ed). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Almeida, J. D., & Freitas, H. (2006). Exotic naturalized flora of continental Portugal - A reassessment. *Botanica Complutensis*, 30, 117-130.
- Almeida, J. D., & Freitas, H. (2012). Exotic flora of continental Portugal - a new assessment. *Bocconeia*, 24, 231-237.
- Andresen, T., & Portela, M. T. (2001). *Jardins históricos do Porto*. Lisboa: Edições Inapa.
- Angiosperm Phylogeny Group (2016). An update of the angiosperm phylogeny group classification for the order and families of flowering plants. *Botanical Journal of the Linnean Society*. 1-20
- Antunes, M. M. (1996). *Jardins do Porto de Oitocentos: Percursos, Tipologias e Persistências*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Araújo, I. (1979). Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto. *Revista de História*, 2, 375-388.
- Bailey, L. H. (1958). *Manual of cultivated plants*. Nova Iorque: The Macmillan Company.
- Borges, A. E. (2007). Plantas medicinais, a riqueza inexplorada das florestas. Em J. S. Silva, *Árvores e Florestas de Portugal: Floresta e sociedade, uma história em comum. Vol.7* (pp. 245-267). Lisboa: Público/ Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.
- Caixinhas, M. L. (1994). *Flora da Estufa Fria de Lisboa*. Lisboa: Editorial Verbo.

- Campos, M. G., & Proença da Cunha, A. (2001). *Efeitos Tóxicos no Homem e em Animais Domésticos provocados por Plantas Espontâneas de Portugal*. Lisboa: Publicações Farmácia Portuguesa.
- Carapinha, A. d. (1995). *Da Essência do Jardim Português*. Évora: Universidade de Évora.
- Cruz, M. A. (2003). Facetas do quotidiano burguês no Portugal de oitocentos. *Revista da Faculdade de Letras: História*, 4, 265-273.
- Eckenwalder, J. E. (2009). *Conifers of the world: the complete reference*. London: Timber Press.
- Fernandes, F. M., & Carvalho, M. L. (2003). *Portugal botânico de A a Z: plantas portuguesas e exóticas*. Lisboa: Lidel.
- Fernandes, R. B. (1972). *Vocabulário de termos Botânicos*. Coimbra: Anuário da Sociedade Broteriana.
- Fernandes, R. B. (1987). *A Botânica na Poesia Popular Portuguesa, I e II*. Coimbra: Anuário da Sociedade Broteriana
- Fernandes, R. B. (1991). *A Botânica na Heráldica de famílias portuguesas, I e II*. Coimbra: Anuário da Sociedade Broteriana
- Ferreira, N., & Rocha, M. J. (2013). Etapas de Consolidação da Paisagem Urbana do Porto Contemporâneo: Da programação dos Almadas ao plano de 1952. *Cultura, Espaço & Memória*, 4, 191-205.
- Franco, J. A. (1971). *Nova Flora de Portugal, Vol. I*. Lisboa: Edição do Autor.
- Franco, J. A. (1984). *Nova Flora de Portugal, Vol. II*. Lisboa: Edição do Autor.
- Franco, J. A., & Afonso, M. R. (1994). *Nova Flora de Portugal, Vol. III (I)*. Lisboa: Escolar Editora.
- Franco, J. A., & Afonso, M. R. (1998). *Nova Flora de Portugal, Vol. III (II)*. Lisboa: Escolar Editora.
- Franco, J. A., & Afonso, M. R. (2003). *Nova Flora de Portugal, Vol. III (III)*. Lisboa: Escolar Editora.

- González, G. A. (2007). *Guía de los árboles y arbustos de la Península Ibérica y Baleares (Especies silvestres y las cultivadas más comunes)*. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa.
- Gonzalez, G. L. (1982). *La guia de incafo de los arboles y arbustos de la Península Ibérica*. Madrid: Incafo.
- Graça, M. A. (2004). *Construções de Elite no Porto (1805-1906), Vol. I*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto .
- International Union for Conservation of Nature and Natural Resources . (1993). *Guidelines on the conservation of medicinal plants*. Suíça: Gland.
- Huxley, A., Griffiths, M., & Levy, M. (1999). *The New Royal Horticultural Society Dictionary of Gardening, Vol. 1*. London: Macmillan Reference.
- Huxley, A., Griffiths, M., & Levy, M. (1999). *The New Royal Horticultural Society Dictionary of Gardening, Vol. 2*. London: Macmillan Reference.
- Huxley, A., Griffiths, M., & Levy, M. (1999). *The New Royal Horticultural Society Dictionary of Gardening, Vol. 3*. London: Macmillan Reference.
- Huxley, A., Griffiths, M., & Levy, M. (1999). *The New Royal Horticultural Society Dictionary of Gardening, Vol. 4*. London: Macmillan Reference.
- ICNF. (2017). *Instituto de Conservação da Natureza e Florestas*. Disponível em: <http://www.icnf.pt>
- Krüssmann, G. (1995). *Manual of cultivated conifers*. Portland: Timber Press.
- Mabberley, D. (2008). *Mabberley's Plant-Book: A portable dictionary of plants, their classification and uses*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Madureira, H. (2002). Processos de transformação da estrutura verde do Porto. *Geografia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 17/18, 137-218.
- Madureira, H., & Pimenta, J. R. (2012). Natureza e cultura no Porto do século XIX. *Revista Convergência Crítica*, 1 (2), pp. 73-89.

- Marchante, H., Morais, M., Freitas, H., & Marchante, E. (2014). *Guia Prático para a Identificação de Plantas Invasoras em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Mota, N. (2010). *A Arquitectura do Quotidiano: público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*. Coimbra: Editorial do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Nelson, L. S., Shih, R. D., & Balick, M. J. (2007). *Handbook of Poisonous and Injurious Plants*. Nova Iorque: Springer.
- Núñez, D. R., & Obón de Castro, C. (1991). *La Guía de Incafo de las Plantas Útiles y Venenosas de la Península Ibérica y Baleares (excluidas medicinales)*. Madrid: Incafo, S.A.
- Paiva, J. A. (2001). *A crise ambiental, apocalipse ou advento de uma nova idade: Vol. II*. Conímbriga: Liga de Amigos de Conímbriga.
- Parodi, L. R. (1959). *Enciclopedia Argentina de Agricultura y Jardineria. Vol. I e II*. Buenos Aires: Editorial ACME
- Proença da Cunha, A., Pereira da Silva, A., & Roque, O. R. (2012). *Plantas e Produtos Vegetais em Fitoterapia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rehder, A. (1956). *Manual of cultivated trees and shrubs- Hardy in North America*. Nova Iorque: The Macmillan Company.
- Rico, E., Crespo, M.B., Quintanar, A., Herrero, A. & Aedo, C. (1986-2013). *Flora Ibérica: Plantas Vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares*. (Vols. I-XX). CSIC, Real Jardín Botánico, Madrid.
- Rocha, F. (1996). *Nomes vulgares de plantas existentes em Portugal*. Lisboa: Direcção-Geral de protecção das culturas.
- Rosa, M. E. (2013). *As Árvores Ornamentais Introduzidas nos Jardins de Lisboa: uma perspectiva histórica (séc. XVIII-XIX)*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa.

- Santos, P. M. (2005). *Um colecionador do Porto romântico. João Allen (1781-1848)*. Lisboa: Edição de autor.
- Silva, T. C. (2012). A alteração do espaço e quotidiano citadino: o operariado do Porto oitocentista. *Babilónia*, 12, 23-36.
- Tavares, A. C., Zuzarte, M. R., & Salgueiro, L. R. (2009). *Plantas Aromáticas e Mediciniais- Escola Médica do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Tierra, H. S. (1990). *Guía de Helechos de la Península Ibérica y Baleares*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Walters, S.M., Brady A., Brickell, C.D., Cullen, J., Green P.S., Lewis, J., Matthews, V.A., Webb, D.A., Yeo, P.F., Alexander, J.C.M. (1986-1989). *The European garden flora (Vols I-III)*. Cambridge: Cambridge University Press.
- William, A.R., Thomson, D.M. (1994). *Guía Práctica Ilustrada de Las Plantas Medicinales*. Barcelona: Blume.
- Wink, M., & Wyk, B.-E. (2008). *Mind-Altering and Poisonous Plants of the World*. Portland: Timber Press.

Bibliografia digital consultada:

- Flora-On: Flora de Portugal Interactiva. (2014). Sociedade Portuguesa de Botânica. www.flora-on.pt. Consultas efectuadas entre Novembro de 2015 e Dezembro de 2016.
- The Plant List* (2013). Versão 1.1. Publicado na Internet; <http://www.theplantlist.org/> (acedido entre Novembro de 2015 e Dezembro de 2016).
- Jardim Botânico da UTAD: Flora Digital de Portugal (2012). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. <http://jb.utad.pt>. Acedido entre Novembro de 2015 e Dezembro de 2016.

Patrícia Miguel Hilário de Mendonça

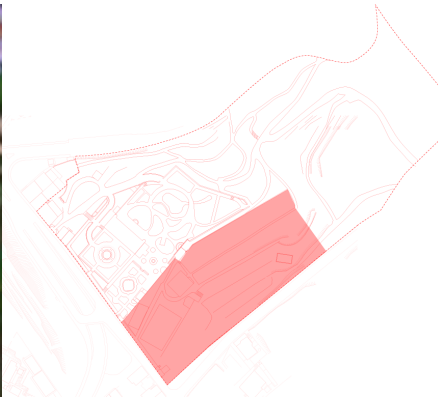
Contributo para o conhecimento e valorização da
Quinta Villar D'Allen

ANEXO

**Inventário das plantas vasculares
identificadas**

Tese de Mestrado em Biodiversidade e Biotecnologia Vegetal

Janeiro 2017



Abelia 'Edward Goucher'

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Caprifoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Abélia

Características gerais

Arbusto semi-caducifólio, muito ramificado; ramos arqueados, difusos; raminhos pubescentes, avermelhados a princípio. Folhas opostas ou em verticilos de 3 nos ramos novos, ovadas, agudas, inteiras ou esparsamente serradas, ciliadas. Flores rosa-púrpureas, dispostas em cimeiras terminais nos raminhos laterais; 2 sépalas persistentes, oblongas, vermelho-acastanhadas; corola infundibuliforme, gibosa, 5-lobada, garganta pubescente e com máculas laranja. Aquênios monospermicos, coriáceos, coroados pelo cálice persistente.

Área de distribuição nativa

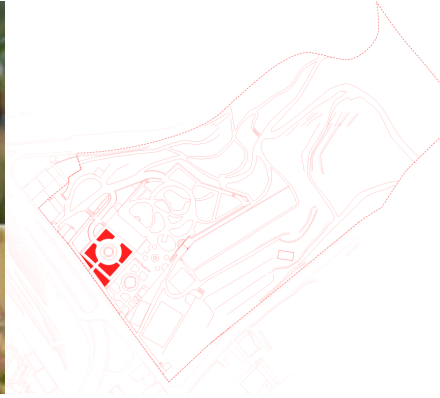
Hortícola.

Uso e observações

O nome do género é dedicado à memória Clarke Abel (1780-1826), médico e naturalista que descobriu a espécie *A. chinensis* enquanto acompanhava Lord Amherst numa viagem à China (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Híbrido resultante do cruzamento entre *A. x grandiflora* e *A. schumannii*, esta última proveniente da China.

Ornamental.



***Abelia x grandiflora* (Ravelli ex André) Rehder**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Caprifoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Abélia

Características gerais

Arbusto semi-caducifólio, muito ramificado; ramos arqueados, raminhos avermelhados, esparsamente pubescentes. Folhas opostas, curtamente pecioladas, ovadas ou ovado-lanceoladas, agudas, superficialmente serradas ou inteiras, glabras, de um verde-escuro lustroso na página superior, verde-pálido na página inferior. Flores brancas, dispostas em cimeiras terminais nos ramos laterais; cálice persistente com 2-5 sépalas, oblongas, divergentes, ou por vezes com algumas das sépalas parcialmente unidas, de côr rosada ou purpúrea; corola infundibuliforme, pentalobada, com cerca de 2 cm de diâmetro, lóbulos mais curtos do que o tubo, arredondados, livres, fauce pubescente. Aquênios monospermicos, coriáceos.

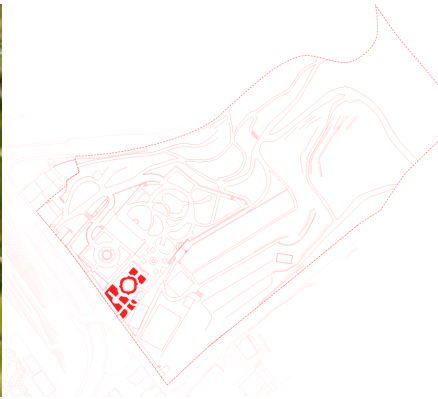
Área de distribuição nativa

Hortícola. Os progenitores procedem da China.

Uso e observações

É um híbrido entre as espécies naturais *A. chinensis* e *A. uniflora*.

Ornamental.



***Abutilon megapotamicum* (A. Spreng.) St. Hil. & Naudin ‘Variegatum’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Malvaceae

Nome(s) vernacular(es): Campainhas; Campainhas-da-madeira; Farolito-do-Japão; Lanterna-chinesa; Malva-indiana

Características gerais

Arbusto perenifólio. Folhas alternas, pecioladas, glabras, cordado-lanceoladas, às vezes levemente trilobadas, grosseiramente crenado-serradas, acuminadas, manchadas de amarelo. Flores tubuloso-campanuladas, solitárias, axilares e pêndulas, cálice vermelho anguloso e corola amarela, coluna estaminal emergente. Esquizocarpos com mericarpos polispérmicos.

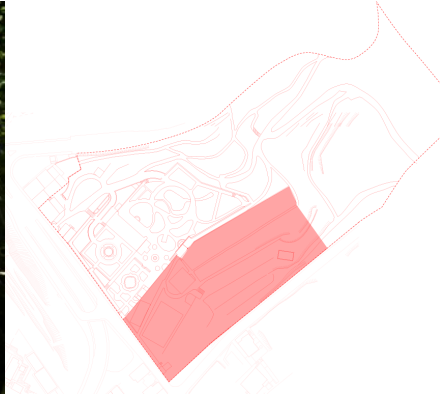
Área de distribuição nativa

América do sul: Brasil, Argentina, Uruguai.

Uso e observações

Ornamental.

O epíteto específico “*megapotamicum*” significa “rio grande”.



***Abutilon pictum* (Gillies ex Hook.) Walp. ‘Aureo-maculatum’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Malvaceae

Nome(s) vernacular(es): Farolito-do-Japão

Características gerais

Arbusto perenifólio, muito ramificado. Folhas pubescentes, margens serradas, 3-5 lobuladas, lóbulos acuminados, densamente manchada de amarelo. Flores solitárias, axilares, com pedicelos compridos e pêndulas, cálice pubescente profundamente fendido, corola campanulada, pétalas de cor alaranjada percorridas por nervuras purpúreas, largamente unguiculadas, coluna estaminal excedendo a corola. Esquizocarpos com mericarpos polispérmicos.

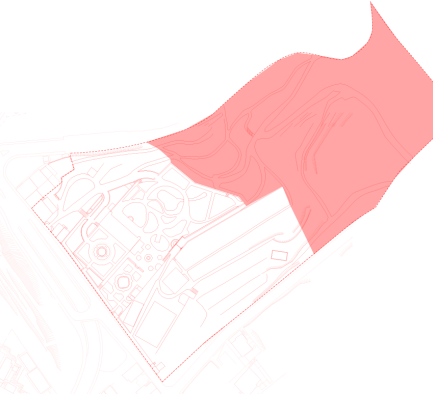
Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie tipo é nativa da América do Sul: Sul do Brasil, Uruguai e Argentina.

Uso e observações

Ornamental.

Existem inúmeros cultivares desta espécie. Em Villar d’ Allen trata-se provavelmente do cultivar ‘Aureo-maculatum’.



***Acacia dealbata* Link.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Leguminosae

Nome(s) vernacular(es): Acácia-dealbada; Acácia-dealbata; Acácia-mimosa; Acácia-praga; Mimosa

Características gerais

Árvore que pode alcançar 30 metros de altura no habitat de origem, perenifólia, inerme. Ramos, raminhos e folhagem com indumento branco-prateado a amarelado. Folhas verde-acinzentadas bipinadas, com 10-26 pares de pínulas, que, por sua vez, podem ter 20-50 pares de folíolos, a ráquis central apresenta glândulas apenas na zona de inserção das pínulas. Capítulos globosos de amarelo-vivo, agrupados em rácimos ou panículas terminais ou axilares. Vagens comprimidas, mais ou menos contraídas entre as sementes, pruinosas. Sementes pretas com funículo curto, esbranquiçado.

Área de distribuição nativa e habitat

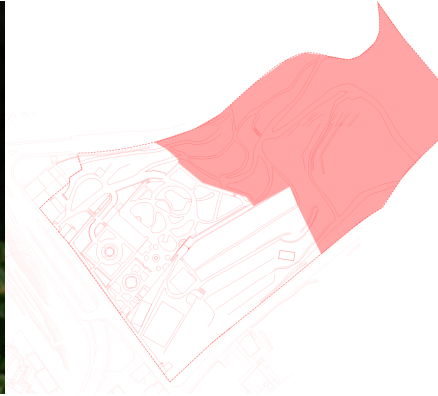
Sudeste da Austrália e Tasmânia. Está naturalizada na região mediterrânica. Grande amplitude ecológica. Ocorre em orlas de povoamentos florestais, pinhais, matagais, dunas, margens de cursos de água e das vias de comunicação, vertentes com elevada exposição. Coloniza muito eficazmente áreas perturbadas por incêndios. Considerada uma das piores espécies invasoras em Portugal.

Usos e observações

O nome do género tem origem na palavra grega *akakía*, que deriva por sua vez da raiz indo-germânica *ak-*, afiado, pontiagudo, aludindo à presença de espinhos que muitas espécies deste género possuem (González, 2007).

O epíteto específico resulta do latim *dealbatus*, coberto de pó branco, referindo-se à camada pruinosa reveste as folhas (González, 2007).

Foi introduzida nas regiões quentes da Europa como ornamental, para utilização da madeira e fixação de solos. Rica em taninos tem propriedades adstringentes, o que lhe confere algum uso medicinal; é utilizada na indústria dos curtumes.



***Acacia melanoxyloides* R. Br.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Leguminosae

Nome(s) vernacular(es): Acácia-da-Austrália; Acácia-das-cabras; Austrália; Pão-das-cabras; Pau-para-toda-a-obra

Características gerais

Árvore que pode atingir 40 metros de altura em habitat natural, perenifólia, inerme. Folhas jovens apresentam dimorfismo, umas são compostas bipinadas e outras estão reduzidas a filódios. As folhas adultas estão reduzidas a filódios laminares, ligeiramente falciformes, com 3-5 nervuras longitudinais. Capítulos globosos em ráculos axilares, de cor amarelo-pálido. Vagens castanho-avermelhadas, comprimidas, contorcidas. Sementes pretas completamente rodeadas por funículo alaranjado.

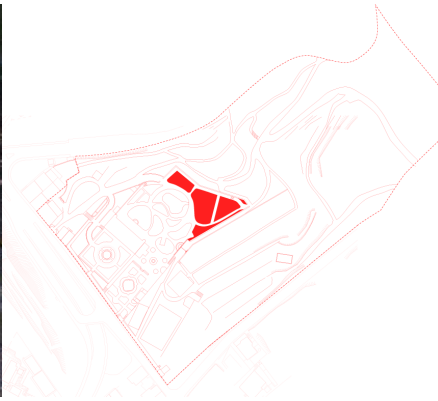
Área de distribuição nativa e habitat

Sudeste da Austrália e Tasmânia. Encontra-se naturalizada no sudoeste da Europa.

Usos e observações

O nome do epíteto específico deriva dos vocábulos gregos *melanos*, negro e *xylos*, madeira.

Ocorre em orlas de povoamentos florestais, bosques ripícolas e margens de vias de comunicação. Tornou-se invasora, principalmente após incêndio, formando povoamentos muito densos. Prefere terrenos graníticos, evitando os calcários. Foi introduzida em Portugal para fins ornamentais, repovoamento de zonas áridas, fixação de dunas e obtenção de taninos.



***Acanthus mollis* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Acanthaceae

Nome(s) vernacular(es): Acanto; Acanto-manso; Branca-ursina; Erva-gigante; Gigante; Pé-de-urso

Características gerais

Herbácea vivaz. Folhas basais, com pecíolo longo e limbo irregularmente penatífido, as folhas superiores são menores, dentadas e sésseis. Flores brancas com nervuras violáceas, reunidas em espigas que podem atingir 2 metros, protegidas por brácteas dentado-espinhosas, púrpuras no ápice e mais claras na base. Cápsulas com 4 sementes, ovóides.

Área de distribuição nativa

Centro e este da região Mediterrânica.

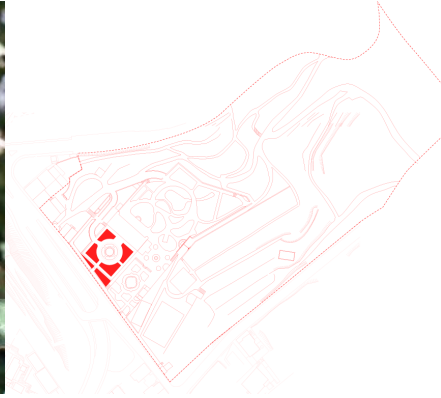
Usos e observações

O nome do género deriva do grego *ákantha*, espinho, referindo-se às brácteas dentado-espinhosas da inflorescência.

Introduzido como ornamental.

Está incluído na categoria dos arqueófitos, sendo citado pelas Floras portuguesas como espécie espontânea. Ocorre em locais sombrios e húmidos, sobre solos nitrificados, em orlas de bosques e de vegetação ripícola.

As folhas do acanto serviram de modelo para as folhas estilizadas que adornam os capitéis coríntios na arte e arquitectura grega e romana.



***Acca sellowiana* (O. Berg) Burret**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Myrtaceae

Nome(s) vernacular(es): Goiabeira-do-campo; Goiabeira-serrana; Feijoa

Características gerais

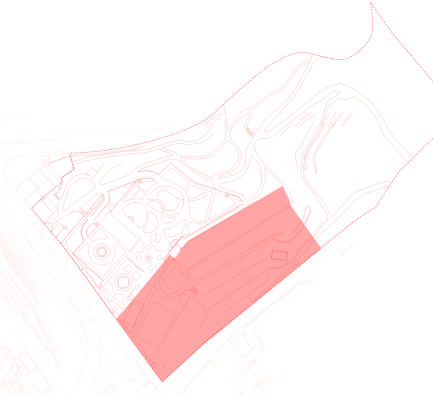
Arbusto ou pequena árvore perenifólia. Folhas opostas, inteiras, coriáceas, ovado-oblongas a elípticas, obtusas ou agudas; página superior verde-escura; página inferior branco-tomentosa. Flores solitárias, axilares, longamente pediceladas; 4 pétalas carnudas, branco-tomentosas exteriormente, escarlate no interior; estames amarelos numerosos, dispostos em várias séries, exsertos; estiletos vermelho-escuros; cálice tomentoso com receptáculo alongado, tetralobulado. Pseudodrupa oblonga ou esférica de cor verde, por vezes tingida de vermelho, coroada no ápice pelos lóbulos persistentes do cálice.

Área de distribuição nativa

América do sul, do sul do Brasil até ao norte da Argentina.

Usos e observações

Cultivada em regiões de clima temperado-subtropical pelos frutos comestíveis. Em regiões mais frescas é principalmente cultivada como ornamental, apreciada pela folhagem e pelas flores.



***Acer negundo* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Sapindaceae

Nome(s) vernacular(es): Ácer-negundo; Bordo-negundo

Características gerais

Árvore caducifólia que pode atingir os 20 metros. Raminhos verdes, com os nós bem marcados, glabros. Folhas opostas, imparipinadas; 3-5 (-9) folíolos, ovados ou oblongo-lanceolados, grosseiramente serrados, acuminados, com o folíolo terminal por vezes trilobado, de um verde mais claro na página inferior, esparsamente pubescentes. Flores dióicas, apétalas, amarelo-esverdeadas, em cachos pendentes; aparecem antes das folhas. Dissâmamas divergem entre si em ângulo agudo.

Área de distribuição nativa

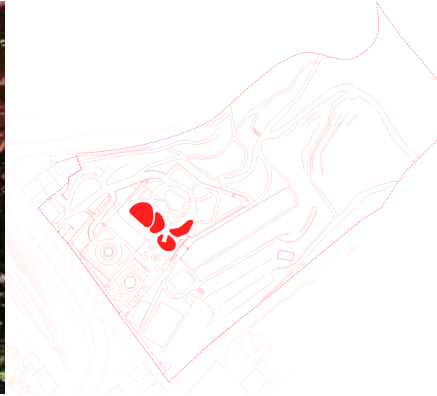
Centro e norte da América.

Usos e observações

O epíteto específico, *negundo*, parece derivar da palavra sânscrita *nurgundi*, nome utilizado na Índia para designar uma árvore de folhas semelhantes (González, 2007).

É cultivada para fins ornamentais e como árvore de sombra. A sua seiva muito rica em açúcares, mas de menor qualidade em relação à seiva de *Acer saccharum* Marshall, pode ser esporadicamente extraída para aproveitamento. A madeira é leve, de grão fino e compacto pode ser utilizada para o fabrico de pequenos utensílios de madeira e para a obtenção de pasta de papel.

Existem inúmeras variedades geográficas e de cultivo. O exemplar encontrado em Villar d' Allen poderá pertencer à subespécie *californicum*, nativa da Califórnia, que apresenta as folhas trifoliadas, mas a ausência de outros caracteres identificativos impõe alguma incerteza.



***Acer palmatum* Thunb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Sapindaceae

Nome(s) vernacular(es): Ácer-do-Japão; Bordo-do-Japão

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore de até 8 metros, caducifólio; ramos glabros, finos. Folhas opostas, suborbiculares a sub-cordadas, glabras, profundamente 5-9 lobadas, tornando-se avermelhadas no Outono; lóbulos lanceolado-ovados ou lanceolado-oblongos, acuminados, inciso-serrados. Flores de cor púrpura em pequenos corimbos terminais, glabros, pedúnculo pendente. Dissâmbras com asas divergentes em ângulo obtuso, núculas reticuladas, glabras.

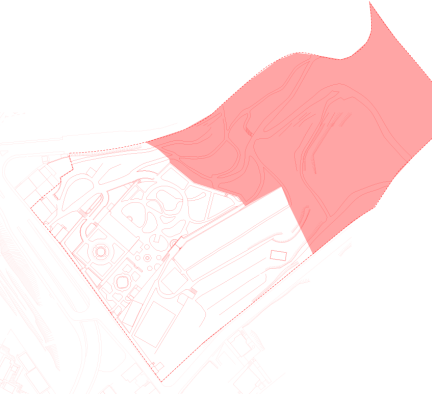
Área de distribuição nativa

Coreia e Japão.

Usos e observações

Ornamental. Esta espécie de ácer surge em numerosas variedades de origem hortícola, variando na forma e coloração das folhas, podendo ser divididas em vários grupos.

Em Villar d' Allen existem também exemplares do cultivar 'Atropurpureum', de folhas intensamente púrpuras, e do cultivar 'Roseo-marginatum', de folhas pequenas, profundamente lobadas, manchadas de branco, com as margens estreitamente rosadas.



***Acer pseudoplatanus* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Sapindaceae

Nome(s) vernacular(es): Ácer; Bordo; Plátano-bastardo; Padreiro

Características gerais

Árvore caducifólia que pode alcançar 30 m de altura, com ritidoma cinzento-claro. Folhas opostas, simples, 5-lobadas, lobos agudos, grosseiramente crenado-serrados, página superior verde-escuro, página inferior glauca. Flores hermafroditas, amarelo-esverdeado, dispostas em cachos pendentes. Dissâmaraas unidas pela zona globosa e formando um ângulo recto com as asas membranosas.

Área de distribuição nativa

Centro e sul da Europa e sudoeste da Ásia. Na Península Ibérica ocorre naturalmente apenas no terço norte: desde a região ocidental dos Pirinéus até ao centro de Portugal

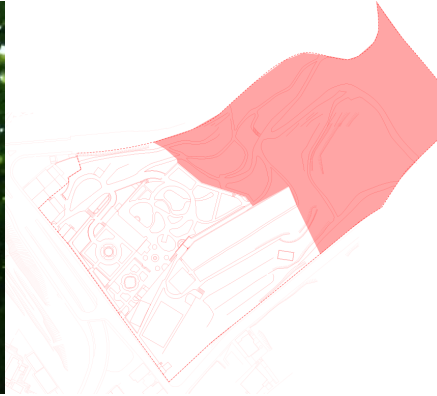
Usos e observações

O nome latino do género *Acer* está relacionado com a palavra grega *ákastos*, derivada da raíz indo-germânica *ak-* que significa pontiagudo, afilado, aludindo talvez aos lóbulos agudos das folhas de algumas espécies, ou porque utilizou-se a sua madeira para fabricar pontas de lança (González, 2007).

Na linguagem das flores significa “bem-querer” e “curiosidade” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Plantada em parques e jardins como «árvore de sombra», já era apreciada nos jardins medievais. É autóctone, mas existem cultivares cuja origem não é e que facilmente se naturalizam, tornando-se difícil distinguir os autóctones dos exóticos.

A casca, as folhas e os frutos têm aplicações na medicina popular devido a propriedades adstringentes, mas a sua eficácia ainda não foi comprovada pela medicina convencional. Na Roma antiga a madeira era usada para construir móveis e juntas das bestas de carga (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Acer saccharinum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Sapindaceae

Nome(s) vernacular(es): Ácer-prateado; Bordo-prateado

Características gerais

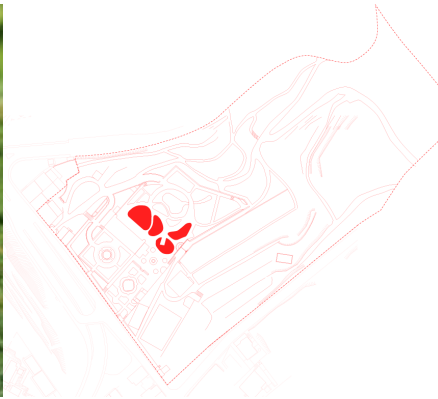
Árvore de grande porte, caducifólia. Folhas opostas, simples, longamente pecioladas, 5-lobuladas, lóbulos mais ou menos profundos, acuminados, esparsamente serrados ou dentados, lóbulo médio frequentemente trilobado; página superior verde-clara, página inferior branco-prateada, esparsamente pubescente. Flores amarelo-esverdeadas, apétalas, dispostas em corimbos laterais sub-sésseis, surgindo antes das folhas. Dissâmara com asas divergentes, falcadas, formando um ângulo de cerca de 120°, pubescentes quando imaturas.

Área de distribuição nativa

Este da América do norte.

Usos e observações

Florestal e ornamental.



***Achillea millefolium* L. ‘Cerise Queen’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Compositae

Nome(s) vernacular(es): Macelão; Milefólio; Mil-em-rama; Milfolhas

Características gerais

Herbácea vivaz com estolhos subterrâneos; caules geralmente simples, erectos ou ascendentes. Folhas médias caulinares sésseis, tomentosas, lineares a lanceoladas, bi-tripenatissectas com numerosos segmentos dispostos em vários planos. Capítulos numerosos reunidos em corimbos terminais; flores marginais liguladas, rosa intenso. Cipselas comprimidas, oblongas ou obovadas, papilho ausente.

Área de distribuição nativa e habitat

Hortícola. A espécie silvestre ocorre naturalmente na Europa e na Ásia ocidental.

A espécie-tipo ocorre espontaneamente em Portugal, é frequentemente encontrada nas orlas e clareiras de bosques caducifólios, nas margens dos cursos de água e em prados húmidos, lameiros e campos agrícolas abandonados.

Usos e observações

O nome do género terá sido dedicado ao herói grego Aquiles, que segundo a lenda curou a ferida de Télefo com esta planta (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Na linguagem das flores significa “tirania” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

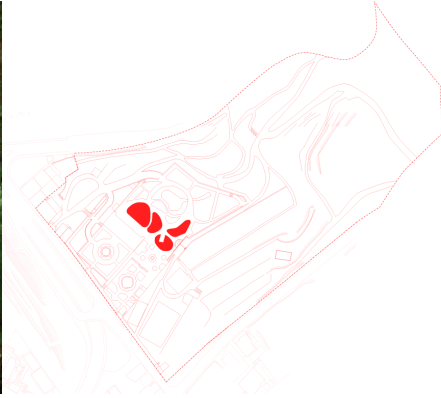
Cultivada desde tempos medievais em jardins, tem uso ornamental e medicinal. É usada tradicionalmente na falta de apetite, em perturbações gastrointestinais e para facilitar as funções de eliminação renal (Campos & Proença da Cunha, 2001).

As folhas e as flores contêm vários constituintes activos que lhe conferem propriedades terapêuticas: azulenos (óleos essenciais) responsáveis pelas propriedades anti-inflamatórias e antimicrobianas; lactonas sesquiterpénicas que reforçam esta acção e produzem um efeito levemente colerético, eupéptico e hipoglicemiante; taninos, com efeito hemostático, adstringente e cicatrizante; flavonóides

e os seus heterósidos, responsáveis pelas propriedades espasmolíticas, com actividade diurética e antipirética (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).

Muitos destes constituintes são também considerados tóxicos em doses não terapêuticas, é o caso de alguns constituintes do óleo essencial e da aquilina, uma lactona sesquiterpénica, que pode desencadear um processo alérgico ao nível da pele, causando dermatites e fotossensibilidade cutânea se o uso for prolongado (Campos & Proença da Cunha, 2001).

Tem outros usos: nos países nórdicos é utilizada como substituinte do lúpulo no fabrico da cerveja; as flores são comestíveis e utilizadas em saladas (Tavares, Zuzarte, & Salgueiro, 2009); é utilizada na limpeza de peles gordas; as flores são ainda utilizadas na produção de um corante natural para tingir lãs; o óleo essencial é utilizado em perfumaria, sabonetes e dentríficos (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Adiantum capillus-veneris* L.**

Divisão: Pteridophyta

Classe: Filicopsida

Família: Adiantaceae

Nome(s) vernacular(es): Avenca; Avenca-das-fontes; Capilária; Cabelo-de-Vénus; Lágrima-de-sangue; Aivenca; Avenca-de-Montepellier; Capilária-de-Montepellier; Coentro-de-poço

Características gerais

Herbácea vivaz rizomatosa. Frondes com lâmina larga, glabra e tripinada, pecíolos e pecíolulos de cor negra e brilhante. As divisões de última ordem são flabeladas e irregularmente lobadas no ápice. Soros em grupos de 2-10, rectangulares a reniformes contidos em falsos indúsios membranosos, cobertos pelas margens deflexas das pínulas.

Área de distribuição nativa e habitat

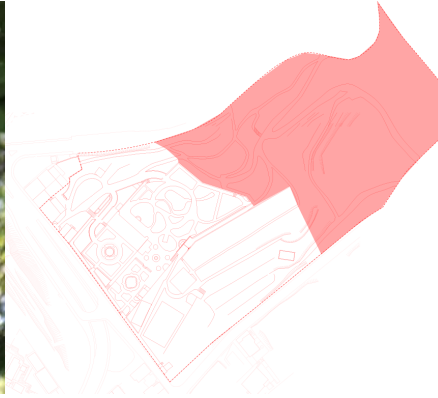
Tem uma distribuição sub-cosmopolita, ocorrendo em todos os continentes excepto na Antárctica. É muito frequente em toda a Península Ibérica.

Ocorre em locais húmidos e sombrios, frequentemente próximo de fontes, cascatas e outros locais sujeitos a salpicos de água, fendas de rochas e muros.

Usos e observações

Na linguagem das flores significa “sigilo” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Muito apreciada como planta ornamental nos jardins romanos e medievais. Possui algumas propriedades terapêuticas, tendo sido citada por Dioscórides (capítulo 137 do Livro IV), considerava-a um remédio infalível contra as enfermidades do pulmão. Por se assemelhar a uma formosa cabeleira era usada nas afecções capilares. Outras aplicações são-lhe atribuídas na medicina popular, nomeadamente, no tratamento do reumatismo, como antisséptico para picadas de abelhas e centopeias, como antibacteriano, em chás e xaropes para facilitar a expectoração (Tierra, 1990). Usado como corrector organoléptico e corante, favorece a cor escura dos cabelos. (Tavares, Zuzarte, & Salgueiro, 2009, p. 23).



***Aesculus hippocastanum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Sapindaceae

Nome(s) vernacular(es): Castanheiro-da-Índia

Características gerais

Árvore caducifólia, de copa abobadada. Folhas compostas digitadas com 5-7 folíolos sésseis, obovados, acunheados, obtusos, irregularmente serrados. Flores com pétalas brancas variegadas de vermelho, dispostas em panículas erectas, cilíndricas ou cónicas, tomento branco. Cápsulas espinhosas com uma ou duas sementes, de cor castanha e hilo branco.

Área de distribuição nativa

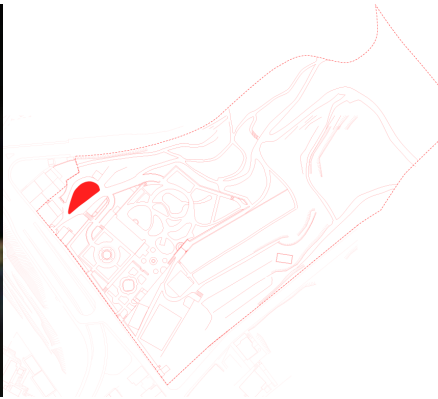
Nativa da região mediterrânica, Grécia e Península Balcânica.

Usos e observações

O epíteto específico *hippocastanum* significa literalmente castanha de cavalo, aludindo ao uso que se dava às sementes para curar a asma dos cavalos. O nome comum deve-se ao facto de se pensar, erradamente, que provinha da Índia. Foi introduzido na Europa no século XVI (González, 2007).

Espontâneo em bosques de altitude na região nativa, na Península Ibérica é muito cultivado em parques e jardins, como árvore de sombra e por ser muito atractivo quando está em flor.

As sementes são moderadamente tóxicas, os principais componentes responsáveis pela toxicidade são a escina, que é uma saponina triterpénica, e a esculina, uma cumarina, ambas interferem com as membranas celulares e têm efeitos citotóxicos. Extractos de sementes, folhas e casca são também utilizados tanto em medicina moderna como na tradicional. As saponinas actuam sobre o sistema circulatório, como vasoconstrictores e anti-inflamatórios, sendo utilizados no tratamento de varizes, flebites, hemorroidas e redução da fragilidade capilar (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).



***Agapanthus africanus* (L.) Hoffmanns.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Amaryllidaceae

Nome(s) vernacular(es): Agapanto; Flor-do-amor; Tuberosa-azul

Características gerais

Herbácea vivaz rizomatosa, acaule, com as folhas linear-oblongas dispostas em roseta. Flores azul-violeta em forma de funil, tépalas livres apenas unidas na base, dispostas em umbelas na extremidade de um escapo afilo maior do que as folhas, com espata bivalve e caduca. Cápsulas triloculares com sementes aladas, achatadas, negras.

Área de distribuição nativa

África do sul.

Uso e observação

O nome do género deriva do grego *agape*, amor e *anthos*, flor.

Ornamental.



Agarista sp.

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ericaceae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

Arbustos perenifólios de ramos arqueados. Caules cilíndricos, com medula oca. Folhas coriáceas, alternas, curtamente pecioladas, ovado-lanceoladas, acuminadas, arredondadas a acunheadas, inteiras. Flores em cachos terminais, pedunculados; cálice carnudo, 5-lobado; corola cilíndrica urceolada, com 5 dentes, de côr branca. Cápsulas subglobosas, com 5 valvas.

Área de distribuição nativa

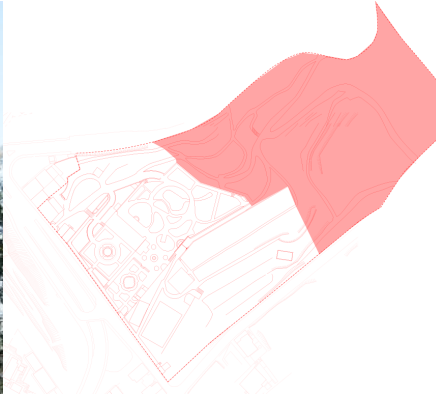
O género inclui espécies nativas da América e da República da Maurícia, no Oceano Índico.

Usos e observações

O nome do género foi tomado de Agarista de Sicião, filha de Clístenes, o tirano de Sicião, e avó de Péricles, o “Pai da Democracia” (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

O hábito e a morfologia das folhas sugerem que se trate de *Agarista populifolia* (Lam.) Judd., uma espécie proveniente do sudeste dos Estados Unidos e do México (Hidalgo, Veracruz). No entanto, não se observaram outros caracteres morfológicos específicos que permitissem a sua identificação com toda a certeza.

Ornamental.



***Agathis robusta* (C. Moore ex F. Muell.) F.M. Bailey**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Araucariaceae

Nome(s) vernacular(es): Pinheiro-de-damara; Pinheiro-Kauri

Características gerais

Árvore perenifólia, pode atingir 40 (-60) m de altura; tronco liso e cilíndrico, ritidoma de cor castanho-alaranjado ou castanho-acizentado. Folhas com pecíolo curto, opostas, linear-lanceoladas a ovadas, coriáceas, de cor verde-escuro, mais claro na página inferior. Cones masculinos subsésseis, axilares, cilíndricos, flexíveis; cones femininos sub-terminais, globosos; escamas férteis monospermicas; semente comprimida, oblonga-ovóide, com 2 asas desiguais.

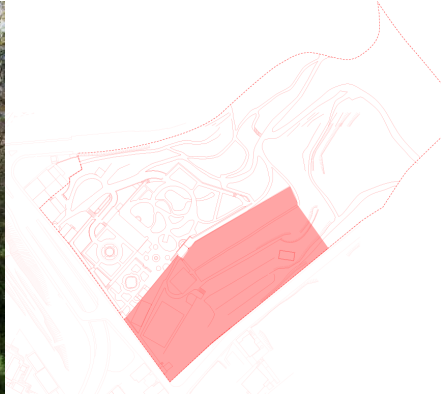
Área de distribuição nativa

Austrália (costa de Queensland) e Papua Nova Guiné.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *agathis*, que significa novelo, referindo-se à forma globosa do cone feminino.

Ornamental. Muito explorada na Austrália por causa da madeira até adquirir estatuto de protecção. A sua resina tem grande potencial para produção de terebentina.



***Agave americana* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernaculare(s): Aloé-dos-cem-anos; Cacto-dos-cem-anos; Pita; Piteira; Piteira-brava; Piteira-de-boi

Características gerais

Herbácea vivaz rizomatosa, muito robusta. Folhas verde-claro a glauco, muito grandes (1-2,5 m x 15-30 cm), carnudas, lanceolado-oblongas, com margem espinhosa e um espinho apical de 3-5 cm, anegrado, reunidas numa roseta basilar. Escapo bracteado com flores em panícula amarelo-esverdeada. Cápsula oblonga, apiculada; sementes comprimidas, negro-lustrosas, em forma de crescente.

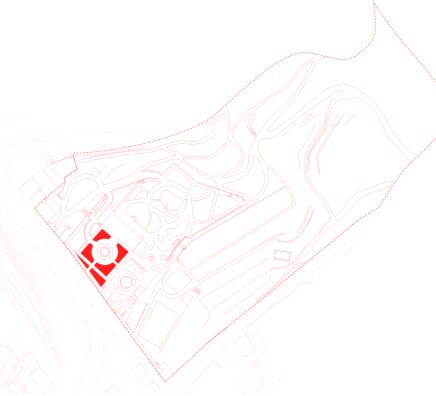
Área de distribuição nativa e habitat

México e Oeste dos Estados Unidos; naturalizada na região mediterrânica. Ocorre em matos xerófilos.

Uso e observações

O nome do género surge da palavra grega *agavos*, que significa admirável.

Ornamental. Em Espanha era utilizada para obtenção de fibras com as quais se fabricavam cordas e tecidos resistentes. Na Andaluzia, devido à presença de saponinas, era usada para lavar roupa preta do luto (González, 2007). O sumo fermentado das folhas produz o pulque, que uma vez destilado dá origem ao mescal ou tequila (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Ageratina viburnoides* (DC.) R.M. King & H. Rob.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Compositae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

Arbusto perenifólio. Folhas geralmente opostas, pecioladas, elípticas a deltóides, acunheadas, agudas, inteiras ou ligeiramente serradas ou lobadas. Capítulos reunidos em corimbos compostos; 8-9 flores brancas, infundibuliformes. Cipselas prismáticas com papilho caduco.

Área de distribuição nativa

América do norte e México.

Usos e observações

Ornamental.



***Ajuga reptans* L. 'Atropurpurea'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lamiaceae

Nome(s) vernacular(es): Ajuga; Búgula; Consolda-média; Erva-carocha; Erva-de-São-Lourenço; Língua-de-boi

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, estolhosa. Caules reptantes, glabros. Folhas púrpuras, opostas, oblongas a espatuladas, inteiras ou crenadas, obtusas, atenuadas, longamente pecioladas. Flores azuis-violeta dispostas em verticilastros com 6 flores cada, formando uma espiga folhosa laxa; caules floríferos tetragonais, pubescentes em lados opostos; brácteas ovadas, tingidas de azul; cálice campanulado, 5-dentado; corola bilabiada, lábio superior obsoleto. Núculas reticulado-rugosas.

Área de distribuição nativa e habitat

Hortícola.

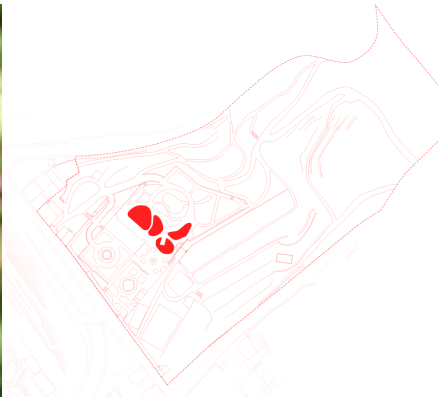
A espécie-tipo é originária da Europa, não sendo encontrada naturalmente na região mediterrânica e norte da Escandinávia, Irão, Cáucaso e norte de África. É encontrada espontaneamente em Portugal Continental, em bosques caducifólios, pinhais e prados húmidos.

Usos e observações

O nome do género é composto pelo prefixo de negação “a-“ e pela palavra de origem latina *jugum*, lábio superior, pois a corola tem um lábio superior obsoleto (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Ornamental.

Popularmente, a espécie-tipo apresenta outras aplicações: as folhas e os caules, ricos em taninos que lhes conferem propriedades adstringentes, têm uso cosmético, sendo um dos componentes dos banhos de ervas; em Marrocos, a planta seca reduzida a pó é adicionada a um tipo de pão (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Allium triquetrum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Amaryllidaceae

Nome(s) vernaculare(s): Alho-bravo; Alho-triangular-branco; Lágrimas-da-virgem

Características gerais

Herbácea vivaz com bolbo. Escapo de secção triangular, oco. Folhas lineares, basais em grupos de 2-5, glabras, sésseis. Flores brancas de perianto campanulado, tépalas com nervo médio verde; reunidas numa umbela terminal laxa, pedicelos desiguais e espata bivalve, com valvas lanceoladas, membranáceas. Cápsula trilocular, 6-7 mm.

Área de distribuição nativa

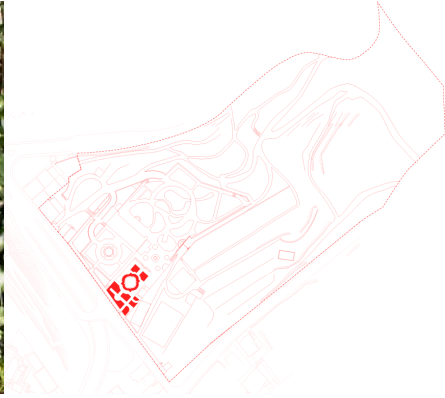
Região mediterrânica ocidental.

Usos e observações

O nome do género surge do nome latino para alho, que por sua vez deriva da palavra céltica *all*, picante.

Provavelmente introduzida como ornamental.

São comestíveis, pois, no Norte de África consomem-se os bolbos e as folhas. Em geral, qualquer espécie do género *Allium* pode ser utilizado como repelente de insectos. Podem provocar dermatites por contacto e a sua ingestão pode ser perigosa, principalmente no caso de crianças (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Amaryllis belladonna* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Amaryllidaceae

Nome(s) vernacular(es): Açucena-da-serra; Beladona-bastarda; Belas-donas

Características gerais

Herbácea vivaz, bulbosa. Folhas basais de até 50 cm, dispostas em duas séries, lineares, agudas, de um verde lustroso, glabras; desenvolvendo-se após o aparecimento das flores. Escapo glauco, cilíndrico, vermelho-púrpura, encimado por umbelas terminais 2-6 floras subtendidas por duas brácteas espatáceas iguais, lanceoladas, membranáceas. Flores rosa-púrpura a rosadas, geralmente brancas inferiormente; perianto infundibuliforme, composto por 6 segmentos, oblanceolados, livres; pedicelos curtos; estames e estilete mais curtos do que o perianto, deflectidos. Cápsulas globosas, triloculares; sementes achatadas, verdes.

Área de distribuição nativa

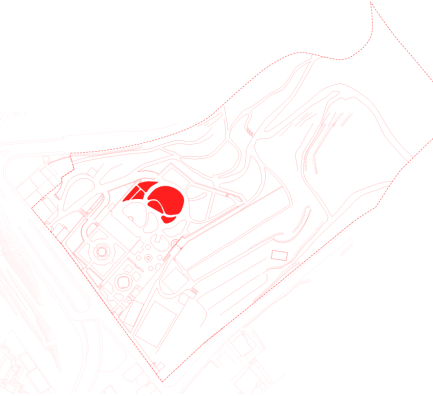
África do Sul.

Usos e observações

O nome do género corresponde a um nome grego de mulher, *Amaryllis*.

Ornamental, muito apreciada pelas flores, tal como outras Amaryllidaceae.

Todas as partes da espécie, principalmente, os bulbos e as sementes, são altamente tóxicos devido à presença de alcalóides isoquinolínicos, compostos activos com propriedades citotóxicas, neurotóxicas, causam perturbação do tracto gastrointestinal. Pode ser letal dependendo da severidade do envenenamento (Wink & Wyk, 2008).



Amelanchier sp.

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Amelanqueiros

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore caducifólia, inérme. Folhas alternas, simples, regular e miudamente serradas, ovadas a ovais, obtusas a brevemente acuminadas, arredondadas ou subcordadas. Flores brancas em cachos simples, terminais; cálice com tubo campanulado, 5 lobos triangulares; pétalas obovadas a lanceoladas. Pomos globosos, vermelhos ou negro-azulados quando maduros, pruinosos, coroados pelo cálice persistente.

Área de distribuição nativa

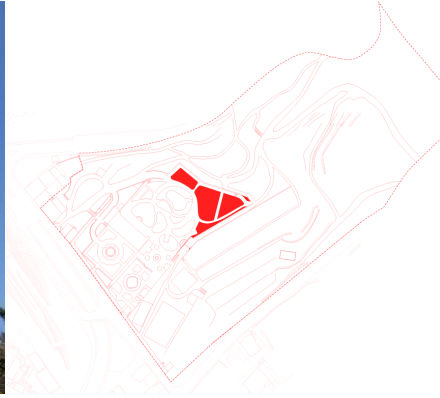
O género inclui espécies nativas da América do norte, centro e sul da Europa, oeste da Ásia.

Usos e observações

O nome do género deriva do nome popular provençal de *A. ovalis*, *amelancquier*, provavelmente aludindo ao sabor doce dos frutos “quase a mel” (González, 2007).

Pode tratar-se de *Amelanchier ovalis* Medik., a única espécie europeia, nativa do centro e sul da Europa, desde a Península Ibérica até à Crimeia. Principalmente encontrada nos sistemas montanhosos da metade oriental da Península Ibérica, na ilha de Maiorca, nas montanhas da Cantábria, Zamora, Orense e no noroeste de Portugal. No entanto, a não observação de caracteres morfológicos tão específicos como a presença de revestimento flocoso-tomentoso nos ramos e folhas jovens, dos frutos maduros negro-azulados ou, das inflorescências tomentosas, sugere que se trate de uma espécie alóctone.

As espécies do género são principalmente cultivadas como ornamentais e algumas espécies produzem frutos comestíveis, ainda que as sementes contenham glucósidos cianogénicos, compostos com propriedades citotóxicas e que quando ingeridas em grandes quantidades são tóxicas. *A. ovalis* foi em tempos utilizada popularmente por ter propriedades medicinais. A planta em geral era usada para baixar a tensão arterial, a casca no tratamento de afecções de bexiga e o fruto como expectorante e para aliviar a tosse (González, 2007).



***Araucaria bidwillii* Hook.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Araucariaceae

Nome(s) vernacular(es): Araucária-da-Queenslândia; Bunya-Bunya

Características gerais

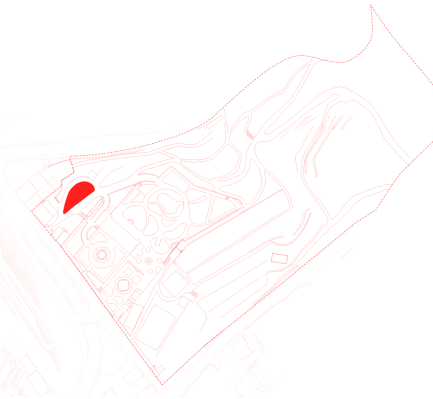
Árvore de grande porte, perenifólia, podendo alcançar 40 (-50) m de altura; copa ovado-piramidal quando jovem, adquirindo uma forma abobadada com a idade; ramos laterais horizontais. Folhas ovado-lanceoladas, coriáceas, rígidas, verde-escuras, dispostas em dois planos divergentes. Cones frutíferos com 25-30 cm de comprimento, globoso-ovóides, ápice achatado, compostos por escamas lenhosas que terminam num apêndice delgado e curvo.

Área de distribuição nativa

Sudeste de Queensland, Austrália.

Usos e observações

Espécie florestal e ornamental; uma das principais espécies exploradas pela madeira nos primeiros tempos da Austrália. As sementes são comestíveis, eram usadas como alimento sazonal por tribos aborígenes. Introduzida em Portugal como ornamental. As grandes dimensões e peso das pinhas (as maiores de todas as Gimnospérmicas) na maturação tornam recomendável a definição de uma área de segurança em torno das árvores.



Arum italicum* Mill. subsp. *italicum

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Araceae

Nome(s) vernacular(es): Alho-dos-campos; Arrebenta-boi; Bigalhó; Candeias; Erva-da-novidade; Jarro-bravo; Jarro-dos-campos.

Características gerais

Herbácea vivaz rizomatosa, acaule. Folhas hastadas ou sagitadas, pecioladas, completas. Inflorescência em espádice amarelo com apêndice aclavado, rodeada por uma espata lanceolada-acuminada, branco-esverdeada. Na subespécie *italicum*, todas as folhas são do mesmo tipo, verde-escuras com as nervuras claras, reticuladas e evidentes, predominantemente hastadas e com os lobos laterais mais ou menos divergentes e não sobrepostos na base, o lobo central em geral agudo-acuminado. Bagas vermelho-alaranjadas dispostas numa espiga cilíndrica.

Área de distribuição nativa e habitat

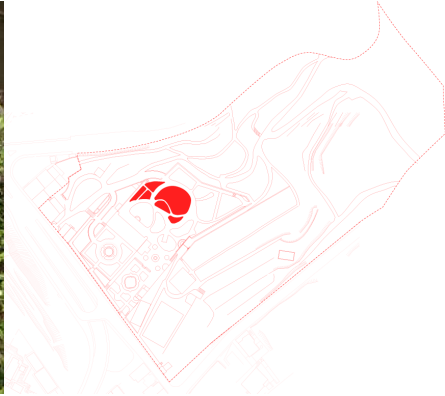
Europa até à Turquia e Iraque; norte de África. Espontânea em locais húmidos, frescos e ensombrados, em solos nitrificados. Aparece também em locais mais secos, como taludes, baldios urbanos e orlas agrícolas.

Utilidade e observações

O género deriva da palavra grega pela qual era conhecida, *aron*.

Ornamental, era cultivada nos jardins medievais (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Toda a planta é tóxica devido à presença de saponósidos, que afectam o sistema nervoso central e de cristais de oxalato de cálcio, os sintomas de envenenamento incluem dores gastrointestinais, diarreia, arritmias cardíacas e em casos extremos coma e morte. Ainda que todas as partes das plantas sejam tóxicas, em alguns casos, os rizomas, após repetidas cocções e mudanças de água de lavagem, podem tornar-se comestíveis. A esse respeito já Teofrasto considerava que o tubérculo e as folhas quando cozinhadas em vinagre eram comestíveis (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Asparagus densiflorus* (Kunth) Jessop 'Myersii'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es): Aspárago; Aspárago-pluma; Aspargo; Feno-cauda-de-raposa

Características gerais

Sub-arbusto perenifólio, erecto. Folhas pequenas, escamiformes, com a base truncada e endurecida, projectada verticalmente no sentido descendente. Cladódios verdes, geralmente achatados, lineares ou linear-oblongos, reunidos em grupos de 1-3, dispostos em diversos planos. Flores dispostas em cachos, brancas ou rosa-pálido, desenvolvem-se a partir dos cladódios. Bagas vermelhas monospérmicas, esféricas.

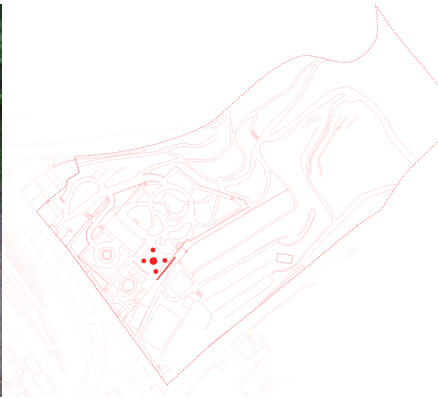
No cultivar 'Myersii' os ramos laterais são todos mais ou menos do mesmo tamanho.

Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie tipo é da África-do-sul.

Uso e observações

Ornamental.



***Aspidistra elatior* Blume**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es): Aspidistra-de-folhas-grandes

Características gerais

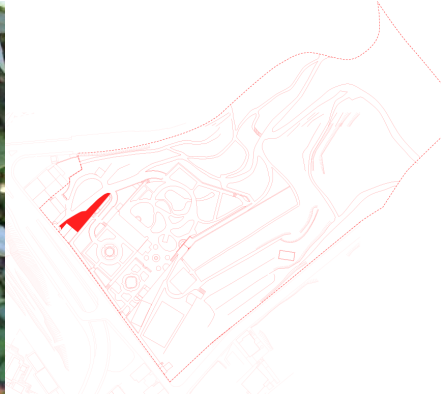
Herbácea vivaz, acaule. Folhas pecioladas, lanceoladas, rodeadas na base por uma bráctea membranosa, ovadas a lanceoladas, com 16-20 nervuras, verde-escuro brilhante. Flores com pedicelo curto desenvolvem-se directamente do rizoma aparecendo entre as folhas ao nível do solo, têm o perianto urceolado, carnudo, com 8 lóbulos triangulares, recurvados no ápice, de cor creme com máculas púrpuras. Baga monospérmica.

Área de distribuição nativa

Este da Ásia (Himalaias, China, Japão).

Uso e observações

O nome do género deriva de *aspidion*, palavra grega que significa pequeno escudo redondo, referindo-se à forma do estigma. Ornamental.



***Aucuba japonica* Thunb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Garryaceae

Nome(s) vernacular(es): Aucuba-do-Japão; Loureiro-do-Japão

Características gerais

Arbusto perenifólio, dióico. Folhas opostas, coriáceas, verde-escuro e brilhantes; ovadas, oblongas ou oblongo-lanceoladas, serradas na metade distal, acuminadas. Flores dispostas em panículas terminais; pequenas, estreladas, purpurescentes. As plantas masculinas possuem uma inflorescência mais alongada e vistosa. Baga vermelha, monospérmica, ovóide, cálice e pistilo persistentes.

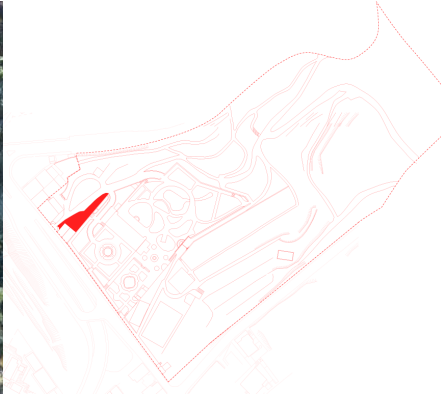
Área de distribuição nativa

Este da Ásia, desde os Himalaias até ao Japão.

Uso e observações

O nome do género deriva da palavra japonesa que denomina a planta. Introduzida como ornamental.

Toda a planta é tóxica pois contém um heterósido denominado aucubina, que pode provocar diarreias e cólicas e em casos extremos a morte (González, 2007).



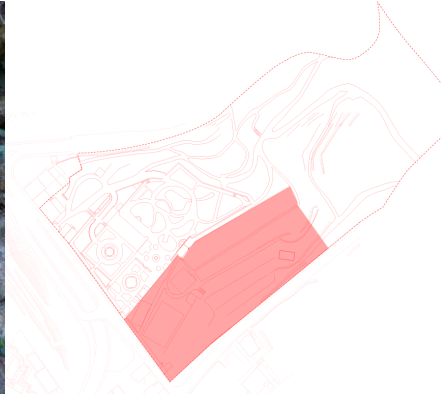
***Aucuba japonica* Thunb. 'Crotonifolia'**

Características gerais

Assemelha-se à espécie-tipo, mas as plantas femininas possuem folhas densamente maculadas de amarelo.

Área de distribuição nativa

Hortícola.



***Asplenium adiatum-nigrum* L.**

Divisão Pteridophyta

Classe Filicopsida

Família Aspleniaceae

Nome(s) vernacular(es) Avenca-negra; Cabelo-de-negro; Feto-negro

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa. Frondes de 10-30 cm, limbo ovado-triangular, 2-3 pinulada; pínulas de oblongo-ovadas a obovadas, com poucos dentes no ápice. Soros oblongo-lineares, inseridos na proximidade da cóstula.

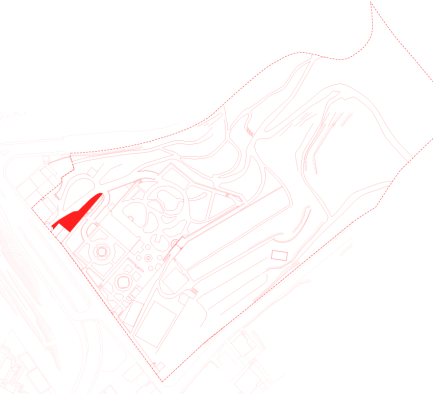
Área de distribuição nativa e habitat

Península Ibérica e montanhas da região mediterrânica.

Podemos encontrá-lo em locais húmidos e sombrios, fissuras de afloramentos rochosos e taludes, preferencialmente sobre substratos siliciosos ou calcários.

Usos e observações

Espontânea.



***Bellis perennis* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Compositae

Nome(s) vernacular(es): Bonina; Margarida; Margarita

Características gerais

Herbácea vivaz, vilosa. Folhas basais dispostas em roseta, contorno espatulado ou abovado, por vezes com margem crenada. Flores agrupadas num capítulo solitário, sobre um pedúnculo maior do que as folhas, as flores centrais são tubulosas e amarelas e as flores exteriores são liguladas e brancas ou rosadas. Cipselas com papilho.

Área de distribuição nativa

Norte de África (Marrocos), Europa, Cáucaso e Ásia Ocidental.

Ocorre espontaneamente em Portugal Continental, em prados, clareiras de matos e matas, caminhos, terrenos não cultivados ou em pousio, locais húmidos.

Usos e observações

O nome tem origem do latim “bellus” que significa bonito, gracioso. Na linguagem das flores significa “idade feliz” (Núñez & Obón de Castro, 1991)

Comestível, tem uso ornamental e também é usada na medicina popular. As flores e as folhas podem ser usadas para tratar desordens cutâneas, queimaduras e feridas, aliviar perturbações do tracto respiratório, como tosse e expectoração. O chá de folhas e flores de *B. perennis* tem efeitos psicotrópicos ligeiros (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Berberis aquifolium* Pursh**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Berberidaceae

Nome(s) vernacular(es): Uva-do-Oregon

Características gerais

Arbusto perenifólio, glabro e ramoso. Folhas compostas, ráquis vermelha-púrpura, com 5-9 folíolos sésseis; folíolos ovados ou elípticos, coriáceos, de margens onduladas e espinhoso-dentadas, de um verde-escuro lustroso na página superior, verde-claro na página inferior. Flores pequenas, campanuladas, amarelas, dispostas em cachos fasciculados. Bagas elipsóides ou quase globosas, negro-azuladas, pruinosas.

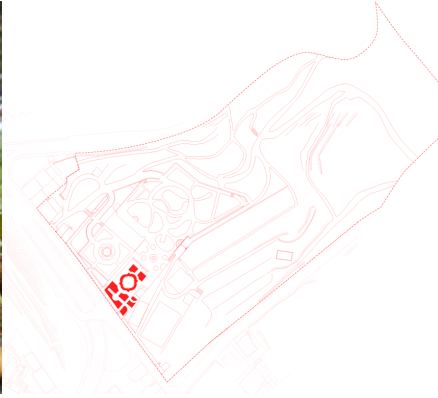
Área de distribuição nativa

Noroeste da América.

Usos e observação

Cultivada como ornamental, surge ocasionalmente como subespontânea. Os frutos maduros são comestíveis e eram consumidos por algumas tribos norte-americanas. Utilizada em medicina popular no tratamento da psoríase.

É uma espécie ligeiramente tóxica; todas as partes da planta, mas principalmente a casca contém alcaloides isoquinolínicos, entre os quais berberina, oxiacantina e berbamina, que têm efeitos citotóxicos, neurotóxicos e causam perturbações do tracto gastrointestinal (Wink & Wyk, 2008).



***Bergenia x schmidtii* (Regel) Silva Tar.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Saxifragaceae

Nome(s) vernacular(es): Chá-da-Sibéria

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, glabra. Folhas basilares, limbo obovado a elíptico, margem grosseiramente dentada, por vezes ciliada, decurrente no pecíolo. Flores com pétalas obovadas, unguiculadas, rosa-purpurescentes, mais escuras na unha; estames igualam-se em comprimento aos estiletes; filetes brancos nas flores jovens, tornam-se castanho-avermelhados; flores em panículas densas, na extremidade de um escapo castanho-avermelhado. Cápsula polispérmica, deiscente no ápice.

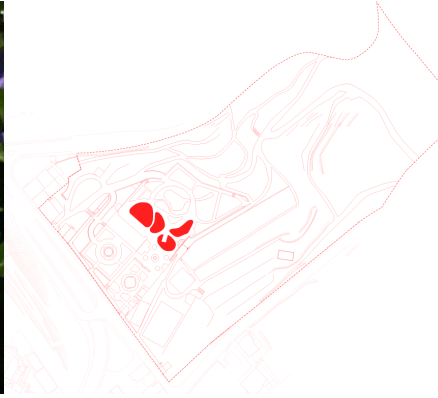
Área de distribuição nativa

Origem hortícola. As espécies progenitoras são ambas originárias do este asiático.

Usos e observações

O nome do género é uma homenagem a Carl von Bergen (1704-59), autor da “Flora Francofurtana”.

Ornamental. Resulta do cruzamento das espécies naturais *Bergenia crassifolia* (L.) Fritsch e *Bergenia ciliata* (Haw.) Sternb.



***Brunfelsia pauciflora* (Cham. & Schltld.) Benth.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Solanaceae

Nome(s) vernacular(es): Brunfêlsia; Manacá

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore, perenifólia. Folhas oblongas a oblongo-lanceoladas, agudas, glabras, coriáceas, de um verde-escuro lustroso na página superior, mais claro na página inferior, curtamente pecioladas. Flores vistosas, fragrantas, dispostas em cimeiras terminais ou axilares; cálice tubular, inflado, verde-claro, 5 lóbulos agudos; corola infundibuliforme, em várias intensidades de violeta até ao branco, com pequeno centro branco, tubo 3-4 cm. Cápsulas globosas.

Área de distribuição nativa

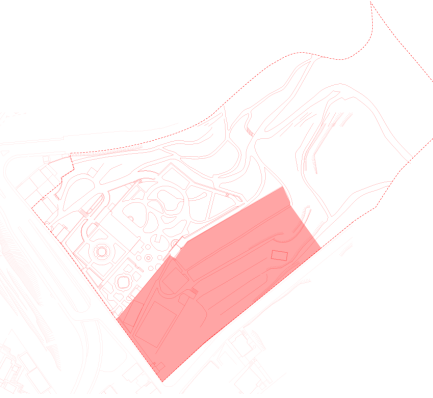
Região tropical da América central e do sul, Brasil.

Usos e observações

Ornamental.

É uma espécie moderadamente tóxica, todas as partes da planta, em especial a raiz, contêm alcalóides (brunfelsamidina e outros) e escopoletina (uma cumarina). Estes compostos activos conferem-lhe propriedades citotóxicas e alucinogénicas (Wink & Wyk, 2008).

Extractos das raízes de *Brunfelsia sp.* foram utilizados pelos índios sul-americanos como veneno para setas; teve algumas aplicações como planta medicinal, no tratamento da sífilis e da febre e como abortiva; os índios sul-americanos usavam-na como planta ritual pelos efeitos alucinogénicos (Wink & Wyk, 2008).



***Buddleja davidii* Franch.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Scrophulariaceae

Nome(s) vernacular(es): Flor-de-mel

Características gerais

Arbusto caducifólio, erecto ou decumbente; raminhos sub-quadrangulares. Folhas opostas, verde-escuras na página superior, branco-tomentosas na página inferior, oblongas-lanceoladas, acuminadas, finamente dentadas, curtamente pecioladas. Inflorescência densa em panículas espiciformes, terminais, de até 30 cm. Flores fragrantas; cálice mais ou menos campanulado, verde; corola hipocrateriforme, com 4 lóbulos, violeta-pálido, fauce laranja. Cápsulas rodeadas pelo cálice persistente e, por vezes, também pela corola persistente.

Área de distribuição nativa

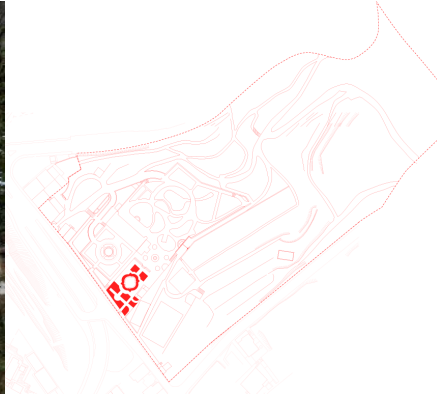
É nativa da Ásia, China.

Usos e observações

Em homenagem a Adam Buddle (1660-1715), clérigo e botânico amador.

Introduzida como ornamental, por vezes surge subespontaneamente.

Atrai borboletas diurnas.



Butia sp.

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Arecaceae

Nome(s) vernacular(es): Butiá; Bútia

Características gerais

Palmeira de espique bem desenvolvido, podendo atingir 6 metros de altura; espique coberto de cicatrizes foliares ou restos de pecíolos. Folhas pinadas, semi-rígidas, arqueadas, verdes na página superior, glaucas na página inferior, pecíolos ligeiramente pubescentes, armados com espinhos na margem ou inermes; folíolos lineares, agudos. Flores amarelas a vermelhas ou de côr púrpura, dispostas em espigas bissexuais interfoliare, protegidas por duas brácteas; a bráctea superior da inflorescência bem desenvolvida, glabra ou lanuginosa. Drupas globosas a ovóides, de côr amarela ou laranja, perianto persistente; mesocarpo carnudo, fibroso.

Área de distribuição nativa

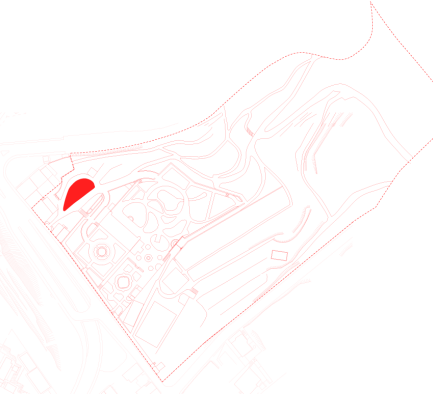
América-do-sul, do Brasil à Argentina.

Usos e observações

Butia é o nome vernacular utilizado no Brasil.

Ornamental. Os frutos são comestíveis.

Em Villar d' Allen pertencem à coleção que Alfredo Allen plantou por volta dos anos 50 do século XIX; os dois exemplares aí existentes são de espécies diferentes.



***Buxus sempervirens* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Buxaceae

Nome(s) vernacular(es): Buxo; Buxeira

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore perenifólia, podendo chegar aos 8 metros quando não podada e em habitat natural; erecto, muito ramoso, densamente foliado; glabro, excepto nos raminhos jovens quadrangulares e na base das folhas. Folhas opostas, coriáceas, glabras, curtamente pecioladas ou sésseis, inteiras, ovadas, oblongas ou elípticas, de um verde-escuro brilhante na página superior, verde mais claro na página inferior, às vezes concavas ou convexas, emarginadas ou obtusas. Flores monóicas, sésseis, agrupadas em glomérulos nas axilas das folhas superiores, flor feminina rodeada por flores masculinas, subtendidas por bractéolas ovado-agudas. Cápsulas triloculares, ovóide, coriáceas, estiletos persistentes.

Área de distribuição nativa e habitat

Centro e sul da Europa, norte de África e sudoeste da Ásia. Autóctone em Portugal continental, ocorre em matagais ripícolas em leitos de cheia e barrancos, sob o coberto de bosques de soto ou em matos de substituição de bosques caducifólios ou de coníferas, preferentemente em substratos pedregosos básicos ou ultrabásicos, ocasionalmente em xistos e granitos.

Usos e observações

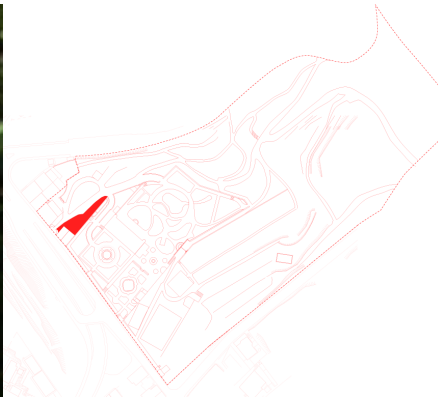
O nome do género conserva a denominação dada pelos romanos à planta e sua madeira (González, 2007). Em linguagem das flores significa “estoicismo” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Muito cultivada como ornamental em jardins desde os romanos, pela folhagem persistente e densa e por reagir bem à poda, é uma das espécies mais utilizadas na arte da topiária, ideal para ser utilizada em sebes. Existem actualmente inúmeras variedades de cultivo.

A madeira, de grão fino, dura e densa, é adequada para tornear e para o fabrico de pequenos utensílios, como colheres e outros utensílios domésticos; no nordeste de Portugal as plantas espontâneas são

utilizada no fabrico de cabos de navalha e também de ponteiras de gaita-de-foles.

Toda a planta é tóxica devido à presença de um complexo de alcalóides esteróides, entre os quais buxamina e ciclobuxina, podendo provocar a morte em casos mais graves. Os extractos das folhas e dos caules, com propriedades citotóxicos, anti-inflamatórias e anti-microbianas foram utilizados popularmente e mesmo em preparados farmacêuticos comerciais como antipiréticos, purgantes, sudoríficos, contra a queda de cabelo, enfermidades biliares e reumáticas (González, 2007).



Callistemon sp.

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Myrtaceae

Nome(s) vernacular(es): Arbusto-garrafa; Lava-garrafas

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore, com os ramos e os raminhos compridos, pendentes. Folhas simples e inteiras, linear-lanceoladas, pecíolos subsésseis, consistência coriácea, com inúmeras glândulas translúcidas; folhas jovens são providas de pêlos curtos, têm uma textura aveludada. Flores sésses formam espigas cilíndricas e compactas, pseudo-terminais, que lembram um escovilhão; pétalas orbiculares, decíduas, de um verde-amarelado; estames vistosos, de cor vermelha, no ápice anteras amarelas. Cápsulas lenhosas deiscentes no ápice, persistem na planta.

As espécies são muito semelhantes entre si e hibridizam muito facilmente, tornando a determinação da espécie muito difícil, tendo assim ficado pelo nome do género.

Área de distribuição nativa

Austrália.

Uso e observações

Callistemon deriva do grego *kallos* que significa beleza e *stemon*, estame. Cultivada como ornamental.



***Calycanthus occidentalis* Hook. & Arn.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Calycanthaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Arbusto caducifólio, erecto, de até 3 metros; casca aromática. Folhas opostas, pecíolo curto, inteiras, ovadas ou ovado-oblongas, agudas ou acuminadas, arredondadas ou sub-cordadas, 8-20 cm de comprimento; página superior escabra, página inferior glabra ou ligeiramente pubescente. Flores solitárias, perfumadas, castanho-púrpuras. Aquênios monospermicos inclusos no receptáculo acrescente, ovoide-campanulado, não contraído no ápice.

Área de distribuição nativa

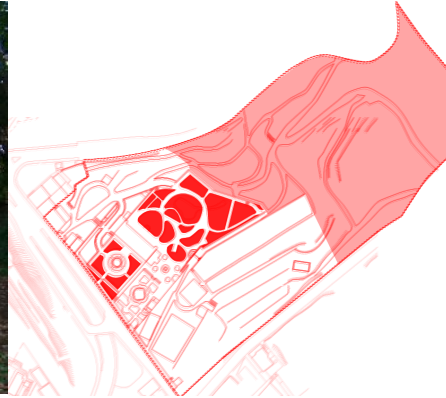
América do norte, Califórnia e Estado de Washington.

Usos e observações

O nome deriva do grego *kalyx*, cálice e *anthos*, flor, referindo-se ao facto das sépalas e as pétalas serem semelhantes (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Ornamentais.

As sementes são venenosas, contêm calicantina e outros alcaloides relacionados. Os efeitos destes compostos são semelhantes à estricnina (Nelson, Shih, & Balick, 2007).



***Camellia japonica* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Theaceae

Nome(s) vernacular(es): Cameleira; Japoneira; Roseira-do-Japão

Características gerais

Arbusto ou árvore de até 15 metros, glabra, perenifólia, muito ramificada. Folhas simples, pecíolo curto, alternas, elípticas ou amplamente ovadas, agudas, acunheadas, crenado-serradas, coriáceas, página superior de um verde-escuro lustroso. Flores inodoras, sésseis, solitárias ou em grupos de 2, terminais; corola simples ou dobrada, com grande variedade na estrutura floral e na cor, do branco ao vermelho. Cápsulas globosas ou sub-globosas, que se abrem por 3 a 5 valvas.

Área de distribuição nativa

Hortícolas. A espécie selvagem é proveniente da Ásia oriental, China, Japão, Coreia e arquipélago Riu-Quiu.

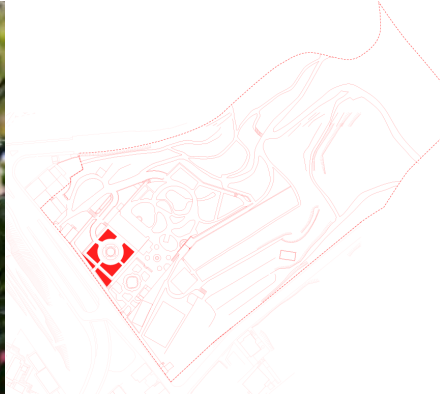
Usos e observações

O nome do género é dedicado a George Joseph Kámel (1661-1706), Camellus em latim, um jesuíta da Morávia, botânico e zoólogo, que viajou pela Ásia no século XVII e trouxe esta planta para a Europa.

Muito popular como ornamental. Actualmente existem mais de 2000 cultivares de *Camellia japonica* L., originadas essencialmente por hibridação. Diferenciam-se pela cor e complexidade das flores.

No Japão o óleo extraído das suas sementes, conhecido por óleo *tsubaki*, é comestível e utilizado nos cuidados do cabelo e como óleo de massagem; as folhas podem ser usadas para fazer chá; as flores podem ser comidas, usadas medicinalmente ou para obter tinta.

Villar d' Allen possui uma das colecções de camélias mais importantes de Portugal.



***Camellia sasanqua* Thunb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Theaceae

Nome(s) vernacular(es): Cameleira-sasanqua

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore de até 5 metros, perenifólio; raminhos delgados e pubescentes. Folhas simples, pecíolo curto, alternas, elípticas a oblongo-ovadas largamente ovadas, agudas ou acuminadas, crenado-serradas, acunheadas, coriáceas, página superior de cor verde-escuro lustroso. Flores perfumadas, solitárias, terminais; corola branca ou rosada. Cápsulas globosas, 1-3 lóculos, 1-2 sementes por lóculo.

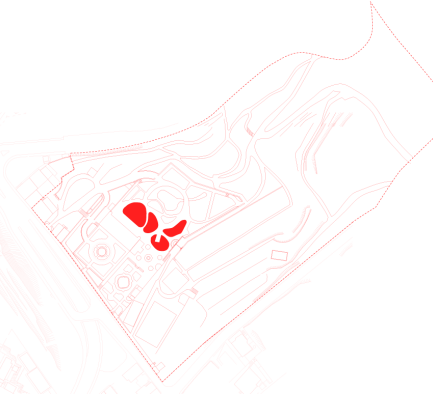
Área de distribuição nativa

Provavelmente hortícola. A espécie original é proveniente do sul do Japão e arquipélago Riu-Quiu.

Usos e observações

Ornamental, existem muitos cultivares.

As folhas são usadas para fazer chá; as pétalas aromáticas são usadas na perfumaria; as sementes produzem um óleo que pode ser utilizado para iluminação, lubrificação, na produção de sabão e na indústria da seda.



***Camellia sinensis* (L.) Kuntze**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Theaceae

Nome(s) vernacular(es): Chazeiro; Chazeiro-da-China; Chazeiro-da-Índia; Planta-do-chá

Características gerais

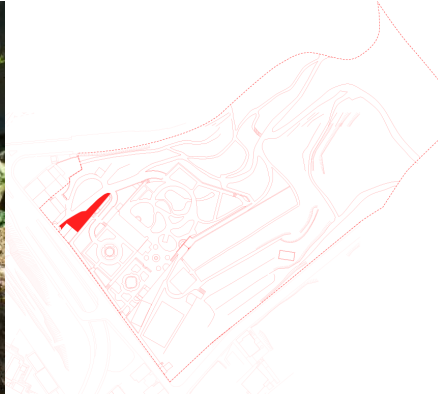
Arbusto ou pequena árvore perenifólia. Folhas simples, alternas, elípticas ou obovado-lanceoladas, agudas ou obtusas, acunheadas, grosseiramente serruladas a sinuado-serruladas, coriáceas, curtamente pecioladas; página superior de um verde-escuro lustroso, página inferior de um verde-pálido. Flores brancas, fragrantas, axilares, solitárias ou em pequenos grupos, amplamente cupuliformes; 5-6 sépalas desiguais, velutinas, persistentes no fruto; 7-8 pétalas, amplamente ovadas ou sub-orbiculares. Cápsulas lenhosas, triloculares.

Área de distribuição nativa

Nativa do sudeste asiático, a sua origem selvagem é indefinida, provavelmente do oeste da China. Amplamente cultivada no Japão, Nepal, Tailândia, Índia, Cambodja, Vietnam e Malásia. É uma espécie geograficamente muito variável.

Usos e observações

Uma espécie de grande importância económica e cultural, pois as folhas de *C. sinensis* são utilizadas para produzir o chá, uma das bebidas estimulantes mais consumidas globalmente. Da China o chá chegou ao Japão, onde se tornou parte do “modo de viver japonês”; tornou-se conhecido dos europeus por volta de 1550, que expandiram o seu cultivo pela Ásia e hoje podemos falar efectivamente de uma “cultura do chá”. Paralelamente a toda a importância histórica e cultural deste produto, o chá apresenta inúmeras propriedades medicinais graças ao efeito de vários compostos activos, cafeína (ou teína), taninos e polifenóis. A cafeína tem uma acção estimulante sobre o sistema nervoso central, aumentando o estado de vigília e reduzindo a fadiga; estimulação cardíaca, vasodilatação periférica, vasoconstrição craneal e estimulação do centro respiratório. Os taninos têm efeito antidiarreico. Os polifenóis têm acção antioxidante e actividade venotrópica e vasoprotectora; é coadjuvante em regimes de emagrecimento (Tavares, Zuzarte, & Salgueiro, 2009). No entanto, a cafeína em doses elevadas é tóxica e pode provocar a morte.



***Campanula portenschlagiana* Schult.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Campanulaceae

Nome(s) vernacular(es): Campainhas; Campânulas

Características gerais

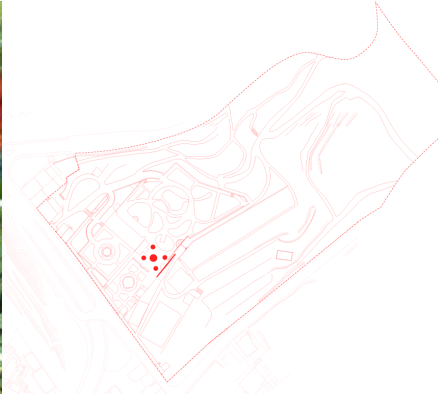
Herbácea vivaz, em tufo, esparsamente pubescente. Caules decumbentes ou procumbentes, numerosos. Folhas pecioladas, pubescentes a subglabras, orbiculares-cordadas, serrado-crenadas. Flores erectas, numerosas numa inflorescência laxa e ramificada, com pedicelos relativamente compridos; cálice com lóbulos lanceolados; corola azul-lilacínea, infundibuliforme-campanulada, com lóbulos lanceolados e deflectidos. Cápsula geralmente comprimida no ápice, coroada com os lóbulos persistentes do cálice, deiscente lateralmente.

Área de distribuição nativa

Oeste da Jugoslávia.

Usos e observações

Ornamental.



***Campsis x tagliabuana* (Vis.) Rehder**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Bignoniaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Arbusto escandente caducifólio. Folhas imparipinadas, opostas, com 7 a 11 folíolos ovado-lanceolados, ligeiramente pubescentes nas nervuras da página inferior, acuminados, acunheados, amplamente serrados. Flores dispostas em panículas terminais, laxas; corola afunilado-campanulada, limbo com 5 lóbulos divergentes, cor laranja exteriormente e escarlate interiormente. Cápsulas linear-oblongas, deiscentes por duas valvas longitudinais.

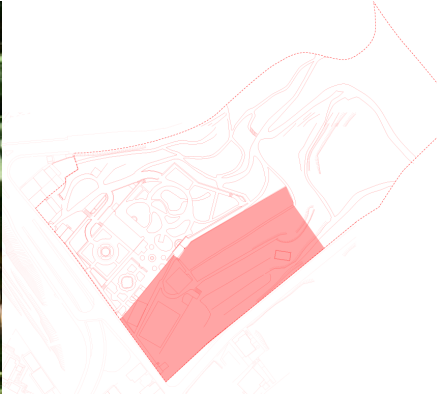
Área de distribuição nativa

Origem hortícola. É um híbrido artificial entre *Campsis grandiflora* (Thunb.) K. Schum. e *Campsis radicans* (L.) Seem., espécies nativas da China e do este dos Estados Unidos, respectivamente.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *kámpsis*, que significa arco, curvatura, referindo-se aos filamentos dos estames que se curvam, aproximando as extremidades entre si (González, 2007).

Cultivada como ornamental.



***Canna indica* Roscoe**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Cannaceae

Nome(s) vernacular(es): Araruta-bastarda; Bengaleira; Cana-da-Índia; Coniteira, Cuquilha; Rocaviana

Características gerais

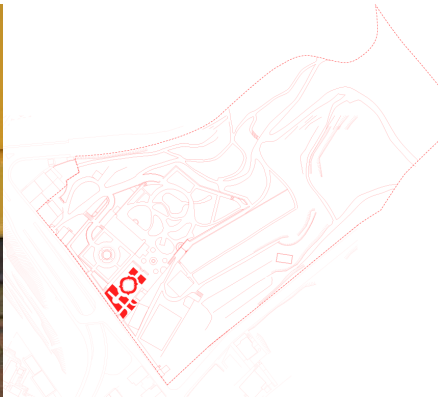
Herbácea vivaz, rizomatosa. Caules estreitos e erectos, não ramificados. Folhas completas, grandes, inteiras e alternas; limbo estreitamente ovado a elíptico, agudo ou brevemente acuminado, base arredondada ou decurrente à bainha, por vezes com manchas púrpuras. Flores sésseis ou subsésseis, de corola zigomórfica com pétalas desiguais, alaranjadas a vermelho-vivo ou vermelho-rosa; inflorescências ramificadas ou simples, terminais, com flores solitárias ou aos pares. Pseudocápsulas globosas e verrugosas.

Área de distribuição nativa

Originária da América do Sul. Cresce como subespontânea em áreas de temperadas da Península Ibérica.

Uso e observações

Ornamental. As sementes são utilizadas na cultura muçulmana para fabricar contas de rosários. O rizoma é rico em amido, sendo comestível (González, 2007).



***Carex morrowii* Boott 'Aureo-variegata'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Cyperaceae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

Herbácea cespitosa, vivaz, rizomatosa. Folhas basais, rígidas, linear-lanceoladas, com bandas verdes e brancas, margens verdes, rugosas. Panícula terminal composta por espigas masculinas terminais, 2-4 espigas femininas, laterais, cilíndricas. Aquénios de secção triangular, cerca de 3 mm.

Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie tipo é originária do centro e sul do Japão.

Usos e observações

Carex tem origem do grego *keiro*, que corta, aludindo às margens que são geralmente afiadas; o epíteto específico é uma homenagem a James Morrow, que a recolheu pela primeira vez no Japão (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Ornamental.



***Cedrus atlantica* var. *glauca* (Endl.) G. Manetti ex Carrière**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Pinaceae

Nome(s) vernacular(es): Cedro-do-Atlas

Características gerais

Árvore perenifólia até 40 metros. Copa cônica ou piramidal, que, com os anos, se torna trapezóide ou irregular com a ponta mais achatada e ramificações ascendentes e depois horizontais. Folhas aciculares de ponta translúcida, geralmente de comprimento inferior a 2,5 cm, agrupadas em número de 19-28 por braquiblasto. Pinhas com 5 a 7 cm de comprimento, subcilíndricas, em forma de barril, com ápice achatado e uma depressão que se assemelha a um umbigo.

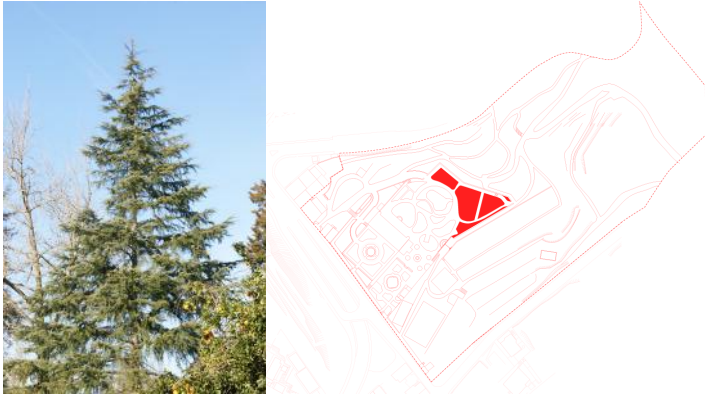
Variedade *glauca*: Cedro do Atlas azul. Caracteriza-se pela sua folhagem esbranquiçada ou cinzento-azulada (Krüssmann, 1995, p. 63).

Área de distribuição nativa

Montanhas do Atlas na Argélia e Marrocos (Krüssmann, 1995, p. 63)

Uso e observações

Ornamental. Foi introduzida na Europa em 1839 (Krüssmann, 1995)



***Cedrus deodara* (Roxb. ex D. Don) G. Don**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Pinaceae

Nome(s) vernacular(es): Cedro-dos-Himalaias; Cedro-deodara

Características gerais

Árvore perenifólia que pode alcançar 50 (-75) metros de altura no seu habitat natural. Copa cônica com cimo pontiagudo e delgado, ocasionalmente largo, ramos jovens pêndulos. Folhas aciculares, rígidas, com mais de 3 cm de comprimento, tonalidade verde-escuro, agrupadas em número de 20 a 30 por braquiblasto. Pinhas com 8 a 12 cm de comprimento, ovóides, de ápice arredondado.

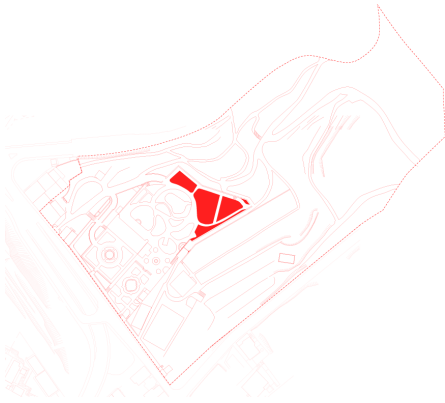
Área de distribuição nativa

Afganistão e Noroeste dos Himalaias.

Usos e observações

Planta ornamental muito cultivada em jardins e parques e, também pela sua madeira, considerada de excelente qualidade, resistente à putrefacção e fortemente aromatizada, muito empregada em carpintaria de luxo. Da madeira extrai-se uma essência utilizada em perfumaria e com propriedades antissépticas (González, 2007).

O seu nome é derivado do sânscrito *devadaru* que significa “árvore dos deuses” (Eckenwalder, 2009, p. 191). Foi introduzida na Europa em 1822 (Krüssmann, 1995), cultivada com frequência, surge por vezes como subespontânea (Almeida, 2002)



***Ceiba speciosa* (A.St.-Hil.) Ravena**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Malvaceae

Nome(s) vernacular(es): Árvore-da-lã; Árvore-da-paina; Capoc; Sumaúma

Características gerais

Árvore caducifólia, de 15 metros ou mais; tronco dilatado na base, densamente coberto por espinhos robustos. Folhas alternas, digitadas, longamente pecioladas; 5-7 folíolos lanceolados, agudos, serrados. Flores grandes, vistosas, solitárias ou em grupo; cálice cupuliforme, com 5 lóbulos irregulares; corola campanulada aberta, 5 pétalas oblongo-obovadas, livres, densamente pubescentes externamente; de cor rosada ou vermelha, creme ou branca na base, geralmente com máculas. Cápsulas lenhosas com 3 valvas, polispérmica; sementes envoltas por fibras brancas semelhantes a algodão.

Área de distribuição nativa

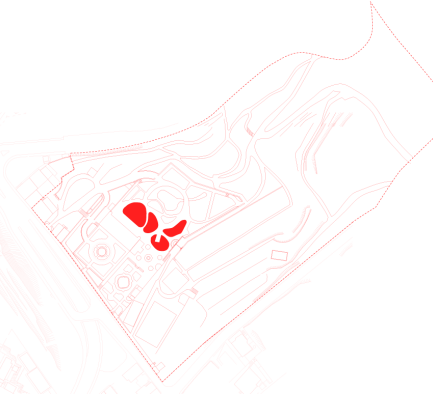
Brasil, nordeste da Argentina e Bolívia.

Usos e observações

O nome do género corresponde ao nome usado pelos ameríndios para denominar esta espécie.

Ornamental.

Tem várias aplicações económicas: as fibras que envolvem as sementes são muito flexíveis e sedosas servindo para o enchimento de colchões, almofadas e coletes salva-vidas; das sementes pode-se extrair um óleo de uso industrial e culinário (González, 2007).



***Cerastium glomeratum* Thuill.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Caryophyllaceae

Nome(s) vernacular(es): Cerástio-enovelado; Orelha-de-rato

Características gerais

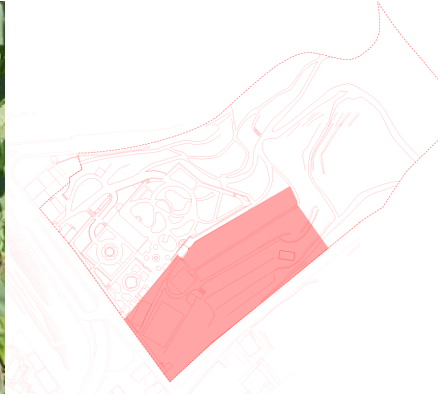
Herbácea anual, caules erectos ou ascendentes. Folhas basilares oblanceoladas a obovadas; as caulinares são ovadas ou elíptico-ovadas, pilosas, sésseis. Flores dispostas em cimeiras bíparas, com brácteas herbáceas; pétalas do tamanho do cálice ou menores, bifendidas. Cápsula polispérmica, cilíndrica e curva.

Área de distribuição nativa e habitat

Provavelmente Eurásia. Encontrada em campos cultivados ou incultos, frequentemente em baldios, bermas de caminhos e taludes.

Usos e observações

Ocorre espontaneamente em Portugal Continental.



***Cercis siliquastrum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Leguminosae

Nome(s) vernacular(es): Árvore-de-Judas; Olaia

Características gerais

Árvore caducifólia. Folhas simples, alternas, reniformes ou obcordadas, por vezes com o ápice emarginado, glabras, verde-acinzentado. Flores magenta ou rosa-pálido, em grupos sésseis ou ráculos curtos, desenvolvem-se precocemente ao longo dos ramos e na parte superior do tronco (cauliflorous), geralmente antes do aparecimento das folhas. Vagens oblongas, comprimidas.

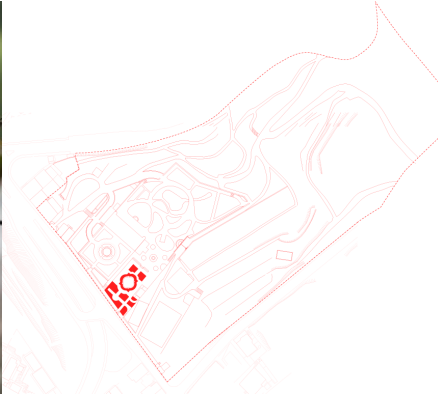
Área de distribuição nativa e habitat

Região mediterrânica oriental.

Usos e observações

É principalmente uma espécie ornamental. Os frutos eram usados em medicina popular como adstringentes (González, 2007).

Segundo a tradição cristã, Judas Iscariote enforcou-se numa olaia.



***Chaenomeles japonica* (Thunb.) Lindl. ex Spach**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Marmeleiro-do-Japão

Características gerais

Arbusto caducifólio, de hábito anão, espinhoso, raminhos lanuginosos quando jovens, tornando-se glabros e distintamente verrugosos. Folhas aproximadamente orbiculares ou ovais a obovadas, acunheadas, obtusas ou brevemente agudas, grosseiramente serradas, glabras, lustrosas. Flores em pequenos grupos sub-sésseis; sépalas inteiras, erectas; pétalas laranja-avermelhadas a rosa. Pomos subglobosos, amarelos, sésseis, aromáticos.

Área de distribuição nativa

Japão.

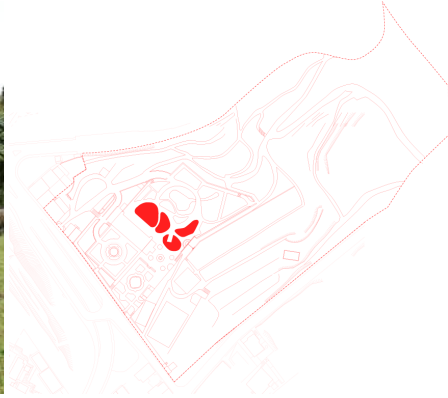
Usos e observações

O género deriva do grego *chainen*, escancarar-se, e *melon*, maçã, referindo-se à crença incorrecta que o fruto se dividiria em 5 valvas.

Ornamental.

O fruto é comestível quando cozinhado e é utilizado, como o verdadeiro marmelo, para produzir compotas e geleias.

As sementes apresentam um moderado perigo de intoxicação quando consumidas em grande quantidade; contêm alcaloides cianogénicos que têm efeitos citotóxicos e de perturbação do tracto gastrointestinal (Wink & Wyk, 2008).



***Chamaecyparis pisifera* (Siebold & Zucc.) Endl. ‘ Filifera Aurea’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Classe: Cupressaceae

Nome(s) vernacular(es): Camecipáris-Sawara

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore perene, com copa amplamente cônica ou piramidal. Folhas decussadas, escamiformes e acuminadas, providas de bandas esbranquiçadas na página inferior; as folhas laterais iguais ou sub-iguais às folhas faciais. Cones pequenos, globosos, compostos por 6-8 escamas lenhosas, rugosas, peltadas.

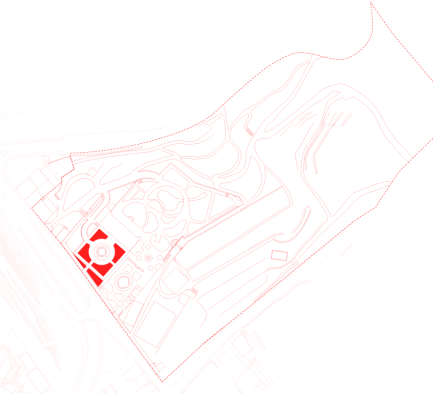
No cultivar ‘ Filifera Aurea’ os ramos e raminhos são finos, filamentosos e pêndulos e as folhas jovens são amarelo-dourado, apesar de se manterem verdes no interior da planta.

Área de distribuição nativa e habitat

Hortícola.

Utilidade e curiosidades

Do grego *chamai*, que significa anão e *kuparissos*, que significa cipreste. Ornamental.



***Chamaerops humilis* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Arecaceae

Nome(s) vernacular(es): Palmeira-anã; Palmeira-das-vassouras; Palmeira-vassoureira

Características gerais

Arbusto perenifólio, acaule ou com espique curto; de porte arbóreo, podendo atingir mais de 3 m quando cultivada. Espique revestido pelas bainhas das folhas marcescentes. Folhas flabeliformes, multifendidas com os segmentos bífidos, o pecíolo é plano na página superior e convexo na página inferior, com margens espinhosas. Flores formam panículas ramosas protegidas por duas ou quatro espatas. Baga globosa ou ovóide, de cor castanha ou amarela.

Área de distribuição nativa

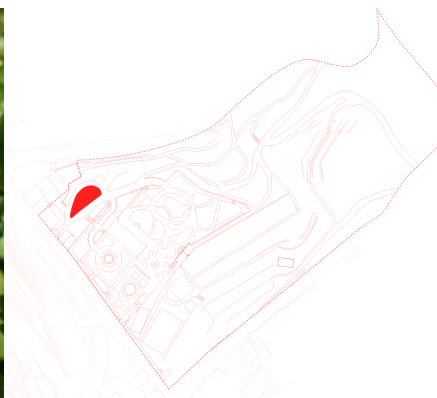
Região Mediterrânica ocidental, desde Portugal e Marrocos até Malta.

Ocorre em matos e matagais xerofílicos, em encostas soalheiras e pedregosas. Sem preferência edáfica, presente em solos derivados de arenitos, calcários ou xistos, ácidos ou básicos.

Usos e observações

Do grego *chamai*, anão e *rhops*, arbusto, aludindo ao hábito anão.

É a única palmeira nativa da Península Ibérica. Com função ornamental era cultivado nos jardins hispano-árabes, surgindo formas de maior tamanho e mais vistosas. Muito abundante no Algarve, as suas folhas secas são utilizadas no tradicional artesanato de empreita. A gema apical e as espatas jovens são comestíveis. As bagas são ricas em taninos, pelo que é usado na medicina popular como adstringente no tratamento de diarreias (González, 2007).



***Chelidonium majus* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Papaveraceae

Nome(s) vernacular(es): Cedronha; Celidónia; Ceruda; Erva-andorinha; Erva-das-verrugas; Erva-leiteira; Quelidónia

Características gerais

Planta herbácea vivaz, ramosa, mais ou menos pubescente; caules nodosos com látex amarelo. Folhas simples, glaucas na página inferior, penatissectas, com segmentos ovados, desigualmente lobados e com lóbulos arredondados. Flores amarelas, dispostas em umbelas simples, pauciflora. Cápsula torulosa, glabra.

Área de distribuição nativa

Europa e oeste da Ásia.

Usos e observações

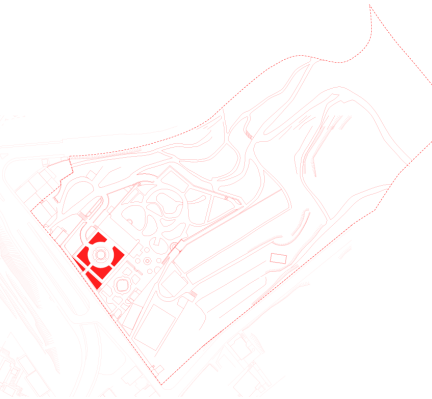
O nome deriva do grego “chelidon” que significa andorinha. Na linguagem das flores significa “primeiro suspiro de amor” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Na Antiguidade utilizava-se como estimulante erótico (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Muito frequente em Portugal, crescendo espontaneamente em margens de sebes, muros e espaços baldios.

Tem propriedades medicinais que se devem principalmente aos alcalóides. Indicada para o tratamento de espasmos intestinais e das vias biliares. Na medicina popular é usado para espasmos do aparelho respiratório e o uso tópico do seu látex para eliminar verrugas, condilomas e papilomas (Tavares, Zuzarte, & Salgueiro, 2009, p. 43). De acordo com o saber popular, para a remoção das verrugas ser efectiva, a planta deveria ser tratada por “Sra. D. Celidónia”, senão ofendia-se e não actuava.

Apesar dos efeitos terapêuticos, toda a planta é tóxica devido à presença de quelidolina, um alcalóide. A sua ingestão pode causar diarreia, vômitos, cólicas abdominais e desidratação (Nelson, Shih, & Balick, 2007).



***Chimonanthus praecox* (L.) Link**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Calycanthaceae

Nome(s) vernacular(es): Flor-de-cera; Flor-de-Inverno

Características gerais

Arbusto muito ramificado, caducifólio. Folhas opostas, com pecíolo curto, oblongo-lanceoladas, inteiras e agudas, ásperas na página superior. Flores sub-sésseis, muito perfumadas, solitárias ou geminadas, axilares; perianto indiferenciado, carnudo, externamente amarelo, púrpura ou castanho no centro; ântese precedendo o aparecimento das folhas. Múltiplos aquénios inclusos no receptáculo, ovóide ou piriforme.

Área de distribuição nativa

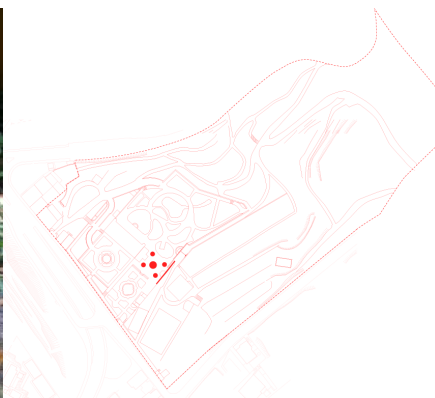
Originária da China.

Usos e observações

O nome deriva do grego *chimon*, inverno e *anthos*, flor, referindo-se ao facto de florir no Inverno.

Ornamental.

As folhas são venenosas, devido à presença de calicantina e chimonantina, alcalóides com efeitos citotóxicos, neurotóxicos, provocam perturbações do tracto gastrointestinal e o envenenamento de animais (Wink & Wyk, 2008).



***Chlorophytum comosum* (Thunb.) Jacques ‘Vittatum’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es): Clorófito; Planta-aranha

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, sem caule aéreo. Folhas persistentes, em tufo, lineares a linear-lanceoladas, de 10-40 cm x 2-3 cm, sésseis, gradualmente acuminadas. Flores dispostas em panículas abertas, simples ou ramificadas, pedúnculos cilíndricos, arqueados e amarelo-claros, ultrapassando as folhas; perianto esbranquiçado, com segmentos ovados e agudos; as rosetas de folhas, frequentemente com raízes, formam-se no ápice ou em vários nós da inflorescência. Cápsula avermelhada com cerca de 9 mm.

No cultivar ‘Vittatum’ as folhas são recurvadas, verdes, com uma larga faixa central branca ou creme.

Área de distribuição nativa

Origem hortícola. A espécie-tipo é proveniente da África do Sul.

Usos e observações

Ornamental. O nome do género deriva do grego *chloros*, que significa verde e *phyton*, que significa planta.



***Choisya ternata* Kunth.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rutaceae

Nome(s) vernacular(es): Laranjeira-do-México

Características gerais

Arbusto perenifólio. Folhas opostas, trifoliadas; folíolos inteiros, oblongos a obovados, obtusos, acunheados, com numerosas glândulas aromáticas. Flores brancas, com aroma semelhante ao da flor de laranjeira, dispostas em corimbos na extremidade dos raminhos. Cápsulas com 5 valvas.

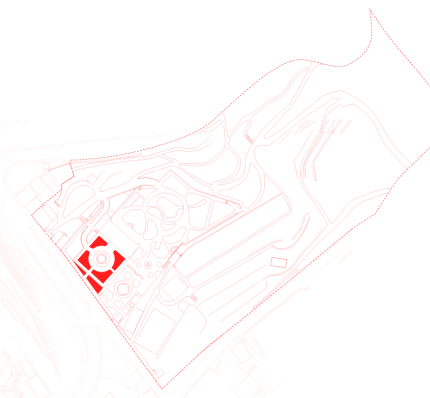
Área de distribuição nativa

México.

Usos e observações

Ornamental.

É moderadamente tóxica devido à presença de alcalóides quinolínicos, com propriedades citotóxicas e mutagénicas (González, 2007).



***Citrus aurantium* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rutaceae

Nome(s) vernacular(es): Laranjeira-amarga; Laranjeira-azeda; Laranjeira-de-Sevilha

Características gerais

Árvore de porte médio, perenifólia, de copa redonda. Ramos providos de espinhos finos, especialmente compridos nos ramos jovens, mas pouco aguçados. Folhas ovadas a oblongas, obtusas a sub-acuminadas, acunheadas a obtusas, com 7 a 10 cm de comprimento, inteiras ou ligeiramente crenadas, sustentadas por um pecíolo alado. Flores solitárias ou em cachos axilares, brancas e muito fragantes. Hesperídio sub-globoso, com uma depressão na extremidade, com casca muito rugosa.

Área de distribuição nativa

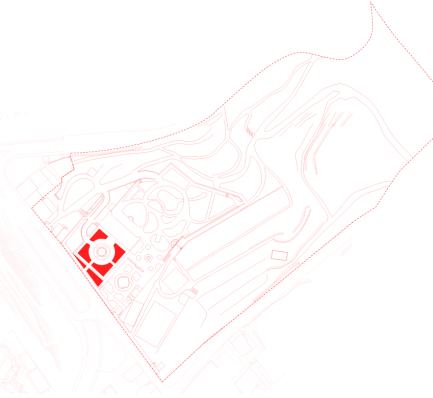
Tem origem híbrida, resulta. Desconhece-se com absoluta certeza as espécies progenitoras, provavelmente *C. maxima* e *C. reticulata*, espécies provenientes do sudeste da Ásia, sudeste da China e norte de Burma.

Usos e observações

O epíteto específico, *aurantium*, deriva do latim *auratus*, que significa cor de ouro, aludindo à cor dourada dos frutos (González, 2007).

A origem dos citrinos, cultivados, hibridados e selecionados desde há muito tempo, é difícil de estabelecer. Supõe-se que quase todos eles derivam de três espécies silvestres: *Citrus maxima*, *Citrus medica* e *Citrus reticulata* e possivelmente de uma quarta espécie desconhecida (González, 2007).

Muito cultivada como árvore ornamental em passeios, parques e jardins. É um importante porta-enxerto de outros cítricos. O fruto é utilizado na confecção de marmeladas e licores, ou pelo óleo essencial das flores, folhas e brotos, essência de neroli e essência petit-grain, respectivamente, utilizadas em perfumaria. Foi introduzida na Península Ibérica pelos árabes, era usada como ornamental e porta-enxertos, dada a sua rusticidade e resistência a baixas temperaturas. Os óleos essenciais têm propriedades medicinais, são ligeiramente sedantes, antiespasmódicos, propriedade tónicas, estomacais e carminativas, emprega-se para estimular o apetite e facilitar as digestões (González, 2007).



***Citrus limon* (L.) Burm. f.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rutaceae

Nome(s) vernacular(es): Limoeiro

Características gerais

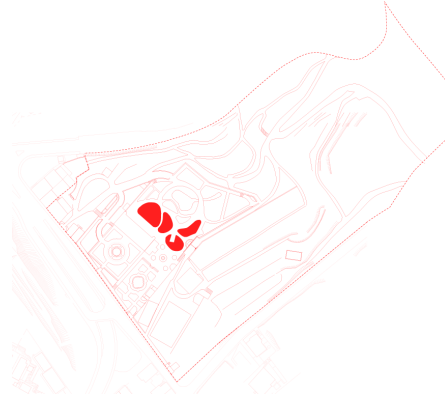
Árvore de pequeno porte, perenifólia, espinhosa. Folhas verde-claro, oblongas a elípticas, obtusas ou pouco acuminadas, crenadas, pecíolo estreitamente alado e distintamente articulado com o limbo. Flores solitárias ou em grupos axilares, pétalas exteriormente rosadas e brancas por dentro. Hesperídio oblongo a ovóide, 8-12 locular, com mamilo obtuso na extremidade, com casca grossa, cor amarela.

Área de distribuição nativa

Origem híbrida. Crê-se que o limoeiro terá tido origem no nordeste da Índia, na região amena na base dos Himalaias, a partir de algum híbrido natural (González, 2007).

Usos e observações

O nome específico do limoeiro deriva do árabe *laymun*. Foi introduzido na região mediterrânea pelos árabes no século X. O fruto tem várias aplicações, inclusive medicinais. Da casca obtém-se um óleo essencial rico em limoneno, empregado em perfumaria. A essência é antisséptica, carminativa e diurética, contém flavonóides, tem ação vitamínica P considerada protectora dos vasos sanguíneos (González, 2007).



***Clematis jackmanii* T. Moore**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ranunculaceae

Nome(s) vernacular(es): Clematite

Características gerais

Trepadora lenhosa. Folhas superiores simples, sendo as médias e inferiores, compostas, trifoliadas; folíolos ovado-lanceolados, agudos, ligeiramente cordados na base. Flores de grande tamanho, em cimeiras de 3, terminais; perianto composto por 4 (ou raramente 6) segmentos, amplamente obovados, com 3 nervuras conspícuas ao longo de todo o comprimento, pubescente na página superior, azul-violáceo escuro. Aquénios em forma de diamante, comprimidos com estiletos longos persistentes.

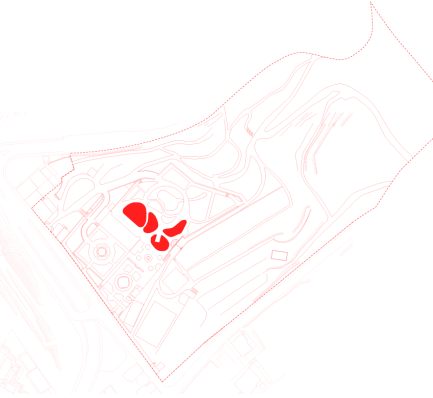
Área de distribuição nativa

Origem hortícola.

Usos e observações

O nome do género deriva de grego *clema* que significa gavinha, sendo um nome utilizado por Dioscórides para se referir a várias plantas trepadoras.

Ornamental. Um híbrido entre *C. viticella* x *C. lanuginosa* criado em 1858, é o progenitor directo ou indirecto de muitos outros híbridos; serve de padrão para o grupo *Jackmanii*, grupo que engloba híbridos trepadores lenhosos, que florescem profusamente nos rebentos jovens durante um vasto período ao longo do Verão-Outono (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).



Clematis montana* Buch-Ham var. *rubens

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ranunculaceae

Nome(s) vernacular(es): Clematite

Características gerais

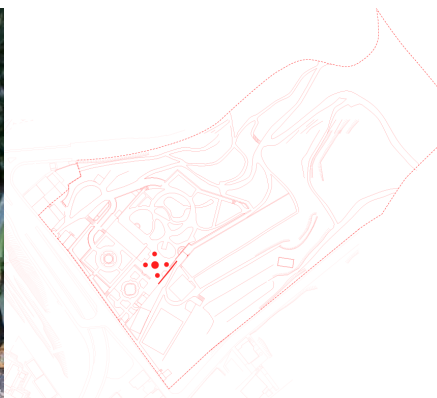
Trepadora lenhosa, caducifólia. Folhas trifoliadas; folhas jovens apresentam coloração avermelhada; folíolos ovado-lanceolados, agudos, truncados ou arredondados, grosseiramente serrados, ligeiramente ou profundamente trilobados no ápice. Flores rosa-claro, solitárias ou agrupadas nos nódulos dos ramos velhos, aparecem ao mesmo tempo que as folhas; pedicelos pubescentes; periantos com 4 (raramente 5) segmentos, abertos, oblongos, ovados ou obovados, agudos ou obtusos, truncados na base, pubescentes na página superior ao longo das nervuras. Aquénios rombóides, glabros, com estiletes brancos plumosos, persistentes.

Área de distribuição nativa

Origem hortícola. A espécie tipo é nativa do centro e oeste da China, Himalaias.

Usos e observações

Ornamental.



***Clivia miniata* (Lindl.) Bosse**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Amaryllidaceae

Nome(s) vernacular(es): Clívia; Clívia-cafre

Características gerais

Herbácea vivaz, bulbosa, robusta, sem caule aéreo. Folhas persistentes, em tufo, limbo carnudo, brilhante, loriforme, agudo e de margem denticulada. Flores erectas ou ascendentes, com perianto largamente afunilado, escarlate ou alaranjado, interiormente amarelado, segmentos interiores largamente obovados e obtusos e os segmentos exteriores lanceolados e agudos, estames mais curtos ou igualando o perianto; estão agrupadas em grandes umbelas com 10-20 flores e várias brácteas, encimando um escapo. Bagas vermelhas e ovoides, com sementes grandes e globosas.

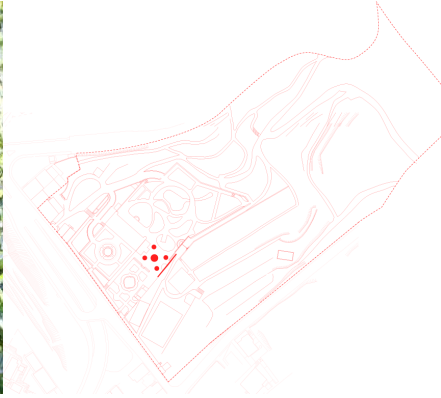
Área de distribuição nativa

África do sul.

Usos e observações

Ornamental.

É uma planta altamente tóxica devido à presença de alcaloides isoquinolínicos, como licorina; outros alcaloides são isolados das folhas e raízes, como cliviamina, clivonina, cliviamartina e hipeastrina. Estes compostos activos têm propriedades citotóxicas, neurotóxicas, virustáticas e causam perturbações a nível do tracto gastrointestinal. Para além disso, esta espécie é utilizada na medicina tradicional por mostrar efeitos uterotónicos, eméticos e diuréticos, sendo utilizada em partos, no tratamento da dor, febre e mordidas de cobra. O seu uso em medicina tradicional pode levar a envenenamento por overdose (Wink & Wyk, 2008).



***Cobaea scandens* Cav.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Polemoniaceae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

Arbusto escandente, perenifólio, glabro. Folhas alternas, sésseis, pinadas; grandes estípulas foliáceas na base; 2-3 pares de folíolos, ovados ou oblongos, pedicelados; o par inferior tem base cordada ou auriculada; gavinhas terminais ramificadas na extremidade. Flores violetas ou púrpuras, axilares, solitárias; cálice composto por 5 sépalas foliáceas, largamente ovadas, angulosos; corola tubuloso-campanulada, limbo 5-lobulado; estames exsertos. Cápsula coriácea, 3-5 valvas.

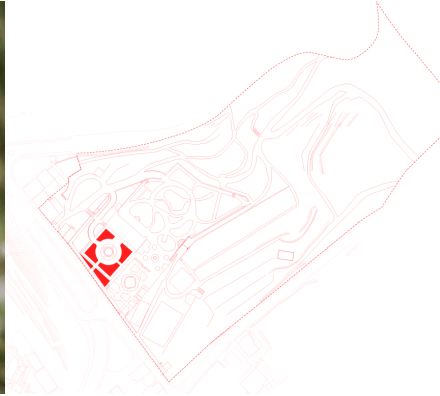
Área de distribuição nativa

México e América do Sul tropical.

Usos e observações

Em homenagem a B. Cobo (1572-1659), padre jesuíta e naturalista que viajou pelo México e Perú (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Ornamental.



***Coleonema pulchrum* Hook.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rutaceae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

Arbusto perenifólio, muito ramificado, aromática; ramos erectos, finos. Folhas lineares, agudas, glabras, de margens cilioladas. Flores solitárias, terminais ou axilares, rosadas, subtendidas por brácteas oblongas a lanceoladas, agudas; sépalas largamente lanceoladas, agudas, cilioladas; pétalas obovadas, apiculadas, abertas, glabras. Cápsulas de côr verde, glabras, com cornículo curto.

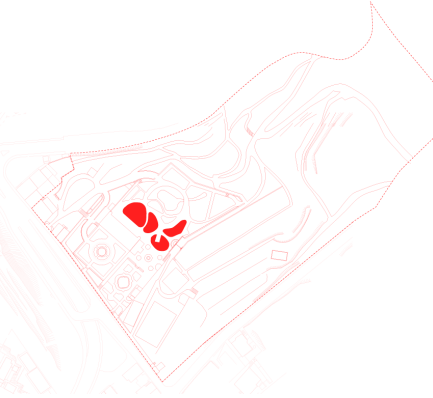
Área de distribuição nativa

África do Sul.

Usos e observações

O nome do género tem origem do grego *koleos*, bainha, e *nema*, fio, pois os filamentos dos estames estéreis estão inclusos nos canais das pétalas (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Ornamental.



***Convallaria majalis* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es): Campainhas-de-Maio; Convalária; Lírio-de-Maio; Lírio-dos-vaies

Características gerais

Herbácea vivaz, com rizoma. Caule erecto, fistuloso, com 2-5 catáfilos na parte inferior, de cor esverdeada ou violácea. Folhas geralmente 2, com limbo lanceolado ou ovado-oblongo, agudo. Inflorescência disposta em racimo terminal laxo, com 4-14 flores; pedicelos frequentemente pêndulos, com brácteas lanceoladas, acuminadas. Flores hermafroditas, brancas e muito perfumadas; perianto urceolado-campanulado, com 6 lobos curtos e recurvados. Baga escarlate.

Área de distribuição nativa

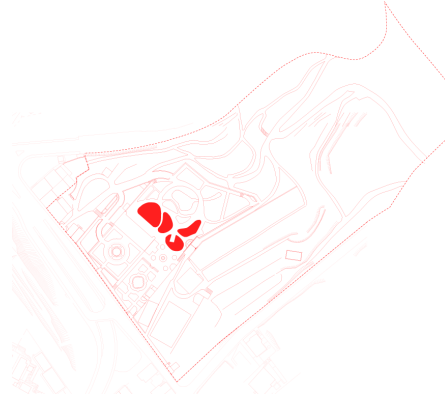
Originária do hemisfério Norte: Europa não mediterrânica, América do Norte e Ásia Setentrional.

Usos e observações

Ornamental. Na Idade Média atribuíam-lhe poderes mágicos, era utilizada para aumentar as faculdades intelectuais e segundo relatos de viajantes do século XVII, foi usada em rituais xamânicos nas mesetas iranianas (Núñez & Obón de Castro, 1991). O óleo essencial extraído das flores é utilizado em perfumaria. Esta planta tem efeito psicotrópico, sendo as flores secas utilizadas como um ingrediente do tabaco de rapé.

Devido à presença de heterósidos cardiotônicos, entre os quais o convalósido e a convalatoxina, tem propriedades medicinais. Utilizou-se no tratamento da insuficiência cardíaca, hepática e renal. A presença de flavonóides, saponósidos e sais minerais torna-a diurética. O saponósido convalarina em doses elevadas é purgativo. As partes utilizadas são as aéreas em flor (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).

Toda a planta é tóxica, causando transtornos digestivos, náuseas, vômitos e alterações cardíacas que podem produzir a morte por paragem cardíaca, quando utilizada em doses não terapêuticas (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012, p. 260).



***Cornus alba* L. ‘Argenteo-Marginata’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Cornaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

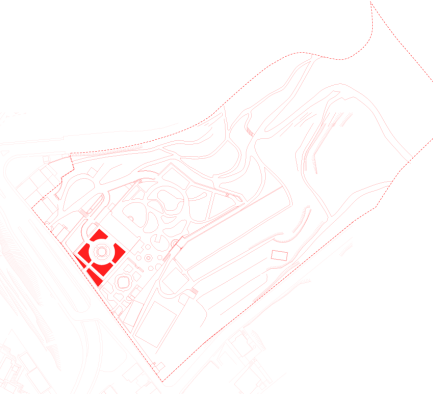
Arbusto caducifólio; ramos erectos, glabros, tornando-se vermelhos no Outono e Inverno. Folhas ovado a elípticas, pubescentes, variegadas, margens brancas. Flores brancas em cimeiras estreitas, desprovidas de involúcro. Drupas ovóides, brancas ou azuladas.

Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie original é nativa da Ásia, Sibéria, do norte da China à Coreia.

Usos e observações

Ornamental.



***Cornus kousa* Bürger ex Miq. subsp. *chinensis* (Osborn) Q.Y.Xiang**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Cornaceae

Nome(s) vernacular(es): Corniso-japonês

Características gerais

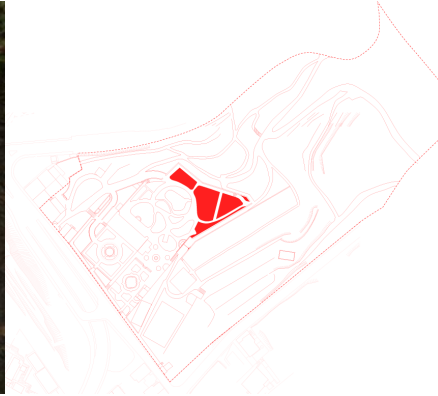
Arbusto ou pequena árvore caducifólia. Folhas com pecíolo curto, ovadas, acuminadas, margem ondulada, cunheadas, página superior verde-escuro, página inferior verde-azulado, nervuras amarelas, vermelhas no Outono. Flores pequenas agrupadas em densas cabeças arredondadas, de cor esverdeada, rodeadas por 4 brácteas semelhantes a pétalas, lanceoladas, acuminadas, branco-esverdeado, de até 6 cm, ficam rosadas à medida que envelhecem. Drupas carnudas com cerca de 2 cm de diâmetro.

Área de distribuição nativa

Japão, Coreia e China. A subespécie *chinensis* é nativa da China.

Usos e observações

Ornamental.



***Corylus avellana* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Betulaceae

Nome(s) vernacular(es): Avelaneira; Avelleira

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore caducifólia, de copa pouco densa e ritidoma liso, acobreado e escamoso, tornando-se cinzento-avermelhado; rebentos revestidos de pêlos glandulosos, avermelhados. Folhas simples, alternas, curtamente pecioladas, textura rugosa, forma ovado-suborbicular, base subcordiforme, ápice cuspidado, margens duplamente serradas, pubescentes na página inferior. Floração monóica, flores masculinas nuas dispostas em amentilhos cilíndricos, solitárias na axila de cada bráctea do amentilho, amarelas, desenvolvendo-se antes das folhas; flores femininas desenvolvem-se na extremidade dos ramos, solitárias ou inflorescência de 2-5, distinguem-se pelos estiletes salientes vermelhos. Aquênios (avelã), cobertos, em parte, por um capuz de cor verde.

Área de distribuição nativa

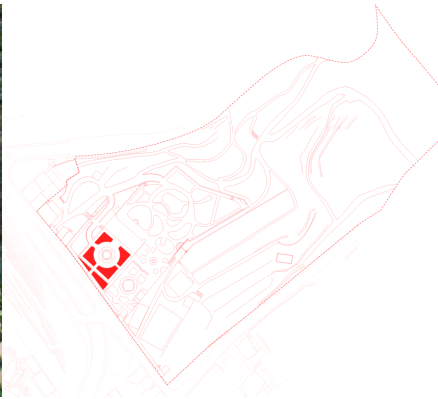
Europa e Ásia ocidental.

Ocorre na orla ou sob o coberto de bosques caducifólios. Prefere locais sombrios e húmidos, como vales e barrancos. Não se desenvolve geralmente acima dos 1500 metros de altitude.

Usos e observações

Na linguagem das flores a avelleira significa “reconciliação”.

Ornamental, era cultivada nos jardins hispano-árabes. Principalmente conhecida por causa do fruto, a avelã, que é muito nutritivo e tem várias aplicações na indústria alimentar, de tintas e lubrificantes. Os seus ramos flexíveis são utilizados em cestaria e a sua madeira é utilizada para construir tonéis e como combustível. São-lhe atribuídas algumas propriedades medicinais, a casca e as folhas são ricas em taninos, têm propriedades adstringentes e são utilizadas como antidiarreicas, para parar hemorragias, actuam como tónico venoso no tratamento de varizes; as infusões de flores masculinas são utilizadas como sudoríferas e as de cascas das avelãs como retentoras de urina, na medicina popular as avelãs eram usadas para evitar que as crianças urinassem na cama (Gonzalez, 1982, p. 432)



***Cotinus coggygia* Scop.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Anacardiaceae

Nome(s) vernacular(es): Árvore-do-fumo; Sumagre-da-Hungria; Sumagre-de-Veneza; Sumagre-do-Tirol

Características gerais

Arbusto caducifólio, de hábito arredondado. Folhas inteiras, com pecíolo longo e fino, sem estípulas, arranjo em espiral amplamente elípticas a obovadas, basalmente arredondadas a truncadas, glabras. Flores amareladas a esverdeadas, em grandes tirsos terminais laxos, muito ramificados, de cor púrpura; muitas das flores abortam, tornando-se plumosas-vilosas; após floração, panículas frutíferas com longos pedicelos estéreis plumosos. Drupas monospermas, obliquamente obovadas a sub-reniformes, mesocarpo pouco abundante, comprimidas, reticuladas.

Área de distribuição nativa

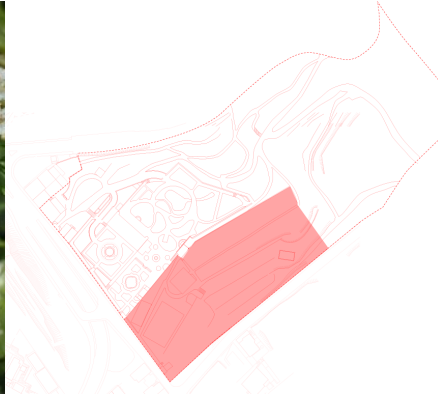
Sul da Europa, centro da China e Himalaias.

Usos e observações

Cotinus deriva da palavra grega *kotinus*, que significa azeitona selvagem, não se conhecendo muito bem as razões.

Ornamental.

Tal como vários membros pertencentes à família Anacardiaceae, as espécies do género *Cotinus* podem causar dermatites.



***Crataegus monogyna* Jacq.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Espinheiro-alvar; Espinheiro-branco; Combroeiro; Escalheiro; Escrambulheiro; Pilriteiro

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore caducifólia, espinhosa. Folhas simples, alternas, obovadas a romboidais, fendidas, com 3-7 lóbulos desiguais. Flores dispostas em cimeiras corimbosas, com pétalas obovadas, brancas ou raramente rosadas, com um estilete (ou raras vezes dois). Pomos monospermicos, globosos ou ovóides, de cor vermelha.

Área de distribuição nativa

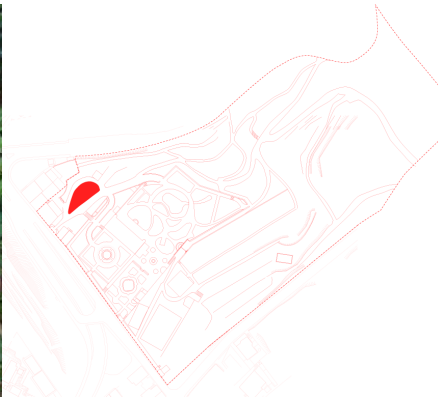
Europa, Ásia e Norte de África.

Usos e observações

Do grego *kratos*, força, referindo-se à madeira.

Em linguagem das flores o espinheiro representa “esperança”.

Cultivada como ornamental e apreciada pela fragância das flores. A madeira, muito resistente, é apreciada em tornaria e como combustível. Utilizado como porta-enxertos para pereiras e outras frutíferas da família. Carços dos frutos foram encontrados em assentamentos humanos pré-históricos, dando a indicação que talvez os frutos estivessem incluídos na sua dieta. Tem propriedades medicinais, as flores são utilizadas como tónico cardíaco, sedantes e antiespasmódicas. É uma planta melífera (Gonzalez, 1982, pp. 564-565).



***Crinum x powellii* Baker ‘Album’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Amaryllidaceae

Nome(s) vernacular(es): Crino; Lírio-do-Cabo

Características gerais

Herbácea vivaz, bulbosa. Folhas ensiformes, profundamente canaliculadas e com margens cartilagineas. Escapo com 1,50 metros ou mais, encimado por umbelas terminais de 8-10 flores subtendidas por duas grandes brácteas espatáceas. Flores brancas fragrantas; perianto afunilado, com o tubo curvo, segmentos do perianto abertos, com ápice agudo e recurvado, estames e estilete declinados e ascendentes. Cápsula com 3 lóculos.

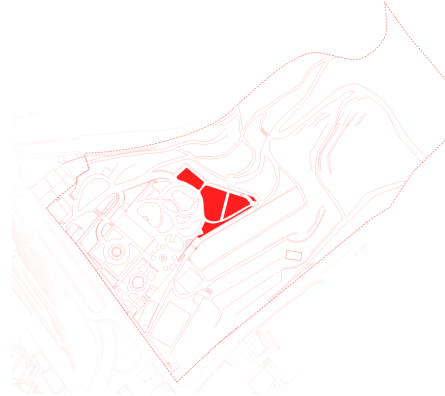
Área de distribuição nativa

Origem hortícola. As espécies progenitoras (*C. bulbispermum* e *C. moorei*) são espécies nativas da África do Sul.

Usos e observações

Crinum deriva do grego *krinon*, lírio, alude à forma das flores. Ornamental.

Altamente tóxica, principalmente o bolbo. Contém uma grande variedade de alcalóides, entre os quais, licorina, crinina, powelina e crinamina, compostos citotóxicos.



***Cryptomeria japonica* (Thunb. ex L.f.) D. Don**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Taxodiaceae

Nome(s) vernacular(es): Cedro japonês, Criptoméria

Características gerais

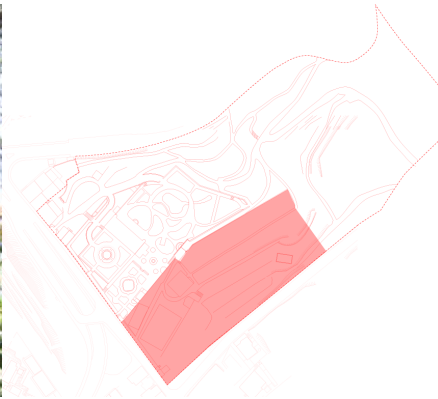
Árvore até 50 metros em habitat natural, com ramos curtos formando uma copa piramidal, estreita e densa; ritidoma castanho-avermelhado, destacando-se em longas tiras. Folhas dispostas em espiral, linear-assoveladas, decurrentes, com o vértice encurvado para dentro. Gábulas globosas a elipsóides, solitárias e em posição terminal, com 20-30 escamas subpeltadas, geralmente com mucrão de 4-6 pontas recurvadas.

Área de distribuição nativa

Japão.

Uso e observações

Cultivada como ornamental e para aproveitamento da madeira, à qual se reconhecem algumas qualidades como ser forte, duradoura, fácil de trabalhar, odorífica e resistente ao ataque de insectos. É uma das madeiras comerciais mais utilizadas no Japão, no entanto, o seu pólen é muito alergénico, sendo a principal causa de alergias no Japão e uma das mais importantes nos Açores, onde é cultivada. O nome do género *Cryptomeria* deriva das palavras gregas *kryptós*, que significa escondido, oculto, e de *mereía*, que significa parte, aludindo ao facto de alguns órgãos permanecerem ocultos na planta (González, 2007, p. 222).



***Curcubita ficifolia* Bouché**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Cucurbitaceae

Nome(s) vernacular(es): Aboboreira-gila; Chila; Chilacaiota; Gila

Características gerais

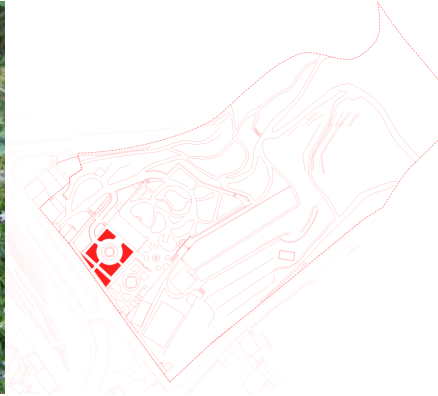
Herbácea vivaz, robusta, trepadora provida de gavinhas. Caules cerdosos e ásperos ao toque. Folhas grandes, verde-claro, sub-orbiculares ou reniformes, 5-lobuladas ou sinuadas; margens apiculado-serradas a praticamente inteiras; seio basal profundo e marginado pelas nervuras. Flores solitárias, amarelo-alaranjadas; cálice campanulado com 5 segmentos lineares; corola campanulada, 5-lobulada ou 5-fendida. Pepónios elipsóides ou arredondados, grandes, casca lisa, verde com listas brancas e marmoreado de branco, com polpa fibrosa; sementes negras, obovadas ou oblongas, comprimidas e marginadas.

Área de distribuição nativa

América do Sul, do México ao Chile.

Usos e observações

Foi introduzida pelo seu interesse alimentar. A polpa fibrosa do fruto é comestível e muito utilizada em confeitaria. Surge naturalizada como planta ruderal.



***Cuphea hyssopifolia* Kunth**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lythraceae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

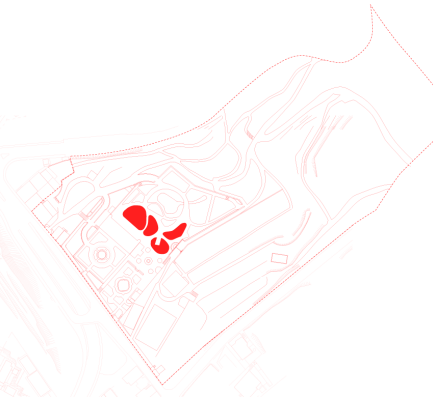
Arbusto perenifólio, densamente ramificado; ramos pubescentes. Folhas pequenas, de até 2 cm, verde-escuras lustrosas, subsésseis, linear-lanceoladas, crenado-dentadas ou inteiras. Flores axilares; cálice tubular, verde, direito, base gibosa, com costelas; 6 pétalas, idênticas, lilás-claro com nervuras mais escuras. Cápsulas polispérmicas, membranáceas, curvas, encerradas no tubo do cálice.

Área de distribuição nativa

Do México à Guatemala.

Usos e observações

Ornamental.



***Cuphea ignea* A.DC.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lythraceae

Nome(s) vernacular(es): Planta-foguete; Santo-antoninhos

Características gerais

Arbusto pequeno de até 1 metro, muito ramificado, glabro. Folhas persistentes, oblongas ou lanceoladas; folhas inferiores curtamente pecioladas, as superiores sésseis. Flores apétalas, axilares, solitárias; cálice tubular vistoso, tubo até 2,6 cm de comprimento, glabro, sem apêndices, escarlate, ápice preto com rebordo branco. Cápsulas membranosas, curvas, inclusas no cálice, deiscentes ao longo da parede dorsal.

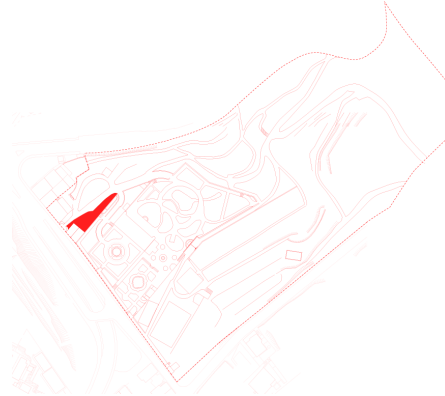
Área de distribuição nativa

México e Jamaica.

Usos e observações

Ornamental.

O nome do género, *Cuphea*, tem origem do grego *kyphos*, curvo, referindo-se à cápsula curva.



***Cupressus sempervirens* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Cupressaceae

Nome(s) vernacular(es): Cedro-bastardo; Cipreste

Características gerais

Árvore perenifólia de tronco geralmente recto e colunar, ritidoma castanho-acizentado, fibroso e estriado longitudinalmente, copa fusiforme. Folhas decussadas, escamiformes, estreitamente imbricadas, cobrindo todo o ramo, quando partidas libertam um forte odor a resina. Gábulas grandes, com 3-4 cm de diâmetro, solitárias e terminais, globosas a elipsóides, as escamas terminam em escudos convexos pouco proeminentes.

Área de distribuição nativa

Cultivada desde a Antiguidade a sua distribuição original não está bem definida. Supõe-se que seja nativa da região mediterrânea oriental, em torno no Mar Egeu: Irão, Síria, Chipre, Grécia (González, 2007, p. 209).

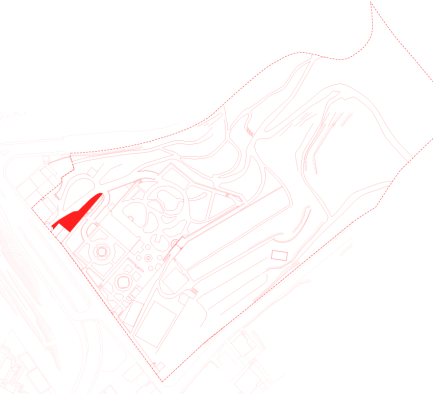
Usos e observações

Introduzida como árvore ornamental, é também utilizada como sebe protectora contra o vento, em repovoamentos florestais. Em tempos antigos foi explorada pela madeira, considerada de boa qualidade e resistente à putrefacção.

O hábito de plantá-la em cemitérios devido à sua longevidade converteu-a num símbolo de morte e de luto (González, 2007, p. 209). Também está representada na heráldica portuguesa (família Caldas).

A forma fastigiada ou colunar que se apresenta com uma copa fusiforme, estreita e densa é a mais cultivada, surgindo como imagem icónica da paisagem mediterrânica, é na realidade considerada um cultivar, por alguns autores.

A forma natural, a horizontal, surge como subespontânea e é considerada potencialmente invasora (Almeida, 2002).



***Cymbalaria muralis* G. Gaertn., B. Mey. & Scherb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Plantaginaceae

Nome(s) vernacular(es): Cimalária; Ruínas; Violetas-de-sala

Características gerais

Herbácea vivaz, difusa. Folhas geralmente alternas, limbo glabro, de forma reniforme a suborbicular, com 5-9 lóbulos desiguais, os centrais são maiores que os laterais, pecíolo mais comprido do que o limbo. Flores de corola personada, lábio superior bilobado e o lábio inferior trilobado, de cor violeta-esbranquiçada com o palato amarelo. Cápsulas globosas, salientes do cálice.

Área de distribuição nativa

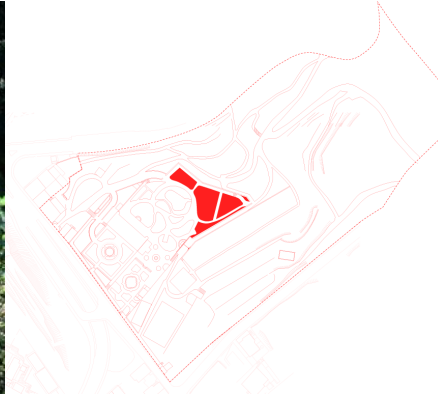
Originária do Sul dos Alpes, oeste da antiga Jugoslávia, centro e Sul da Itália.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *cymbal*.

Esta espécie foi introduzida pelo homem em território português há muito tempo, tendo-se assilvestrado; é frequente encontra-la em fendas de rochas e muros antigos, em zonas urbanas e de matas, com preferência por locais com alguma humidade edáfica.

Cultivada desde a Antiguidade como ornamental, naturalizou-se e surge como subespontânea em toda a região mediterrânica e Europa, ilhas atlânticas macaronésicas e caribenhas, América e Austrália. Tem propriedades medicinais, como antiescorbútica, tónica e diurética. Geralmente, é tomada em infusão de flores secas.



***Cyperus alternifolius* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Cyperaceae

Nome(s) vernacular(es): Sombrinha-chinesa

Características gerais

Herbácea vivaz, cespitosa, rizomatosa. Colmos numerosos, erectos, angulosos, estriados. Folhas basais atrofiadas, reduzidas a bainhas. Umbelas terminais, compostas, protegidas na base por grandes brácteas foliáceas, radiais, mais compridas do que as inflorescências; espiguetas achatadas, globosas a oblongas, castanhas; glumelas de um castanho-amarelado pálido, dísticas, alternas ao longo do eixo da espiguetas, muito imbricadas. Aquênios de secção triangular, castanhos.

Área de distribuição nativa

África, ilhas do Oceano Índico e Península Arábica.

Usos e observações

Nome de origem grega deriva de *kupeiros*, nome vernáculo grego dado a estas plantas.

Ornamental.



***Delairea odorata* Lem.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Compositae

Nome(s) vernacular(es): Erva-de-São-Tiago

Características gerais

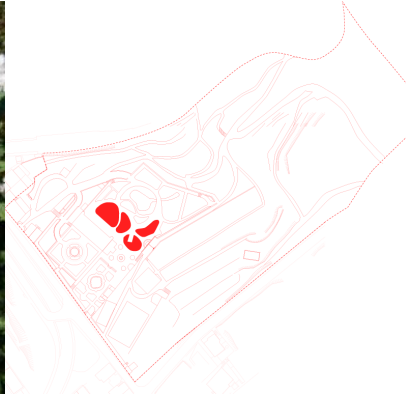
Herbácea trepadora, glabra, perenifólia, de caules lenhosos na base, delgados, um pouco carnudos e ramosos. Folhas semi-carnudas, deltóides a orbicular-reniformes, base cordada, com 3-11 lobos ou ângulos agudos, pecíolos mais compridos do que o limbo. Flores reunidas em numerosos capítulos discóides, sem flores liguladas, amarelos, por sua vez reunidos em corimbos compostos, axilares e terminais. Cipselas geralmente cilíndricas, costadas, com papilho de pêlos simples.

Área de distribuição nativa e habitat

África do sul.

Usos e observações

Cultivada como ornamental, tornou-se subespontânea em diversos locais.



***Deutzia x hybrida* Lemoine ‘Mont Rose’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Arbusto de hábito erecto, caducifólio. Folhas grossas, ásperas ao tacto, opostas, lanceoladas, serradas, acuminadas, arredondada na base, nervação salientes, revestimento de pêlos estrelados. Flores de um rosa-médio; cálice 5-lobado, com segmentos maiores do que o tubo; pétalas ovóide-oblongas, ligeiramente sulcadas; estames com anteras amarelas, dispostos em 2 séries, estames exteriores com filamentos alados e dentados; flores agrupadas em corimbos. Cápsulas coroadas pelas partes florais persistentes.

Área de distribuição nativa

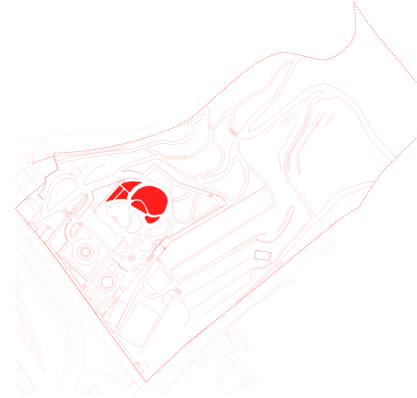
Hortícola. As espécies progenitoras são originárias da China.

Usos e observações

Em homenagem a Johann van der Deutz (1743-1784), amigo e patrono de Thunberg que descreveu o género.

Híbrido resultante do cruzamento das espécies *D. longifolia* x *D. discolor*.

Ornamental.



***Dicksonia antarctica* Labill.**

Divisão: Pteridophyta

Classe: Pteridopsida

Família: Dicksoniaceae

Nome(s) vernacular(es): Feto-arbóreo-da-Tasmânia

Características gerais

Feto arborecente, perenifólio, rizomatoso; tronco erecto, podendo atingir 8,5 metros de altura, coberto por raízes adventícias e bases de pecíolos persistentes. Frondes em tufo na extremidade do tronco, até 2m x 90cm, oblongo-lanceoladas, 2 ou 3-pinadas; pínulas oblongas, sésseis, serradas ou lobadas; pecíolo castanho-esverdeado ou verde, com longos pêlos castanhos, sedosos. Soros marginais, cobertos por um indúcio bivalve, valva exterior formada pela dobra da margem do segmento.

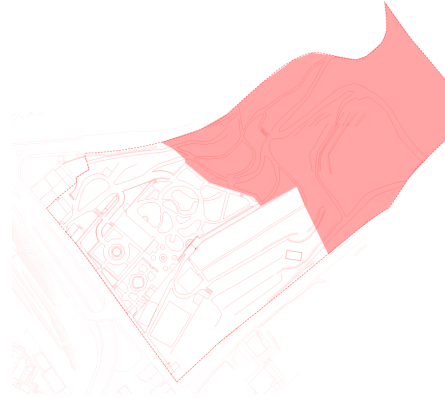
Área de distribuição nativa

Sul e este da Austrália, incluindo a Tasmânia.

Usos e observações

O nome do género surge em homenagem a James Dickson (1738-1822), botânico britânico.

Ornamental. Está incluído no grupo dos “fetos arbóreos” que têm um elevado valor hortícola.



Digitalis purpurea* L. subsp. *purpurea

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Plantaginaceae

Nome(s) vernacular(es): Abeloura; Caralhotas; Dedaleira; Digital; Erva-albiloura; Erva-dedal

Características gerais

Herbácea bienal, raramente vivaz. Caule oco e tomentoso. Folhas ovado-oblongas, com margem crenulada-dentada, um pouco rugosas na página inferior, pubescentes; as folhas basilares estão dispostas em roseta e têm pecíolo comprido, as superiores com pecíolo curto ou inexistente. Flores reunidas em cachos terminais, frequentemente unilaterais, corola com tubo cilíndrico a intumescido-globoso, gradualmente contraído na base, de cor purpúrea, rosada ou branca, com máculas internas mais escuras, o cálice com sépalas aplicadas à corola. Cápsula ovóide, obtusa, não ou muito pouco saliente do cálice.

Área de distribuição nativa e habitats

Norte de África, na região montanhosa do Rife e Atlas Médio, região ocidental da Europa. Ocorre em afloramentos rochosos, orlas e clareiras de bosques ou matagais, locais húmidos, frescos e sombrios.

Usos e observações

O nome tem origem latina, de “digitale” que significa dedal, por causa da forma da corola. Na linguagem das flores, a dedaleira significa “trabalho” (Diccionario da linguagem das flores, 1868).

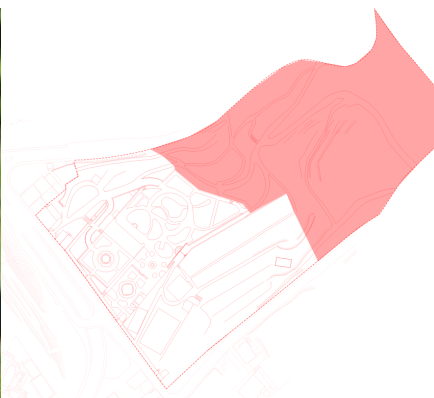
Em certas culturas atribuem-lhe poderes mágicos. Na Galiza é colocada à porta de casa na noite de S. João como augúrio de felicidade e protecção e para espantar bruxas e desgraças; no País de Gales, as mulheres preparam uma tinta com as folhas e as inflorescências de dedaleira com a qual, no 1 de Maio e Dia de Todos os Santos, pintam o chão do quarto para evitar malefícios (Núñez & Obón de Castro, 1991)

Utilizada como ornamental, já era cultivada nos jardins romanos (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Tem propriedades medicinais, utilizada no tratamento da insuficiência cardíaca. Tem acção cardiotónica devido aos heterósidos cardiotónicos que aumentam a contractibilidade cardíaca e

diminuem a excitabilidade, condutividade e ritmo.

Todas as partes da planta são altamente tóxicas e têm reduzida margem terapêutica, por isso, não devem ser utilizadas em fitoterapia (Tavares, Zuzarte, & Salgueiro, 2009, p. 51). Os sintomas de envenenamento incluem náuseas, distúrbios gastrointestinais, dores de cabeça, distorções visuais, taquicardia, arritmias cardíacas e convulsões. Diz-se que os halos em torno dos objectos e o predomínio da cor amarela nas últimas pinturas de Van Gogh se devem às distorções visuais provocadas pelo envenenamento com preparados farmacêuticos à base de dedaleira (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Dioscorea communis* (L.) Caddick & Wilkin**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Dioscoreaceae

Nome(s) vernacular(es): Arrebenta-boi; Baganha; Norça-preta; Uva-de-cão; Tamo

Características gerais

Herbácea escandente vivaz, possui tubérculo e é dióica. O caule é estriado longitudinalmente, volúvel, com crescimento sinistrorso. Folhas inteiras, pecioladas, por vezes trilobadas com o lóbulo médio lanceolado e longamente acuminado, outras vezes com o limbo cordiforme e ápice acuminado, verde-escuro brilhante, com 3 a 9 nervuras principais proeminentes e nervação secundária reticulada. Inflorescências em cachos axilares laxos; as inflorescências masculinas são mais longas e formadas por numerosas flores, a inflorescência feminina, mais curta e com um menor número de flores. Flores campanuladas de côr verde-amarelado. Bagas globosas, vermelhas quando maduras.

Área de distribuição nativa e habitat

Europa. Ocorre em bosques, matagais e sebes, em olivais abandonados e bosques ripícolas.

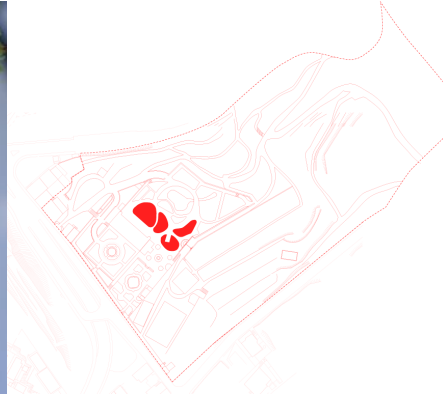
Usos e observações

Na linguagem das flores significa “beleza sem bondade” (Diccionario da linguagem das flores, 1868).

Os seus talos tenros são comestíveis, são consumidos em algumas zonas em saladas ou, após preparação, como substitutos das alcaparras. Os gregos utilizavam-na como substituto dos espargos (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Dioscórides denominava-a por vinha selvagem e prescreveu o uso dos frutos para tratar as manchas da pele. Foi utilizada no tratamento da alopecia por ter efeito estimulante da circulação sanguínea, possivelmente devido à presença de saponósidos derivados da diosgenina. O médico romano Celso secava a planta e triturava-a, obtendo um pó que utilizava como insecticida (Núñez & Obón de Castro, 1991).

A presença de substâncias activas como saponinas e cristais de oxalato de cálcio torna-a bastante tóxica, principalmente o tubérculo e o fruto.



***Dryopteris atrata* (Wall. ex Kunze) Ching**

Divisão: Pteridophyta

Classe: Pteridopsida

Família: Dryopteridaceae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

Feto terrestre, rizomatoso. Frondes erectas, difusas ou em tufo, oblanceoladas a oblonga-lanceoladas, pinadas, longamente acuminadas, cartáceas; pínulas amplamente lineares, horizontais, sésseis ou subsésseis, penatilobadas, mucronadas na margem anterior próximo do ápice; pínulas inferiores ocasionalmente menores, deltóides e deflexas. Soros orbiculares, dispostos em filas na página inferior das pínulas; indúsio reniforme.

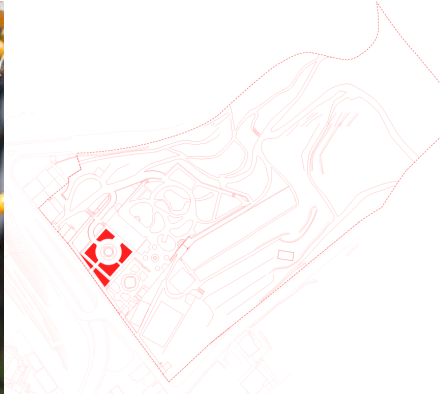
Área de distribuição nativa

Nordeste da Ásia: Japão, Tailândia, China até ao Norte da Índia.

Usos e observações

O nome do género tem origem do grego *dryas* que significa carvalho e *pterus*, fetos, relacionado com o facto de algumas espécies europeias serem encontradas em carvalhais húmidos.

Ornamental.



***Duranta erecta* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Verbenaceae

Nome(s) vernacular(es): Flor-do-céu; Gotas-de-orvalho; Violeteira

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore, por vezes espinhoso. Folhas opostas, obovadas a ovadas-elípticas, acuminadas ou obtusas, acunheadas, inteiras ou grosseiramente serradas acima do meio, glabrescentes. Cachos de até 15 cm, terminais ou axilares, erectos ou recurvados. Flores com cálice tubular-campanulado, 5 lóbulos agudos; corola assalveada, com tubo direito ou encurvado, limbo 5-lobado, lilás, branca, azul ou púrpura. Drupas amarelas, globosas, inclusas no cálice persistente, apresentando, no ápice, uma coroa de 5 dentes.

Área de distribuição nativa

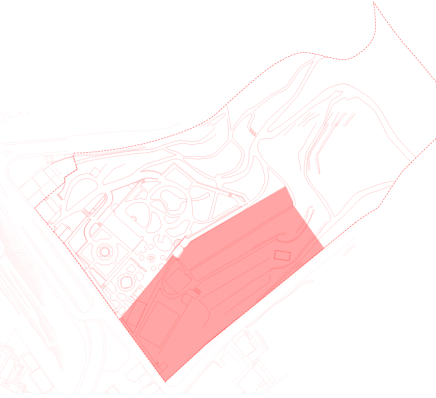
Nativa de regiões de clima tropical da América do sul e central, da Flórida ao Brasil.

Usos e observações

Ornamental.

O género foi dedicado a Castore Durante, médico e naturalista italiano do século XVI.

As folhas e os frutos contêm glucósidos iridóides, saponinas e alcalóides, que lhe conferem uma toxicidade moderada, com efeitos citotóxicos e neurotóxicos. Diz-se que o sumo das bagas é letal para mosquitos.



***Elaeagnus macrophylla* Thunb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Elaeagnaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Arbusto perenifólio, inerme; raminhos cobertos por escamas castanhas e prateadas. Folhas alternas, pecíolo robusto com cerca de 1,5 cm, coriáceas, amplamente ovadas ou elípticas, 5-11 cm longas, agudas ou brevemente acuminadas, arredondadas; página superior de um verde-escuro lustroso, glabra, página inferior densamente coberta por escamas prateadas. Flores branco-prateadas, perfumadas, apétalas; cálice com tubo campanulado, abruptamente contraído acima do ovário, limbo 4-lobulado de comprimento idêntico ao tubo; inflorescência pendente das axilas das folhas. Drupa elipsoide, monospermica, vermelha quando madura, coberta por escamas prateadas e castanhas.

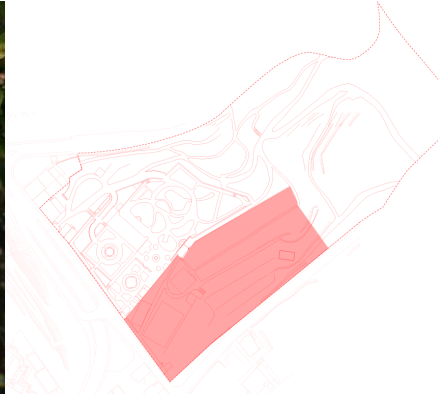
Área de distribuição nativa

Japão e Coreia.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *elaia*, azeitona, e *agnos*, o nome grego de *Vitex agnus-castus*.

Ornamental.



***Elaeagnus pungens* Thunb. 'Variegata'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Elaeagnaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

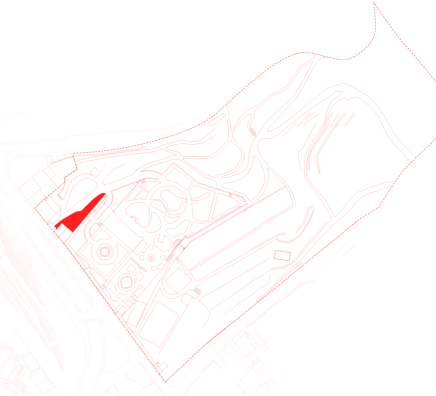
Arbusto perenifólio, provido de espinhos dispersos; raminhos cobertos por escamas castanhas. Folhas alternas, inteiras, coriáceas, brevemente pecioladas, elípticas ou oblongas, agudas ou obtusas, arredondadas, margens onduladas, revolutas; página superior de um verde-escuro, com margem branco-amarelada; página inferior prateada, pontuada por escamas castanhas. Flores branco-prateadas, perfumadas, apétalas; cálice com tubo cilíndrico, abruptamente contraído acima do ovário, limbo 4-lobulado mais curto do que o tubo; inflorescência axilar, pendente. Drupa ovoide, monospérmica, vermelha quando madura, coberta por escamas prateadas e castanhas.

Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie-tipo é natural do Japão.

Usos e observações

Ornamental.



***Erigeron karvinskianus* DC.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Compositae

Nome(s) vernacular(es): Intrometidos; Margacinhas; Teresinhas; Vitadínia-das-floristas

Características gerais

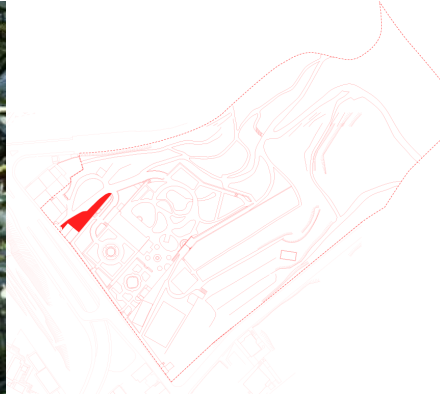
Herbácea vivaz, muito ramificada, sublenhosa na base. Folhas da base obovadas a acunheadas com pecíolo curto e, usualmente, trilobadas; as folhas superiores são inteiras, estreitamente elípticas. Flores reunidas em capítulos pequenos com finos pedúnculos compridos, de 3 a 8 cm; flores marginais liguladas, filiformes, brancas ou rosadas na página superior e púrpuras na inferior, as flores do disco são amarelas. Algumas cipselas com papilho acastanhado de pêlos compridos.

Área de distribuição nativa

México e América do Sul tropical.

Uso e observações

Tem o estatuto de espécie invasora em território português. Foi introduzida como espécie ornamental, é subespontânea nos muros, fendas de rochas, empedrados e junto a espaços ajardinados (Marchante, Morais, Freitas, & Marchante, 2014).



***Eriobotrya japonica* (Thunb.) Lindl.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Magnólio; Magnório; Nespereira; Nespereira-do-Japão;

Características gerais

Árvore de até 10 metros, copa globosa, perenifólia. Folhas bolhosas, obovado-lanceoladas a elíptico-oblongas, atenuadas em cunha, acuminadas, grosseiramente serradas, coriáceas, verde-escuras na página superior, ferrugíneo-tomentosas na página inferior. Flores em cimeiras paniculadas, terminais, ferrugíneo-tomentosa, amarelo-esbranquiçadas, muito fragrantas, numerosas em cada panícula, eixo da panícula e cálices lanosos. Pomos carnudos amarelos, globosos a elipsóides, coroados pelo cálice marcescente.

Área de distribuição nativa

China e Japão.

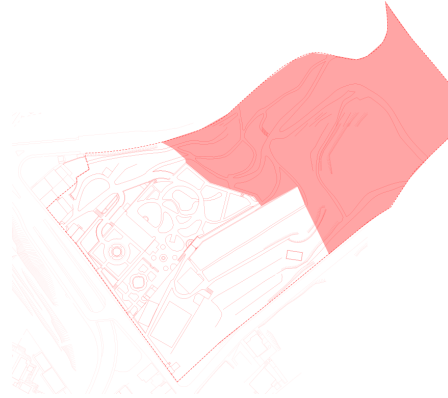
Usos e observações

O nome do género deriva do grego *érion*, lã e *bótrys*, cacho de uvas, referindo-se às panículas lanosas.

Introduzida pelo fruto, também é usada como árvore ornamental.

Ocorre de forma natural na China, mas é cultivada no Japão desde tempos imemoriais, onde a nêspereira (fruto), conhecido por *biwa*, é um dos frutos mais apreciados, tendo-se assilvestrado em algumas regiões. Também na Península Ibérica se cultiva extensivamente, tendo-se naturalizado em alguns pontos (González, 2007).

Para além do aproveitamento do fruto, em alguns locais as suas sementes torradas são utilizadas como substituto do café (González, 2007).



***Eucalyptus globulus* Labill.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Myrtaceae

Nome(s) vernacular(es): Eucalipto-comum; Gomeiro-azul

Características gerais

Árvore de grande porte, perenifólia; ritidoma liso que se destaca em tiras longas longitudinais. Folhas juvenis glaucas, perfolhadas a ovadas, opostas, sésseis, dispostas em raminhos quadrangulares; folhas adultas alternas, pecioladas, lanceoladas, por vezes falcadas. Flores brancas, solitárias ou em grupos de 2-3, axilares, sésseis ou subsésseis; opérculo largamente cónico, rugoso, pruinoso. Cápsulas obcónicas, truncadas, rugosas, pruinosas, bordo apical saliente, arredondado, com valvas inclusas.

Área de distribuição nativa

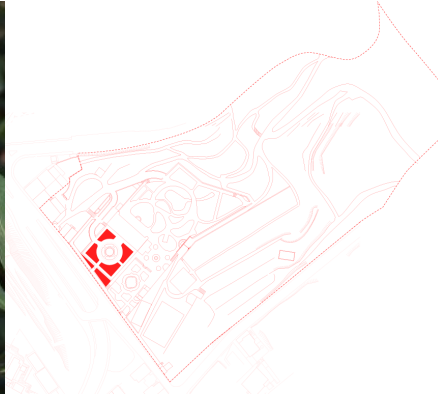
Oceânia, Tasmânia.

Usos e observações

Do grego *eu*, que significa bem, e *kalyptós*, que significa coberto, referindo-se ao opérculo que cobre os estames.

As espécies de *Eucalyptus* são extensivamente cultivadas pela madeira, produção de pasta de papel e pelos óleos essenciais usados em perfumaria e medicina; também é utilizado para controlo da erosão do solo e pelo néctar que produz um mel muito apreciado, sendo a principal fonte de néctar e pólen para as abelhas australianas. Foi introduzida no século XIX como espécie florestal, pois produz uma madeira que apesar de pobre é de rápido crescimento, como ornamental e para secar áreas pantanosas (Almeida, 2002). As monoculturas de *Eucalyptus* são, no entanto, consideradas um desastre ambiental, é uma espécie alelopática e representa uma péssima opção no que diz respeito ao uso do solo e conservação de biodiversidade.

O óleo essencial é responsável pela acção anti-séptica sobre as vias respiratórias, sendo usado no tratamento de gripes, bronquites e inflamações do tracto respiratório; anti-inflamatório, usado externamente nas infecções cutâneas e das mucosas, na ciática e no reumatismo. O óleo essencial é composto por vários monoterpenos, taninos e glucósidos cianogénicos, sendo que ultrapassadas as doses terapêuticas é moderadamente tóxico, causando efeitos citotóxicos, inflamatórios e perturbações do tracto gastro-intestinal (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).



***Euonymus japonicus* Thunb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Celastraceae

Nome(s) vernacular(es): Evónimo-do-Japão; Evónimo-dos-jardins

Características gerais

Arbusto perenifólio, de copa globosa e compacta, glabro e inerme. Ramos lisos, cilíndricos e grossos. Folhas coriáceas, elípticas ou ovadas, geralmente obtusas, acunheadas, crenado-serradas, página superior verde-escura, brilhante, mais pálida na página inferior, nervura central proeminente. Flores branco-esverdeadas agrupadas em cimeiras axilares ou terminais. Cápsulas globosas, vermelho-claro ou côr-de-rosa quando maduras, sementes com arilo laranja.

Área de distribuição nativa

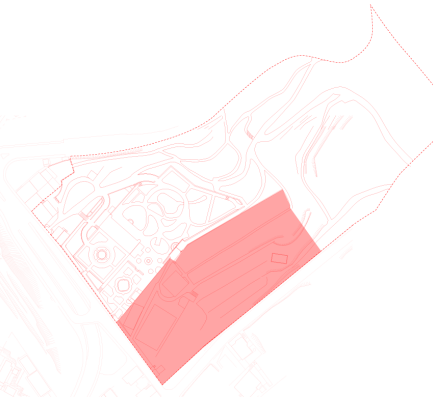
China, Japão e Coreia.

Usos e observações

A origem do nome permanece um pouco enigmática, pensa-se que terá origem nas palavras gregas *eû*, que significa bom e *ónoma*, que significa nome.

Cultivado extensivamente como ornamental.

É uma espécie muito tóxica devido à presença de glicósidos cardíacos, do grupo dos cardenólidos, como evonósido, evobiósido e evomonósido; alcalóides, como a evonina; e lectinas. Todas as partes da planta são venenosas, especialmente os frutos. Os cardenólidos inibem a bomba iónica Na⁺, K⁺-ATPase, essencial para a actividade neuronal e processos de transporte celular. Os alcalóides e as lectinas têm propriedades citotóxicas (Wink & Wyk, 2008).



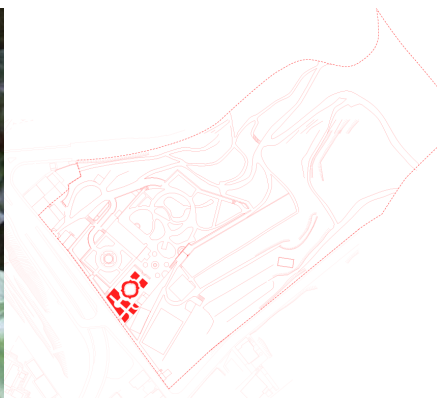
***Euonymus japonicus* Thunb. ‘Alba-marginata’**

Origem

Hortícola.

Características gerais

Idêntica à espécie tipo, mas as folhas são matizadas, verde e branco, com uma estreita margem de cor branca.



***Farfugium japonicum* (L.) Kitam.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Compositae

Nome(s) vernacular(es): Pata-de-cavalo

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatoza. Folhas persistentes e basilares, pecíolo longo, delgado e lanoso, base cordada, limbo orbicular a sub-reniforme, anguloso-dentado, coriáceo, flocoso-tomentoso quando jovem, glabro e lustroso posteriormente. Flores amarelas agrupadas em capítulos, as do disco são tubulares e numerosas, a da periferia são liguladas e em número de 10-12; os capítulos dispõem-se em corimbos laxos. Cipsela fusiforme, roliça, densamente pubescente.

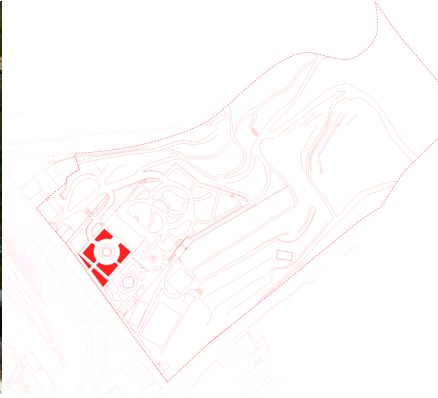
Área de distribuição nativa

China, Coreia, Japão e Formosa.

Usos e observações

Ornamental.

É moderadamente tóxica. Contém alcalóides pirrolizidínicos, com efeitos citotóxicos, neurotóxicos e mutagénicos (Wink & Wyk, 2008).



***Fatsia japonica* Decne.& Planch**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Araliaceae

Nome(s) vernacular(es): Arália-do-Japão; Fátisia-do-Japão

Características gerais

Arbusto perenifólio, inerte, glabro, de caule simples ou pouco ramificado; ramos com proeminentes cicatrizes foliares. Folhas alternas, de limbo palmatilobado com 15-40 cm de diâmetro, pecíolo muito comprido com cerca de 20-70 cm de comprimento; 7-9 lóbulos ovado-lanceolados, acuminados, margens serradas ou onduladas, seio arredondado, cor verde-escuro lustroso na página superior. Pequenas flores brancas dispostas em umbelas globosas, longamente pedunculadas, que formam largas panículas terminais. Pseudonuculânios subglobosos, de cor negra, coroados pelos estiletes.

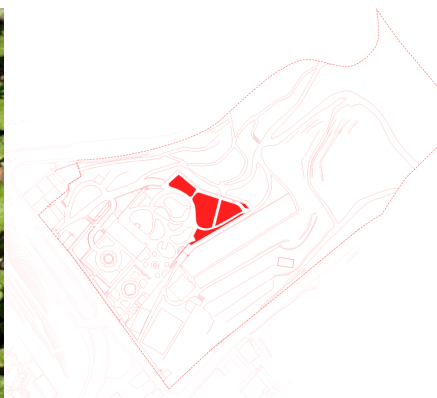
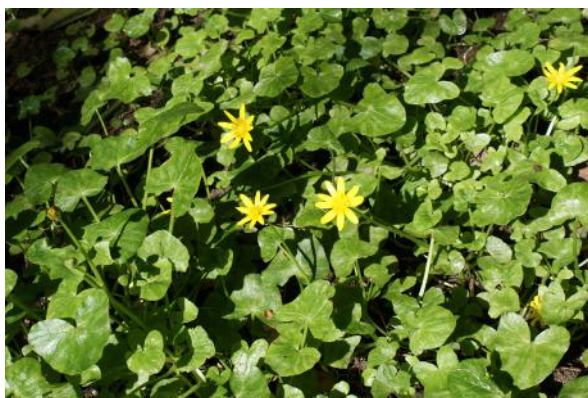
Área de distribuição nativa

Japão.

Usos e observações

Ornamental.

A presença de várias saponinas triterpénicas confere-lhe um grau moderado de toxicidade, tem efeitos citotóxicos, neurotóxicos e causa perturbações do tracto gastrointestinal (Wink & Wyk, 2008).



***Ficaria verna* Huds.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ranunculaceae

Nome(s) vernacular(es): Celidónia-menor; Erva-das-hemorróidas; Ficária

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, glabra, carnuda no caule e nas folhas. Folhas obtusamente angulosas, crenuladas ou raramente dentadas, todas pecioladas. Folhas cordiforme-ovadas, inteiras ou crenadas, com as aurículas basilares mais ou menos afastadas ou aproximadas. Flores amarelas, solitárias, de 2-4 cm de diâmetro, 3 sépalas, 8-12 pétalas. Aquénios ovóides, carenados, pubescentes.

Área de distribuição nativa

Originária da Europa ocidental e região mediterrânica.

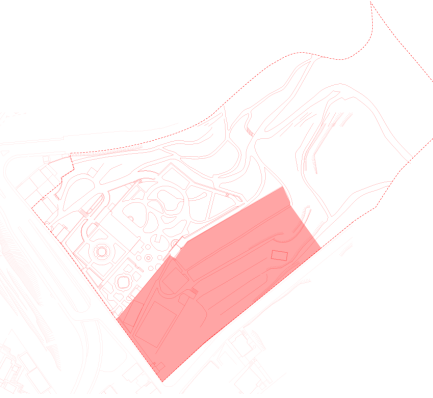
Usos e observações

Ocorre naturalmente em Portugal continental, na margem de linhas de água, sob coberto ou na orla de bosques ripícolas, olivais tradicionais, em terrenos húmidos e sombrios, indiferentes ao substrato.

Do latim *ranunculus*, diminutivo de rã, pois muitas espécies vivem próximos de charcos, onde vulgarmente se encontram também rãs. Em linguagem das flores significa avareza (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Planta moderadamente tóxica, principalmente os rizomas, devido à presença de protoanemonina e saponósidos. Era utilizada em medicina popular, para as limpezas de sangue e externamente, em preparados para tratar hemorróidas e eczemas.

A planta seca é inócua e por isso misturada com o feno seco, não sendo nociva para os animais. A protoanemonina é muito instável e por polimerização converte-se em anemonina, substância inerte e não tóxica, processo que acontece durante a secagem.



***Ficus carica* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Moraceae

Nome(s) vernacular(es): Bebereira; Figueira-comum

Características gerais

Pequena árvore ou arbusto caducifólio, inerme, laticíferos, de copa arredondada ou irregular; ramos longos, patentes ou prostrados; raminhos cobertos por cicatrizes circulares deixadas pelas folhas ao caírem; ritidoma cinzento-esbranquiçado, liso. Folhas simples, alternas, com pecíolo 7 cm longo, sub-orbiculares a amplamente ovadas, 3-5-palmatilobadas, cordadas ou truncadas, ásperas ao toque, de um verde-escuro; lobos geralmente ovados, ondulados-crenados ou crenado-dentados, obtusos. Flores monóicas inseridas dentro de um receptáculo carnudo, piriforme, aberto na parte distal. Aquénios que formam em conjunto com o receptáculo carnudo um sícone (figo) piriforme ou globoso, verde ou violáceo.

Área de distribuição nativa e habitat

Região mediterrânica oriental: Chipre, Turquia, Cáucaso até ao Afeganistão.

Naturalizou-se no Sul da Europa, Norte de África e desde a Ásia Menor até ao Noroeste da Índia. Encontra-se amplamente distribuída por toda a Península Ibérica e Baleares.

Cultivada desde tempos muito antigos assilvestra-se facilmente em climas secos e quentes, na margem de cursos de água, ruínas, barrancos profundos e orlas de matagais; com preferência por solos húmidos, profundos e pedregosos.

Usos e observações

Ficus era o nome romano dado ao fruto da figueira cultivada (o fruto da figueira-brava chamava-se *capraeficus*); denomina-se *carica* porque era da região de Caria, na Ásia Menor, que chegavam os melhores figos, na Roma antiga (González, 2007).

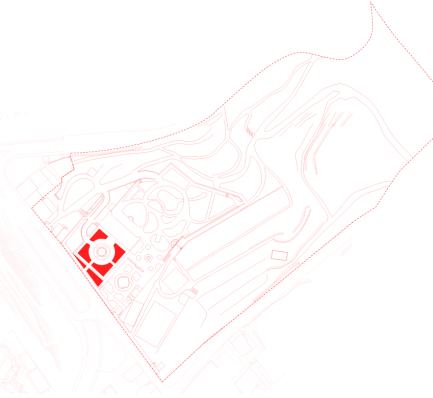
Na linguagem das flores esta planta significa “penúria” e os frutos “pudor” (Núñez & Obón de Castro, 1991)

Era cultivada já nos jardins egípcios como espécie ornamental (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Introduzida pelo fruto comestível, existem mais de 40 variedades. Os frutos são muito ricos em açúcares e vitaminas, podem ser consumidos frescos ou secos e quando fermentados produzem aguardente, vinhos doces e vinagre (González, 2007).

O látex da figueira contém enzimas proteolíticas, era utilizado antigamente para eliminar verrugas, coalhar o leite no fabrico de queijo e no combate de cáries. Devido à presença furanocumarinas fotossensíveis também pode provocar dermatites, sobretudo quando a parte afectada é exposta à luz do sol (González, 2007).

Os frutos gozam de algumas propriedades terapêuticas, são utilizados como laxantes, emolientes e sobretudo no alívio da tosse e outras enfermidades peitorais (González, 2007). Na medicina popular, o látex é utilizado para aliviar a dor das picadas de animais venenosos e a infusão de folhas de figueira usam-se no tratamento da diabetes (González, 2007).



***Ficus pumila* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Moraceae

Nome(s) vernacular(es): Mama-de-parede

Características gerais

Arbusto trepador por meio de raízes adventícias, perenifólio, inerme; 2 tipos de ramos, os jovens estão aderentes ao suporte, os adultos são erectos ou ascendentes, sem raízes adventícias. Folhas dos ramos jovens largamente ovadas ou arredondadas, assimetricamente cordadas na base, ligeiramente coriáceas, inteiras, verde-escuras na página superior, mais pálidas na página inferior, glabras; folhas adultas coriáceas, inteiras, ovadas a oblongo-elípticas, estreitamente arredondadas a obtusa, base arredondada a ligeiramente cordada; glabras por cima, ligeiramente pubescentes por baixo, com nervação proeminente. Flores femininas inclusas num receptáculo carnudo e aberto na parte distal; as masculinas quando existentes, inseridas em torno do orifício. Sícones axilares, com cerca de 6 cm x 4cm, piriformes ou obovóides, curtamente pedunculados, formados por aquênios obpiriformes, amarelos ou púrpuros.

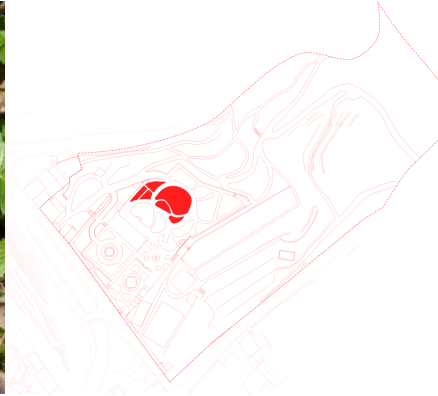
Área de distribuição nativa

Este da Ásia e Austrália.

Usos e observações

Ornamental.

Apresenta uma toxicidade semelhante à do *Ficus carica* L.



***Fragaria vesca* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Morangueiro-bravo

Características gerais

Herbácea vivaz, pubescente, com rizoma estolhoso; estolhos epígeos alongados e radicantes nos nós. Folhas basais, em roseta, trifoliadas; folíolos obovados a romboidais, mais ou menos sésseis, serrado-dentadas, de cor verde-vivo, esparsamente glabros na página superior, acetinadas na página inferior; pecíolo comprido, viloso; escapos mais ou menos erectos, vilosos; pedicelos acetinados. Flores brancas; sépalas lanceoladas- cuspidadas, patentes ou deflexas depois da ântese; pétalas obovadas ou arredondadas. Aquénios superficiais, regularmente distribuídos sobre um receptáculo vermelho e glabro.

Área de distribuição nativa e habitat

Europa. Espontânea em Portugal, ocorre em comunidades herbáceas nas orlas ou sob coberto de bosques, bermas de caminhos, barrancos, taludes, locais sombrios e húmidos.

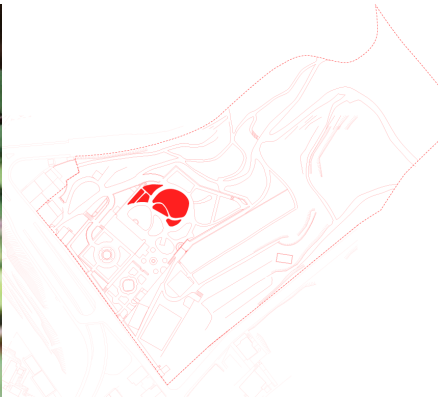
Usos e observações

Do latim *fragans*, significa fragrante, referindo-se ao aroma do fruto. Em linguagem das flores significa “carinho” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Cultivada como ornamental, aproveitamento dos frutos comestíveis (morangos) muito apreciados e uso medicinal e cosmético. Os frutos podem desencadear reacções alérgicas em pessoas alérgicas.

Contém taninos elágicos, flavonoides e protoantocianidas oligoméricas. As folhas, os rizomas e as raízes têm propriedades antioxidantes; as folhas actuam principalmente pelas propriedades adstringentes e diuréticas, sendo os rizomas e raízes mais adstringentes; os frutos contêm vitamina C (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).

Existem algumas crenças e superstições europeias relacionadas com o morangueiro-bravo: na Europa oriental são utilizados como amuletos portadores de felicidade; noutros locais preparam-se cintos com folhas de *F. vesca* pois crê-se que protegem contra as mordeduras de serpente; na Europa central é costume oferecer um chá de folhas de morangueiro aos recém-casados; em muitas lendas germânicas e escandinavas os morangos silvestres aparecem relacionados com crianças (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Fuchsia magellanica* Lam.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Onagraceae

Nome(s) vernacular(es): Brincos; Brincos-de-princesa; Mimos

Características gerais

Arbusto erecto ou semi-trepador, perenifólio (ou caducifólio dependendo do clima); raminhos jovens delgados, castanho-avermelhados, glabros ou pubescentes. Folhas opostas ou em verticilos de 3 ou 4, ovado-lanceoladas, agudas a acuminadas, arredondadas, crenado-dentadas; página superior glabra, página inferior pubescente sobre a nervura média. Flores solitárias ou em pares nas axilas das folhas superiores; pedicelos compridos, pendentes; cálice carmesim, tubo cilíndrico ou ligeiramente expandido, segmentos oblongo-lanceolados, acuminados; corola de pétalas purpúreo-arroxeadas, obovadas e mais curtas do que os segmentos do cálice. Ovário ínfero, oblongo; estames rosados, desiguais, exsertos. Bagas elipsóides, negras quando maduras, polispérmicas.

Área de distribuição nativa

Chile, desde Coquimbo à Terra do Fogo, e Argentina. Em Portugal naturalizou-se localmente na Serra de Sintra.

Usos e observações

O nome do género é dedicado à memória de Leonhart Fuchs (1501-1566), médico e botânico e alemão. O epíteto específico tomou o nome do Estreito de Magalhães, possivelmente tendo em conta a sua origem.

É uma das espécies arbustivas mais apreciadas como ornamental, existindo inúmeros híbridos e variedades hortícolas, das quais muitas são de paternidade incerta, o que torna a sua identificação precisa bastante difícil.

No Chile é utilizada na medicina popular como febrífuga, diurética e emenagoga. Por vezes, também é utilizada como planta tintória, que tingem de negro (González, 2007).



***Fumaria muralis* Sond. Ex W.D.J.Koch**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Papaveraceae

Nome(s) vernacular(es): Fumária-das-paredes; Salta-sebes

Características gerais

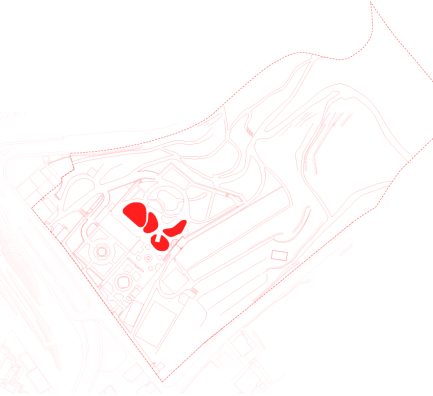
Herbácea anual, difusa ou trepadora. Folhas alternas, 2-4-penatissectas. Cachos simples bracteados, de 10-17 flores, igualando ou excedendo o pedúnculo. Flores com 2 sépalas laterais, orbiculares-ovadas, dentadas sobretudo na base; corola rosada, asas da pétala superior e ápices das pétalas internas vermelho-anegrado; pétala inferior com margem erecta estreita. Núcula monospérmica, subglobosa a ovóide, finamente rugulosa ou quase lisa; pedicelos frutíferos mais ou menos erectos.

Área de distribuição nativa e habitat

Oeste da Europa e Macaronésia. Ocorre espontaneamente em Portugal continental, sendo facilmente encontrada em campos agrícolas cultivados ou incultos, baldios, entulhos, bermas de caminhos e muros.

Usos e observações

Espontânea.



***Gardenia jasminoides* J. Ellis**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rubiaceae

Nome(s) vernacular(es): Gardénia; Jasmineiro-da-Índia; Jasmineiro-do-Cabo

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore perenifólia; raminhos glabros, inicialmente pubescentes. Folhas opostas, brevemente pecioladas, inteiras, lanceoladas a obovadas, acuminadas, atenuadas, coriáceas, de um verde-escuro lustroso; estípulas fundidas. Flores intensamente fragantes, de cor branca ou branco-marfim, dobradas, axilares ou terminais, solitárias ou em cimeiras paucifloras de pedúnculos curtos; cálice com tubo costado, em forma de taça ou ovóide, 5-lóbulos lineares a lanceolados; corola com tubo cilíndrico, limbo 5-12 lobulado, retorcido. Bagas oblongo-ovóides, costadas, carnudas, de cor laranja.

Área de distribuição nativa

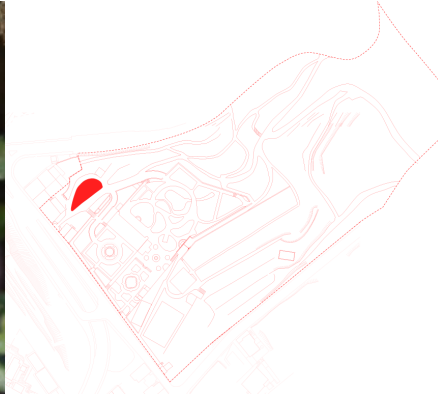
Este da Ásia (China, Tailândia, Japão)

Usos e observações

Em homenagem a Alexandre Garden (1730-91), médico e botânico escocês fixado na Carolina-do-sul e que era correspondente de Lineu.

Ornamental.

É um exemplo curioso da pouca precisão dos nomes vernaculares, pois o Jasmineiro-do-Cabo ou Jasmineiro-da-Índia, nomes populares por que é conhecido, induzem a alguma confusão uma vez que esta espécie não é nem um jasmim nem é proveniente do Cabo ou da Índia (González, 2007).



***Geranium lucidum* L.**

Divisão: Spermathophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Geraniaceae

Nome(s) vernacular(es): Gerânio

Características gerais

Herbácea anual, subglabra. Caules erectos, glabros, frequentemente tintos de vermelho. Folhas reniformes-orbiculares, palmatifendidas, recortadas em 5 segmentos crenados-lobados. Flores rosadas em umbelas uni- ou multifloras; sépalas aristadas, transversalmente rugosas; pétalas inteiras, unha comprida, limbo obovado, glabras. Esquizocarpos rostrados formados por 5 cocas monospermicas, membranosas, longitudinalmente rugosas no dorso, reticuladas nas faces, pubescente-glandulosas, arista caduca.

Área de distribuição nativa e habitat

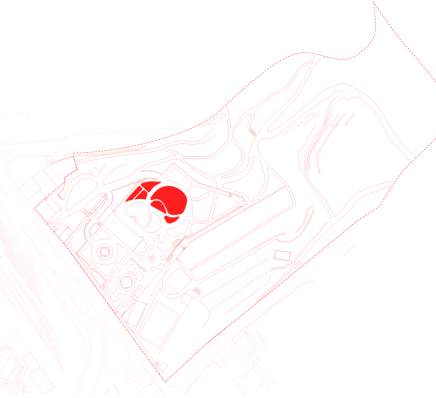
Europa, Macaronésia, norte de África, sudoeste e centro da Ásia.

Ocorre em pastos de terófitos, zonas ruderais, em bosques ripícolas, sob o coberto ou na orla de bosques, pinhais e matagais, em sebes, taludes, bermas de caminhos e na base de rochedos.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *geranos*, guindaste, referindo-se à arista comprida do fruto; Dioscórides usava o nome *geranion*.

Espontânea.



***Geranium macrorrhizum* L.**

Divisão: Spermathophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Geraniaceae

Nome(s) vernacular(es): Gerânio

Características gerais

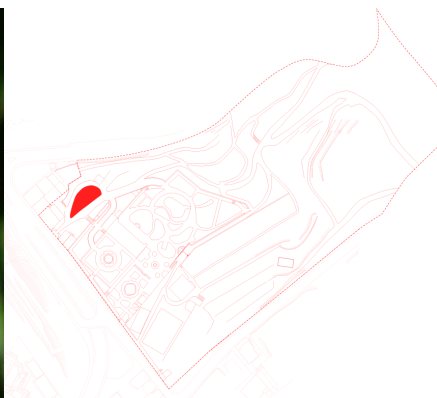
Herbácea vivaz, rizomatosa, pegajosa. Folhas aromáticas, reniformes-orbiculares, palmatifendidas; 5-7 segmentos dentados ou lobados, obtusos mas visivelmente mucronados. Flores aos pares ou dispostas em umbelas; 2-3 pedúnculos subentendidos por 2 brácteas subsésseis; cálice inflado, formado por sépalas vermelhas; pétalas com limbo obovado, inteiro, patente ou deflexo, rosa-magenta, com unha na base, com pelo menos metade do tamanho do limbo. Esquizocarpos glabros, horizontalmente costados.

Área de distribuição nativa

Hortícola. Trata-se, provavelmente, dos cultivares ‘Bevan’s Variety’ ou ‘Czakov’. A espécie tipo é proveniente do Sul da Europa, Península balcânica, Sudeste dos Cárpatos, Sul dos Alpes.

Usos e observações

Cultivada como ornamental, mas pode facilmente assilvestrar-se.



***Geranium robertianum* L.**

Divisão: Spermathophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Geraniaceae

Nome(s) vernacular(es): Bico-de-grou; Erva-de-São-Roberto; Erva-roberta; Pássaras

Características gerais

Herbácea bienal, raramente anual, geralmente tornando-se avermelhada. Caules procumbentes a erectos, pêlos patentes, geralmente glandulosos. Folhas de contorno poligonal, pinatisssectas com 3(-5) segmentos oblongo-ovados ou rômnicos, lobados, mucronados na extremidade, ligeiramente pubescentes em ambas as páginas. Flores rosa-purpurascentes em umbelas uni- ou multifloras; pedúnculos e pedicelos com longos pêlos glandulosos patentes e pêlos não glandulosos deflexos; sépalas lanceoladas, mucronadas, pilosas; pétalas com limbo obovado-acunheado, inteiro ou superficialmente chanfrado no ápice, abruptamente contraídas numa unha estreita, glabra; anteras purpúreas com polén amarelo, estigmas rosados. Esquizocarpos formado por cocas que se separam mas permanecem ligadas ao eixo por fibras derivadas do rostro, providas de 1 ou 2 costas transversais no ápice e cobertas por um retículo.

Área de distribuição nativa habitat

Europa central e meridional.

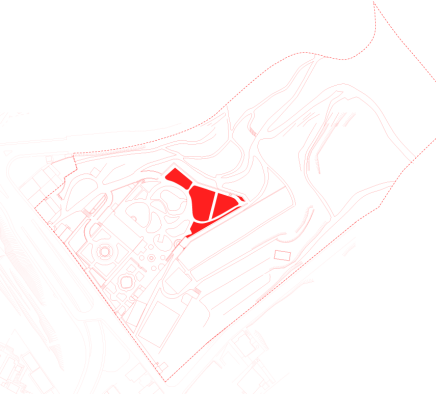
Ocorre em habitats ruderais e com alguma perturbação, bermas de caminhos, pastos de anuais, fendas de rochas, orlas de bosques e pinhais.

Usos e observações

Espontânea.

As partes aéreas floridas contêm taninos e um óleo essencial composto por geraniol entre outras substâncias que lhe conferem várias propriedades medicinais, como acção adstringente, efeito analgésico, anti-séptico e um diurético suave. Usa-se popularmente no tratamento de diarreias e, em uso tópico, em inflamações osteoarticulares, feridas, ulcerações dérmicas, eritemas, estomatites, faringites, aftas e vulvovaginites (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).

O *Geranium robertianum* L. confunde-se frequentemente com o *Geranium purpureum* Vill., sendo os caracteres que melhor os distingue o formato das pétalas e a cor das anteras, que é amarela em *G. purpureum* e púrpura em *G. robertianum*.



***Ginkgo biloba* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Ginkgoaceae

Nome(s) vernacular(es): Árvore-cabelos-de-Vénus; Ginkgô; Nogueira-do-Japão

Características gerais

Árvore dióica de até 40 metros, caducifólia. Folhas flabeladas, por vezes bilobadas, com numerosas nervuras dicotómicas que lhe conferem um aspecto estriado, alternas ou em grupos de 3-5. Frutos semelhantes a drupas, ovóides ou elipsóides, de cor amarela e cheiro desagradável.

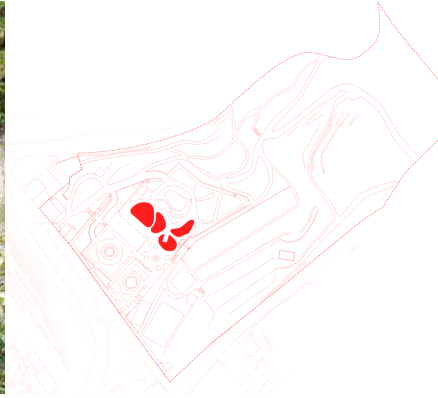
Área de distribuição nativa e habitats

Originária do este da China. Adapta-se a vários tipos de solo, é resistente ao frio e à poluição atmosférica.

Usos e observações

Única representante viva das Ginkgoales, fóssil vivo com mais de 200 milhões de anos constituiu uma importante espécie florestal na era Mesozoica, hoje é rara em estado silvestre. Foi introduzida na Europa no princípio do século XVIII. Considerada árvore sagrada no Oriente, é cultivada em cemitérios e templos na China e no Japão. Existem exemplares com milhares de anos.

As sementes são consideradas como uma iguaria culinária na China e no Japão. Tem uso ornamental e reconhecidas propriedades medicinais. Possui constituintes activos, os ginkgólidos e substâncias polifenólicas, com propriedades farmacológicas: actividade vasorreguladora, inibidor da agregação plaquetária, antioxidante e neuroprotector. A parte utilizada são as folhas, secas. É utilizada em casos de diminuição do rendimento intelectual. Indicada para melhorar os sintomas de demência, incluindo demência degenerativa primária, demência vascular e demência associada a degeneração neuronal. Tradicionalmente é usado como anti-asmático (Tavares, Zuzarte, & Salgueiro, 2009, p. 61)



***Gunnera tinctoria* (Molina) Mirb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Gunneraceae

Nome(s) vernacular(es): Gigantes; Gigantes-dos-Açores

Características gerais

Herbácea vivaz de grande tamanho, rizomatosa. Folhas em roseta, de cor verde-escura, sub-orbiculares, 60-150 cm de largura, palmatilobuladas, com dentes agudos, ásperas; nervuras proeminentes, espinhosas, na página inferior; grossos pecíolos carnudos, cobertos de apêndices verrugosos e pontiagudos. Flores pequenas dispostas em panículas espiciformes, cilíndricas, mais curtas do que as folhas, de cor vermelha. Drupas vermelho-alaranjadas, com 1,5-2 mm de diâmetro.

Área de distribuição nativa

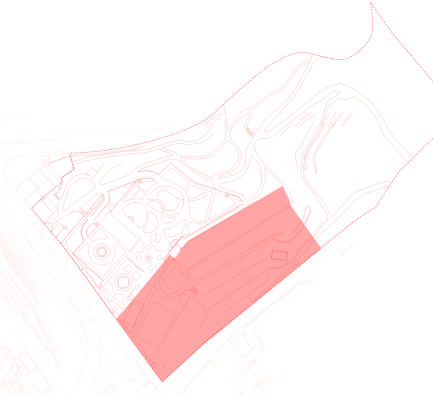
Chile.

Usos e observações

Em homenagem a Ernst Gunnerus (1718-1773), bispo e botânico norueguês.

Ornamental.

Espécie invasora em Portugal (Açores), na Irlanda, França, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e oeste dos Estados Unidos (Marchante e al, 2014).



Hedera sp.

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Araliaceae

Nome(s) vernacular(es): Aradeira; Hédera; Hedra; Hera

Características gerais

Arbusto escandente perenifólio, provido de raízes adventícias; indumento formado por dois tipos de tricomas, simples nas raízes adventícias, pluricelulares e estrelados nos raminhos jovens, gemas, folhas, flores e frutos. Caules do estágio juvenil trepadores suportados por raízes aéreas; caules do estágio arborecente sem raízes aéreas. Folhas alternas, simples, coriáceas, glabras; folhas dos ramos estéreis inteiras, cordadas, 3-9 lobadas, nervação mais clara; folhas férteis inteiras, ovadas a elípticas, arredondadas ou truncadas. Flores de cor amarelo-esverdeado; pedicelos, pedúnculo e cálice revestidos por pêlos; agrupadas em umbelas globosas. Bagas subglobosas, polispérmicas, de cor negra quando maduras.

Área de distribuição nativa

Desde o Japão até à Macaronésia.

Usos e observações

O nome do género *Hedera* corresponde ao nome latino da hera, deriva da raiz indo-germânica *ghed-*, que significa abraçar ou envolver, referência à capacidade de hera de se agarrar firmemente ao suporte sobre o qual cresce (González, 2007). Em linguagem das flores significa “amizade” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

A grande variabilidade inter e intraespecífica, juntamente com uma quantidade de caracteres morfológicos de diagnóstico reduzido, dificultam a identificação específica e subespecífica. Os principais caracteres de identificação residem nos tricomas foliares, que apenas se podem observar com recurso a lupa.

Ornamental, era já cultivada nos jardins romanos. Actualmente existem inúmeros cultivares.

Tem várias aplicações práticas, principalmente de uso popular e ligadas a crenças, como por exemplo

a crença de que os antigos utilizavam a sua madeira para separar o vinho da água por filtração; ou que as folhas de hera, utilizadas em coroas que se punham em cima da cabeça, serviriam para dissipar o estado de embriaguez. É utilizada como tintória, para tingir lã ou ainda para colorir pinturas; a cinza dos ramos é utilizada, nalguns lugares, para limpar a prata. Tem ainda uso cosmético, sendo utilizada para tingir os cabelos de negro e reduzir as manchas que aparecem na pele (Núñez & Obón de Castro, 1991).

É usada na medicina popular por ter algumas propriedades terapêuticas, a casca como antiespasmódico, para acalmar a tosse; as folhas, utilizadas externamente, ajudam à cicatrização de úlceras e acalmam as dores de neuralgias; os frutos são usados como purgante (González, 2007). Quando a planta ou os extractos são aplicados em doses não terapêuticas toda a planta é tóxica, principalmente as bagas, devido à presença de falcarinol, um poliacetileno, alergénico que pode causar dermatites de contacto e, saponinas triterpenóides, entre as quais hederina, com propriedades hemolíticas muito fortes (Campos & Proença da Cunha, 2001).



***Hedera helix* L. 'Eva'**

Origem

Hortícola.

Características gerais

Folhas pequenas com centro de cor verde-cinza variegada de verde-escuro, margens creme

Usos e observações

Ornamental.



***Hedera helix* L. ‘Goldheart’**

Origem

Hortícola.

Características gerais

Caules trepadores de tom avermelhado, tornam-se castanhos. Folhas de cor verde-escura, com mancha amarela no centro; trilobadas, lóbulo central mais longo, acuminado; pecíolo cor-de-rosa.

Usos e observações

Ornamental.



***Hibiscus syriacus* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Malvaceae

Nome(s) vernacular(es): Cardeal-violeta; Hibisco-sírio; Malva-da-Síria; Rosa-da-Síria; Rosa-de-Sharon

Características gerais

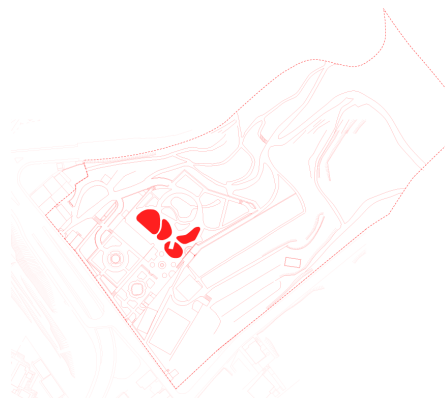
Pequena árvore ou arbusto caducifólio, inerte. Folhas alternas ou fasciculadas, glabras ou subglabras, ovado-rômbicas, de 4-8 cm de comprimento, dentadas ou trilobadas. Flores axilares, com pedúnculo curto; corola simples ou dobrada, de cor branca, púrpura ou azul-lavanda, geralmente com uma mancha mais escura púrpura na base. Coluna estaminal não ultrapassa a corola. Cápsulas estreitamente ovóides, apiculadas, pubescentes.

Área de distribuição nativa e habitats

Originária do Sudeste da Ásia, China e Índia. Ocorre nas regiões tropicais e subtropicais em ambos os hemisférios.

Usos e observações

Cultivada como ornamental. Foi introduzida na Europa anteriormente a 1600 (Rehder, 1956).



***Houttuynia cordata* Thunb.**

Divisão: Spermathophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Saururaceae

Nome(s) vernacular(es): Não tem

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, aromática. Caules erectos, um pouco flectidos. Folhas simples, alternas, pecíolo 1-5 cm, ovadas-cordadas, densamente glandulares, margens avermelhadas, geralmente púrpuras abaxialmente; estípulas distintas, geralmente ciliadas; glabras ou pubescentes nas axilas das nervuras. Flores pequenas, nuas, 3 estames, dispostas em espigas terminais de 3 cm, subtendidas por 4-6 brácteas petaloides verticiladas, brancas, obovadas, obtusas. Cápsula polispérmica.

Área de distribuição nativa e habitat

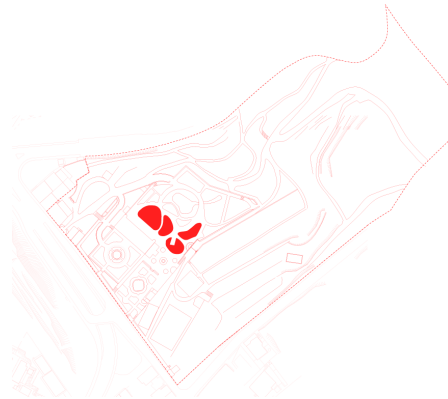
Nordeste da Índia e China. Restrita a zonas húmidas.

Usos e observações

O nome do género surge em homenagem a Martin Houuttuyn (1720-1794), naturalista holandês.

Ornamental, usada como cobertura do solo nas margens de lagos.

É uma espécie com elevado potencial medicinal, tendo sido considerada pelo Departamento de Estado da Saúde chinês um importante recurso genético. Possui um amplo espectro de propriedades farmacológicas, entre as quais se pode evidenciar as anticancerígenas, antialérgicas, antivirais, antibacterianas, antimicrobianas, anti-inflamatórias, antioxidantes, protectoras hepáticas, antiobesidade, e muitas outras. É largamente consumida em regiões do nordeste da Índia e da China como verdura, assim como em diversos propósitos etnomedicinais (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3931198/>).



***Hyacinthoides hispanica* (Mill.) Rothm.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es): Jacinto-dos-campos

Características gerais

Herbácea vivaz, bulbosa. Folhas 2 a 6, basais, linear a linear-lanceoladas, obtusas ou subagudas, erectas. Flores largamente campanuladas, não fragrantas; tépalas azul-violáceas, difusas, ligeiramente curvadas para trás; anteras azuladas; inflorescência em cacho oblongo, laxo, na extremidade de um escapo recto, com as flores dispostas em vários planos. Cápsulas triloculares; sementes globosas, negras.

Área de distribuição nativa e habitat

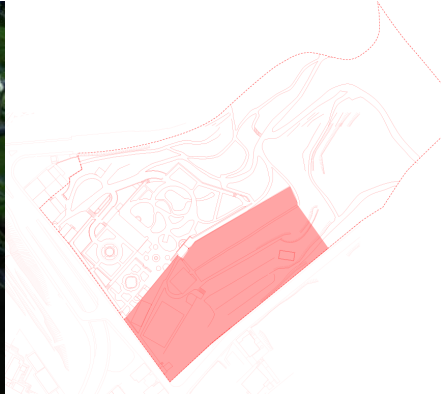
Ocidente da Península Ibérica.

Encontrada em clareiras de matos xerofílicos, em orlas e sob coberto de bosques (azinhais, sobreirais, soutos), olivais, taludes, fendas de rochas, na margem de linhas de água.

Usos e observações

Ornamental. É uma espécie muito semelhante a *H. non-scripta*. Frequentemente as plantas cultivadas como *H. hispanica* são na realidade híbridos entre estas duas espécies.

Os bulbos são moderadamente tóxicos, contêm oxalatos e flavonoides, com efeitos de perturbação do tracto gastrointestinal.



***Hydrangea arborescens* L. ‘Grandiflora’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es): Hortência

Características gerais

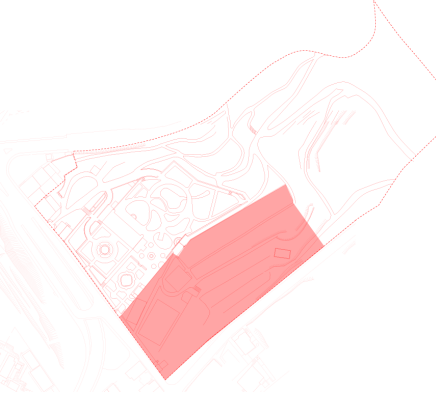
Arbusto caducifólio aberto, ramos difusos; rebentos ao início puberulentos, depois glabros. Folhas largamente ovadas, agudas ou acuminadas, arredondadas ou cordadas, grosseiramente serradas, pecíolo 2,5-7,5 cm de comprimento; página superior verde-escura, página inferior um pouco mais clara, glabra ou puberulenta. Flores brancas, todas estéreis, em corimbos subglobosos; sépalas ovadas, agudas. Cápsulas com 8-10 costas.

Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie tipo é nativa do este dos Estados Unidos.

Usos e observações

Ornamental.



***Hydrangea aspera* D. Don**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es): Hortência

Características gerais

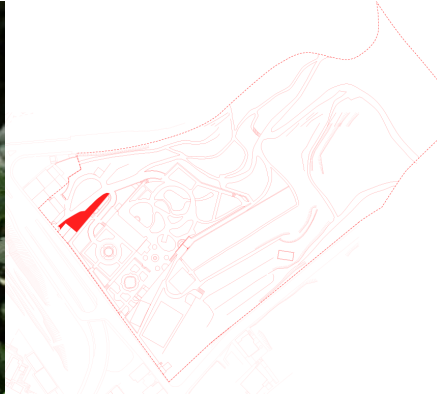
Arbusto ou pequena árvore de até 4 metros, caducifólia, difusa; rebentos ao início com pêlos difusos, depois glabros, descascados. Folhas lanceoladas a estreitamente ovadas, agudas ou acuminadas, arredondadas ou atenuadas, fimbriado-denticuladas, densamente escábrido-vilosas, branco-acinzentado na página inferior. Flores em corimbos comprimidos; flores estéreis de cor branca a rosada ou púrpura, nervuras mais escuras, 4 sépalas orbiculares, dentadas ou inteiras; flores férteis pequenas, numerosas, de um branco-púrpura ou rosadas. Ovário ínfero. Cápsulas hemisféricas.

Área de distribuição nativa

Himalaias, oeste e centro da China, Tailândia, Indonésia (Java e Sumatra).

Usos e observações

Ornamental.



***Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser.**

Divisão Spermatophyta

Classe Magnoliopsida

Família Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es) Hortênsia; Novelão; Novelos-da-China

Características gerais

Arbusto muito ramificado, de raminhos grossos e glabros. Folhas lustrosas, caducas, decussadas, elípticas a largamente ovadas, acuminadas, acunheadas, grosseiramente serradas, glabras em ambas as páginas ou por vezes pilosa na inferior. Flores de cor variável totalmente estéreis ou parcialmente férteis dispostas em corimbos cimeiros globosos ou hemisféricos, mais raramente comprimidos, quando há flores férteis na parte central; 4-5 pétalas pequenas, ovado-oblongas, rapidamente caducas; 4-5 sépalas petalóides, grandes, largamente ovadas, inteiras ou serradas. Cápsulas ovóides coroadas pelos estiletos persistentes.

Área de distribuição nativa

Existem inúmeros cultivares, mas a espécie selvagem é originária do Japão.

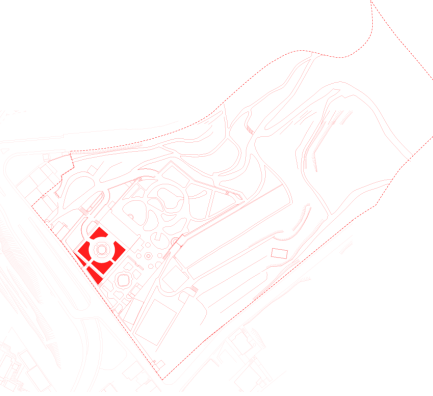
Usos e observações

O nome deriva do grego *hydor*, água e *aggeion*, vaso ou recipiente, provavelmente por ser uma planta que aprecia lugares húmidos, cujo fruto se assemelha à forma de uma vasilha (González, 2007).

Introduzida como ornamental, tem tendência para se tornar espontânea. Surge em alguns locais como invasora.

A composição química do solo influencia a coloração das flores; se este é ácido, as flores tendem a ser azuis ou púrpuras; se é neutro ou alcalino, tendem a ser rosa ou rosado-avermelhadas.

Das partes subterrâneas, folhas e botões florais obtém-se hidrangina, saponinas e alcalóides de quinolina. São ligeiramente tóxicas, tendo efeitos inflamatórios, causando perturbação do tracto gastrointestinal e actividade psicotrópica (Wink & Wyk, 2008). A hidrangina, um glucósido cianogénico, tem propriedades diaforéticas e diuréticas, é aplicada em medicina homeopática no tratamento de cálculos da vesícula (González, 2007).



***Hydrangea paniculata* Siebold**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es): Hortência

Características gerais

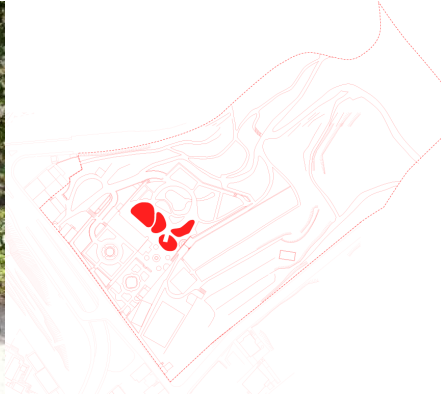
Arbusto ou pequena árvore de até 4 metros, caducifólia; rebentos ao início pubescentes, depois glabros. Folhas opostas, ovadas a elípticas, acuminadas, arredondadas ou atenuadas, serradas; página superior ligeiramente áspera, página inferior setoso-pubescente, particularmente nas nervuras. Flores em panículas piramidais, multifloras, 15-20 cm de comprimento; flores estéreis em pequeno número, com 4 sépalas elípticas a ovadas, inteiras, de cor branca, mudando mais tarde para púrpura; flores férteis numerosas, branco-amareladas; pedicelos tomentosos. Ovário semi-ífero. Cápsula polispérmica.

Área de distribuição nativa

Este e sul da China, Japão, Ilha de Sakhalin (extremo oriente da Rússia).

Usos e observações

Ornamental.



***Hydrangea quercifolia* W. Bartram**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es): Hortênsia-de-folha-de-carvalho

Características gerais

Arbusto caducifólio, de copa arredondada e aberta, raminhos grossos e robustos. Folhas ovadas a suborbiculares, com 5-7 lóbulos profundos, serrados, glabro ou pubescente nas nervuras na página superior, tomentoso por baixo, adquirem coloração avermelhada no Outono. Flores brancas em panículas mais ou menos erectas, cónico-piramidais; flores estéreis com sépalas petaloides, pedicelos longos, que gradualmente ficam branco-púrpuras; flores férteis numerosas e pequenas, pedicelos laxamente pilosos. Cápsulas ovóides.

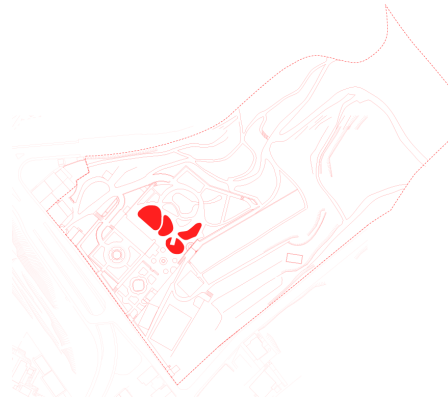
Área de distribuição nativa

Sudeste dos Estados Unidos.

Usos e observações

Ornamental.

Toxicidade semelhante à da *Hydrangea macrophylla* (Thunb.) Ser.



***Hypericum calycinum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hypericaceae

Nome(s) vernacular(es): Raios-de-sol

Características gerais

Arbusto perenifólio ou semi-perenifólio, estolhoso, glabro; caules procumbentes ou ascendentes quadrangulares. Folhas opostas, subsésseis, ovadas-oblongas a oblongas, obtusas, arredondadas ou acunheadas, glaucas por baixo, subcoriáceas. Flores amarelas, solitárias ou em grupos de 2 ou 3; sépalas grandes, desiguais, largamente obovadas ou suborbiculares, acrescentes; anteras vermelhas. Cápsulas ovoide com 7 lóculos.

Área de distribuição nativa

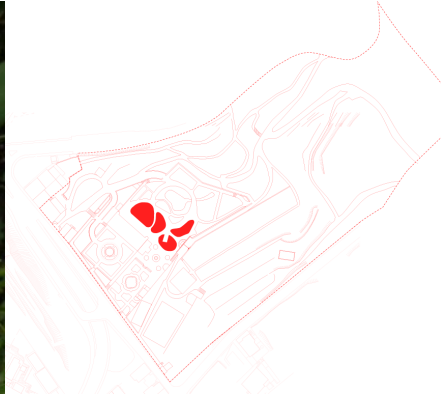
Sudeste da Bulgária, nordeste e norte da Turquia.

Usos e observações

O nome do género tem origem incerta, provavelmente deriva do grego *hypér*, sobre, e *eikón*, imagem, aludindo talvez à reputação das espécies deste género como medicinais (Flora ibérica).

Na linguagem das flores significa “falsidade” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Introduzido como ornamental, surge por vezes como subespontâneo (Almeida, 2002).



***Iberis sempervirens* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Brassicaceae

Nome(s) vernacular(es): Assembleias

Características gerais

Herbácea vivaz ou subarbusto perenifólio, lenhoso na base, glabro, ramificado desde a base, difuso. Caules prostrados providos de hastes que terminam em rosetas folhosas estéreis e outras floríferas. Folhas glabras inteiras, linear-oblongas, obtusas. Flores brancas, inodoras; inflorescência em corimbos mais ou menos planos, alargada em cacho na frutificação. Silículas suborbiculares a ovais, emarginadas, aladas desde a base, glabras.

Área de distribuição nativa

Sul da Europa.

Usos e observações

O nome do género tem origem em *Iberia*, antigo nome de Espanha onde grande parte das espécies foram encontradas.

Cultivada como ornamental, ocasionalmente surge assilvestrada.



***Jasminum mesnyi* Hance**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Oleaceae

Nome(s) vernacular(es): Jasmineiro-amarelo; Jasmineiro-de-flores-grandes

Características gerais

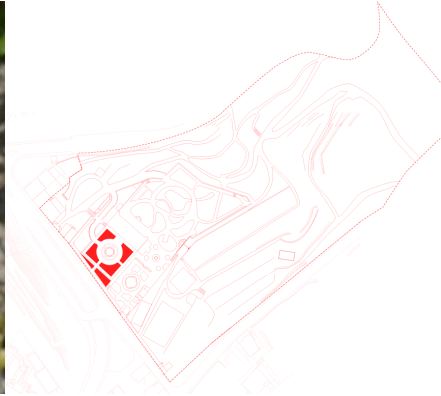
Arbusto escandente sarmentoso, perenifólio; raminhos com secção quadrada, glabros. Folhas opostas, trifoliadas; folíolos sub-sésseis, oblongo-lanceolados, verde-escuras lustrosas. Flores solitárias amarelas, pedicelos longos com pequenas brácteas folhosas; cálice com 5-6 lóbulos lanceolados, maiores do que o tubo; corola semi-dobrada, com lóbulos obovados-espatulados, obtusos, maiores do que o tubo. Bagas bilobadas, pretas.

Área de distribuição nativa

Oeste da China.

Usos e observações

Ornamental.



***Jasminum polyanthum* Franch.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Oleaceae

Nome(s) vernacular(es): Jasmineiro-do-poetas

Características gerais

Arbusto escandente, semi-perenifólio. Folhas opostas, imparapinadas; 5-7 folíolos, lanceolados, acuminados; folíolo terminal é mais comprido do que os laterais, podendo medir 8 cm de comprimento. Flores em panículas axilares, numerosas, muito fragrantas, brancas interiormente, rosadas exteriormente, corola assalveada, com tubo cilíndrico estreito, limbo 5-lobado, livres. Bagas formadas por 2 valvas, escuras, com 1 ou 2 sementes.

Área de distribuição nativa

China.

Usos e observações

Ornamental.



***Jubaea chilensis* (Molina) Baill.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Arecaceae

Nome(s) vernacular(es): Palmeira-do-Chile

Características gerais

Árvore de até 25 m. Espique robusto, liso, dilatado na metade inferior. Folhas pinadas, de 2-5 m de comprimento; ráquis rígida ou curvada; pecíolo inerme, fibroso, curto relativamente ao tamanho do limbo. Flores em espádices interfoliares protegidos por 2 espatas, desiguais, uma caduca e a outra lenhosa, persistente. Drupa ovoide ou globosa, monospérmica, de côr amarela.

Área de distribuição nativa

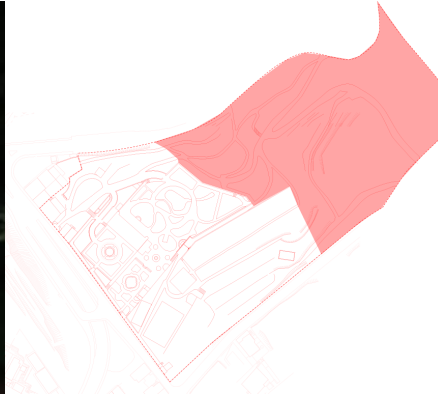
Chile.

Usos e observações

O nome do género é dedicado ao Rei Juba do antigo reino africano de Numidia.

Ornamental. Produz uma seiva muito rica em açúcares que é utilizada para produzir o conhecido mel de palma ou, que quando fermentada, produzir vinho. É por isso conhecida também por palmeira-do-vinho ou palmeira-do-mel. Na sua região nativa a sua utilização para estes fins teve de ser regulamentada, por motivos de sobrexploração (González, 2007).

É a palmeira cujo espique atinge o maior diâmetro, podendo chegar aos 2 metros.



***Juniperus squamata* Buch.- Ham. ex D. Don**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Cupressaceae

Nome(s) vernacular(es): Junípero-das-esquamas

Características gerais

Arbusto decumbente ou erecto, ou pequena árvore de até 8 metros; ramos difusos com ápices mais ou menos pêndulos. Folhas subuladas, de 4-9 mm de comprimento, rígidas, dispostas em verticilos trímeros, mais ou menos decurrentes sobre os raminhos; página superior verde-azulada, côncava, percorrida por duas bandas brancas. Cones frutíferos de um preto-azulado quando maduros, ovados a esféricos; formados por 3 ou 6 escamas intimamente soldadas entre si, mucronadas dorsalmente; monospérmicos.

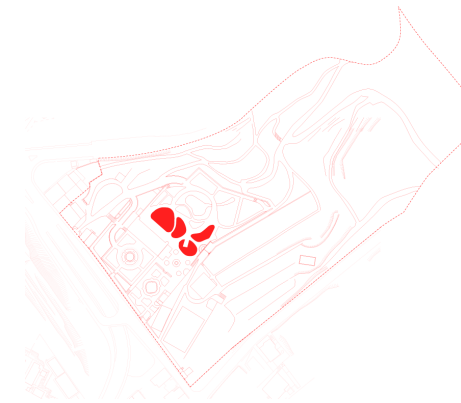
Área de distribuição nativa

Ásia, do noroeste do Afeganistão até à Tailândia.

Usos e observações

O nome do género, *Juniperus*, era o nome romano dado aos zimbros e à sua madeira, *iuniperus*, que tem uma origem incerta.

Ornamental.



***Kalmia latifolia* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ericaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore perenifólia, atingindo ocasionalmente 10 a 12 metros, de copa densa, arredondada. Folhas alternas, ou irregularmente verticiladas, pecíolo 1-2 cm, inteiras, ovais a oblongas ou elíptico-lanceoladas, agudas ou brevemente acuminadas, acunheadas, glabras, página superior de cor verde, página inferior de um verde-amarelado. Flores rosadas a brancas, com marcas púrpuras por dentro; cálice 5-partido; corola amplamente campanulada, um tanto pegajosa por fora; dispostas em grandes corimbos compostos, terminais, glandular-pubescentes. Cápsulas subglobosa ou ovóide, com 5 ou 7 lóculos.

Área de distribuição nativa

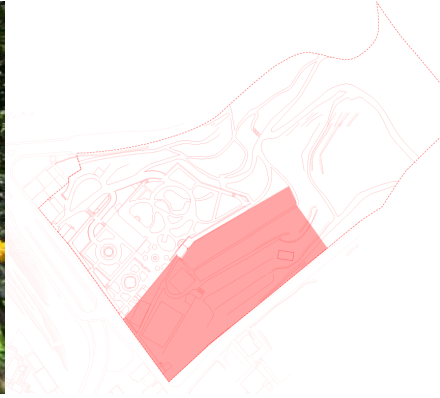
Nordeste dos Estados Unidos até à costa do Golfo e norte da Florida até ao Luisiana.

Usos e observações

O nome do género é uma homenagem a Peter Kalm (1715-1779), botânico sueco e pupilo de Lineu, que foi enviado pelo Governo sueco em 1748 para conhecer os recursos naturais da América do Norte (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Ornamental.

As folhas e o néctar são tóxicos devido à presença de graianotoxinas (andromedotoxinas), provocam sintomas a nível neurológico e cardíaco, dores-de-cabeça, fraqueza muscular, diminuição da visão, bradicardia e arritmias cardíacas (Nelson, Shih, & Balick, 2007).



***Kerria japonica* (L.) DC. ‘Pleniflora’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Kerria

Características gerais

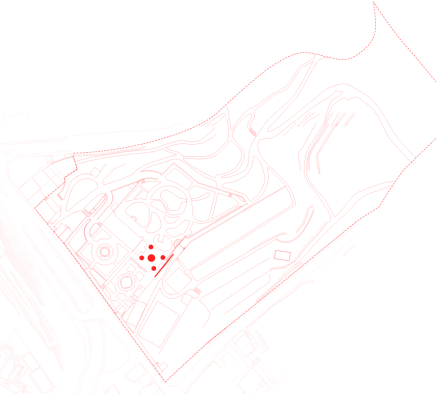
Arbusto caducifólio, inerme. Folhas simples e alternas, oblongo-ovadas, longamente acuminadas, margens duplamente serradas, curtamente pecioladas, esparsamente [ou “levemente”, se preferir] pubescentes em ambas as superfícies. Flores amarelo-douradas [ou “de um amarelo dourado”, se preferir] dobradas, brevemente pedunculadas, terminais ou laterais nos ramos jovens. Múltiplos aquênios pequenos e secos, negros acastanhados.

Área de distribuição nativa

Tem origem hortícola, sendo a espécie silvestre *Kerria japonica* (L.) DC. nativa da China e do Japão.

Usos e observações

Ornamental. É uma antiga variedade de jardim, desenvolvida há muito tempo na China e no Japão, tendo sido introduzida na Europa em 1805 por William Kerr, jardineiro de Kew, e ao qual se deve o nome.



***Lamium galeobdolon* (L.) L. 'Variegatum'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lamiaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

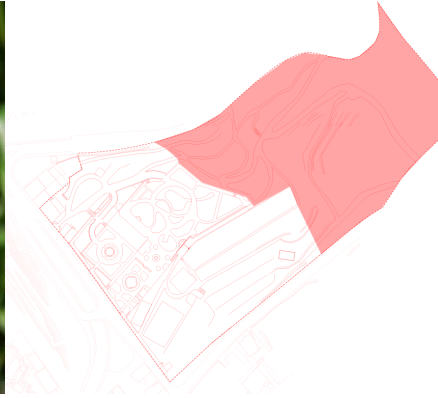
Herbácea vivaz, estolhosa, ramos quadrangulares e pubescentes. Folhas ovadas a ovado-orbiculares, margem crenada, com base truncada ou cordiforme, de cor verde variegado de prateado. Verticilastros de 6-8 flores. Flores de corola labiada, amarelo-clara com marcas castanhas, tubo direito com anel de pêlos no interior; cálice com lóbulos agudos. Mericarpos trigonais, truncados no ápice.

Área de distribuição nativa

Origem hortícola. A espécie-tipo ocorre naturalmente na Europa até à Ásia ocidental.

Usos e observações

Ornamental, extensivamente cultivada como cobertura do solo em jardins nas regiões temperadas.



***Lamium maculatum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lamiaceae

Nome(s) vernacular(es): Chuchapitos; Chuchas

Características gerais

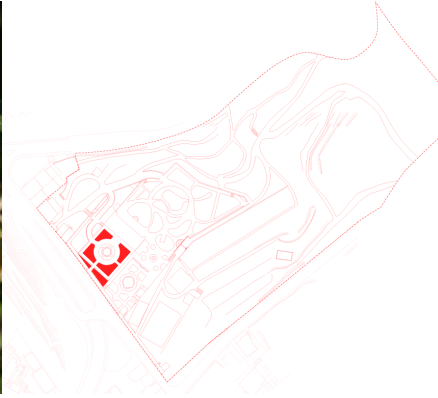
Herbácea vivaz, estolhosa, pubescente, com caules erectos. Folhas ovado-triangulares, irregularmente crenado-serradas, base cordada ou truncada. Flores dispostas em verticilastos; corola bilabiada, púrpura-rosada, tubo curvo na base com anel pubescente no interior, lábio superior inteiro, profundamente arqueado ou acapelado. Mericarpos trigonais, truncados no ápice.

Área de distribuição nativa

Europa e norte de África até à Ásia ocidental.

Usos e observações

Espontânea em Portugal Continental. Surge nas margens de cursos de água, frequentemente sob coberto de bosques ripícolas ou carvalhais, locais húmidos e sombrios frequentemente perturbados.



***Lantana camara* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Verbenaceae

Nome(s) vernacular(es): Cambará; Lantana

Características gerais

Arbusto muito ramificado, perenifólio, com ramos quadrangulares, pubescente, inerme ou por vezes aculeado, com aroma forte mas pouco agradável. Folhas ovadas, acunheadas, agudas ou acuminadas, crenado-serradas, rugosas, mais ou menos pubescentes, pecioladas. Flores em capítulos axilares, protegidos por brácteas lanceoladas, com pedúnculos subigualando a folhas axilantes; cálice muito pequeno; corola assalveada, com tubo delgado, amarela ou alaranjada, geralmente mudando para vermelho, fauce laranja. Nuculâneo globoso, negro ou violeta, distintamente mais comprido do que o cálice.

Área de distribuição nativa

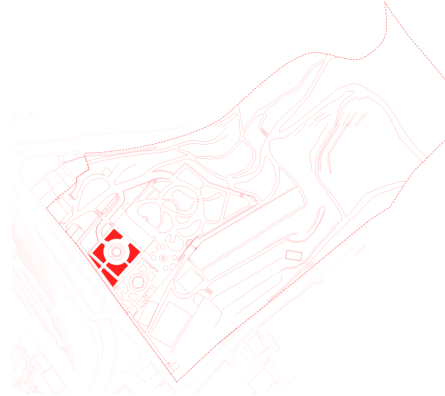
Nativa de zonas com clima tropical da América do Sul e Central. Actualmente tem uma distribuição geográfica muito ampla, surgindo como invasora no sul da Europa, este da Ásia, Índia, África, Austrália, América do Norte, Havai.

Usos e observações

Cultivada como espécie ornamental desde há muito tempo, tendo-se desenvolvido diversas variedades hortícolas, o que torna difícil saber a que espécie corresponde determinado cultivar.

As flores vão mudando de cor à medida que vão sendo polinizadas. Por exemplo, quando são polinizadas adquirem cor amarela ou laranja.

Planta tóxica, especialmente os frutos. Contém lantadenos A e B, outros triterpenos e sesquiterpenos e óleo essencial com citral. Tem efeitos citotóxicos, provoca reacções fototóxicas e perturbações gastrointestinais.



***Lantana montevidensis* (Spreng.) Briq.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Verbenaceae

Nome(s) vernacular(es): Lantana-menor; Lantana-púrpura; Lantana-rastejante

Características gerais

Arbusto perenifólio, quase prostrado, com ramificações rasteiras ou ascendentes; ramos subcilíndricos, ásperos, mas inermes. Folhas mais pequenas do que as da *L. camara*, opostas ou verticiladas, curtamente pecioladas, pubescentes, ligeiramente ásperas, ovadas a oblongas ou lanceolada, obtusas ou subagudas, grosseiramente serradas. Flores sésseis, com corola assalveada, rosa-lilás e fauce amarela; dispostas em capítulos axilares, protegidas por brácteas ovadas. Nuculâneo globoso, violeta muito escuro.

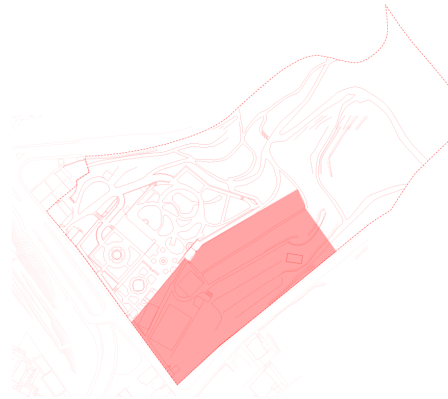
Área de distribuição nativa

América do sul, Argentina e Uruguai.

Usos e observações

Ornamental.

Toxicidade semelhante à *Lantana camara* L.



***Larix griffithii* Hook.f.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Pinaceae

Nome(s) vernacular(es): Larício-do-Sikim

Características gerais

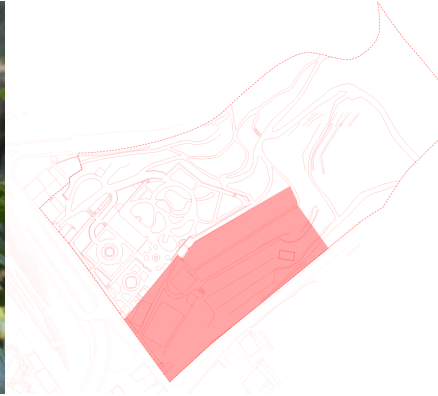
Árvore caducifólia, de copa cônica; ritidoma castanho-acinzentado, fissurado, destacando-se em pequenas placas. Folhas aciculares, obtusas, de 15-20 cm de comprimento, pêndulas, de secção triangular, com 3 canais resiníferos; estomas dispersos na página superior, dispostos em 2 bandas na página inferior; folhas dispostas em verticilos de 5 sobre os raminhos. Cones frutíferos oblongos, 15-35 cm de comprimento, formados por escamas convexas, múticas, mais expandidas junto à base.

Área de distribuição nativa

Himalaias.

Usos e observações

O nome do género *Larix* é a palavra latina para *larício*. Ornamental e florestal.



***Laurus nobilis* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lauraceae

Nome(s) vernacular(es): Loureiro; Loureiro-comum; Sempre-verde

Características gerais

Arbusto ou árvore de até 20 metros, perenifólia; ritidoma cinzento e liso; raminhos jovens glabros. Folhas inteiras, oblongo-lanceoladas, agudas ou acuminadas, glabras, coriáceas, verde-escuras. Flores aromáticas, amarelo-esverdeadas, dioicas, em cimeiras paucifloras, axilares, subsésseis; perianto 4-lobado, caduco. Bagas ovóides, negras na maturação.

Área de distribuição nativa e habitat

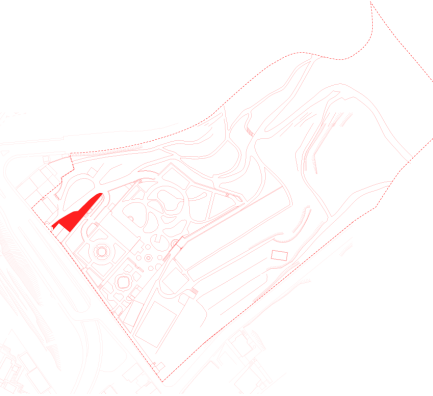
Região mediterrânica. Espécie autóctone em Portugal continental. Ocorre geralmente em vertentes sombrias ou no fundo de barrancos, sobre solos frescos e sombrios; frequente em carvalhais e galerias ripícolas, por vezes dominante, dando origem a matagais fechados de porte alto.

Usos e observações

Cultivada mais como planta condimentar do que como ornamental.

As suas folhas depois de secas são utilizadas como condimento e aromatizante em culinária; as bagas são utilizadas em perfumaria e saboaria; a essência entra na composição de numerosos licores e os caules aromatizam queijos e carnes.

As folhas têm propriedades digestivas, carminativas e espasmolíticas; o óleo essencial é anti-séptico e antifúngico (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).



***Ligustrum vulgare* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Oleaceae

Nome(s) vernacular(es): Alfenheiro; Alfena; Ligustro; Santantoninhas

Características gerais

Arbusto caducifólio ou perenifólio de acordo com o clima, erecto, denso; raminhos jovens flexíveis, puberulentos. Folhas opostas, inteiras, oblongo-ovadas a lanceoladas, agudas ou obtusas, atenuadas, sub-coriáceas, glabras, verde-escuras. Flores brancas, com aroma intenso, sésseis ou subsésseis; cálice campanulado, inteiro ou com 4-dentado; corola hipocrateriforme, tubo cilíndrico do mesmo tamanho que o limbo 4-lobado; 4 segmentos oblongos, algo reflexos na antese; 2 estames exsertos; reunidas em panículas tirsoides, terminais, densas, erectas, puberulentas. Drupa globosa ou ovoide, negro-azulado quando madura.

Área de distribuição nativa e habitat

Norte da Europa, Bacia do Mediterrâneo, norte de África, Ásia Menor. Espontânea em Portugal continental, ocorre em orlas de galerias arbustivas de ribeiras, clareiras de bosques; forma a comunidade arbustiva dos sotos.

Usos e observações

O nome do género é a palavra romana utilizada para denominar o ligustro.

Em linguagem das flores o ligustro representa “juventude” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Ornamental, cultivada frequentemente para formar sebes e utilizada em topiária; já era cultivada nos jardins medievais. Esta espécie é o único representante europeu do género, existindo numerosos cultivares que são frequentes em zonas ajardinadas.

Tem várias utilizações práticas: os ramos jovens são utilizados no fabrico de cestos; as folhas dessecadas e moídas constituem um corante utilizado para tingir lã; os frutos também são utilizados para potenciar a cor vermelha dos vinhos tintos. As folhas foram usadas como medicinais pelas propriedades adstringentes (González, 2007).

Toda a planta é tóxica, principalmente os frutos, devido à presença do glucósido ligustrina e saponósidos, podendo causar perturbações do tracto gastrointestinal e dermatites de contacto; o pólen é um alergénio importante podendo causar crises asmáticas em indivíduos sensíveis (Nelson, Shih, & Balick, 2007).



***Linaria triornithophora* (L.) Cav.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Plantaginaceae

Nome(s) vernacular(es): Esporas-bravas

Características gerais

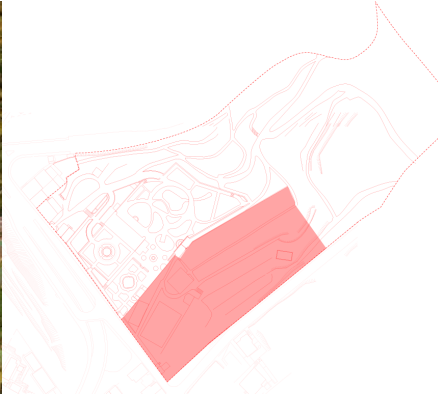
Herbácea vivaz. Geralmente unicaule, com caule erecto e ascendente, simples ou distalmente ramoso. Folhas sésseis, lanceoladas a lanceolado-ovadas, mais raramente ovadas, dispostas em verticilos afastados, cada um com 3 (-5) folhas. Inflorescência frouxa, com 4-30 flores, dispostas em verticilos de 3 (-5) flores ou em verticilos racimosos; cálice formado por sépalas ovado-lanceolados, sub-iguais, longamente acuminados; corola personada, purpúrea, com palato amarelo e o esporão comprido. Cápsula globosa, 3-6 mm, com numerosos lóculos, cada um deiscente junto ao ápice da cápsula.

Área de distribuição nativa e habitats

Noroeste da Península Ibérica. Em sebes, bosques de caducifólias, na orla de matagais e margens dos rios.

Usos e observações

Ornamental.



***Liquidambar orientalis* Mill.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Altingiaceae

Nome(s) vernacular(es): Estoraque-líquido; Liquidambar-oriental

Características gerais

Pequena árvore caducifólia, podendo atingir 7 m quando cultivada e 30 m em habitat natural; rebentos glabros. Folhas alternas, pecioladas, palmatilobadas, 5-7 cm de diâmetro, cordadas a subtruncadas; de um verde-escuro lustroso, tornam-se laranja e vermelhas no Outono; 5 lóbulos oblongos, atingem cerca de 2/3 de profundidade do limbo, grosseiramente serrados. Flores monóicas, apétalas, amarelas-esverdeadas; dispostas em cachos globosos terminais. Frutos múltiplos de cápsulas, globosos, cerca de 2,5 cm de diâmetro.

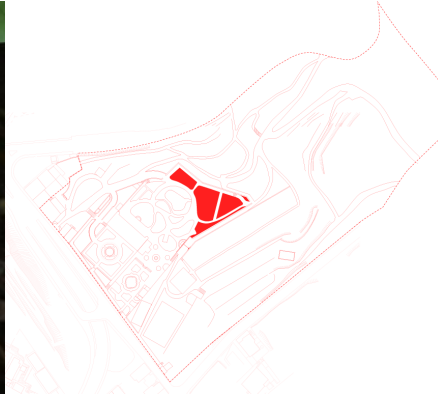
Área de distribuição nativa

Ásia Menor.

Usos e observações

O nome do género deriva do latim *liquidus*, líquido e de *ambar*, âmbar, referindo-se à resina fragrante extraída da casca destas espécies.

Ornamental.



***Liriodendron chinense* (Hemsl.) Sarg.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Magnoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Tulipeiro-da-China

Características gerais

Árvore caducifólia de até 16 metros, copa piramidal. Folhas largamente oblongas, com ápice retuso, um par de lóbulos profundos e acuminados perto da base. Flores campanuladas, solitárias e terminais, 3 tépalas sepalóides reflexas, 6 tépalas petalóides erectas, verdes com nervuras amarelas. Múltiplas sâmaras lenhosas fortemente imbricadas, assemelhando-se a um cone fusiforme.

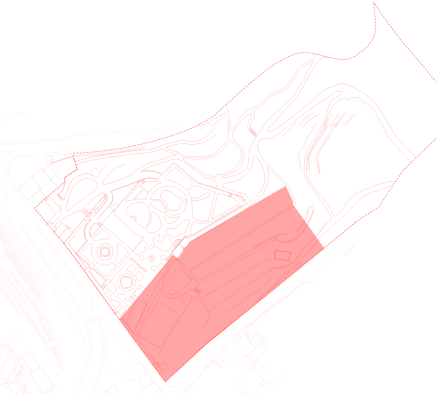
Área de distribuição nativa

China central e Península Indochinesa.

Uso e observação

O nome tem origem do grego, deriva de *leirion*, lírio e *dendron*, árvore, referindo-se à forma das flores. Espécie florestal e ornamental.

É moderadamente tóxica, todas as partes da planta possuem alcaloides e glucósidos cianogénicos que têm efeitos citotóxicos, neurotóxicos e perturbação do tracto gastrointestinal.



***Lonicera periclymenum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Caprifoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Madressilva; Madressilva-das-boticas

Características gerais

Arbusto escandente, volúvel, ramoso, caducifólio. Raminhos glabros, ou frouxamente pubescentes. Folhas opostas, inteiras, oblongas a elípticas, geralmente subagudas, glabras ou frouxamente pubescentes na página inferior verde-glaucoscente; o par de folhas sob a inflorescência sendo sésstil, não adunado. Flores de cor branca ou amarela, frequentemente tinte de vermelho ou púrpura por fora, muito fragrantíssimas, em densos capítulos terminais, pedunculados; corola bilabiada, pubescente-glandulosa por fora, lábio superior 4-lobado, tubo estreito, mais comprido do que o limbo; estames e estilete exsertos. Pseudobaga polispérmica, vermelha.

Área de distribuição nativa

Europa, Ásia Menor, Cáucaso, Ásia ocidental.

Ocorre espontaneamente em Portugal Continental, em silvados e sebes ripícolas algo ombrófilas, também em orlas de bosques; com preferência por substratos ácidos.

Usos e observações

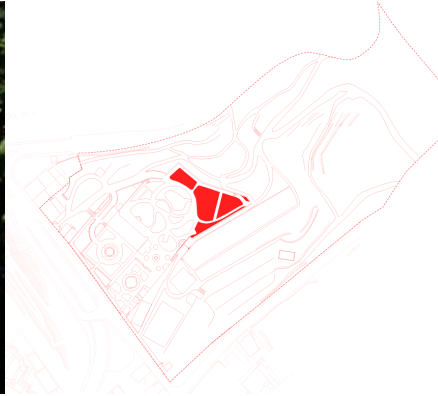
O nome do género é uma homenagem a Adam Lonitzer (1528-1586), naturalista alemão. O epíteto específico deriva do nome grego *Periklýmenos*, um dos Argonautas da mitologia grega e aquele que tinha a capacidade de mudar de forma, assim como os caules volúveis da madressilva.

Na linguagem das flores a madressilva significa “amor fraternal” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Ornamental, já era cultivada nos jardins medievais (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Usada em medicina popular, devido ao efeito diurético e alívio das inflamações de garganta (González, 2007).

As suas bagas são tóxicas devido à presença de saponinas triterpenóides com propriedades hemolíticas (Campos & Proença da Cunha, 2001).



***Magnolia figo* (Lour.) DC.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Magnoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Arbusto-banana; Fula-figo; Magnólia-amarela-da-China

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore, perenifólia, muito ramificada, compacta; raminhos, pecíolos e pedicelos castanho-tomentosos. Folhas alternas, inteiras, elípticas a oblanceoladas, acunheadas, de um verde-escuro lustroso na página superior, pubescentes ao longo da nervura média, nunca maiores do que 10 cm; pecíolo curto. Flores solitárias, curtamente pediceladas, axilares, de 2,5-3 cm de diâmetro, cupuliformes, com intenso aroma a banana; pétalas e sépalas oblongas, amarelo-purpurascentes. Folículos apiculados, bivalves, dispostos ao longo de um eixo carnudo.

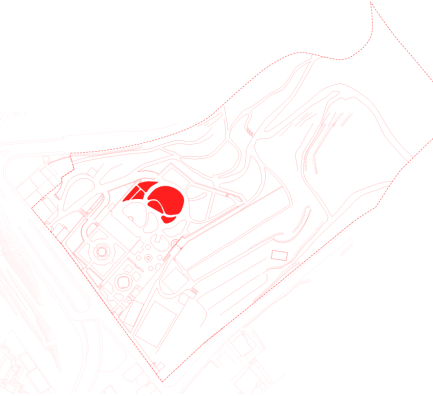
Área de distribuição nativa

China.

Usos e observações

Ornamental.

O nome do género é dedicado a Pierre Magnol (1638-1715), Professor e Director do Jardim Botânico de Montpellier, que foi o criador do conceito moderno de família em Botânica (González, 2007).



***Magnolia grandiflora* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Magnoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Magnólia; Magnólia-de-flores-grandes; Magnólia-sempre-verde

Características gerais

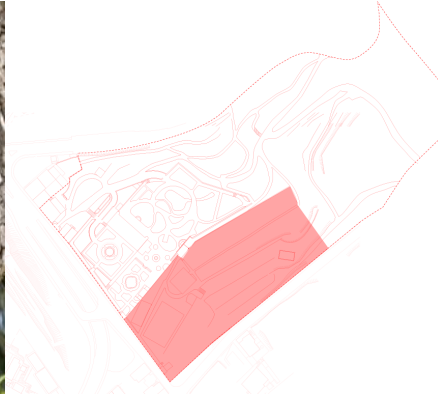
Árvore perenifólia até 30 metros alta; copa geralmente piramidal; raminhos e rebentos ferrugíneo-tomentosos. Folhas alternas, pecioladas, 12-20 cm longas, obovado-oblongas ou elípticas, obtusas ou brevemente acuminadas, acunheadas, coriáceas, de um verde-escuro lustroso na página superior e ferrugíneo-tomentosas na página inferior; pecíolos com estípulas frequentemente presentes mas caducas, não deixando cicatriz no caule. Flores solitárias terminais, fragrantas, cupuliformes, 15-20cm de diâmetro, pedicelo tomentoso; perianto indiferenciado, branco-creme, com 9-12 segmentos, por vezes mais, grossos e carnudos, 3 sépalas petalóides. Cones frutíferos ovóides formados por folículos ferrugíneo-tomentosos com sementes escarlates.

Área de distribuição nativa

Sudeste dos Estados Unidos.

Usos e observações

Ornamental.



***Magnolia liliiflora* Desr.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Magnoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Magnólia-púrpura; Magnólia-tulipa

Características gerais

Arbusto caducifólio que pode atingir cerca de 4 metros de altura, muito ramificado; com numerosos caules delgados e erguidos; glabro, excepto próximo das extremidades e nos rebentos. Folhas alternas, obovadas ou elíptico-ovadas, agudas ou brevemente acuminadas, atenuadas, ligeiramente pubescentes na página superior, finamente pubescentes nas nervuras na página inferior; cicatrizes deixadas pelas estípulas são longas, tomentosas. Flores solitárias terminais, surgindo antes do aparecimento das folhas; cálice esverdeado formado por 3 sépalas pequenas, lanceoladas, caducas; corola campanulada formada por 6 pétalas oblongas-obovadas, obtusas ou agudas, púrpuras exteriormente, mais claras ou brancas interiormente. Cone frutífero oblongo, composto por folículos.

Área de distribuição nativa

China.

Usos e observações

Ornamental.

É uma das espécies de menor porte do género *Magnolia*. Do seu cruzamento com *Magnolia denudata* Desr. resultou o híbrido *Magnolia x soulangeana* Soul.-Bod. (González, 2007).



***Magnolia tripetala* (L.) L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Magnoliaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

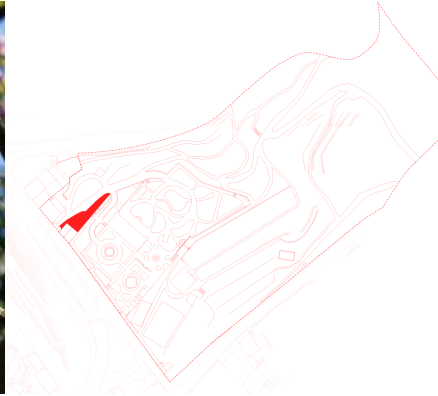
Árvore caducifólia de até 12 metros; copa aberta, amplamente divaricada. Folhas dispostas em pseudoverticilos na extremidade dos raminhos, oblongo-ovadas, 25-60 cm longas, agudas ou curtamente acuminadas, geralmente acunheadas ou atenuadas; página inferior de um verde-pálido, pubescente nas folhas jovens. Flores branco-creme, com odor intenso, cupuliformes, 18-25 cm de diâmetro, surgindo quando as folhas estão bem desenvolvidas; 3 sépalas de um verde-claro, reflectidas; 6-9 pétalas, oblongo-ovadas, carnudas; filamentos purpúreos. Cones frutíferos de até 10 cm, oval-oblongos ou ovoides, vermelho-rosado na maturidade, compostos por folículos.

Área de distribuição nativa

Este dos Estados Unidos da América.

Usos e observações

Ornamental.



***Magnolia x soulangeana* Soul.-Bod.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Magnoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Magnólia; Magnólia-chinesa; Magnólia-de-Soulange

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore caducifólia de até 10 metros; gemas ovóides, acinzentadas, pubescentes. Folhas alternas, obovadas ou suborbiculares, brevemente acuminadas ou obtusas, pecíolo curto. Flores que se desenvolvem precocemente, solitárias, erectas, amplamente campanuladas; perianto indiferenciado, 9 segmentos oblongo-obovados, de cor rosada ou púrpura; sépalas petaloides mais estreitas e curtas do que as pétalas. Cones frutíferos composto por folículos, de até 10 cm, cilíndrico, assimétricos.

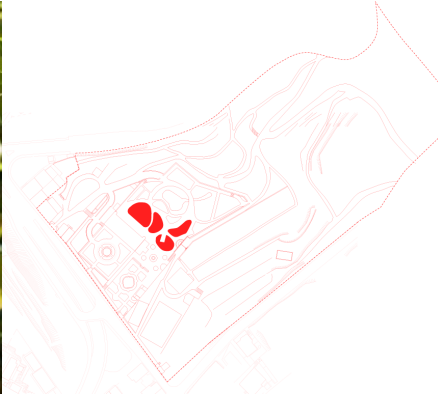
Área de distribuição nativa

Origem hortícola. É um híbrido cujos progenitores são originários da China.

Usos e observações

Ornamental.

Este híbrido é o resultado de um cruzamento deliberado entre *Magnolia liliiflora* Desr. e *Magnolia denudata* Desr. realizado por volta de 1820 por Etienne Soulange-Bodin (1774-1846), horticultor de Fromont próximo de Paris, de quem tomou o nome (González, 2007).



***Magnolia x loebneri* Kache**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Magnoliaceae

Nome(s) vernacular(es): Magnólia

Características gerais

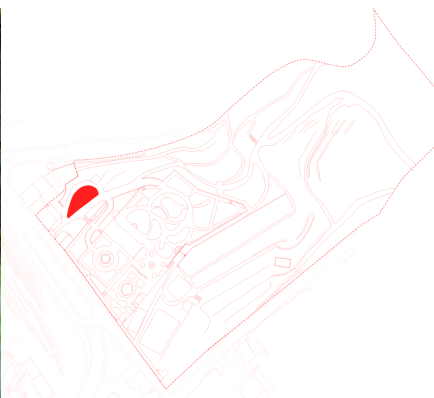
Arbusto ou pequena árvore, caducifólia. Raminhos velutinosos. Folhas obovadas ou elípticas. Flores simples, grandes, 6-9 segmentos oblongos ou lineares, de cor branca. Cones frutíferos formados por folículos deiscentes.

Área de distribuição nativa

Hortícola.

Usos e observações

Ornamental.



***Mahonia x media* C.D.Brickell 'Charity'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Berberidaceae

Nome(s) vernacular(es): Maónia

Características gerais

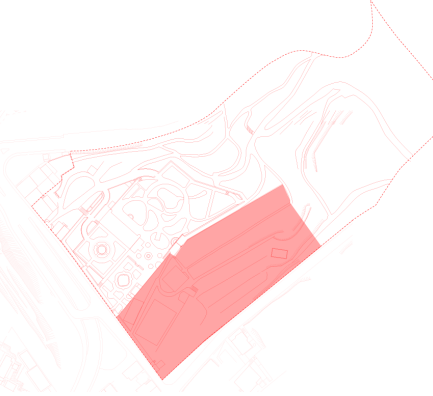
Arbusto perenifólio, caules erectos, pouco ramificados. Folhas imparipinadas; até 21 folíolos, coriáceos, ovado-lanceolados, obtusos, longamente acuminados, as margens dentado-espíhosas, com 3 dentes espíhosos de cada lado, página superior verde-escuro brilhante, página inferior verde-amarelo, com nervação proeminente. Flores amarelas, agrupadas em cachos fasciculados, erectos e terminais. Bagas ovóides, pruinosas.

Área de distribuição nativa

Origem hortícola.

Usos e observações

Ornamental. Híbrido resultante do cruzamento entre as espécies *M. japonica* e *M. lomariifolia*, ambas espécies de origem asiática.



***Melaleuca armillaris* (Sol. ex Gaertn.) Sm.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Myrtaceae

Nome(s) vernacular(es): Escovilhão; Melaleuca

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore perenifólia. Folhas em arranjos verticilados, linear-subuladas, semi-cilíndricas. Flores brancas, sésseis; estames numerosos, mais longo do que as pétalas, agrupados em fascículos; filamentos brancos; sépalas triangulares persistentes no fruto; dispostas em espigas densas, cilíndricas. Cápsulas globosas ou cilíndricas, lenhosas, triloculares, ápice dentado, persistente sobre o ramo.

Área de distribuição nativa

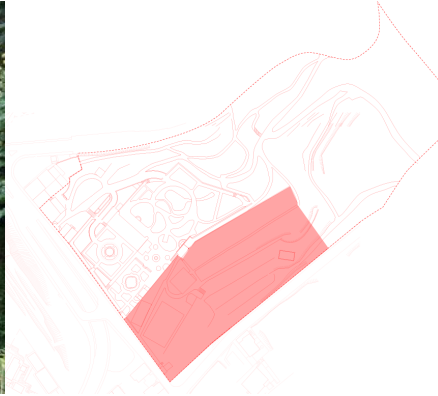
Este e Sul da Austrália.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *melas*, negro e *leukos*, branco, numa alusão ao tronco escuro e ramos mais claros (González, 2007).

Ornamental.

O óleo essencial contém diversos monoterpenos, que lhe conferem uma toxicidade moderada, com efeitos citotóxicos, neurotóxicos, inflamatórios. É utilizado medicinalmente, o óleo essencial tem acção anti-séptica, especialmente sobre as vias respiratórias, propriedades expectorante e vermífugo; externamente o óleo essencial é estimulante da circulação, analgésico, anti-séptico e cicatrizante (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).



***Melia azedarach* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Meliaceae

Nome(s) vernacular(es): Amargoseira; Árvore-dos-rosários; Conteira; Lilás-da-Índia; Mélia

Características gerais

Árvore caducifólia; ramos dispersos, ritidoma sulcado. Folhas alternas, imparipinadas recompostas; folíolos ovados ou elípticos, agudos, serrados, glabros. Flores lilases, fragrantas; cálice 5- ou 6-lobado, imbricado; 5-6 pétalas livres; tubo estaminal erecto, violeta; panículas axilares. Drupa globosa, 1-5 cm de diâmetro, castanho-amarelado e enrugadas quando maduras.

Área de distribuição nativa

Norte da Índia, China.

Usos e observações

Melia é o nome grego para cinza.

M. azedarach é uma espécie de crescimento rápido, frequentemente utilizada na sua região nativa em reflorestamentos florestais.

Ornamental, extensivamente cultivadas nas cidades como árvores de sombra e pela sua floração abundante e fragrante. A madeira é usada para construção. Casca e folhas são usadas em medicina tradicional; as folhas e sementes são usadas na China como pesticidas.

As suas drupas e casca são altamente tóxicas devido à presença de vários triterpenos, meliatoxinas e alcaloides, que causam efeitos citotóxicos, neurotóxicos, perturbações do tracto gastro-intestinal (Wink & Wyk, 2008). São uma causa comum de envenenamento humano, principalmente em crianças, e envenenamento animal.



***Miscanthus sinensis* Andersson ‘Zebrinus’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Poaceae

Nome(s) vernacular(es): Erva-zebra; Eulália

Características gerais

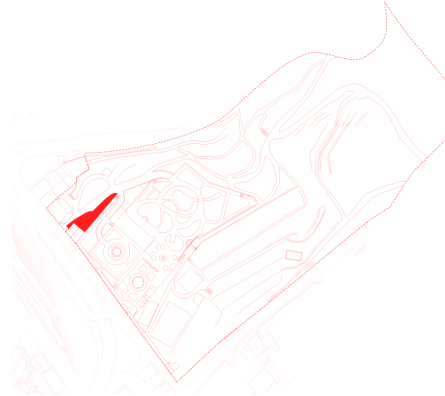
Herbácea vivaz rizomatosa, cespitosa; caules erectos e rígidos. Folhas lineares, planas, acuminadas, erectas ou arqueadas, com margens escabrosas; lígula curta, membranácea e pilosa; limbo com bandas horizontais brancas ou amarelas a intervalos irregulares. Caules floríferos podem atingir 1 a 2 metros de altura; panícula obpiramidal ramificada, cinzento-clara, castanha a castanho-avermelhada; cachos erectos ou um pouco arqueados; espiguetas lanceoladas, rodeadas na base por pêlos brancos ou púrpuras. Cariopse oblonga.

Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie tipo é nativa do este asiático.

Usos e observações

Ornamental.



***Myosotis welwitschii* Boiss. & Reut.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Boraginaceae

Nome(s) vernacular(es): Miosótis; Não-me-esqueças

Características gerais

Herbácea bienal, não estolhosa. Caules erectos, robustos, por vezes radicantes na base, densamente setoso-hirsutos; pêlos de 1-2 mm, patentes ou ligeiramente dirigidos para a base. Folhas alternas, espatuladas, oblanceoladas ou oblongo-elípticas, com pêlos sub-aplicados, agudas ou obtusas. Flores em cimeiras simples ou geminadas, laxas, ramos primários da inflorescência com pêlos subpatentes; cálice campanulado, 5-lobado, lóbulos estreitamente triangulares, com pêlos curtos, aplicados e antrorsos; corola rodado-assalveada, de um azul pálido, com as guias nectaríferas brancas, fauce amarela. Esquizocarpo formado por mericarpos globosos a ovóide-elipsóides, com rebordo bem marcado, comprimidos na base, castanhos a negros, superfície de inserção com apêndice subcónico esponjoso.

Área de distribuição nativa e habitat

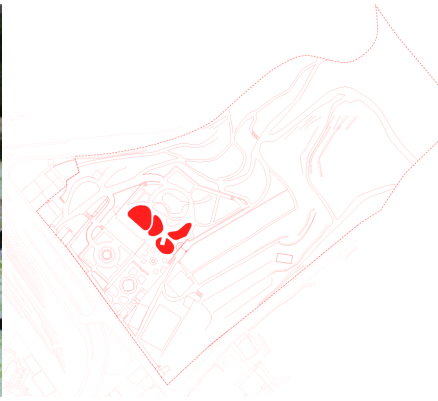
Península Ibérica, noroeste de Marrocos. Encontrado espontaneamente em locais húmidos e sombrios, sob o coberto de matas semicaducifólias, em solos predominantemente básicos.

Usos e observações

O nome dado ao género deriva do grego, significando ouvidos de rato, devido à forma espatulada e pubescente das folhas (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Na linguagem das flores significa “não me esqueças”.

Ornamental.



***Nymphaea nouchali* var. *caerulea* (Savigny) Verdc.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Nymphaeaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Herbácea aquática vivaz, rizomatosa. Folhas flutuantes, glabras, sub-peltadas, orbiculares ou suborbiculares, inteiras, margens geralmente onduladas, página inferior manchada de púrpura; base profundamente fendida em dois lobos subagudos, fenda geralmente fechada. Flores azul-claras com centro amarelo, emergentes; carpelos livres; 4 sépalas livres, largamente lanceoladas, verdes com manchas púrpuras; 14-20 pétalas livres, lanceoladas. Baga subglobosa, amadurece debaixo de água.

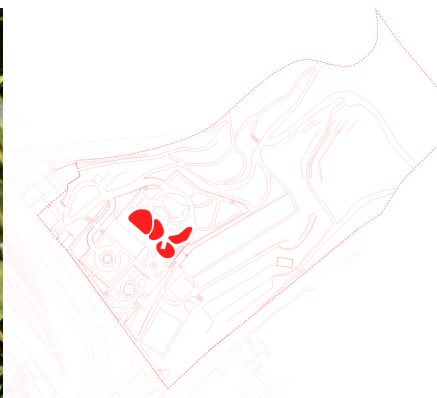
Área de distribuição nativa

Norte de África (Egipto) e África tropical.

Usos e observações

O nome tem origem do grego *nymphe*, uma referência às divindades da água, aludindo ao habitat aquático destas espécies.

Ornamental.



***Osmanthus heterophyllus* (G. Don) P.S. Green ‘Goshiki’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Oleaceae

Nome(s) vernacular(es): Falso-azevinho; Jasmim-do-imperador

Características gerais

Arbusto perenifólio denso, erecto, de até 5 metros. Folhas opostas, glabras, coriáceas, elípticas ou ovadas, dimórficas, variegadas de cor creme, lustrosas; folhas inteiras ou providas de dentes largos, espinhosos. Flores brancas, fragrantas, dispostas em inflorescências nas axilas das folhas. Drupas monospermicas ovadas, azuladas, cerca de 12 mm de comprimento.

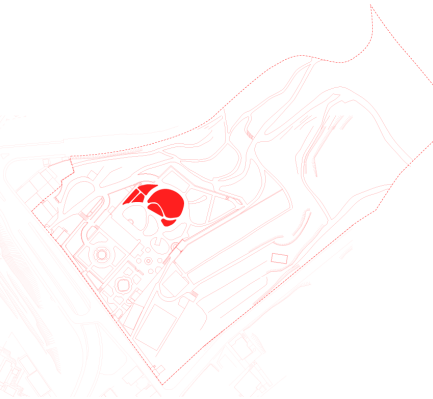
Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie-tipo é proveniente da Ásia, Japão e Tailândia.

Usos e observações

O gênero deriva do grego *osme*, fragância, e *anthos*, flor.

Ornamental. Trata-se provavelmente do cultivar ‘Goshiki’ que apresenta um hábito erecto e denso e as folhas são variegadas de cor creme.



***Oxalis purpurea* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Oxalidaceae

Nome(s) vernacular(es): Beijos-de-frade; Trevo-da-Índia; Trevo-vermelho

Características gerais

Herbácea vivaz, bolbosa, sem caule aéreo, pubescente. Folhas basais dispostas em roseta mais ou menos prostrada, trifoliadas, geralmente com o folíolo terminal maior do que os laterais; folíolos romboidais a obcordados, obtusos, densamente ciliados na margem; página superior verde-escura, glabra, página inferior ligeiramente pubescente, frequentemente purpúrea. Flores solitárias, pedúnculo com 1-10 cm, erecto, pubescente; sépalas lanceoladas, pubescentes ou apenas ciliadas na margem, livres; pétalas estreitamente obovadas, rosa-púrpuras, amarelas no centro. Cápsula com cerca de 5 mm.

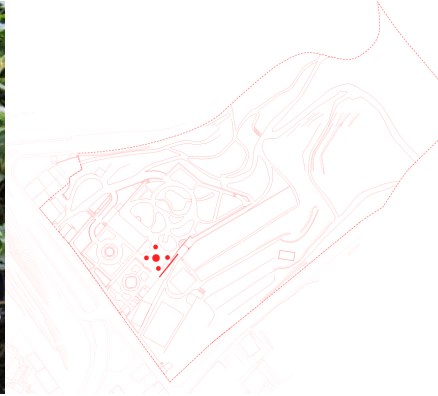
Área de distribuição nativa

África do sul.

Usos e observações

Do grego oxys, ácido, referindo-se ao sabor ácido das folhas.

Muitas espécies de oxalis, de início introduzidas como ornamentais, tornaram-se subespontâneas ao ponto de constituírem invasoras.



***Pachysandra terminalis* Siebold & Zucc.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Buxaceae

Nome(s) vernacular(es): Diamante

Características gerais

Subarbusto perenifólio; de hábito rasteiro, podendo atingir a altura de 20 cm. Caules procumbentes, um pouco carnudos. Folhas alternas ou agrupadas na extremidade dos caules erectos, pecioladas, oblongo-rômbicas a oblongo-obovadas, ápice grosseiramente dentado, acunheadas, glabras, de um verde-escuro brilhante na página superior. Flores brancas, apétalas, dispostas em espigas terminais de 2-3 cm. Drupa ovóide, de côr branca, com estiletes persistentes.

Área de distribuição nativa

China e Japão.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *pachys*, grosso, e *andros*, homem, aludindo aos estames grossos.

Ornamental. Predominantemente utilizada para cobertura de solo.



***Parietaria judaica* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Urticaceae

Nome(s) vernacular(es): Alfavaca-de-cobra; Alfavaca-de-cova; Erva-das-muralhas; Erva-de-Nossa-Senhora; Erva-dos-muros; Parietária; Pulitária; Urtiga-mansa.

Características gerais

Herbácea vivaz de base lenhosa, ascendente ou procumbente, caules muito ramosos densamente pubescentes. Folhas ovado-lanceoladas e agudas, acunheadas, pubescentes ou glabrescentes. Flores em cimeiras axilares, bracteoladas; perianto verde, campanulado ou tubuloso. Núcula inclusa no perianto e por vezes nas brácteas.

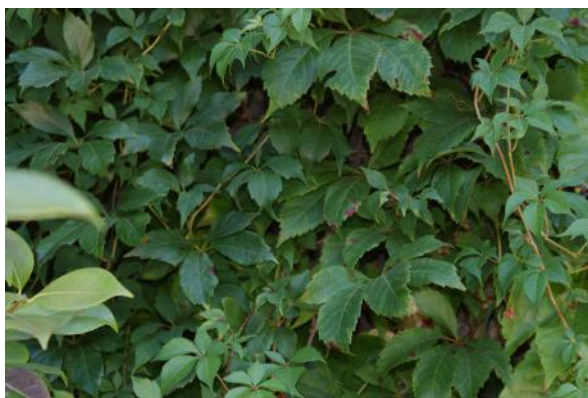
Área de distribuição nativa e habitat

Sudoeste da Ásia, sul e oeste da Europa e região mediterrânica.

Espontânea em Portugal Continental. Espécie ruderal, surge em afloramentos rochosos, fendas de muros e paredes, em zonas humanizadas e perto das vias de comunicação.

Usos e observações

Tem uso medicinal como diurética, no tratamento de afecções do aparelho urinário e infecções das vias respiratórias. O pólen, assim como o de outras espécies do género *Parietaria* é muito alergénico.



***Parthenocissus quinquefolia* (L.) Planch.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Vitaceae

Nome(s) vernacular(es): Vinha-virgem

Características gerais

Trepadora sarmentosa de caule lenhoso, provida de gavinhas ramificadas que terminam em pequenos discos adesivos. Folhas caducas, alternas, digitadas; 5 folíolos peciolulados, ovado-elípticos, acuminados, margem grosseira e obtusamente serradas, verde mate na página superior, glaucas na página inferior. Flores pequenas, esverdeadas, com as pétalas expandidas e deflectidas; dispostas em panículas tirsóides, opostas às folhas, terminais. Bagas globosas azul-escuras, pruinosas.

Área de distribuição nativa

Nativa do nordeste dos Estados Unidos até à Florida, Texas e México.

Uso observações

O nome do género deriva do grego *parthénos*, que significa virgem, puro, casto e *kissós*, que significa hera.

Cultivada como planta ornamental, para cobrir muros e paredes. As folhas adquirem uma coloração em tons escarlate e carmesim no Outono muito apreciada.

Os frutos são tóxicos devido à presença de oxalatos, que são compostos com efeitos citotóxicos (Wink & Wyk, 2008).



***Parthenocissus tricuspidata* (Siebold & Zucc.) Planch.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Vitaceae

Nome(s) vernacular(es): Vinha-japonesa

Características gerais

Trepadora sarmentosa de caule lenhoso, provido de gavinhas que terminam em discos adesivos. Folhas caducas, alternas; folhas adultas simples, largamente ovadas, suborbicular-cordiformes ou deltóides, com 3 lóbulos agudos e grosseiramente serrados, subcoriáceas, lustrosas na página superior. Flores esverdeadas, pequenas, com pétalas deflectidas, dispostas em panículas tirsóides, inseridas em ramos curtos. Bagas globosas, azul-escura e pruinosas.

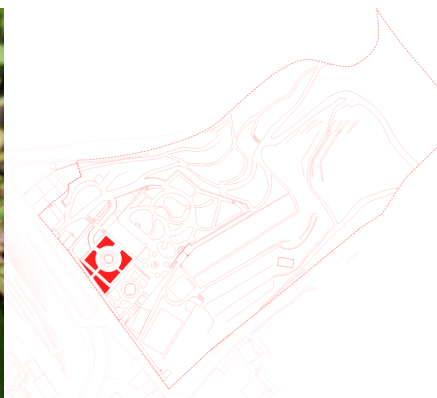
Área de distribuição nativa

Nativa da China, Coreia e Japão.

Uso e observações

Muito utilizada como planta ornamental. Muito apreciada pelos tons escarlate e carmesim que as suas folhas adquirem no Outono.

Toxicidade semelhante à da espécie anterior.



***Persicaria capitata* (Buch.- Ham. ex D. Don) H.Gross.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Polygonaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

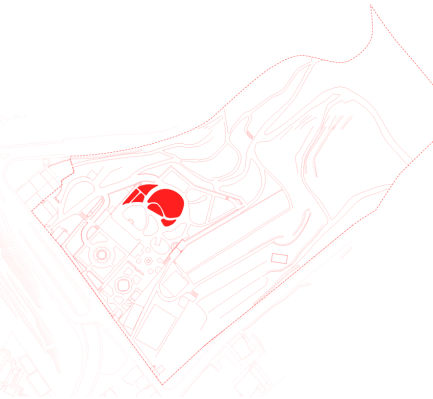
Herbácea vivaz, rizomatosa. Caules prostrados que enraízam nos nós, formando um tapete. Folhas ovado-romboidais de ápice agudo e pecíolo curto, com uma banda púrpura em forma de “v”, ócreas castanho-avermelhadas, pubescentes. Flores rosadas, reunidas em capítulos globosos. Núcula tríquetra, ovóide-aguda, negro-brilhante.

Área de distribuição nativa e habitat

Himalaias e este da Ásia. Surge como naturalizada no norte e centro de Portugal; tem potencial invasor. Surge em muros, margens de caminhos, jardins e locais húmidos.

Usos e observações

Ornamental.



Philadelphus coronarius L.

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es): Filadelfo; Silindra

Características gerais

Arbusto caducifólio de 1-3 metros de altura, ramos compridos com medula esbranquiçada; raminhos glabros ou ligeiramente pubescentes. Folhas opostas, ovadas, brevemente pecioladas, superficial e espaçadamente dentadas, arredondadas ou atenuadas, acuminadas, glabras excepto nas nervuras principais na página inferior. Flores brancas muito perfumadas, com cerca de 2,5-3,5 cm de diâmetro, dispostas em grupos de 3-7 flores em cachos curtos na extremidade dos raminhos laterais; ovário ínfero, coroado por 4 sépalas triangulares, agudas, glabra. Pétalas 4 livres, obovadas, caducas. Estames com anteras de côr amarela. Ovário ínfero, coroado por 4 sépalas triangulares, agudas, glabras; estiletos 4, soldados em coluna de comprimento idêntico ou inferior ao dos estames. Cápsula polispérmica composta por 4 lóculos, que se abrem na parte apical através de valvas, com cálice persistente no topo.

Área de distribuição nativa

Sudeste da Europa: Áustria, Itália e Roménia; sudoeste da Ásia, na região do Cáucaso. No entanto, por ser cultivada desde tempos muito antigos torna-se difícil definir com precisão a sua área original.

Usos e observações

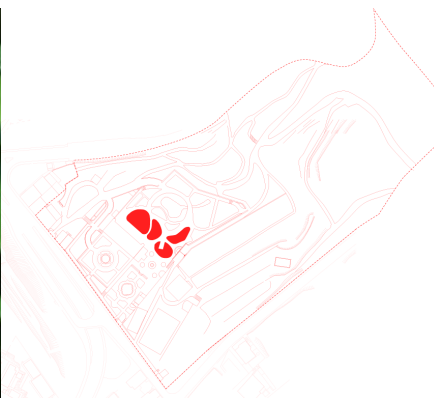
O nome do género deriva do grego *philadelphos*, nome de um arbusto de flores muito aromáticas, possivelmente um jasmim, que se supõe ter essa denominação em homenagem ao rei do Egipto, Ptolomeu II, de sobrenome *Philadelphos* (aquele que ama o ser humano) e que foi um mecenas das artes e das ciências (González, 2007).

O epíteto específico *coronarius* resulta das suas flores, ainda que as pétalas caiam facilmente, serem utilizadas para decorar coroas (González, 2007).

Introduzida como ornamental, ocasionalmente surge escapada do cultivo.

Os seus ramos, compridos e rectos, uma vez retirada a medula, eram empregados no fabrico de flautas (González, 2007).

Pode causar alergias respiratórias.



***Philadelphus x virginalis* Rehder ‘Burfordiensis’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Hydrangeaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

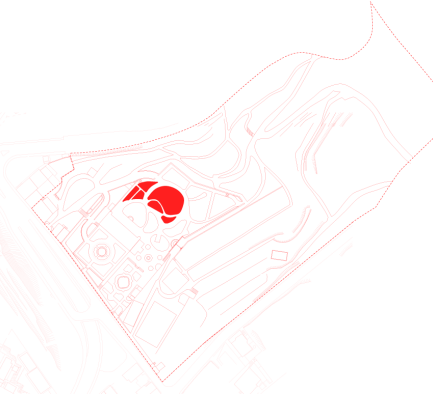
Arbusto caducifólio, erecto, de até 3 metros; ritidoma foliáceo destacável quando envelhecido; raminhos jovens sub-glabros. Folhas ovadas, brevemente acuminadas, arredondadas, denticuladas; glabrescentes na página superior, viloso-pubescentes na página inferior. Flores brancas, geralmente dobradas ou semi-dobradas, muito aromáticas, dispostas em cachos curtos de 5-9 flores, terminais nos raminhos laterais, pedicelos pubescentes; cálice pubescente; numerosos estames com anteras de cor amarela, estiletes mais curtos do que os estames. Cápsulas polispérmicas, com cálice persistente no topo.

Área de distribuição nativa

Hortícola.

Usos e observações

Ornamental. Existem numerosos híbridos e cultivariedades, o que torna complicado a sua identificação precisa.



***Phlomis fruticosa* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lamiaceae

Nome(s) vernacular(es): Marióilas, Salvão; Salva-rainha

Características gerais

Sub-arbusto perenifólio, de até 1,30 metros, inodoro; ramos mais ou menos erectos, não glandulosos, flocosos. Folhas grossas, rugosas, ovadas-lanceoladas ou oblongas, inteiras ou crenuladas, truncadas ou acunheadas; página superior de côr verde, tomentosa, página inferior branco-tomentosa; brácteas sésseis ou curtamente pecioladas, lanceoladas, obtusas. Verticilastros axilares multifloros; bractéolas oblanceoladas a obovadas, pubescente-estreladas a lanosas; cálice tubular, 5-dentado, estrelado-lanoso; corola amarela bilabiada; lábio superior acapelado emarginado, densamente pubescente; lábio inferior patente trilobado. Núculas ovóides, trigonais, de côr pardo-anegrada.

Área de distribuição nativa

Oriunda do centro e este da região mediterrânica.

Usos e observações

O género deriva do grego *phlomis*, relacionado com a raíz *bhel-*, inchar ou inflar, referindo-se às folhas afeltradas, que na Antiguidade eram usadas para fabricar mechas para as lâmpadas de azeite (González, 2007).

Cultivada como ornamental e ocasionalmente surge assilvestrada.



***Photinia serrulata* Franch. & Sav.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Fotínia

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore perenifólia, glabra. Folhas alternas ou subverticiladas na extremidade dos raminhos, coriáceas, glabras e brilhantes na página superior, adquirem tom escarlate à medida que envelhecem; oblongas ou oblongo-obovadas, serruladas, acuminadas, acunheadas. Flores brancas, dispostas em panículas terminais de corimbos. Pomo globoso a ovóide, vermelho, oco no ápice e coroado pelos dentes do cálice

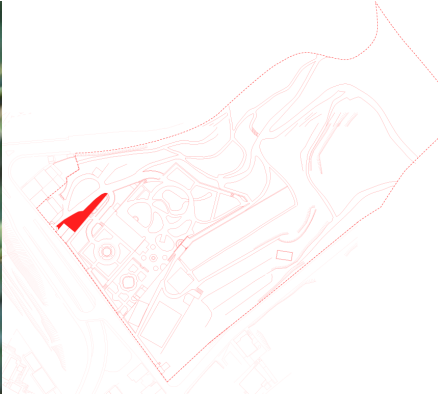
Área de distribuição nativa

China e Japão.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego, *photeinos* que significa brilhante, referindo-se às folhas coriáceas e brilhantes (Bailey, 1958).

Ornamental.



***Phyllostachys aurea* Rivière & C.Rivière**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Poaceae

Nome(s) vernacular(es): Bambu-do-Japão; Bambu-dourado

Características gerais

Bambú perenifólio, rizomatoso, difuso. Colmos 2-10m x 2-5 cm, primeiro de côr verde, depois tornam-se amarelo-acastanhados, com pó branco ceroso por baixo dos nós; entrenós basais mais curtos do que os internós superiores, assimétricos. Folhas estreitas, lanceoladas, serruladas, acuminadas, glabras, página inferior glauca.

Área de distribuição nativa

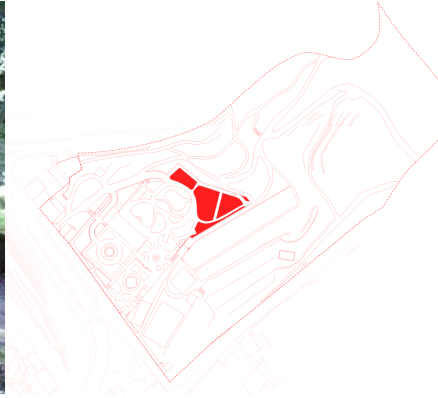
Sudeste da China, naturalizado no Japão.

Usos e observações

O nome do género tem origem grega, deriva de *phyllon*, folha e *stachys*, espiga, referindo-se à inflorescência folhosa.

Ornamental.

Os colmos lenhosos de *Phyllostachys sp.* são muito resistentes e têm múltiplas aplicações práticas: matéria-prima para habitações rústicas, mobiliário, canas de pesca, pasta de papel, etc.



***Phyllostachys bambusoides* Siebold & Zucc.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Poaceae

Nome(s) vernacular(es): Bambu-gigante; Bengaleira; Cana-da-Índia

Características gerais

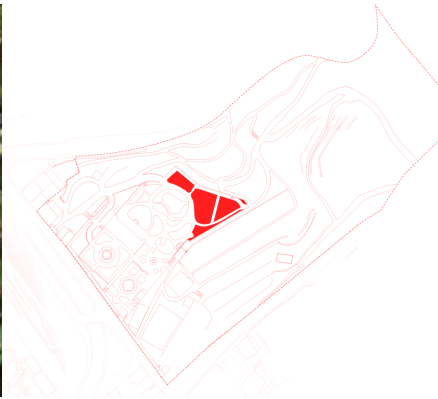
Bambú perenifólio, rizomatoso. Colmos 3-30 m x 1,5-20 cm, erectos, robustos, verdes, glabros, sem ou com pouco pó branco ceroso por baixo dos nós; internós basais de comprimento idêntico aos internós superiores. Folhas lanceoladas, denticuladas, glabras, página inferior glauca.

Área de distribuição nativa

China e provavelmente Japão.

Usos e observações

Ornamental. Por ser mais robusta é amplamente utilizada como matéria-prima de construção.



***Phyllostachys nigra* (Lodd. ex Lindl.) Munro**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Poaceae

Nome(s) vernacular(es): Bambu-negro

Características gerais

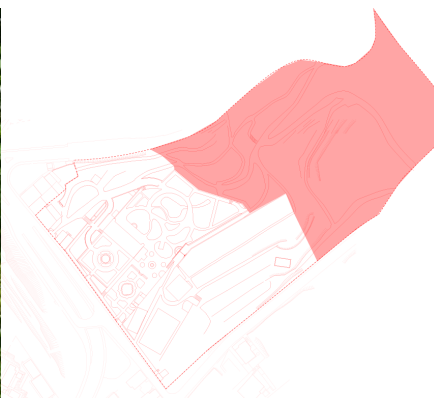
Bambú perenifólio, rizomatoso. Colmos 3-10m x 1-4 cm, com pó branco ceroso por baixo dos nós; primeiro de cor verde, tornam-se negros lustrosos; comprimento dos entrenós basais idêntico ao comprimento dos entrenós superiores. Folhas estreitas, lanceoladas, denticuladas, glabras, página inferior glauca.

Área de distribuição nativa

Este e centro da China.

Usos e observações

Ornamental.



***Phytolacca americana* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Phytolaccaceae

Nome(s) vernacular(es): Baga-moira; Erva-dos-cachos-da-Índia; Fitolaca; Tintureira; Uva-da-América; Uva-dos-passarinhos; Vinagreira

Características gerais

Herbácea anual de caule grosso, suculento, frequentemente avermelhado ou purpúreo e por vezes lenhificado na base. Folhas lanceoladas, glabras, simples e alternas, ovado-lanceoladas, com pecíolo curto. Flores hermafroditas esverdeadas, brancas ou rosadas, dispostas em cachos mais ou menos erectos. Bagas negro-púrpureas quando maduras, com 10 sulcos longitudinais.

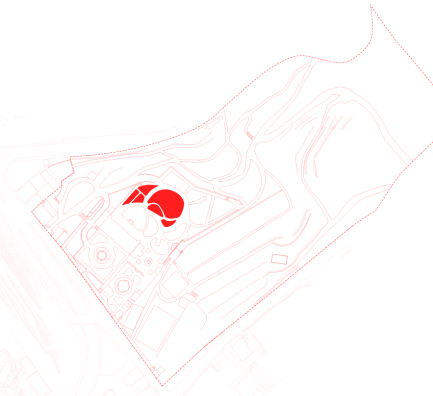
Área de distribuição nativa

Originária da América do Norte, está hoje naturalizada na região mediterrânica. Encontra-se em terrenos incultos arborizados e húmidos, nas margens de vias de comunicação, junto a muros e ruínas. É frequente como infestante agrícola.

Usos e observações

Foi introduzida para fins medicinais e pelas propriedades corantes dos frutos, que eram utilizados em tinturaria. As suas folhas são comestíveis (Núñez & Obón de Castro, 1991). Tem estatuto de espécie invasora em Portugal. Surge como subespontânea em quase todo o país, devido a ter havido uma cultura intensa pelas bagas que eram utilizadas em tinturaria (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).

São constituídas por lectinas, alcalóides e saponinas triterpénicas. Os frutos são utilizados como purgantes ou eméticos e a raíz, reduzida a pó e em forma de pomada, era utilizada nas enfermidades cutâneas e como anti-inflamatório. Em doses não terapêuticas, devido às lectinas e saponinas, a planta é tóxica e pode causar a morte (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).



***Pittosporum tobira* W.T. Aiton**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Pittosporaceae

Nome(s) vernacular(es): Faia-da-Holanda; Pitósporo-da-China

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore, ramosa e compacta, perenifólia. Folhas alternas, mas com disposição subverticilada na parte apical dos raminhos, coriáceas, obovadas a oblongo-obovadas, obtusas, acunheadas, margens revolutas, glabras, verde-escuras lustrosas na página superior, curtamente pecioladas. Flores brancas, muito fragantes, dispostas em umbelas terminais; 5 sépalas pequenas; 5 pétalas abertas em estrela, carnudas, de ápice recurvado. Cápsula, globosa a piriforme, angulosa e tomentosa.

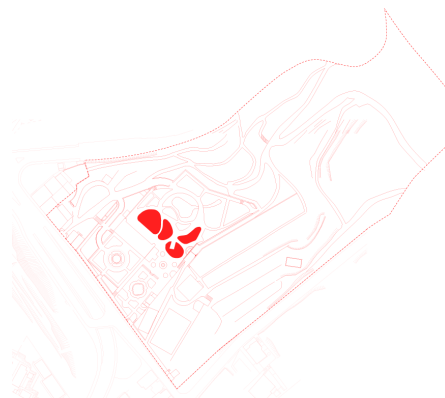
Área de distribuição nativa e habitat

China e Japão.

Usos e observações

Pittosporum deriva do grego pitta, resina, e sporos, semente, referindo-se ao revestimento resinoso encontrado nas sementes (Bailey, 1958).

Ornamental.



***Pittosporum tenuifolium* Banks & Sol. ex Gaertn ‘Variegatum’**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Pittosporaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

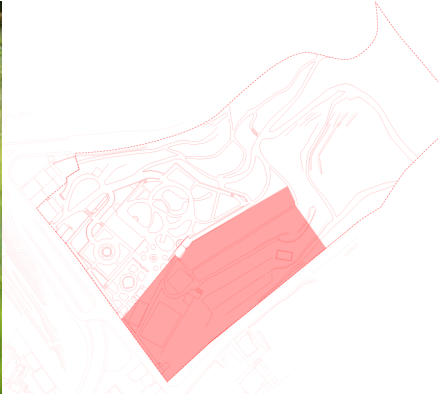
Arbusto ou pequena árvore, perenifólia; raminhos jovens cinzento-escuros ou quase pretos. Folhas finas, oblongas a elípticas-obovadas, agudas a acuminadas, margens onduladas, glabras, lustrosas, verde-pálido com margens creme. Flores púrpura-escuras, fragrantas; solitárias ou grupos, nas axilas das folhas. Cápsula subglobosa, com 2, 3 ou 4 valvas, enrugada na maturidade; sementes com um revestimento resinoso aderente.

Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie-tipo é proveniente da Nova Zelândia.

Usos e observações

Ornamental.



***Plantago lanceolata* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Plantaginaceae

Nome(s) vernacular(es): Corrigó; Língua-de-ovelha; Orelha-de-cabra; Tanchagem; Tanchagem-menor

Características gerais

Herbácea vivaz, acaule com as folhas dispostas em roseta basilar. Folhas lanceoladas a lanceoladas-ovadas, tri-septinérveas, com pecíolo mais ou menos comprido; flores dispostas em espiga, glabra, cilíndrica, ovóide ou subglobosa, pedúnculos profundamente sulcados, erectos. Cápsula oblonga, 3-4 mm.

Área de distribuição nativa e habitat

Eurásia e região mediterrânica, mas encontra-se naturalizada em quase todo o mundo. Ocorre em zonas ruderalizadas, lameiros, campos cultivados e incultos, relvados e em caminhos.

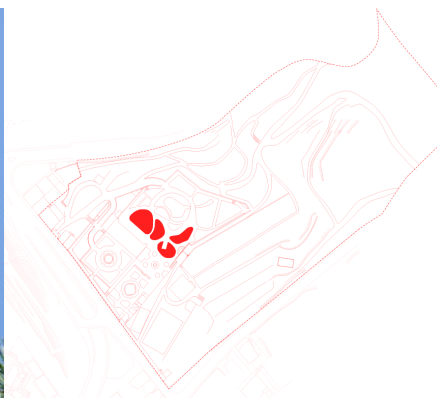
Usos e observações

O nome do género deriva da palavra latina utilizada para denominar estas plantas.

As folhas de *P. lanceolata* são comestíveis, sendo utilizadas como verduras e as sementes usadas para espessar sopas devido à presença de pectinas e mucilagens (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Tem interesse medicinal; a presença de taninos confere-lhe propriedades adstringentes que são adequadas para o cuidado da pele e da boca, toda a planta contém um glucósido iridóide conhecido por aucubósido que tem acção anti-inflamatória e anti-bacteriana e as pectinas coadjuvam na acção laxante. Não são conhecidos efeitos secundários e tóxicos (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012), mas o seu pólen anemófilo é bastante alergénico.

Em muitos lugares da Europa crê-se que as inflorescências de *P. lanceolata* protegem contra as mordidas das víboras e usam-nas atadas às pernas. Durante o século XVIII eram colocadas no interior das carruagens como talismãs para as viagens (Núñez & Obón de Castro, 1991).



Podocarpus sp.

Divisão:

Classe:

Família: Podocarpaceae

Nome(s) vernacular(es): Podocarpo

Características gerais

Árvore perenifólia, monóica ou dióica; ritidoma destacável em tiras; ramos irregulares, decussados ou verticilados. Folhas densamente ou laxamente arranjadas em espiral, largamente aciculares, lineares, ou falcadas, flexível ou rígidas, inteiras coriáceas, decurrentes, verdes durante uns anos mas depois ficam da cor da casca. Flores masculinas solitárias ou em grupos de 5, ou em espigas alongadas, subtendidas por escamas basais nas axilas das folhas; cones femininos solitários, na extremidade de pedúnculos de cerca de 1-30 mm. Sementes semelhantes a drupas num receptáculo carnudo, vermelho ou púrpura.

Área de distribuição nativa

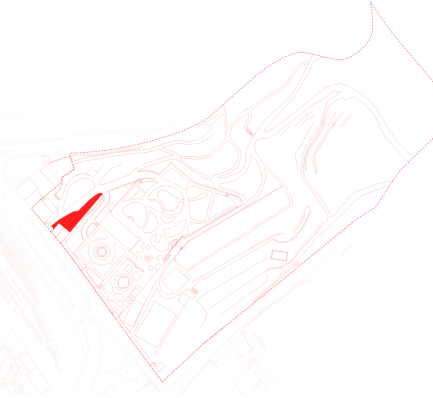
O género ocorre em várias regiões, existem espécies na América central e do sul, África central e do sul, Ásia (dos Himalaias ao Japão) e Australásia.

Usos e observações

O nome do género deriva do grego *poús*, que significa pé, e *karpós*, que significa fruto, aludindo ao receptáculo carnudo e grosso onde se alojam as sementes (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Espécies cultivadas como ornamentais e para aproveitamento da madeira (Mabberley, 2008).

As espécies mais comuns na Península ibérica são *Podocarpus neriifolius* D. Don, *Podocarpus salignus* D. Don e *Podocarpus macrophyllus* (Thunb.) Sweet (González, 2007).



***Podranea ricasoliana* Sprague**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Bignoniaceae

Nome(s) vernacular(es): Ricasoliana

Características gerais

Arbusto escandente, perenifólio. Folhas imparipenadas, verde-escuras na página superior, verde-pálido na página inferior; 7-9 folioladas, brevemente peciolados, ovados, agudos ou acuminados, crenado-serrados, glabros;. Flores côr-de-rosa com listras vermelhas; cálice campanulado, 5-dentado, inflado; corola infundibuliforme, com limbo 5-lobulado, glabra por fora; panícula laxa, terminal. Cápsula linear, de secção circular, lisa, 20-30 cm de comprimento, coriácea.

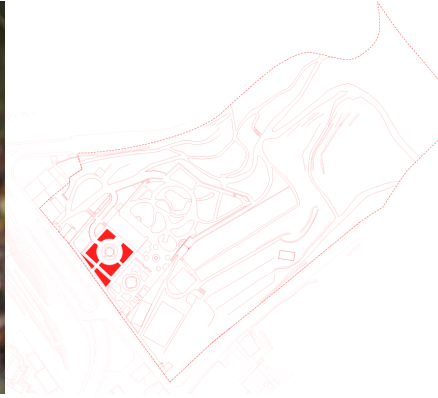
Área de distribuição nativa

África do sul.

Usos e observações

Podranea é um anagrama de *Pandorea*, outro género da família Bignoniaceae, com o qual *Podranea* esteve em tempos unido.

Ornamental



***Prunus glandulosa* Thunb. 'Alba'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Amendoeira-do-Japão

Características gerais

Arbusto perenifólio. Folhas oblongo-ovadas ou lanceoladas, acunheadas, agudas, crenado-serradas, glabras ou esparsamente pubescentes na página superior, pubescentes ao longo da nervura média na página inferior. Flores dobradas, solitárias ou grupos de duas, de cor branca, pedicelos curtos; as flores surgem ao mesmo tempo que as folhas. Drupa globosa, monospermica, pruinosa, de um vermelho escuro; caroço obovado, mucronado.

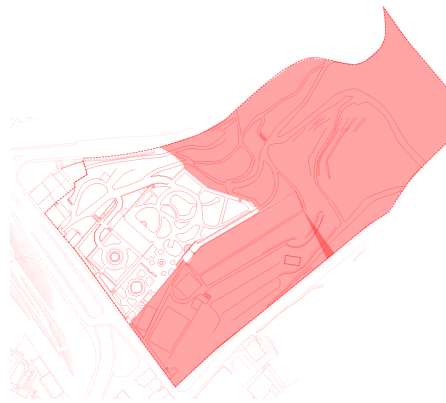
Área de distribuição nativa

Hortícola. A espécie-tipo é originária do centro e norte da China, Japão.

Usos e observações

O nome do género deriva do nome latino do abrunheiro-bravo, *prunum* e por extensão de outras frutas de caroço, palavra que tem origem numa língua da Ásia Menor (González, 2007).

Ornamental.



***Quercus palustris* Munchh.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Fagaceae

Nome(s) vernacular(es): Carvalho-espanhol; Carvalho-dos-pântanos

Características gerais

Árvore caducifólia, podendo atingir 25 metros de altura, ocasionalmente 40 metros em habitat natural. Raminhos glabros, tornando-se vermelho-acastanhados ou alaranjados. Folhas alternas, membranáceas, elíptico-oblongas, acunheadas, penatipartidas, glabras excepto nas axilas das nervuras na página inferior, lóbulos agudos. Flores masculinas verde-amarelados, dispostas em amentilhos pendentes. Glandes ovóides, subsésseis; cúpula mais ou menos comprimida, com escamas ovadas, imbricadas.

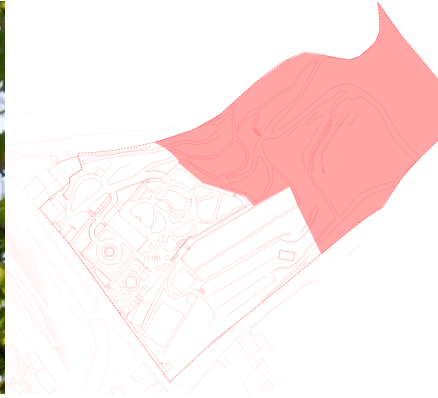
Área de distribuição nativa

Este da América do norte.

Usos e observações

Quercus era o nome romano dos carvalhos e da sua madeira, em sentido amplo.

Cultivada como ornamental, é muito utilizada como árvore citadina nos Estados Unidos.



***Quercus robur* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Fagaceae

Nome(s) vernacular(es): Alvarinho; Carvalho-alvarinho; Carvalho-comum; Carvalho-roble;

Características gerais

Árvore caducifólia, de 30 (-40) metros de altura, copa ampla e regular. Folhas alternas, de curtamente pecioladas a subsésseis, membranáceas, glabras, obovadas ou oblongo-obovadas, penatlobadas ou penatifendidas, lóbulos arredondados desiguais, página superior verde-escuro, página inferior verde-clara ou glaucescente, frequentemente auriculadas na base. Flores masculinas verde-amareladas, dispostas em amentilhos pendentes. Glandes ovoide-oblongas; cúpula formada por escamas ovado-triangulares, imbricadas, soldadas entre si, planas ou mais ou menos gibosas.

Área de distribuição nativa

Maior parte da Europa e Ásia ocidental.

Usos e observações

Cultivada como ornamental e para aproveitamento da madeira.

A madeira de carvalho-roble é muito apreciada e tem grande aproveitamento comercial. É uma madeira de grão fino, muito dura, com anéis de crescimento bem marcados, densa e resistente à putrefacção. Serviu para a construção de edifícios históricos, como madeira estrutural e ornamental; construção de frotas de guerra e pesca; fabrico de tonéis; carpintaria e fabrico de mobiliário (González, 2007).

Os ramos jovens e as glandes são compostos por elevado teor de taninos aos quais se atribui casos de envenenamento sazonais (sobretudo no Outono, quando a concentração destas substâncias é maior) de animais que deles se alimentam (Campos & Proença da Cunha, 2001).

Tem estatuto de espécie protegida por lei.



***Quercus rubra* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Fagaceae

Nome(s) vernacular(es): Roble-americano

Características gerais

Árvore caducifólia que pode atingir 25 (50) metros de altura em habitat natural; copa ampla, arredondada; raminhos de cor vermelho-escuro, glabros. Folhas alternas, membranáceas, ovadas a obovadas, atenuadas ou acunheadas, penatífidas com 7-11 pares de lóbulos triangulares, margens dos lobos irregularmente dentadas; página superior de um verde-escuro mate, glabro, página inferior glauca com pubescência nas axilas das nervuras. Amentilhos masculinos, fasciculados nas axilas das folhas superiores. Glandes ovóides, de 2-3 cm, solitários ou aos pares; cúpula discoidal, mais ou menos comprimida, com escamas ovadas, delgadas, aplicadas.

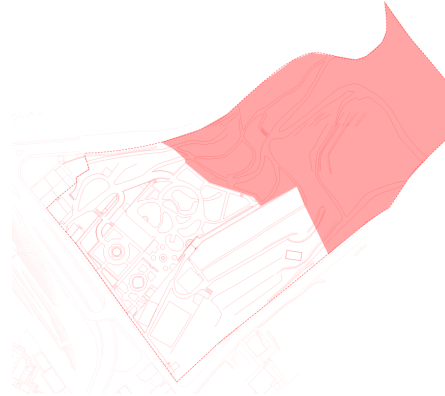
Área de distribuição nativa

Este da América do Norte, desde o Quebec até ao Luisiana.

Usos e observações

Foi introduzida como espécie de interesse florestal, pela madeira e como abrigo (Almeida, 2002). Cultivada em explorações florestais para aproveitamento da madeira, no norte e oeste da Península Ibérica (González, 2007).

Cultivada também como ornamental, muito apreciada pela coloração carmim que as folhas adquirem no Outono antes de caírem. Surge por vezes subespontânea.



***Quercus suber* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Fagaceae

Nome(s) vernacular(es): Chaparro; Sobreiro; Sobro

Características gerais

Árvore perenifólia de 10-15(25) metros, de copa ampla, algo irregular; ritidoma suberoso (denominado por cortiça), grosso, profundamente fissurado, cinzento-escuro; raminhos cinzento-amarelados tomentosos. Folhas coriáceas, ovadas ou ovado-lanceoladas a oblongas, agudas, dentadas-mucronadas, verde-escuras glabras na página superior, densamente cinzento-tomentosas na página inferior, pecíolo tomentoso. Glandes castanho-avermelhadas, solitárias ou aos pares, ovóides ou elipsoides, ápice ligeiramente mucronado; cúpula sub-hemisférica, com escamas inferiores imbricadas, mais ou menos aplicadas, escamas superiores alargadas e terminadas em ponta livre, encerrando metade ou mais da glande.

Área de distribuição nativa

Região mediterrânica ocidental.

Usos e observações

O sobreiro é principalmente conhecido pelo aproveitamento da casca suberificada, a cortiça. A cortiça tem numerosas aplicações a nível industrial, sendo matéria-prima no fabrico de rolhas, revestimentos, etc.; pela sua riqueza em taninos que lhe confere propriedades adstringentes é muito utilizada na indústria dos curtumes. As bolotas são utilizadas na alimentação do gado, principalmente do gado porcino. A madeira é muito dura, densa e resistente, é empregada no fabrico de diversas ferramentas e em construção naval, é também uma excelente madeira para queimar (González, 2007).

Tem estatuto de espécie protegida por lei e as florestas de *Quercus suber* L. são considerados habitats de interesse comunitário.



***Rhaphiolepis indica* var. *umbellata* (Thunb.) H. Ohashi**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Arbusto perenifólio, inerme, de copa muito compacta e redonda. Folhas grossas, coriáceas, tomentosas quando jovens, obovadas, com margens revolutas, inteiras ou remotamente dentado-crenadas, ápice maioritariamente obtuso, atenuadas na base. Flores brancas, perfumadas, dispostas em panículas erectas terminais; cálice avermelhado e pubescente. Bagas negro-azuladas, globosas.

Área de distribuição nativa e habitat

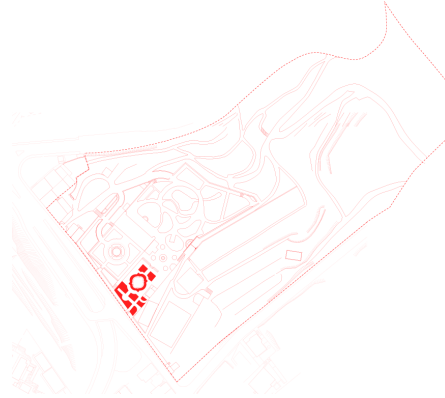
Japão e Coreia.

Usos e observações

Ornamental.

No Japão a casca é utilizada para produzir tinta castanha (Mabberley, 2008).

O nome deriva do grego *rhaphis*, que significa agulha e *lepis*, que significa escama, referindo-se às bractéolas da inflorescência, persistentes e muito estreitas, como agulhas.



***Rhododendron ponticum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ericaceae

Nome(s) vernacular(es): Adelfeira

Características gerais

Arbusto perenifólio, de até 8 metros, erecto, ramos patentes. Folhas alternas, inteiras, curtamente pecioladas, coriáceas, glabras, ovais a lanceoladas, de um verde-escuro lustroso na página superior, verde mais claro na página inferior. Flores muito vistosas, em tons rosa ou púrpura; cálice curto, de lóbulos arredondados ou triangulares, providos de glândulas; corola campanulada, um pouco irregular, dividida em 5 lóbulos profundos, obtusos; estames com filamentos arqueados, exsertos; dispostas em corimbos terminais. Cápsula truncado-cilíndrica, glabra, 5 valvas.

Área de distribuição nativa

Os exemplares observados em Villar d' Allen são provavelmente de origem hortícola, mas a espécie tipo é nativa do sudoeste da Península Ibérica e região mediterrânica oriental, Turquia, Bulgária, Cáucaso, Anatólia e Líbano.

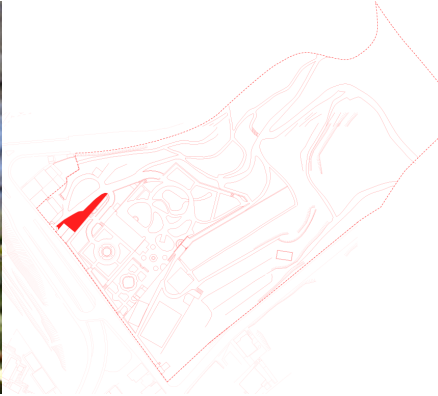
Usos e observações

O nome género tem origem grega, deriva de *rhódon*, que significa rosa, e *déndron*, no sentido de “árvore de flores rosa” (González, 2007).

Ornamental, muito apreciada pelas flores vistosas e folhagem perene.

É muito tóxica pelo seu conteúdo em diversos glucósidos iridóides e diterpenóides, conhecidos por graianotoxinas, entre os quais a andromedotoxina, que estão presentes na planta inteira, mas especialmente no fruto; estes diterpenóides aumentam especificamente a permeabilidade das membranas aos iões de sódio e despolariza a maior parte das células electricamente estimuláveis (Campos & Proença da Cunha, 2001).

O mel obtido das flores desta planta não está livre do princípio tóxico e há relatos de intoxicações por consumo do mel. Foi o caso do episódio histórico, relatado por Xenofonte, de intoxicação dos soldados gregos na Ásia Menor por ter comido mel de adelfeira (Núñez & Obón de Castro, 1991).



***Rosa banksiae* R.Br. 'Lutea'**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Roseira-banksiana

Características gerais

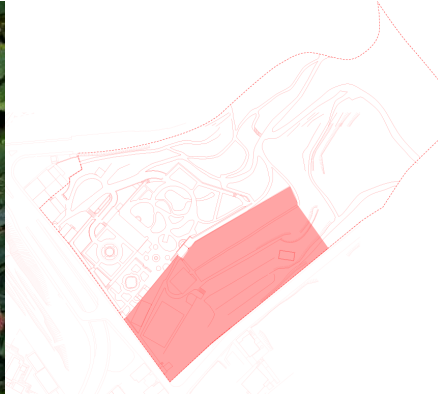
Arbusto trepador perenifólio, glabro, inerme. Folhas alternas, imparipinadas, compostas por 3 ou 5, raramente 7 folíolos, elípticos ou oblongos-lanceolados, finamente serrados, glabros, excepto ao longo da nervura na página inferior e ráquis da folha; estípulas livres, subuladas e caducas. Flores numerosas, ligeiramente fragantes, dispostas em corimbos com cerca de 9 cm de diâmetro; cálice caduco; corola amarela, dobrada. Fruto múltiplo de aquénios, arredondado, vermelho.

Área de distribuição nativa

Origem hortícola. A espécie-tipo é proveniente da região central e ocidental da China.

Usos e observações

Ornamental.



***Rubus idaeus* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Framboeseira-comum; framboeseira-vermelha

Características gerais

Arbusto caducifólio escandente, turriões lenhificados suberectos de secção subcilíndrica com acúleos direitos e finos. Folhas compostas por folíolos de margens serradas, glabrescentes na página superior e branco-tomentosas na página inferior; folhas dos turriões compostas por 3 a 7 folíolos e folhas rameais trifoliadas. Flores de côr branca em cachos folhosos paucifloros, terminais e axilares. Fruto múltiplo de pequenas drupas, a framboesa, vermelho quando maduro.

Área de distribuição nativa e habitat

Em toda a região boreal, nas regiões temperadas e frias da Eurásia e América do Norte.

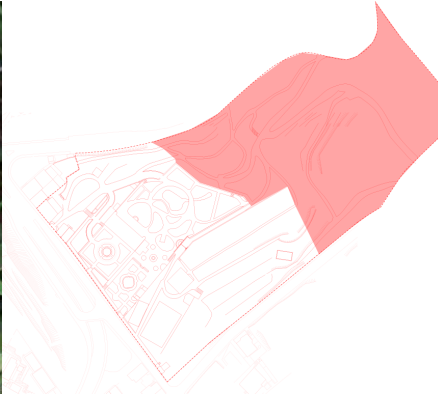
Usos e observações

Na linguagem das flores a framboesa significa “confiança” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

O epíteto específico *idaeus* alude ao monte Ida, situado no que é actualmente território do noroeste da Turquia, onde esta planta é conhecida desde a Antiguidade (González, 2007, p. 485).

R. idaeus é cultivada pelos frutos comestíveis e muito apreciados, que são utilizados com várias finalidades culinárias; as folhas e os frutos são utilizados como aromatizantes naturais de alimentos; as folhas servem para fazer chá.

É usada na medicina popular, sendo as folhas a parte utilizada. Constituída por taninos e flavonóides que lhe conferem propriedades adstringentes, cicatrizantes e anti-inflamatórias. É usada como depurativo, nas inflamações cutâneo-mucosas e nas perturbações do tracto intestinal e das vias urinárias, nas conjuntivites e afecções cutâneas crónicas como feridas e úlceras (Tavares, Zuzarte, & Salgueiro, 2009). Na América do norte e em alguns locais da Europa, a infusão de folhas de *R. idaeus* é tomada durante a gravidez para aliviar as dores do parto. Nos anos 40 era inclusivé usada nas maternidades na Inglaterra, pois a fragarina relaxa as contracções do útero (Mabberley, 2008).



***Rubus ulmifolius* Schott**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Amoras-silvestres (fruto); Sarça; Silva; Silvado-bravo

Características gerais

Arbusto perene escandente, com ramos lenhosos muito longos delgados e flexíveis, armado de acúleos mais ou menos iguais, robustos, patentes e falciformes. Turiões angulosos, frequentemente sulcados, pruinosos. Folhas compostas, digitadas com 3-5 folíolos coriáceos, verde-escuros na página adaxial e acinzentado-tomentosas na abaxial, margens serradas e acuminadas no ápice. Flores agrupadas em panículas, pétalas enrugadas, orbiculares a obovadas, rosadas ou brancas. Frutos múltiplos formado por pequenas drupas, a amora, mais ou menos de cor negra no final da maturação.

Área de distribuição nativa e habitat

Norte de África e Europa.

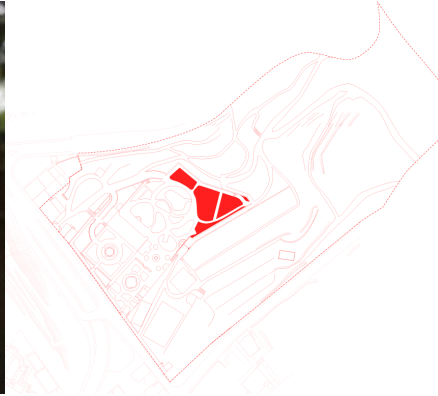
Usos e observações

Na linguagem das flores a silva significa “obstáculos vencidos” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

O epíteto específico *ulmifolius* remete para a semelhança dos seus folíolos com a folha de *Ulmus sp.* (González, 2007).

O seu fruto é muito apreciado e utilizado para diversos fins culinários. Usada também como corante e em determinados locais os caules são a matéria-prima no fabrico de cestos.

Tem interesse medicinal devido a propriedades adstringentes e hemostáticas, sendo para esse fim usadas as folhas, os brotos jovens e os frutos. É utilizada para tratar diarreias, inflamações de garganta, feridas e úlceras cutâneas, gengivites, etc. (González, 2007).



***Ruscus aculeatus* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es): Erva-dos-vasculhos; Gilbarbeira; Gilbardeira

Características gerais

Sub-arbusto rizomatoso, erecto e glabro. Caules rígidos, de cor verde-escuro, muito ramificados na sua parte superior. Folhas caulinares alternas, escamiformes e caducas. Cladódios semelhantes a folhas, verde-escuros, geralmente de comprimento inferior a 4 cm, ovados a lanceolados, coriáceos e espinescentes. Inflorescências adaxiais, de 1-3 flores unissexuais, inconspícuas, na axila de brácteas muito pequenas. Flores com perianto esverdeado em pedicelos muito curtos, segmentos externos do perianto com cerca de 2,5 mm, tubo estaminal violáceo. Baga globosa, vermelha quando madura.

Área de distribuição nativa e habitat

Em torno da região do mar Negro e região mediterrânica, estende-se pelo centro e oeste da Europa e região macaronésica, Açores e Canárias. Ocorre em sebes, sob o coberto de bosques, matos mais ou menos xerófilos e áreas litorais.

Usos e observações

Cultivada como espécie ornamental, sendo muito apreciada pela sua tolerância a todo o tipo de terrenos.

Reconhecida por Dioscórides como espécie com propriedades terapêuticas, era utilizada em medicina popular como aperitivo e diurético, a sua raiz entrava na composição do “xarope das cinco raízes”, juntamente com as raízes de alho, funcho, perrexil e espargo.

Os brotos jovens são comestíveis e eram consumidos pelos gregos e romanos (Mabberley, 2008).

Antigamente, era utilizado popularmente para afastar os ratos da carne conservada nas despensas, uso que justifica o nome comum em alguns locais, como por exemplo na língua inglesa, onde é conhecida por *butcher's broom* (escova do talhante) (González, 2007).

Tem ação terapêutica como anti-hemorroidal e anti-varicosa devido à propriedade vitamínica P, que fortalece os capilares sanguíneos e à presença de saponinas, sendo as mais importantes as que têm como aglicona o esteroide ruscogenina (González, 2007).

Faz parte da lista de espécies de interesse comunitário, sendo a sua recolha e exploração sujeitas a medidas de gestão (Directiva 92/43/CEE do Conselho das Comunidades Europeias: Directiva Comunitaria de Habitats) (González, 2007).



***Ruscus hypoglossum* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Herbácea vivaz rizomatosa. Caules até 50 cm, simples, arqueados a prostrados. Cladódios 3-10 x 1-3,3 cm, obovados-rômnicos a amplamente ovados, mucronados a pungentes, atenuados, geralmente ligeiramente torsos. Flores solitárias, unissexuais, localizadas na axila de uma bráctea de dimensões 1,3 x 0,3-1,3 cm situada na parte central da página superior dos cladódios. Baga vermelha.

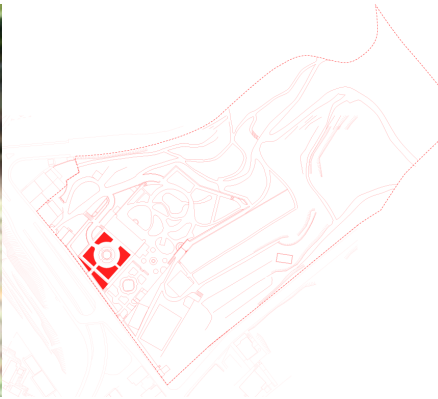
Área de distribuição nativa

Sudeste da Europa até ao norte da Turquia.

Usos e observações

Ornamental.

Era usada para fazer as “coroas de César”, distinção concebida como símbolo da vitória a um general (Mabberley, 2008).



***Salvia elegans* Vahl**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lamiaceae

Nome(s) vernacular(es): Salva-ananás

Características gerais

Herbácea vivaz, ou subarbusto de até 2 metros no habitat nativo. Caules quadrangulares, erectos, ramificados, glandular-pubescentes. Folhas até 10 cm longas, opostas, simples, pecioladas, ovadas a deltóides, estreitamente agudas, truncadas ou cordadas, crenadas a serradas, pubescentes, com forte aroma a ananás. Flores de côr escarlate agrupadas 2-6 em verticilastos distantes entre si cerca de 2 cm, estes dispostos em espigas terminais de até 15 cm; brácteas caducas, ovadas; cálice campanulado, bilabiado, persistente, lábio superior inteiro ou tridentado mucronado, glandular-pubescente; corola com o tubo maior do que o cálice, limbo bilabiado; estames exsertos. Fruto formado por 4 núculas globosas a ovóides, mais ou menos trigonais, geralmente mucilaginosas, lisas.

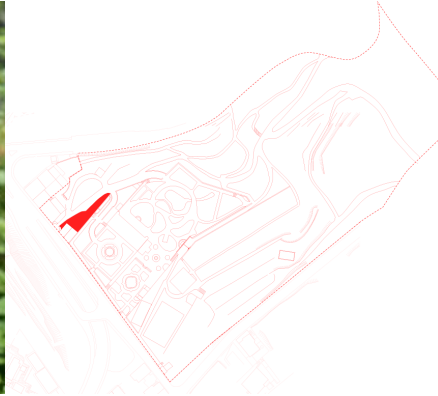
Área de distribuição nativa

México, Guatemala.

Usos e observações

O nome do género deriva do latim *salvare*, que salva ou cura, aludindo às propriedades medicinais de certas espécies.

Cultivada como ornamental, mas muitas espécies de salva são cultivadas para usos medicinais, como digestivas, e culinários.



***Salvia microphylla* Kunth**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lamiaceae

Nome(s) vernacular(es): Erva-dos-rapazinhos

Características gerais

Subarbusto difusamente ramificado. Caules circulares, curtamente pubescentes. Folhas opostas, simples, pecioladas, deltóide-ovadas a elípticas, serrada-crenuladas, pubescentes ou subglabras. Flores carmesins, 2 ou ocasionalmente 4 em verticilastos formando cachos laxos com 10-15 cm de comprimento; brácteas ovada-acuminadas, caducas; cálice bilabiado tingido de púrpura; corola bilabiada, lábio inferior estendido. Fruto formado por 4 núculas globosas a ovóides, mais ou menos trigonais, geralmente mucilaginosas, lisas.

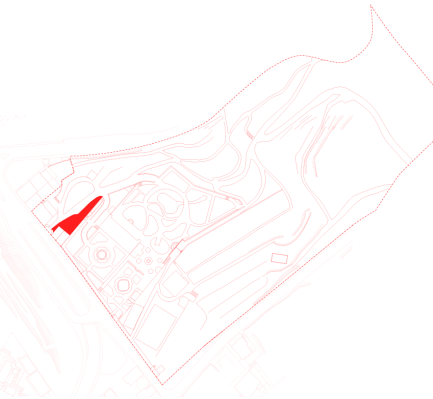
Área de distribuição nativa

México.

Usos e observações

Introduzida como ornamental, ocasionalmente surge naturalizada em jardins abandonados ou em sebes (Almeida, 2002).

Tal como várias espécies de *Salvia sp.* as folhas são comestíveis podendo ser utilizadas para aromatizar pratos ou em infusões devido a propriedades terapêuticas, como digestivas.



***Sambucus nigra* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Adoxaceae

Nome(s) vernacular(es): Canineiro; Galavista; Rosa-de-bem-fazer; Sabugo; Sabugueiro-negro; Sauquero

Características gerais

Arbusto ou pequena árvore de até 10 metros nos exemplares cultivados, caducifólia. Caules ramificados desde a base; ramos erectos ou arqueados, abundantemente lenticulados, providos de medula branca; ritidoma castanho-acinzentado, fissurado. Folhas opostas, imparipinadas com 3-7 folíolos; estípulas muito pequenas, subuladas ou ausentes; verde-escuras na página superior, mais claras na página inferior; folíolos peciolulados, ovados a ovado-lanceolados, serrados, acuminados, glabros a ligeiramente pubescentes nas nervuras na página inferior. Flores branco-amareladas, muito fragrantas, dispostas em umbelas terminais de até 20 cm de diâmetro, 4-5 raios primários. Drupa globosa, violeta-anegrada, glabra.

Área de distribuição nativa e habitat

Europa, oeste e sudoeste da Ásia.

Ocorre naturalmente em Portugal Continental em locais húmidos e sombrios, nas orlas de matagais e bosques ripícolas, nas margens de linhas de água; indiferente edáfica. Frequentemente cultivada junto a habitações ou área agrícolas.

Usos e observações

O nome do género tem origem incerta. Existem autores que o derivam do grego *sambukê*, flauta, aludindo ao facto dos seus ramos desprovidos da medula terem servido para fabricar vários tipos de flauta (Núñez & Obón de Castro, 1991). Outros derivam-na da palavra grega *sambyke*, sambuca, uma espécie de harpa (González, 2007).

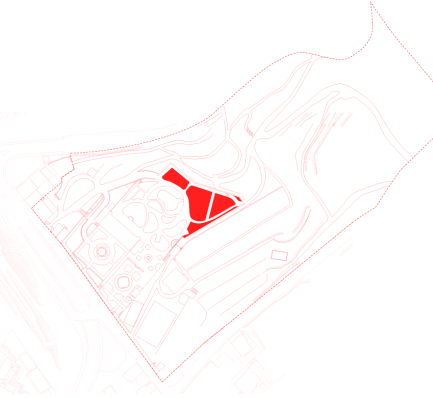
Em linguagem das flores significa “benefício” e “humildade” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Tem propriedades medicinais: as flores devido a compostos fenólicos e esteróis possuem propriedades

anti-inflamatórias e de rejuvenescimento do tecido cutâneo; os frutos são diuréticos, diaforéticos e laxantes.

Outras aplicações: as flores são utilizadas em cosmética, na limpeza da pele; como aromatizante natural de alimentos e bebidas devido ao seu aroma a mel; os frutos são usados como corantes de vinhos; utilizada como insecticida.

Todas as partes do sabugueiro são ligeiramente tóxicas, excepto as flores e o fruto quando maduro e cozido. A toxicidade deve-se à presença de glucósidos cianogénicos, sendo o principal a sambunigrina, e de lectinas, que provocam efeitos citotóxicos e perturbações no tracto gastrointestinal.



***Sciadopitys verticillata* Siebold & Zucc.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Família: Taxodiaceae

Nome(s) vernacular(es): Pinheiro-guarda-sol-japônês

Características gerais

Árvore perenifólia, pode atingir 30-45 metros. O tronco, ocasionalmente, bifurca junto à base, possui ritidoma castanho-avermelhado-escuro, com grande descamação das camadas exteriores. Enquanto jovens, exibem uma copa estreita e cônica, que tende a abrir com a idade. Apresenta dois tipos de folha: umas são lineares, aciculares de cerca de 10 cm, sulcadas, parecendo agulhas duplas e estão agrupadas em verticilos de 15-25; as outras são achatadas, parecendo escamas, com cerca de 5 mm de comprimento, firmemente pressionadas contra o ramo, mas não fundidas com ele, geralmente em número de 10-12, localizam-se na base dos verticilos das “agulhas duplas”.

Área de distribuição nativa e habitat

Japão (Honshu, Kyushu, Shikoku). É encontrada em áreas montanhosas, a altitudes entre 200 e os 1700 metros acima do nível do mar.

Usos e observações

Introduzida na Europa em 1861 como espécie ornamental. A sua madeira, muito resistente, é utilizada na construção, nomeadamente, de barcos por ser resistente à água. O seu nome comum refere-se ao distinto arranjo verticilado das agulhas, que se assemelha às varetas de um guarda-sol. Foi plantado em Villar d' Allen por Alfredo Allen, em 1870.



***Selaginella kraussiana* (Kunze) A. Braun**

Divisão: Pteridophyta

Classe: Lycopodiopsida

Família: Selaginellaceae

Nome(s) vernacular(es): Selaginela

Características gerais

Herbácea vivaz. Talos rasteiros, de simetria dorsiventral, articulados nos pontos de ramificação. Folhas ventrais distintamente maiores do que as dorsais, patentes, oblongo-lanceoladas, sub-sésseis, agudas; folhas dorsais ovado-lanceoladas, aplicadas contra o talo. Estróbilos terminais, com microsporófilos semelhantes às folhas vegetativas dorsais.

Área de distribuição nativa

Nativa da África tropical e do sul. Naturalizada na Macaronésia e na Europa ocidental.

Uso e observações

Selaginella é o diminutivo de *selago*, que significa *que serve para curar os olhos* (Tierra, 1990).

Foi introduzida como ornamental, surge por vezes subespontânea em locais húmidos e sombrios formando tapetes. Considerada uma espécie potencialmente invasora ou uma invasora de importância restrita (Almeida, 2002).



***Sequoia sempervirens* Endl.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Pinopsida

Classe: Taxodiaceae

Nome(s) vernacular(es): Sequóia; Sequóia-sempre-verde; Sequoia-com-folhas-de-teixo

Características gerais

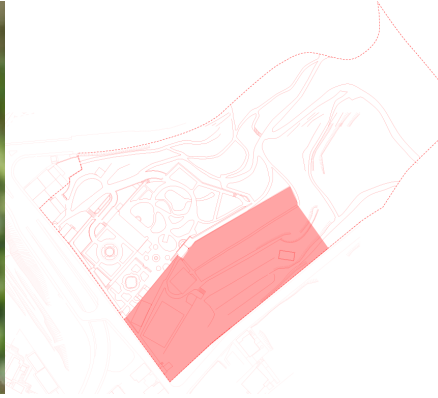
Árvore de folha persistente de grande porte, podendo atingir 110 metros em estado silvestre. Copa mais ou menos piramidal, com ramos abundantes, horizontais ou um pouco pêndulos. Ritidoma castanho-avermelhado, esponjoso, profundamente fissurado, que se desprende em placas irregulares. Possui dois tipos de folha: as dos ramos principais dispõem-se em espiral, podem ser escamiformes ou lineares e estão frouxamente aplicadas contra o ramo; as dos ramos laterais estão dispostas em duas filas opostas, são linear-lanceoladas, mais ou menos rígidas, verde-escuro na face superior, com duas bandas esbranquiçadas na face inferior, um pouco arqueadas para baixo, são mais curtas na base dos ramos. Cones femininos de côr verde, oblongo-ovóides, terminais; Cones masculinos globoso-cilíndricos, terminais, axilares, com as escamas arranjadas em espiral.

Área de distribuição nativa e habitat

América do Norte, na costa do Pacífico, desde o sul de Oregão até à região montanhosa do sul da Califórnia. Ocorre entre os 500 e os 1000 metros de altitude, em zonas de elevada pluviosidade.

Utilidade e curiosidades

Introduzida na Europa como ornamental. A sua madeira é de boa qualidade, permitindo obter peças de grande tamanho, é utilizada para construir postes e na construção em geral. Devido ao seu interesse económico, foi explorada abusivamente e hoje em dia apenas é encontrada no estado silvestre em algumas reservas. São consideradas as árvores mais altas do mundo.



***Silene latifolia* Poir.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Caryophyllaceae

Nome(s) vernacular(es): Assobios

Características gerais

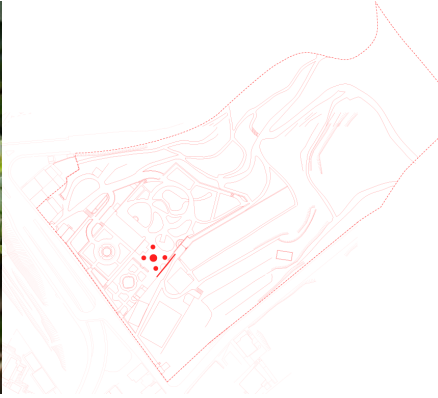
Herbácea vivaz; caules erectos, pouco ramificados, vilosos na parte inferior, geralmente com pêlos glandulíferos na parte superior. Folhas ovadas a oval-lanceoladas; folhas caulinares sésseis, tomentosas. Flores brancas em dicásios laxos, geralmente dióicas; brácteas semelhantes às folhas superiores; flores masculinas subsésseis, flores femininas com pedicelos de 2-7,5 cm, geralmente erectos, pubescentes-glandulosos; cálice tubular 5-dentado inflado, com nervuras proeminentes, pubescente-glanduloso; limbo das pétalas obovado, bifido. Cápsula geralmente cônica com 10 dentes, erectos a recurvados.

Área de distribuição nativa e habitat

Europa, oeste e sul da Ásia, norte de África. Ocorre normalmente em bosques sombrios e húmidos, zonas pedregosas e terrenos cultivados e perturbados.

Usos e observações

Espontânea. Esta espécie apresenta uma enorme variedade.



***Skimmia japonica* Thunb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rutaceae

Nome(s) vernacular(es): Skimmia

Características gerais

Arbusto perenifólio, fracamente aromático ao contrário de outras rutáceas. Folhas de tamanho variável, elípticas a oblongo-obovadas, com margem inteira, ápice redondo ou agudo, dispostas em coroa na extremidade dos ramos. Flores hermafroditas, tetrâmeras, dispostas em panículas terminais; corola branca. Drupa vermelha, globosa ou com uma depressão na extremidade.

Área de distribuição nativa

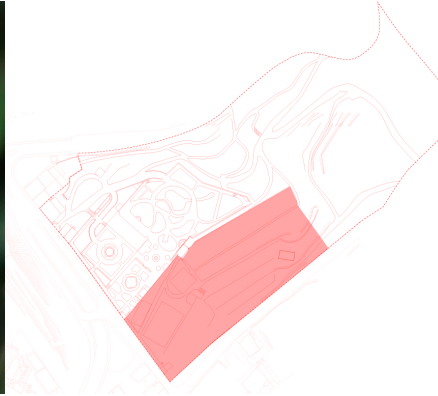
China e Japão.

Usos e observações

Espécie cultivada como ornamental.

Deriva de *shikimi*, o nome japonês que significa fruto perigoso.

É moderadamente tóxica, especialmente as partes aéreas. Possui alcaloides quinolínicos, dictamina e skimmiamina, que exibem propriedades mutagénicas e citotóxicas, causam perturbações do tracto gastrointestinal e do sistema nervoso central e desencadeiam processos inflamatórios (Wink & Wyk, 2008).



***Solanum americanum* Mill.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Solanaceae

Nome(s) vernacular(es): Erva-dos-bugalhos; Erva-moira; Tomateiro-do-diabo

Características gerais

Herbácea anual, inerte, subglabra a pubescente, com pêlos simples. Caules decumbentes ou erectos, ramificados. Folhas simples, pecioladas, romboide-ovadas a lanceoladas, inteiras a sinuado-dentadas, agudas ou acuminadas. (3)5-10 flores em cimeiras axilares, laxas, pedunculadas; cálice campanulado com 5 lóbulos, ligeiramente acrescente, de lobos geralmente ovados; corola rodada, branca, 5 lóbulos ovado-lanceolados. Baga subglobosa, glabra, negro-baça quando madura, com cálice persistente deflexo ou aderente à base da baga.

Área de distribuição nativa e habitat

Nativa da América do sul, tem actualmente uma distribuição geográfica muito ampla, tendo-se naturalizado na Península Ibérica. Frequentes em baldios, terrenos incultos, escombrelas, bermas de caminhos e outros locais ruderalizados, em solos nitrófilos e algo ensombrados. É uma infestante em culturas de Primavera-Verão.

Usos e observações

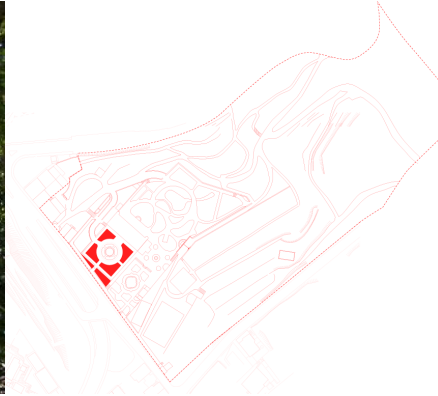
O nome do género *Solanum* deriva do latim. As razões desta denominação são incertas, talvez derive do latim *sol*, Sol, relacionando-se com a forma estrelada das flores; ou de *solanus*, o vento de este, aludindo às propriedades alucinogénicas da erva-moira causadoras de loucura, assim como os ventos persistentes (González, 2007). Ou ainda, poderá derivar do latim *solari* ou *solamen*, que significa acalmar ou calmante, uma vez que a erva-moira era utilizada na medicina popular como calmante (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Na linguagem das flores a erva-moira significa “loucura” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

Tem vários usos e aplicações: na China e em Marrocos é utilizada como afrodisíaco, consumido como remédio para tratar a impotência sexual; as folhas e as inflorescências proporcionam uma tinta

de cor verde, utilizada para escrever na Sicília e para colorir tatuagens no norte de África; a presença de alcaloides atropínicos confere-lhe propriedades sedativas e calmantes (Núñez & Obón de Castro, 1991).

No entanto, todas as partes de *S. americanum* são tóxicas e moderadamente perigosas, particularmente as bagas imaturas, devido à presença de alcaloides estereoidais, como a solanina. As partes verdes destas plantas acumulam elevados níveis de alcaloides estereoidais, que podem também ser encontrados em grandes concentrações nos tubérculos quando armazenados à luz e a temperaturas altas. São compostos citotóxicos, com propriedades teratogénicas e causadores de irritação nas mucosas; com efeitos neuronais, incluindo alucinações e, em casos de envenenamento severos, a paralisação do sistema nervoso central (Wink & Wyk, 2008).



***Solanum betaceum* Cav.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Solanaceae

Nome(s) vernacular(es): Tamarilheiro; Tomateiro-arbóreo

Características gerais

Arbusto arborescente, podendo atingir mais de 3 metros; puberulento, inerme, perenifólio. Folhas alternas, simples, inteiras, cordadas a ovadas, acuminadas, pubescentes. Flores com pedicelo comprido, rosadas, fragrantas, ligeiramente pubescentes; cálice campanulado, 5-lobado; corola 5-lobada, lobos longos e estreitos; dispostas em cimeiras axilares, pêndulas. Bagas elipsoide-ovoides, de casca lisa, com pedúnculo comprido, pêndulas, de cor vermelha.

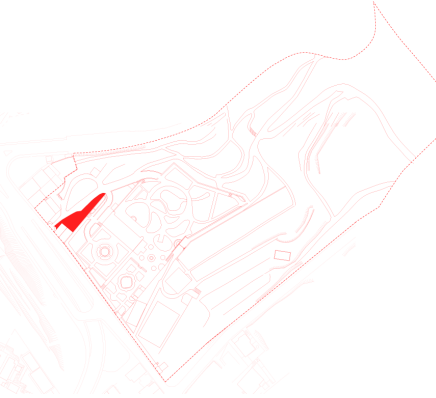
Área de distribuição nativa

Perú, sul do Brasil.

Usos e observações

Muito cultivado nos Andes e noutros habitats tropicais a elevada altitude pelo fruto comestível, o tamarilho, de sabor rico e ligeiramente ácido.

Tal como noutras solanáceas, o fruto deve ser consumido completamente amadurecido, pois imaturo é ligeiramente tóxico.



***Solanum jasminoides* Paxton**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Solanaceae

Nome(s) vernacular(es): Jasmineiro-bastardo

Características gerais

Arbusto trepador, caducifólio, inerme, muito ramificado, glabro. Folhas superiores simples, inteiras, ovado-lanceoladas, acuminadas, sub-cordadas; folhas inferiores imparipinadas, formadas por 3-5-folíolos inteiros, ovados. Flores reunidas em cachos curtos 2,5-3 cm de longos por 5-7cm de diâmetro; cálice campanulado ou sub-rodado ligeiramente 5-dentado; corola rodada ou largamente campanulada branca ou branco-azulada, estrelada; estames amarelo-limão. Bagas sub-globosas, carnudas, polispérmicas, de cor azul-escura ou quase negra.

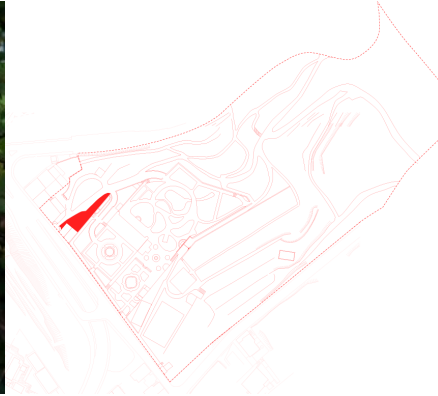
Área de distribuição nativa

América do sul, Brasil e noroeste da Argentina.

Usos e observações

Introduzida como ornamental. Surge por vezes subespontânea (Almeida, 2002).

Tal como outras solanáceas é uma espécie moderadamente tóxica.



***Spiraea cantoniensis* Lour.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Rosaceae

Nome(s) vernacular(es): Coroa-nupcial; Grinalda-de-noiva

Características gerais

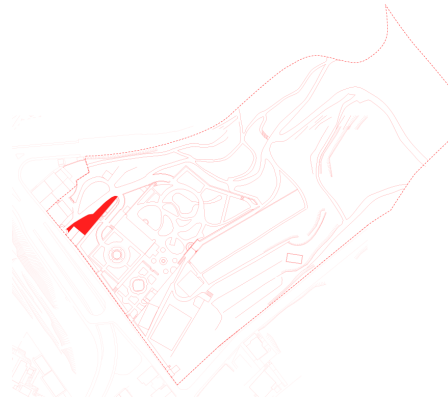
Arbusto caducifólio, muito ramificado, com ramos finos e flexíveis, arqueados. Folhas simples e alternas, com pecíolo curto, rômbo-lanceoladas, geralmente com menos de 5 cm de comprimento, serradas ou ligeiramente lobuladas na metade superior, glabras e glaucas na página inferior. Flores brancas, dialipétalas, pentâmeras, com cerca de 1 cm de diâmetro, dispostas em densos corimbos umbeliformes, terminais nos ramos novos, pétalas são maiores que os estames. Folículos paralelos, com estiletes patentes, terminais.

Área de distribuição nativa e habitat

China e Japão, mas amplamente cultivadas nas regiões temperadas. Surge nas orlas de bosques e matagais, frequentemente junto a linhas de água.

Usos e observações

Ornamental.



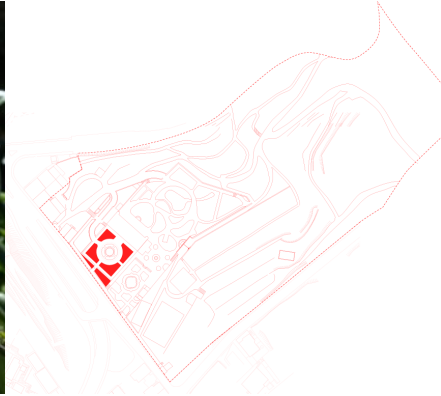
***Spiraea cantoniensis* Lour. 'Lanceata'**

Área de distribuição nativa

Hortícola.

Características gerais

Folhas lanceoladas até 6 cm. Flores brancas dobradas.



***Strelitzia reginae* Banks**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Strelitziaceae

Nome(s) vernacular(es): Ave-do-paraíso; Estrelícia

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, sem caule aéreo. Folhas em tufo, com bases formando parcialmente bainhas, glaucescentes; limbos oblongo-lanceolados, agudos, obtusos ou emarginados, base arredondada ou acunhada, às vezes enrugada; pecíolo muito alongado, sulcado. Escapo bracteado de comprimento idêntico às folhas, na extremidade do qual há uma espata navicular de onde sai a inflorescência, horizontal, verde ou púrpura na base. Flores zigomórficas irregulares; cálice formado por 3 sépalas amarelo-alaranjadas, estreitamente lanceoladas, erectas; corola formada por 3 pétalas azuis, uma pequena e duas unidas em forma de flecha formando um sulco onde se encontram os estames e o estilete. Cápsulas lenhosas, triloculares, com numerosas sementes rodeadas de arilo filamentosos e castanho-avermelhado.

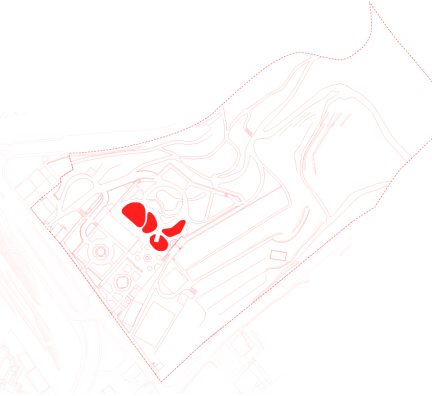
Área de distribuição nativa

África do sul.

Usos e observações

O nome da espécie é dedicado à Rainha Charlotte de Mecklenburg-Strelitz (1744-1818), esposa de George III.

Ornamental.



***Trachelospermum jasminoides* (Lindl.) Lem.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Apocynaceae

Nome(s) vernacular(es): Falso-jasmineiro-do-Cabo; Jasmineiro-estrela

Características gerais

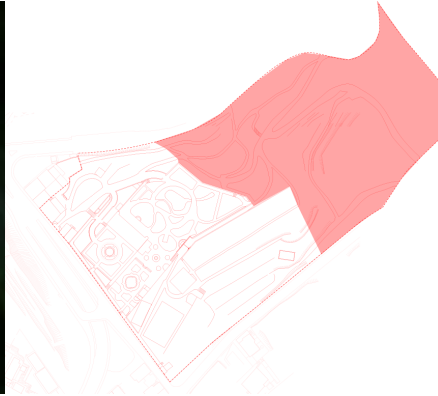
Arbusto trepador, perenifólio, laticífero. Folhas inteiras, opostas, subcoriáceas, lustrosas, ovado-lanceolado, com ápice agudo, com 3-10 cm de comprimento, pecíolo curto. Flores brancas, perfumadas, dispostas em cimeiras axilares ou terminais, corola assalveada, limbo com 5 lóbulos, abertos em estrela e retorcidos. Fruto é composto por dois folículos alongados, de secção cilíndrica, que contêm numerosas sementes providas de um penacho de pêlos.

Área de distribuição nativa

China.

Usos e observações

Deriva do grego *trachelos* que significa pescoço e *spermum* que significa semente, referindo-se à forma das sementes, muito estreitas e lineares (González, 2007). Cultivado com frequência na Península Ibérica com fins ornamentais.



***Tradescantia fluminensis* Vell.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Commelinaceae

Nome(s) vernacular(es): Erva-da-fortuna; Tradescância

Características gerais

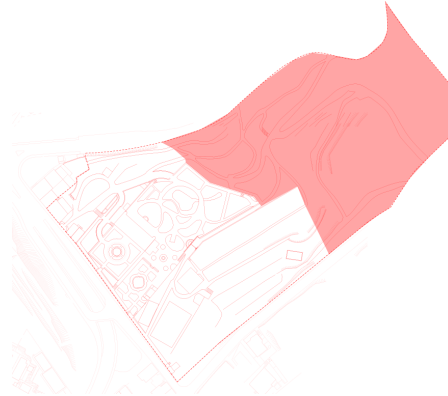
Herbácea vivaz, rastejante. Caule comprido algo frágil, enraíza nos nós. Folhas ovadas a ovado-oblongas, subsésseis, glabras, carnudas, de cor verde lustroso na página superior, por vezes purpurescentes na página inferior. Flores actinomórficas, trímeras, hermafroditas, agrupadas em inflorescência axilar, com 2 a 12 flores; pedicelo e sépalas pubescentes; pétalas ovado-lanceoladas, livres ou unidas na base, de cor branca, glabras; androceu formado por 6 estames todos férteis, rodeados por numerosos pêlos. Cápsula trilocular, com duas sementes por lóculo.

Área de distribuição nativa

Nativa do sudeste da América do Sul.

Usos e observações

Introduzida para fins ornamentais, tornou-se invasora em comunidades ripícolas e bosques húmidos e sombrios, áreas perturbadas e urbanas (Marchante, Morais, Freitas, & Marchante, 2014). É a principal invasora na Mata de Villar d'Allen.



***Ulmus minor* Mill.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ulmaceae

Nome(s) vernacular(es): Lamegueiro; Mosqueiro; Negrilho; Olmo; Ulmeiro; Ulmeiro-das-folhas-lisas; Ulmo

Características gerais

Árvore caducifólia, até 30 metros alta; copa densa, de formato variável; ritidoma acinzentado, fissurado nos exemplares mais antigos; raminhos ocasionalmente suberificados ou, de casca lisa acinzentada, glabra, pubescentes quando jovens. Folhas alternas, dísticas, simples, oval-lanceoladas a suborbiculares, acuminadas, assimétricas na base, lóbulo basal mais curto do que o pecíolo, duplamente serradas; página superior escabra, pubescente ou glabra; página inferior com tufo de pêlos nas bifurcações das nervuras principais. Flores monóicas, precoces, agrupadas em cimeiras axilares multifloras, de cor esverdeada ou avermelhada; cálice membranáceo, campanulado, 4-5 lóbulos obtusos, pubescente, persistente; corola ausente. Sâmaras aladas com cerca de 1 cm, ovoides ou obovoides, glabras, chanfradas no ápice; semente situada no terço superior da sâmara, próximo da fenda.

Área de distribuição nativa e habitat

Originária da Europa e noroeste da Ásia. É cultivada desde tempos muito remotos, tendo sido a sua distribuição ampliada pelos romanos, o que torna a sua área original difícil de precisar.

Ocorre nas margens de cursos de água, em sebes, orlas de matagais, sobre solos húmidos e ricos em nutrientes.

Usos e observações

O nome do género tomou o nome romano dado a estas árvores e à sua madeira. Provavelmente de origem indo-germânica, derivando da raiz *el-* ou *ol-*, que indica amarelo ou vermelho-alaranjado, referindo-se à cor da madeira acabada de cortar (González, 2007).

Em linguagem das flores significa “beleza divina” (Núñez & Obón de Castro, 1991).

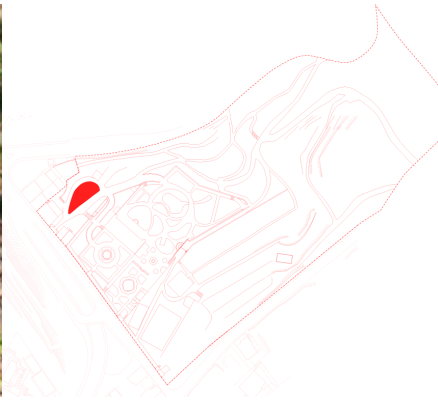
As espécies do género *Ulmus* apresentam uma grande variedade morfológica, que se deve em larga medida à frequente hibridação de quase todas as suas espécies. Os híbridos podem por sua vez continuar a cruzar-se entre si, tornando difícil uma identificação precisa (Flora ibérica).

É frequentemente cultivado como ornamental, podendo propagar-se como subspontânea nas proximidades de povoações e nas margens das estradas. Encontra-se naturalizado em Portugal continental.

A sua madeira é de boa qualidade, fácil de trabalhar e resistente à putrefacção, sendo empregada na construção naval, fabrico de móveis, soalhos, peças de maquinaria, etc., mas apesar destas qualidades é pouco aproveitada em Portugal para esse fim, sendo mais utilizada como ornamental.

As folhas podem servir de alimento a alguns animais em épocas de escassez dos pastos.

A casca, rica em taninos e mucilagem, tem sido utilizada para fins medicinais devido a propriedades adstringentes, cicatrizantes, emolientes e anti-inflamatórias (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).



***Ulmus minor* var. *vulgaris* (Ait.) R. H.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Ulmaceae

Nome(s) vernacular(es): Ulmeiro-inglês

Características gerais

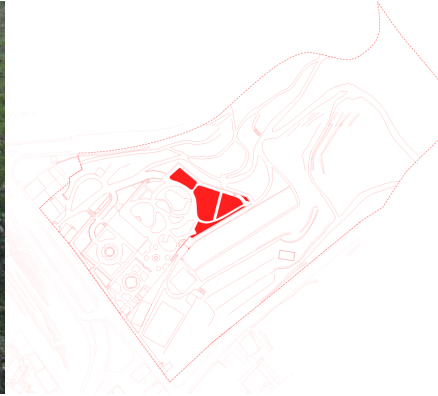
Árvore caducifólia; raminhos jovens pubescentes. Folhas 3-7 cm longas, elípticas a ovadas, grosseiramente serradas, brevemente acuminadas, base oblíqua muito assimétrica, curtamente pecioladas, pecíolo hirsuto; página superior glabra, áspera, verde-escura; página inferior pubescente, áspera, nervuras pouco proeminentes. Inflorescências semelhantes às de *Ulmus minor* Mill. Sâmaras ovóides ou oblongas, circundadas por asa circular membranácea; a maior parte são estéreis.

Área de distribuição nativa

É uma variedade endémica da Inglaterra.

Usos e observações

Ornamental e como “árvore de sombra”.



***Umbilicus rupestris* (Salisb.) Dandy**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Crassulaceae

Nome(s) vernacular(es): Bacelos; Cachilro; Chapéu-dos-telhados; Conchelos; Orelha-de-monge; Umbigo-de-Vénus

Características gerais

Herbácea vivaz, tuberosa, suculenta. Folhas basais aproximadamente orbiculares, peltadas, côncavas na página superior, sinuado-crenadas; folhas caulinares progressivamente menores, na maioria reniformes, dentadas. Flores numerosas bracteadas em cacho simples, terminal; cálice pequeno, sépalas ovadas; corola campanulada ou tubulosa, não contraída na fauce, branco-esverdeada. Folículos estreitos, com estiletos curtos ou ausentes.

Área de distribuição nativa e habitat

Sul e Oeste da Europa, Norte de África, Sudoeste da Ásia.

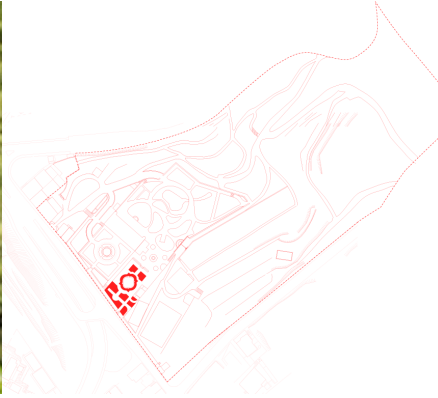
Frequentemente encontrada em muros, telhados, fendas de rochas e cascas de árvores.

Usos e observações

O nome do género tem origem do latim *umbilicus*, umbigo, aludindo ao formato das folhas.

Espontânea, encontra-se dispersa na Península Ibérica.

As folhas foram usadas como emoliente e por suas propriedades calmantes (Flora ibérica).



***Verbena hybrida* Groenl. & Rumpler**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Verbenaceae

Nome(s) vernacular(es): Verbena

Características gerais

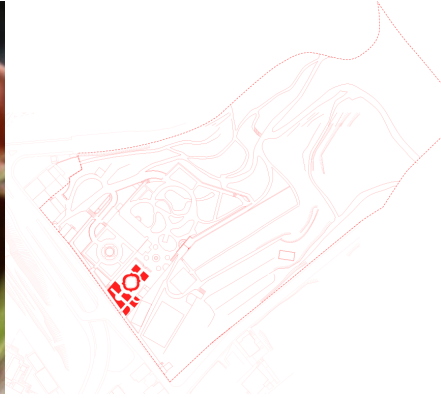
Herbácea vivaz, muito ramificada. Caules tetragonais, decumbentes, pubescentes. Folhas opostas, pecioladas, pubescentes, ásperas ao toque, de um verde-escuro, oblongas a oblongo-ovadas, agudas, truncadas ou acunheadas, desigualmente dentadas ou com lobos agudos. Flores sésseis dispostas em espigas terminais, corimbosas ou oblongas; de cor vermelha, rosada, branca, púrpura, azul ou variegadas, fragrantíssimas; pedúnculo comprido, bractéolas lanceoladas, mais pequenas do que o cálice, atenuadas, pubescentes; cálice tubuloso, 4-5 dentado, pubescente; corola hipocrateriforme, tubo cilíndrico de tamanho superior ao cálice, limbo formado por 5 lóbulos oblongos bilabiados. 4 núculas inclusas no cálice.

Área de distribuição nativa

Hortícola.

Usos e observações

Ornamental.



***Veronica persica* Poir.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Plantaginaceae

Nome(s) vernacular(es): Verónica-da-Pérsia

Características gerais

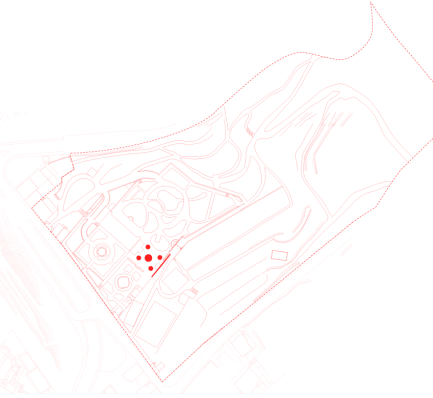
Herbácea anual, pubescente. Caules ramificados desde a base, prostrados. Folhas com pecíolo curto, de arredondadas a oblongas, crenado-dentadas. Flores axilares, solitárias; corola subrodada, de côr azul com nervuras mais escuras, zona de entrada para o tubo branco. Cápsula comprimida, obcordiforme.

Área de distribuição nativa

Provavelmente nativa do Cáucaso e sudoeste da Ásia, de onde se terá expandido como infestante pela maioria dos continentes.

Usos e observações

Foi introduzida na Europa como planta de jardim, acabando por se assilvestrar.



***Vigna caracalla* (L.) Verdc.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Leguminosae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Herbácea vivaz, volúvel, de até 6 metros. Folhas trifoliadas; folíolos ovados-lanceolados, agudos ou acuminados, pubescentes em ambas as páginas. Flores fragrantas dispostas em cachos axilares, pedúnculo comprido; cálice curto campanulado, 4 dentes obtusos; corola papilionácea, torcida e assimétrica, branca ou amarela, asas rosadas ou violáceas; quilha enrolada em espiral. Vagem de até 18 cm, linear, comprimida, bivalve, acuminada, polispérmica.

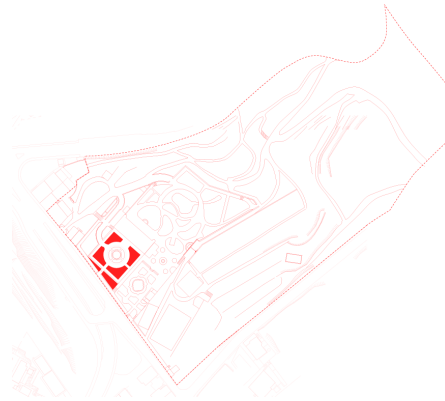
Área de distribuição nativa

América do sul tropical, Brasil e norte da Argentina.

Usos e observações

O nome do género é uma homenagem a Dominico Vigna, professor de Botânica em Pisa, no século XVII. O epíteto específico remete para a forma muito *suis-generis* da corola, enrolada em espiral à semelhança da casca do caracol (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Ornamental.



***Vinca difformis* Pourr.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Apocynaceae

Nome(s) vernacular(es): Pervinca; Vinca

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, estolhosa. Caules prostrados ou ascendentes. Folhas opostas, dísticas, ovadas a lanceoladas, arredondadas ou atenuadas, glabras, sem cílios na margem. Flores solitárias, axilares; cálice de cor verde com segmentos amplamente triangulares, glabro; corola assalveada, azul-violeta, por vezes esbranquiçado na fauce, segmentos por vezes oblíquos. Folículos torulosos.

Área de distribuição nativa

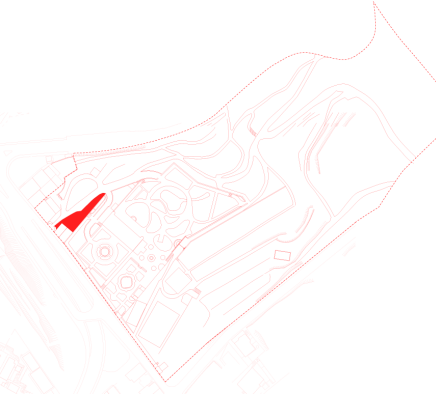
Oeste da região mediterrânica e Macaronésia (Açores).

Usos e observações

O nome do género resulta da contracção do antigo nome latino *vincapervinca*, referente a uma planta que servia para fazer coroas, provavelmente nome derivado do latim *vincio*, vincular, uma referência a esta aplicação prática (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Cultivada como ornamental, poderá ocorrer naturalizada.

Tal como outras Apocináceas é composta por constituintes activos com propriedades medicinais e poderá ser tóxica em doses não terapêuticas, mas nas fontes bibliográficas consultadas não consta que tenha efectiva aplicação medicinal, sendo sempre referidas as espécies *V. major* e *V. minor* para este fim.



***Vinca major* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Apocynaceae

Nome(s) vernacular(es): Congossa; Congossa-maior; Pervinca; Pervinca-maior

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, estolhosa. Caules prostrados ou ascendentes. Folhas opostas, dísticas, ovadas a lanceoladas, arredondadas ou atenuadas, com a margem ciliada; nervura média pubescente. Flores solitárias, axilares; cálice de cor verde com segmentos amplamente triangulares, com cílios marginais; corola assalveada, azul-violeta, por vezes esbranquiçado na fauce, segmentos por vezes oblíquos. Folículos torulosos.

Área de distribuição nativa

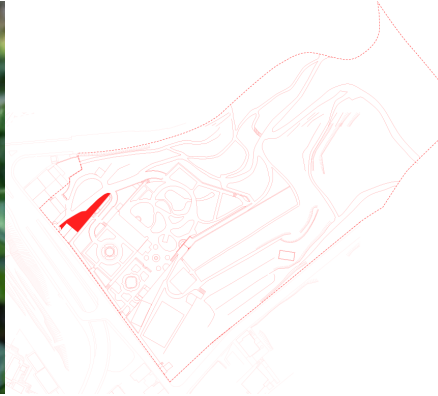
Centro da região mediterrânica.

Usos e observações

Cultivada como ornamental, é incerto se será uma espécie espontânea ou naturalizada.

Tal como outras Apocináceas é constituída por compostos activos com propriedades medicinais em doses terapêuticas, mas que se tornam tóxicos em doses mais elevadas, originando graves quedas na pressão sanguínea e perturbações gastrintestinais.

Os principais compostos activos são alcalóides indólicos, principalmente vincamina, e flavonoides. Os alcalóides indólicos, principalmente vincamina, têm acção simpaticolítica, antiespasmódica, hipotensora, vasodilatadora cerebral e coronária; os flavonóides têm uma acção tónica venosa e da microcirculação. São usados no tratamento de perturbações circulatórias cerebrais, hipertensão, aterosclerose, insuficiência circulatória, vertigens, enxaquecas, perda de memória e fragilidade capilar (Proença da Cunha, Pereira da Silva, & Roque, 2012).



***Viola riviniana* Rchb.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Violaceae

Nome(s) vernacular(es): Violeta-brava

Características gerais

Herbácea vivaz, rizomatosa, caulescente, com roseta de folhas basilares, de onde partem caules floríferos de até 20 cm. Folhas largamente ovadas a orbiculares, cordadas, crenadas, subagudas, escassamente indumentadas; estípulas lanceolado-lineares, maiores do que 1 cm, fimbriadas. Flores azul-violeta, inodoras; sépalas lanceoladas, agudas, acrescentes; corola zigomórfica, pétala inferior com esporão robusto, esbranquiçado ou violáceo-pálido. Cápsula trilocular, valvas carenadas, com sépalas aplicadas.

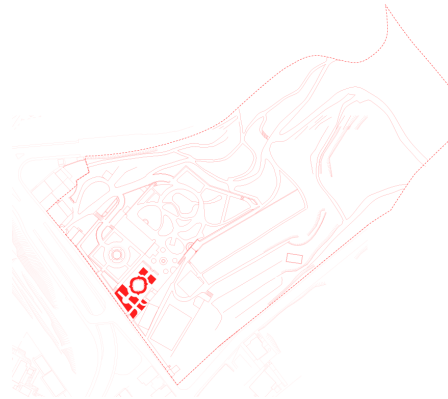
Área de distribuição nativa e habitat

Europa e Norte de África, Canárias e Madeira.

Encontrada em locais húmidos e geralmente sombrios, sob o coberto de bosques ripícolas, sebes, prados húmidos, lameiros.

Usos e observações

O nome do género tem origem no grego *ion*, violeta, por causa da cor da flor. Em linguagem das flores de uma forma geral a violeta significa “lealdade” (Núñez & Obón de Castro, 1991). Ornamental.



***Washingtonia filifera* (Linden ex André) H. Wendl.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Arecaceae

Nome(s) vernacular(es): Palmeira-da-Califórnia

Características gerais

Palmeira de porte arbóreo, robusta, podendo atingir 25 metros de altura. Espique colunar, cinzento ou cinzento-acastanhado, alcançando 1 metro de diâmetro. Folhas flabeliformes divididas em segmentos, verde-acinzentadas; nas plantas adultas, as folhas podem atingir 2 metros ou mais de diâmetro, os segmentos apresentam as margens divididas em filamentos, o que lhe dá um aspecto desfiado, as folhas marcescentes inferiores formam um revestimento espesso no cimo do espique nu. Inflorescência de até 5 metros, arqueada e ramosa, formando uma panícula. Drupas ovóides ou globosas, negras ou castanhas.

Área de distribuição nativa

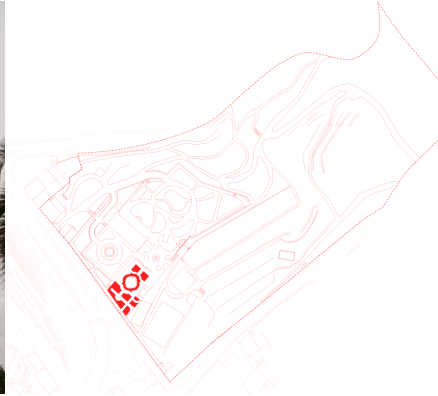
Sudoeste dos Estados Unidos, sul da Califórnia, Arizona e noroeste do México (Baixa Califórnia).

Uso e observações

O nome do género foi dedicado a George Washington (1732-1799), primeiro presidente dos Estados Unidos. O epíteto específico *filifera* alude às margens filamentosas dos segmentos das folhas.

Cultivada como planta ornamental, é frequente em jardins, praças e ruas na Península Ibérica.

Os frutos e as sementes são comestíveis e eram consumidos por algumas tribos índias. As fibras das folhas são utilizadas para fabricar cestos.



***Washingtonia robusta* H. Wendl.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Arecaceae

Nome(s) vernacular(es): Palmeira-do-México

Características gerais

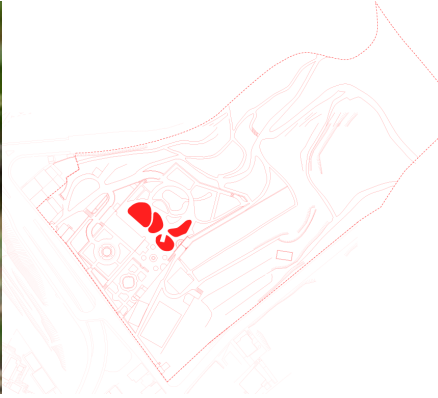
Palmeira de porte arbóreo, mais alta e de aspecto mais “esbelto” do que *W. filifera*, podendo alcançar 30 metros de altura. Espique cinzento-acastanhado, mais delgado do que o de *W. filifera*, mais grosso na base atingindo cerca de 25 cm de diâmetro na parte média. Folhas flabeliformes verde-vivo, relativamente menores do que *W. filifera*, formando uma coroa mais pequena e mais densa, geralmente os indivíduos adultos não apresentam as margens dos segmentos das folhas filamentosos. Inflorescência de até 3 metros. Drupas globosas de cor negra ou castanho-escuro.

Área de distribuição nativa

Noroeste do México, sul de Sonora e Baixa Califórnia.

Usos e observações

Ornamental.



***Westringia* sp.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Lamiaceae

Nome(s) vernacular(es):

Características gerais

Arbusto perenifólio, de até 1 metro; caules difusos, muito ramificados. Folhas inteiras, de pecíolo curto, rígidas, lineares ou elíptico-lanceoladas, agudas a mucronadas, margens falcadas; página superior ligeiramente pubescente, lustrosa, página inferior branco-tomentosa. Flores brancas subsésseis, axilares e solitárias ou, raramente, em cimeiras terminais; brácteas ocasionalmente obsoletas, lineares ou aciculares; cálice campanulado, 5-dentado; corola bilabiada, interiormente pubescente, com máculas púrpuras; lábio superior erecto, bilobado; lábio inferior trilobado. Fruto composto por 4 núculas, reticuladas a rugosas.

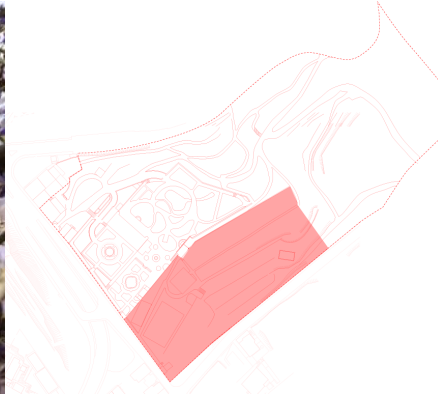
Área de distribuição nativa

Austrália.

Usos e observações

O nome do género é uma homenagem a J.P. Westring (1753-1833), autor, especialista em líquenes, médico do rei da Suécia (Huxley, Griffiths, & Levy, 1999).

Ornamental. Provavelmente, tratar-se-á de *Westringia fruticosa* (Willd.) Druce, muito cultivada em jardins pela sua folhagem cinzenta-tomentosa e flores brancas, mas a ausência de descrição desta espécie nas fontes bibliográficas utilizadas dificulta a sua identificação precisa.



***Wisteria sinensis* (Sims) Sweet**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Magnoliopsida

Família: Leguminosae

Nome(s) vernacular(es): Glicínia; Glícínia-da-China; Lilás

Características gerais

Trepadora lenhosa de caule volúvel, caducifólia. Folhas compostas, imparipinadas, 4-6 pares de folíolos opostos, pubescentes quando jovens, oval-acuminados, folíolo terminal é maior do que as outras. Flores papilionáceas azul-violáceo e muito fragrantas, dispostas em ráculos terminais de 15-30 cm, pendentes, que se formam na Primavera antes de aparecerem as folhas. Vagens de textura aveludada, densamente pubescentes, rígidas, mais larga próximo do ápice.

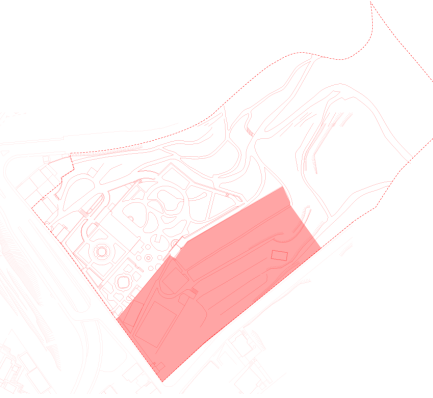
Área de distribuição nativa

Este da Ásia, China.

Uso e observações

Ornamental. Muito utilizada em jardins, pode surgir por vezes como subespontânea.

Toda a planta é tóxica devido à presença de uma lectina, a wistarina (Nelson, Shih, & Balick, 2007).



***Woodwardia radicans* (L.) Sm.**

Divisão: Pteridophyta

Classe: Polypodiopsida (Filicopsida)

Família: Blechnaceae

Nome(s) vernacular(es): Feto-do-Botão; Feto-vaqueiro; Feto-cabreiro

Características gerais

Fronde homomórficas, de até 2,5 metros, arqueadas; pecíolo alongado, por vezes igualando o limbo; limbo coriáceo, triangular ou ovado-lanceolado, bipinado; segmentos primários sésseis ou de peciólulo curto, caudados; segmentos de última ordem subfalcados, serrilhados e agudos no ápice. Soros oblongo-lineares, dispostos em duas linhas paralelas e muito próximas da nervura principal dos segmentos, com indúcio coriáceo, deiscente do lado de dentro.

Área de distribuição nativa

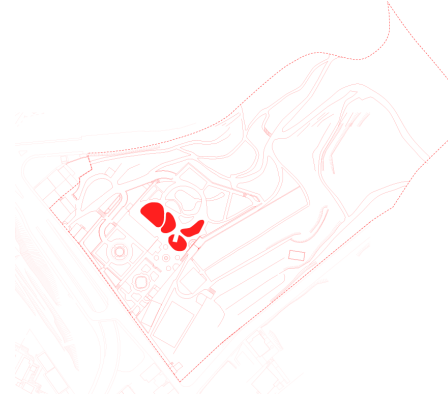
É uma relíquia da floresta Laurissilva, que ocupava a bacia do Mediterrâneo, o sul da Europa, norte de África e ilhas da Macaronésia. Actualmente, a sua distribuição está muito fragmentada.

Usos e observações

Ornamental.

Tem estatuto de espécie vulnerável a nível mundial e espécie rara, a nível europeu e da Península Ibérica e Baleares (Tierra, 1990). Em Portugal continental apenas é encontrada na Serra do Gerês e de Sintra, embora pelo seu valor ornamental possa ser encontrado em jardins particulares.

As principais ameaças devem-se à sobrecolheita e degradação do habitat por desbaste ou por limpeza através do fogo da vegetação ribeirinha para aproveitamento agrícola (ICNF, 2017).



***Yucca gloriosa* L.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Asparagaceae

Nome(s) vernacular(es): Palmeira-lírio; Iúca; Árvore-da-pureza; Punhal-espanhol

Características gerais

Arbusto perenifólio, rizomatoso, de até 3 metros; caule simples ou ramificado. Folhas linear-lanceoladas, inteiras ou com dentes pouco visíveis, extremidade espiniforme, erectas ou um pouco recurvadas, flexíveis, dispostas em roseta na extremidade de cada ramo. Flores grandes, campanuladas, pêndulas; tépalas de cor branca, por vezes tingidas de púrpura, lanceoladas, livres; dispostas em panículas terminais amplas, erectas. Cápsula oblonga, com uma cobertura delgada e coriácea com 6 costas longitudinais.

Área de distribuição nativa

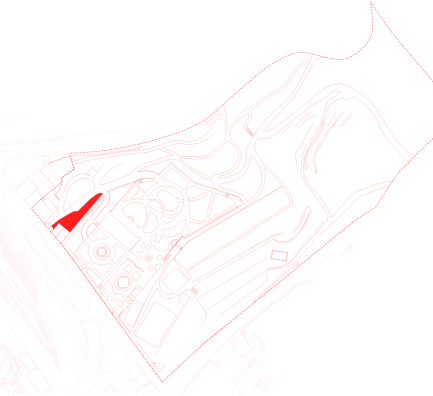
Originária do sudeste dos Estados Unidos: costas da Carolina do Norte até à Florida.

Usos e observações

O nome do género tem origem no nome indígena americano dado à raiz da mandioca (González, 2007).

Ornamental.

Das folhas de *Yucca sp.* obtêm-se fibras para fabricar cordas, cestos e tecidos grosseiros (González, 2007).



***Zantedeschia aethiopica* (L.) Spreng.**

Divisão: Spermatophyta

Classe: Liliopsida

Família: Araceae

Nome(s) vernacular(es): Bigalhó; Jarro; Jarro-das-noivas; Jarro-de-jardim

Características gerais

Planta herbácea, vivaz, rizomatosa. Folhas basais completas com pecíolo carnudo, limbo sagitado, com aurículas agudas ou arredondadas na base e extremidade acuminada. Inflorescência disposta em espadice, de cor amarela, rodeado por uma grande espata branca, ovóide, com ápice cuspidado e recurvado. O espadice está coberto até ao ápice por anteras sésseis que libertam um pólen branco. Baga laranja quando madura, apiculada.

Área de distribuição nativa

África do Sul.

Uso e observações

Ornamental.

De acordo com (Almeida & Freitas, 2006) encontra-se já naturalizada, estabelecida em comunidades ruderais e arvenses ou inclusivamente em comunidades seminaturais.

Como muitas plantas desta família, o jarro é uma planta tóxica. Entre outros compostos presentes, salienta-se a presença de cristais de oxalato de cálcio que se libertam na boca quando a planta é mastigada em cru, o que causa uma sensação de queimadura na boca e o inchaço das mucosas e a consequente dificuldade em falar. Pode causar também irritação da pele e, se forem absorvidos em doses elevadas, podem causar paralisia e até mesmo a morte.

